

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 27
JANEIRO / FEVEREIRO 2024

303

EDITORA
AMMAG

www.clubedoaudiovideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



EDIÇÃO ESPECIAL
**MELHORES
DO ANO
2023**

208 PÁGINAS

PRODUTO DO ANO
EDITOR

NESTE ANO, TRINTA E UM PRODUTOS RECEBERA O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, DEZ RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!

SELO DE
REFERÊNCIA
AMMAG

TCL

INSPIRE GREATNESS

Criada para **você**.

RECONHECIDA PELA MÍDIA ESPECIALIZADA.



TCL QLED TV Mini LED 4K

C845 |  Google TV



A melhor definição de **surpreendente**.

Com **TCL**, dá mais **jogo**.

IMAX
ENHANCED

AiPQ
PROCESSOR
—(3.0)—

144Hz
VRR

240Hz
DLG

ONKYO

 Ok Google

Google TV é o nome da experiência de software deste dispositivo e uma marca registrada da Google LLC.

ÍNDICE



CÁPSULA HANA UMAMI BLUE

34

E EDITORIAL 4

Promessa para 2024: ouvir mais música

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 16

Novidades

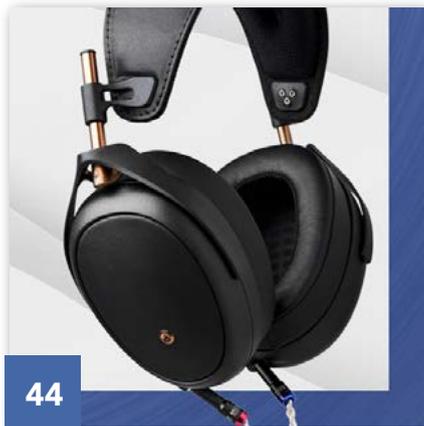
EVENTOS 18

Estréias que ocorrerão no Workshop Hi-End Show

TESTES DE ÁUDIO

26
Cápsula Hana Umami Blue

34
Amplificador integrado
Leak Stereo 230



44



108



188

MELHORES DO ANO 2023

43
Como utilizar a edição
Melhores do Ano

44
Fones de ouvido

70
Cabos

84
Acessórios de isolamento /
amortecimento

90
Toca-discos

108
Áudio

188
Vídeo

VENDAS E TROCAS 196

Excelentes oportunidades
de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

PROMESSA PARA 2024: OUVIR MAIS MÚSICA

Somos movidos por promessas e esperanças, diria o escritor de cordel. E, de fato, temos o hábito a cada novo ano de fazermos nossa lista pessoal de mudanças que queremos ver realizadas no ciclo que se inicia. Pois bem, meu amigo, se você precisa de um ‘empurrãozinho’ para colocar em sua lista, ouvir mais música, vou lhe dar os mais recentes argumentos para fazê-lo com enorme prazer pelo resto de sua vida! A neurociência acaba de constatar que ouvir música regularmente não só aprimora nossa audição, como também exercita nosso cérebro. Pois quando ouvimos música, o som captado pelos ouvidos vai para o tronco cerebral, e nesse momento se divide, indo os sinais do ouvido direito para o lado esquerdo do cérebro, enquanto os sinais do ouvido esquerdo fazem o caminho oposto. Todo esse processo permite que seu cérebro identifique de onde se originou o som à sua frente. E quando ouvimos música com diversos instrumentos simultaneamente, seu cérebro além da localização da origem espacial de cada instrumento, para não perder todas as informações aciona três áreas a mais para focar e armazenar todos os sinais. Todo esse trabalho estimula o córtex pré-frontal, que fica na altura da testa, e que é responsável pela tomada de decisões. Traduzindo: ouvir música não só estimula seu cérebro nos dois hemisférios, como permite ampliar sua Percepção Auditiva e melhorar, através da música, sua tomada de decisões no dia a dia. Ou seja, melhora seu grau de percepção e foco também em outras atividades! E as descobertas são ainda mais interessantes, pois foi possível observar que quando ouvimos música instrumental, nosso cérebro reage de uma maneira distinta, de quando ouvimos música

cantada! Sabe o motivo? O hemisfério esquerdo analisa as palavras, sua estrutura gramatical, e o sentido objetivo das frases. Já o hemisfério direito processa toda a estrutura melódica e, à medida que nosso ouvido e cérebro vão sendo mais treinados com música mais complexa, o hemisfério direito acende como uma ‘árvore de Natal’ em nossa cabeça! A repetição diária de sentar para ouvir música, é o que permite o ouvinte reconhecer cada instrumento utilizado na gravação e jogar essa memorização do timbre dos instrumentos no hipocampo, o responsável pela memória de longo prazo. O resultado primordial das audições concentradas diárias, é que ouvir música mantém nossos neurônios ativos, e quanto mais eu estímulo o circuito neural, mais nosso cérebro entende que esse exercício diário é importante para as conexões entre as células nervosas, aumentando gradativamente os neurotransmissores nos dois hemisférios. Consequentemente, esse aumento gradativo de neurotransmissão, produz mielina, substância responsável pela saúde dos neurônios, que quanto mais saudáveis, melhor conduzem e aumentam a velocidade do processamento de raciocínio. Agora, não pense você que todos esses benefícios ocorrerão colocando a música de fundo enquanto se faz as atividades diárias. Negativo, meu amigo - para todos esses benefícios serem sentidos em curto prazo, será preciso parar tudo que você está fazendo e se dedicar a ouvir música seriamente pelo menos por uma hora diariamente.

Seu cérebro e seu corpo irão agradecer! Bora realizar essa promessa? ■



FOCAL



UTOPIA

ULTIMATE PERFORMANCE

A linha **Focal Utopia** é a personificação da excelência e se distingue pela sua silhueta majestosa, tecnologias exclusivas, acabamentos espetaculares e, é claro, por sua a experiência auditiva incomparável.

A **Focal Utopia** é um ícone muito à frente dos demais.

HANDCRAFTED
IN FRANCE

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA

 audiogene

audiogene.com.br



NOVOS PAINÉIS OLED 4K 120HZ CURVOS DA TCL



A TCL revelou novos modelos de painéis na Display Tech-ecosystem Conference 2023 (DTC), com tela OLED em formato curvo com 31 polegadas, resolução 4K e frequência de 120 Hz.

A combinação é uma proposta interessante para os jogadores, prometendo uma experiência mais imersiva. Já em uso doméstico, o tamanho de 31 polegadas em 4K não deixa perder a densidade dos pixels, trazendo uma sensação tridimensional para a tela.

O projeto ainda está em desenvolvimento, e não há previsão para sua comercialização.

NOVOS MONITORES

Também foram apresentados novos monitores, como o display OLED curvo de 65 polegadas e resolução 8K, além de do monitor R1000 de 57 polegadas com a tecnologia Mini-LED, que atinge até 240 Hz de frequência. Uma opção menor também será fabricada, com 27 polegadas, também 8K.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A empresa firmou uma parceria para desenvolvimento da inteligência artificial X-Intelligence, que será o primeiro modelo de IA na indústria de displays.

Segundo a TCL, terá um “processamento poderoso de linguagem natural e capacidade de raciocínio”, para aprimorar a eficiência de produção e aumentar a capacidade de inovação nas empresas deste mercado.

A X-Intelligence deverá superar o que é visto no GPT-4, e deve trazer uma mudança significativa na aplicação de modelos de IAs. Suas aplicações ainda não foram divulgadas. ■



Para mais informações:
TCL
www.tcl.com

IMAGINE UM SISTEMA DIGITAL COM AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO E CLOCK EXTERNO ULTRA HI END.



ELE EXISTE E SE CHAMA dCS LINA



Todo audiofilo sabe que a dCS é a referência absoluta no universo digital. Seus produtos ao longo de décadas determinaram a próxima fronteira a ser explorada. E agora mais uma vez a dCS inova ao lançar um pacote que atende também a todos que sempre desejaram ter um DAC dCS, mas achava esse upgrade difícil de realizar.

Ele pode ser adquirido completo ou em partes. O importante é que seja da maneira que você desejar, ele irá te proporcionar momentos inesquecíveis com sua música. O Lina estabelece uma nova fronteira no domínio digital e na amplificação de fones de ouvido hi end.

Venha conhecer e ouvi-lo no Workshop Hi End Show em abril.



dCS
ONLY THE MUSIC

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
TELEFONES: (11) 98369.3001

FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

NOVAS SAMSUNG QD-OLED, NEO QLED 8K & CRYSTAL UHD 4K PARA 2024



A Samsung deve anunciar em janeiro, nos EUA, na feira CES 2024, vários novos modelos, das linhas QD-OLED, Neo QLED 8K, Neo QLED 4K, QLED e Crystal UHD - todos rodando o sistema operacional Tizen com integração ao sistema de casa inteligente SmartThings.

A linha QD-OLED deverá trazer os modelos S95D e S90D, com versões de 55, 65 e 75 polegadas.

Em na família Neo QLED 4K, os modelos QN85D, QN90D e QN95D terão painéis de Mini LED com taxa de atualização de 120 Hz - e também será oferecida em tamanhos de 55, 65, 75 e 85 polegadas - podendo chegar a um modelo especial de 98 polegadas.

A mais alta resolução da linha virá com a Neo QLED 8K, modelo QN800D, com tamanhos de 65, 75 e 85 polegadas.

Já a linha QLED 4K, intermediária, conta com painéis de pontos quânticos sem ser Mini LED, mas com taxa de atualização de

120 Hz. Os modelos Q70D, Q75D e Q80D terão telas de 55, 65, 75 e 85 polegadas - e especialmente a Q80D terá uma versão especial de 98 polegadas.

A linha mais acessível, Crystal UHD 4K, com os novos modelos serão DU8000 e DU8500, deverá vir com retroiluminação de borda, resolução 4K e taxas de atualização de 120 Hz.

A Samsung ainda não oficializou as novas TVs e seus números de modelos - e também quando chegariam ao mercado brasileiro. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com/br/



Embora a MoFi Electronics seja relativamente nova no mercado de alto-falantes, o desempenho alcançado de seu SourcePoint 8 fala de uma ótima experiência. O estilo retrô deste modelo standmount desmente o fato de ser um design totalmente moderno, empregando a mais recente tecnologia de driver coaxial do renomado engenheiro Andrew Jones, cuidadosamente modelado para oferecer um desempenho de gama completa suavemente integrado. Emparelhado com um amplificador capaz, o SourcePoint 8 oferece uma audição confiante e envolvente, adequada para salas pequenas e médias, sustentada por graves pesados de seu driver de graves/médios de 200 mm (8 pol.) e encimado por agudos lúcidos. Este é um alto-falante tecnicamente inovador – e ainda por cima elegante.



A verdadeira *experiência* da música.

MoFi

SOURCEPOINT 8

ACABAMOS DE LANÇAR A SOURCEPOINT 8 E JÁ FOMOS AGRACIADOS COM O MAIS COBIÇADO PRÊMIO DE ÁUDIO DA EUROPA.

german
curitiba • são paulo • san diego
contato@germanaudio.com.br

MUSIC HALL AUDIO SOB NOVA DIREÇÃO



Music Hall Audio, conhecida marca de áudio reconhecida por oferecer componentes de áudio e toca-discos de alta qualidade, porém acessíveis, anuncia uma mudança de propriedade. A Turntable USA, um novo empreendimento liderado pelos veteranos da indústria James Davis, Norbert Schmied e Jonathan Derda, adquiriu a marca Music Hall. Esta transição assegura a missão da Music Hall, iniciada pelo fundador Roy Hall, de fornecer áudio de alta qualidade aos amantes da música a preços justos.

Roy Hall expressou sua aprovação à aquisição, afirmando: “Estou satisfeito que a Music Hall tenha sido adquirida por pessoas que entendem o mercado e compartilham minha paixão pela música. Conheço esses caras há muitos anos, e estou confiante de que eles continuarão a desenvolver o legado da Music Hall. Para aqueles que torcem pela minha passagem do bastão, ainda estarei aqui trabalhando para o Music Hall como consultor, para garantir uma transição tranquila.”

Os novos proprietários pretendem manter a reputação da Music Hall na criação de produtos de alto valor. Jonathan Derda, vice-presidente de vendas, observou: “A relação custo-benefício está no

topo da mente das pessoas agora mais do que nunca, e a Music Hall é líder nisso há mais de 25 anos. Estamos entusiasmados em trabalhar com Roy na criação de novos produtos e continuar as tradições que ele iniciou.”

Fundada em 1998, a Music Hall expandiu sua linha de produtos com modelos recentes de sucesso, como o toca-discos Classic Belt Drive mais vendido, por US\$ 649, e o modelo Stealth de tração direta de última geração, de US\$ 1.649. A empresa também atualizou sua linha de eletrônicos com o novo amplificador integrado a25.3 de US\$ 649, e o CD-Player cd25.3 de US\$ 649. ■

Para mais informações:
Music Hall Audio
www.musichallaudio.com

ORIGIN LIVE

Raramente somos o primeiro toca disco do audiófilo.
Mas nos credenciamos a ser o definitivo.

 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

@WCLRDESIGN

Swift



Sovereign



Zephyr Mk4



Enterprise Mk4

Escolher o toca-discos perfeito para nossas expectativas é uma tarefa tão árdua como definir nossas caixas acústicas. São inúmeras as opções existentes.

Qual o critério devemos utilizar ?

- Design
- Histórico do fabricante
- Robustez
- Custo / benefício
- Versatilidade
- Longevidade nas opções de upgrades
- Performance

Se você assinalou todos os critérios acima, a Origin Live certamente estará na sua lista de escolha final. Pois temos a melhor solução para você. E com um enorme diferencial: satisfação plena de todos audiofilos que nos escolheram.



FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR

 KW HI-FI  @KWHIFI  KW HI-FI  (48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/

FONE DE OUVIDO HD 660S2 DA SENNHEISER NO BRASIL



O fone over-ear aberto HD 660S2 da Sennheiser, chega ao Brasil oficialmente, por um preço promocional convidativo.

De acordo com Jerro Koehnke, gerente de produtos audiófilos da Sennheiser, o HD 660S2 “oferece aos ouvintes o que eles mais solicitaram”: melhores graves, mas mantendo as características do HD 660S original, com agudos suaves e vocais presentes. Com um impedância de 300 ohms - como os clássicos HD 600 e HD 650 - é necessário um bom amplificador de fones de ouvido.

O HD 660S2 vem com dois cabos: um com plugue P10 (e adaptador para P2) e outro com plugue balanceado de 4.4mm, ambos com o mesmo comprimento de 1.8 metros.

O Sennheiser HD 660S2 foi lançado no Brasil, em dezembro último, pelo preço promocional de R\$2.999 na loja online da marca - sendo que seu preço normal de venda é de R\$3.999. ■

Para mais informações:
Sennheiser
www.sennheiser.com/pt-br

DYNAUDIO

marca dinamarquesa agora
na Chiave Distribuidora

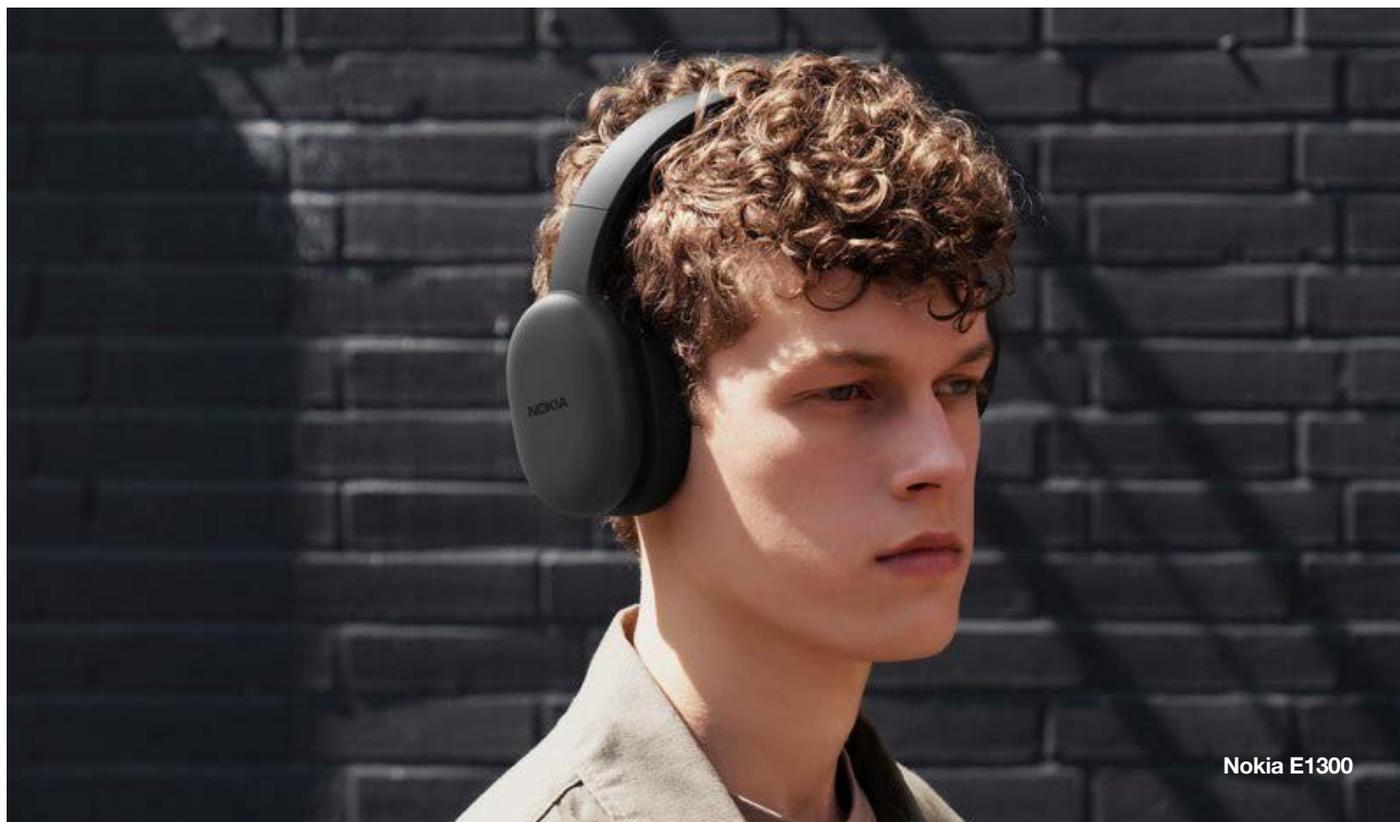
Voltada ao mercado de áudio high end
desenvolvem produtos de alto padrão
voltados a projetos de home cinema.



CHiAVE
distribuidora

Entre em contato e
torne-se revendedor:
www.chiave.com.br
tel.: (48) 3025-4790

NOVOS FONE DE OUVIDO SEM-FIO E1300 & E3106 DA NOKIA



Seguindo no mercado de fones de ouvido, a Nokia anunciou dois novos modelos - em parceria com a RichGo. Os modelos E1300 e E3106 são opções acessíveis com longa duração de bateria.

O Nokia E1300 é um headphone com design on-ear e acabamento fosco, sendo dobrável para armazenamento e transporte. Trazendo drivers dinâmicos de 40 mm, com ênfase em graves mais profundos, vem equipado com conexão Bluetooth 5.3 e pode ser emparelhado simultaneamente com dois dispositivos. Sua bateria de 400 mAh provê 40 horas de reprodução contínua, além da opção de conexão com cabo P2 de 3,5 mm.

Já o fone E3106 é um intra-auricular TWS (True Wireless Stereo), com estojo com tampa giratória nas cores branco e preto. Seu certificado IP44 garante resistência à respingos de água e à poeira. Ele utiliza Bluetooth 5.2 para uma conexão sem fio e áudio de qualidade, com baixa latência e alta eficiência energética. O estojo, com conector USB-C e LED indicador de bateria, oferece 20 horas de duração. Seus dois microfones integrados com tecnologia de cancelamento de ruído, também melhoraram a qualidade de áudio durante chamadas.

Ainda não foram divulgadas informações sobre preço e disponibilidade no Brasil. ■



Nokia E3106

Para mais informações:
Nokia
www.nokia.com

McIntosh



MCINTOSH IS MCINTOSH REFERÊNCIA ABSOLUTA

Há mais de 70 anos a **McIntosh** trabalha para elevar a arte da reprodução sonora, produzindo equipamentos *state-of-the-art* em sistemas *2-channel* e *Multichannel*.

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA



audiogene.com.br



PRÉ-AMPLIFICADOR C-10X DA LUXMAN

A japonesa Luxman acaba de lançar o pré-amplificador topo-de-linha C-10X, com entradas e saídas XLR e RCA. Totalmente balanceado, e com controles tonais comutáveis, o C-10X usa o mesmo sistema LIFES de gerenciamento de feedback desenvolvido primeiramente para o power M-10X, e seu controle de volume - em incrementos de 0.5dB - é o novo LECUA-EX, preciso e sem perdas, que começa a equipar os aparelhos topo-de-linha da empresa. O preço do pré de linha Luxman C-10X é de US\$19.995, nos EUA. ■

www.luxman.com

PRÉ DE PHONO WESTMINSTERLAB MONOLOGUE

Fundada em Londres, e sediada em Hong Kong, a Westminsterlab Audio tem uma linha completa de cabos, pré de linha e powers monobloco. Sua mais recente adição é o pré de phono Monologue, que tem opções de módulos substituíveis para cápsulas MM ou MC (com regulagem de carga), e módulo para equalização e amplificação para cápsulas óticas da DS Audio. Segundo a empresa, o Monologue teve seu circuito desenvolvido para ter a menor perda possível do delicado sinal de phono. O preço do Westminsterlab Monologue ainda não foi divulgado. ■

www.westminsterlab.com



CD-CHANGER DE 5 DISCOS YAMAHA CD-C603

A célebre empresa japonesa Yamaha, que mais recentemente voltou a investir em uma linha de áudio estéreo modular - que inclui receivers, amplificadores integrados e caixas acústicas - anunciou o lançamento de um CD-Player Changer para 5 discos. O CD-C603, além da audição contínua de música, permite a troca 4 dos discos sem interromper a reprodução do quinto disco. O CD-C603 também traz o recurso 'Pure Direct', que desliga os circuitos das saídas digitais e o display, para menor interferência e maior pureza na reprodução musical. O preço do Yamaha CD-C603 é de US\$549, nos EUA. ■

www.yamaha.com





CAIXAS ATIVAS A1 AUDIO AURORA1

A coreana A1 Audio acaba de lançar as caixas monitoras amplificadas Aurora1. Com woofer de 5.25 polegadas, tweeter de domo de tecido e amplificação classe AB com controle tonal e entradas analógicas, seu gabinete é feito de MDF com frente em madeira de 15mm com acabamento feito à mão. Seu circuito usa capacitores de poliéster em um crossover de terceira ordem com bobinas núcleo-ar, e cabeamento todo de cobre OFC. O preço das caixas Aurora1 da A1 Audio ainda não foi divulgado. ■

www.a1audio.co.kr

PRÉ NEUTRON & POWER GRAVITON DA LEEMA

A nova linha Quantum da empresa britânica Leema Electro Acoustics, é projetada e construída no País de Gales, e compreende o pré de linha Neutron, que possui entradas e saídas RCA e XLR, além de um DAC interno ESS com todas as entradas padrão, e um pré de phono interno MM/MC. O power estéreo Graviton possui transformador toroidal, entradas RCA e XLR, e é um classe AB provendo 150W por canal em 8 ohms ou 260W em 4 ohms. O preço tanto do pré Neutron quanto do power Graviton é de 1.500 libras, cada, com preço promocional de 2.800 libras no par, no Reino Unido. ■

www.leema-acoustics.com



CAIXAS ACÚSTICAS FRANCO SERBLIN ACCORDO GOLDBERG

O projetista italiano Franco Serblin foi o fundador da empresa de caixas acústicas Sonus Faber - trazendo acabamento digno de antiguidades e de instrumentos musicais. As caixas da empresa que atualmente leva seu nome, não ficam atrás em matéria de acabamento e beleza: a bookshelf Accordo Goldberg tem um tweeter domo de seda e um woofer com cone revestido de microesferas de cerâmica, trazendo resposta de frequência de 39Hz a 23kHz e sensibilidade de 87dB. O preço das Accordo Goldberg é de 8.888 libras, o par, no Reino Unido. ■

www.francoserblin.it/en





WORKSHOP HI-END SHOW 2024

ESTRÉIAS QUE OCORRERÃO NO WORKSHOP HI-END SHOW

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Haverá inúmeras estreias impactantes no evento - e você poderá conhecê-las, tirar dúvidas técnicas e, o mais importante, comparar com produtos similares em preço e performance.

Estamos trabalhando em conjunto com os nossos parceiros expositores, para que essas estreias tenham preços promocionais de lançamento com descontos tentadores!

A vantagem de um Workshop é exatamente possibilitar ao visitante estar seguro de suas escolhas.

Para nossa sala, os equipamentos selecionados já estão em pleno andamento, com caixas acústicas, cabos e eletrônicos empilhados em nossa sala e no nosso depósito.

Já posso adiantar a vocês que daremos enorme ênfase a apresentar sistemas minimalistas, e com destaque para os melhores integrados (de diversas topologias), e de pelo menos três grandes marcas que finalmente estão chegando ao País!

Junto com uma dezena de caixas acústicas bookshelf e colunas, em que procurei abranger o maior espectro possível de valores, para atender desde quem tem um orçamento bem apertado, até quem tem maior folga.

O nosso objetivo é apresentar sistemas que possam atender, por muitos anos, a todos, e cumprem com competência dentro de seu patamar de performance, todos os quesitos de nossa Metodologia. ▶

Na Edição de Março de 2024, espero estar publicando a lista de músicas que serão usadas no evento, ou pelo menos as mais importantes, para que você as escute em seu próprio setup, antes de conhecer os sistemas que serão apresentados no Workshop.

É de suma importância que você faça essa lição de casa, para que possa estar familiarizado com os detalhes que serão abordados em cada uma das faixas apresentadas. E possa comparar com a sua referência e tirar conclusões consistentes.

Quando era Gerente de Marketing da Oliver/Roland, ao lançarmos os amplificadores de guitarra e os pedais, nas principais revendas de São Paulo, os Workshops eram divididos em dois dias. No primeiro dia, apresentamos os produtos, mostramos os recursos e pedíamos que os participantes tentassem repetir os efeitos em seus amplificadores e pedais - e no segundo dia, nos contassem o que de diferente ocorreu.

O teste que mais resultado dava, era solicitar que cada um dos participantes, ao chegar em casa, plugassem sua guitarra com o volume do captador fechado, e fossem gradativamente abrindo o volume até o ruído do próprio amplificador aparecer.

Diria a vocês que só esse detalhe foi responsável pela venda de mais de 80% dos amplificadores da Oliver - pois o nosso, só com mais de 80% do volume aberto é que um pequeno ruído aparecia. Enquanto que os concorrentes nacionais, todos sem exceção, com 20% do volume aberto já eram ruidosos!

Aí eu explicava o quanto o ruído do próprio circuito de amplificação era prejudicial ao timbre que o guitarrista tanto almejava! E que se ele tinha como objetivo primordial apresentar efeitos conscientemente elaborados, ele não iria atingir essa meta com seu atual amplificador.

Nesse nosso primeiro Workshop Hi-End Show, esse também é meu objetivo primordial: que você tenha memorizado os exemplos que usaremos no evento, em seu setup, para facilitar suas conclusões. E, claro, para também planejar futuros upgrades, se for o seu desejo, ouvindo os outros sistemas que irei demonstrar.

Será extremamente prático e dinâmico apresentar todos os sistemas que estou montando, e espero que lhe ajude muito a fazer escolhas mais seguras e prazerosas.

Alguns leitores me perguntaram das Jam Sessions noturnas, qual seu objetivo?

São dois: dar dicas de gravações essenciais para avaliação de cada um dos nossos quesitos da Metodologia, e 'sutilmente' mostrar as diferenças entre analógico e digital.

Já que ambas mídias físicas estão novamente em voga!

Gostaria de contar a vocês todas as novidades que os visitantes poderão desfrutar no evento, mas muitos dos nossos parceiros estão parcialmente 'escondendo o jogo', para que existam surpresas em suas salas. Entendo e respeito!

Mas outras já me foram passadas, então irei compartilhar com vocês.

Em relação a apresentações analógicas, o visitante poderá se deliciar com estreias da Origin Live, e com o novo toca-discos SME 20 Mk2 com braço de 12 polegadas. Sem contar da apresentação de um dos modelos da Bergman e, provavelmente, da Pro-ject. Outra estreia será da cápsula Hana Blue (ler Teste 1 nesta edição), que sugiro que todo amante de analógico, sente e ouça!

O conjunto da dCS LINA, recentemente testado na AVMAG, também estará no espaço dedicado a fones de ouvido, provavelmente acompanhado de uma marca de fones Hi-End de enorme prestígio mundial, que também fará sua estreia no evento!

Outras estreias muito aguardadas serão de duas caixas Aura - a da Estelon e da Wharfedale - já chegando ao Brasil e com pedido de envio para avaliação na revista. E, finalmente, a caixa Perlisten série S, top de linha, que também estará presente!

Quando já estava fechando essa edição, recebi uma ligação do Fernando Kawabe confirmando oficialmente que estará trazendo ao Brasil a Norma Audio, empresa Italiana que acompanho há mais de 4 anos e indiquei para vários dos nossos importadores, e que finalmente estará em solo brasileiro para o evento.

Já solicitei ao Kawabe um Revo IPA-140, o integrado top de linha da marca, para uso em nossa sala. E que na sequência já ficará para teste na revista.

Trata-se de uma eletrônica de altíssimo nível, tanto de acabamento quanto de performance - e como é típico dos italianos, não são nada modestos em defender suas ideias. Ao apresentar o integrado Revo IPA-140, a Norma escreveu: "Na vida nada é definitivo.... mas se fosse, certamente o 140 estaria lá!".

Pode parecer arrogante tal informação, mas por tudo que li e pelo que ouvi do IPA-70, alguns anos atrás, e que me chocou pela sua objetividade e performance, acredito que não se trate de apenas uma frase de impacto.

Quem quiser tirar suas próprias conclusões, fique à vontade e venha escutá-los tanto na sala do Fernando Kawabe, quanto na da AVMAG.

A outra novidade é que conseguimos com o Hotel mais um espaço, que quando fechamos o contrato não estava disponível, e agora está. Como tem uma fila de espera de mais de seis empresas ►

EVENTOS

tentando um espaço ainda que mínimo, conseguimos encaixar a empresa nacional Diasound, que estará apresentando as caixas torres modelo Summa, de três vias, e a bookshelf DS B100 de duas vias. Ambos modelos para exportação, com belo acabamento em laca polida, e crossover com componentes hi-end Mundorf.

Será muito interessante termos tantos produtos nacionais de alto nível, lado a lado com importados, para que você possa ouvir e tirar suas conclusões.

E, aos nossos leitores apressados, que já querem comprar os ingressos no pacote promocional dos três dias, estamos vendo junto a empresa que cuidará da venda online dos convites, se adiantamos a venda de março para fevereiro.

Não depende de nós, por isso que não posso confirmar se será feita essa alteração. O que posso garantir a todos vocês, é que assim que tivermos uma posição oficial, iremos avisar a todos, não se preocupem.

Na Edição de Março, conto quais as outras eletrônicas que estarão presentes no evento.

Posso adiantar que são 'joias finas', e que terão enorme repercussão junto aos nossos leitores pois, como sempre, uso o termo: 'são a bola da vez' no mercado mundial!

A todos um excelente começo de ano e, daqui a pouco, estaremos todos juntos. Se cuidem! ■



SME 20 Mk2 com braço de 12 polegadas



Hana Blue



dCS Lina



Perlisten S7t



Norma Audio REVO IPA-140



Estelon Aura



Diasound B100



Wharfedale Aura 2



Diasound SUMMA



TIPOS DE APARTAMENTO	TARIFAS ESPECIAIS: SINGLE	TARIFAS ESPECIAIS: DOUBLE
Apartamento Standard	R\$ 560,00	R\$ 600,00
Apartamento Superior	R\$ 580,00	R\$ 620,00
Apartamento Luxo	R\$ 600,00	R\$ 640,00
Apartamento Premium	R\$ 660,00	R\$ 700,00
Suíte Junior	R\$ 700,00	R\$ 740,00
Suíte Master	R\$ 720,00	R\$ 760,00
Suíte Executiva	R\$ 1.560,00	R\$ 1.600,00
Para que as tarifas especiais sejam válidas, os participantes deverão mencionar o código de adesão CLUBEDOAUDIO, no momento da reserva.	As tarifas acima deverão ser acrescidas de 5% de ISS.	As tarifas são válidas para reservas efetuadas até 25/03.



WORKSHOP HI-END SHOW 2024

Dias 26, 27 e 28 de abril de 2024.

Hotel Holiday Inn Parque Anhembi
São Paulo.

Rua Professor Milton Rodrigues, 100.
Parque Anhembi.

Dias 26 e 27: das 13h às 22h.

Dia 28: das 13h às 20h.

Pacote para os três dias: R\$100.

Convite individual diário: R\$50.

PARA RESERVAS DE HOSPEDAGEM

reservas.saocc@ilg.com

(11) 2107.8844



Platinum Series 3G

@WCJRDESIGN

A definição da elegância

O Platinum Series 3G é o culminar de inovações acústicas revolucionárias reunidas em vários designs habilmente elaborados que celebram o rico legado da Platinum Series. A linha cimenta o lugar merecido da Monitor Audio no espaço de alto-falante premium de alta qualidade e representa uma pureza de som e design lindamente entrelaçados - o lançamento, um ponto alto no 50º aniversário da marca.

A Platinum Series sempre representou a proeza de engenharia e design da Monitor Audio e a 3ª geração não é exceção. Nossa equipe de design baseada no Reino Unido trabalhou em estreita colaboração com nossos engenheiros acústicos para oferecer uma estética que celebra os componentes de alto desempenho sem dominar o ambiente.



Sua conexão com o melhor som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

mediagear.com.br | (16) 3621.7699
contato@mediagear.com.br



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Sunrise Lab V8 Anniversary Edition - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.287
Krell 300i - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.286
Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Gold Note IS-1000 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.276
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
Mark Levinson N°5206 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Mediagear - Ed.256

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Nagra HD Amp Mono - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.283
CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.263

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Nagra Classic Phono (com a fonte PSU) - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.266
Nagra Classic Phono - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Gold Note PH-1000 - 109 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.278
Rega Aura - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.291

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

DAC Vivaldi Apex - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.301
Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.264
dCS Rossini apex DAC - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.290
dCS Bartók Apex - 107 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.295
MSB Reference DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.286

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Bergmann Modi com Braço Thor - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.292
Origin Live Sovereign MK4 - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Timeless Audio - Ed.273
Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MKII - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
SME Synergy - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.291

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

ZYX Ultimate Astro G - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 288
ZYX Ultimate Omega Gold - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 278
Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
Hana Umami Red - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.202

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

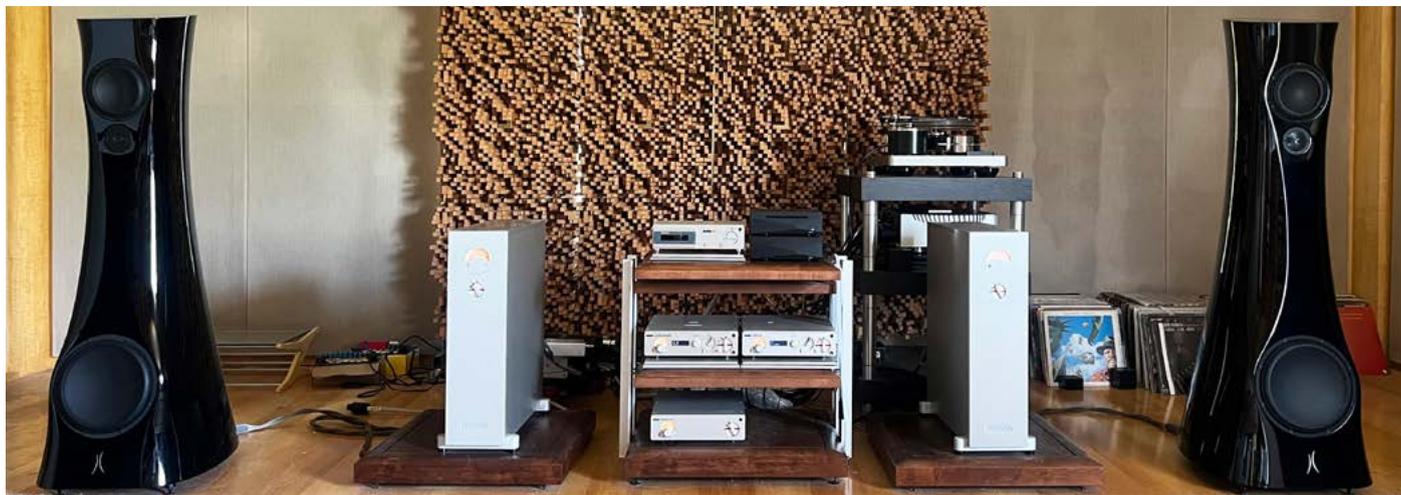
Estelon X Diamond MKII - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.284
Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.256
Estelon XB Diamond MKII - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.279
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynaudie Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynaudie Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sax Soul - Ed.251
Dynaudie Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=INBDQ3QIXBC](https://www.youtube.com/watch?v=INBDQ3QIXBC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=M8L56MW1PEQ](https://www.youtube.com/watch?v=M8L56MW1PEQ)



CÁPSULA HANA UMAMI BLUE



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Não precisava ser nenhum expert para olhar a linha de cápsulas do fabricante japonês Hana, para perceber que havia uma lacuna entre os modelos MH e ML - de 1200 dólares no mercado americano - e a Hana Umami Red de quase 4000 dólares!

Era uma questão de tempo para a Hana tapar esse 'buraco'. Quando esses 'hiatos' ocorrem, algumas dúvidas sempre existirão. Como: haverá espaço para dois modelos entre a série M e a Umami? Ou para apenas um novo modelo?

E se for essa a opção do fabricante, essa nova cápsula, estará mais próxima em preço e performance da top de linha?

Essas questões finalmente foram respondidas, com o lançamento da Umami Blue. Que em termos de preço (2500 dólares lá fora), se coloca exatamente no meio entre a ML e a Umami Red.

E em termos de performance, onde ela se situa?

Se você tiver um pouco de paciência e interesse em saber em detalhes sobre o patamar de performance da Hana Umami Blue, eu passarei a uma breve explicação.

O Sr. Massao Okada, projetista da Excel Sound Corporation, constrói cápsulas há mais de 40 anos, para inúmeras empresas. E quando, no início desse século, ele decidiu projetar suas próprias cápsulas, teve a princípio a ideia de explorar o maior nicho de mercado, o com opções entre 450 e 1200 dólares.

Assim nasceram os Hana EH, EL, SH, SL, MH e ML.

O sucesso certamente surpreendeu até mesmo Okada San, com as inúmeras críticas favoráveis e o volume de vendas em todos os continentes.

Animado, Okada San, decidiu ampliar sua atuação, entrando na faixa mais concorrida e com nomes muito solidificados por décadas e lançou a Umami Red, que testamos (leia teste na Edição 273), e ►

fiquei tão impressionado com seu grau de performance e construção, que foi minha referência por quase dois anos!

Então imagine minha alegria e curiosidade ao saber que iríamos receber a Umami Blue para avaliar, e poder entender em que patamar ela se encaixa dentro da família Hana.

Em termos de construção e acabamento, ela segue a mesma 'cartilha' da irmã top. Um acabamento lindo azul, aplicado em um processo especial de termo-fixação de melanina, desenvolvido pela Dupont, que pode ser aplicado em corpo de alumínio A7075, seguido por um processo de secagem e de esmaltação para dar um acabamento deslumbrante - que as duas Umami tem!

O design do corpo da cápsula Blue é idêntico ao da Red. O cantilever de boro sólido, a agulha micro-line nude e o mesmo tratamento criogênico do gerador, e nos terminais banhados a ouro 24 quilates.

A Blue usa um gerador de bobina móvel com ímã de Alnico, com cobre puro enrolado à mão na armadura Permalloy. Sua embalagem é simples, para não encarecer o produto final, mas bastante eficaz em termos de proteção. O produto vem com dois conjuntos de parafusos, um de 6 mm e um mais longo de 8 mm.

Junto com os parafusos, a Blue vem com uma escova de agulha, manual e uma proteção de agulha bastante fácil de encaixar - e proteger contra dedos, patas e limpezas por pessoas desavisadas.

Para a instalação, contei como sempre com meu fiel escudeiro de assuntos aleatórios e analógicos - André Maltese - que veio fazer o trabalho pesado de retirar minha cápsula de referência a ZYX Ultimate G, e colocar a Umami Blue, no braço Enterprise de 12 polegadas da Origin Live.

O pré de phono utilizado foi o Gold Note PH-1000, cabos de interconexão Sunrise Lab RCA e Dynamique Audio Apex XLR. O resto

do sistema foi todo o de referência: eletrônica Nagra e caixas X Diamond MkII da Estelon.

Ao contrário de todas as cápsulas Hana que já testamos, a Blue por algum motivo que desconheço, necessitou de mais de 50 horas para estabilizar completamente.

Para ser exato, foram 67 horas até não haver mais nenhuma alteração no seu equilíbrio tonal, apresentação de texturas e transientes. Então, apressados que segurem sua ansiedade - e nada de mostrar o brinquedo novo antes da hora!

Pois a Hana Umami Blue, ao acabar de ser instalada, será decepcionante. Tudo soará seco, brilhante em cima, e com os médios saltados na sua cara! Assustei tanto que achei que tínhamos cometido algum erro no ajuste do VTA, peso, ou no ajuste da impedância da cápsula e do ganho no PH-1000.

Confesso que as primeiras 30 horas foram sofridas, e só sentava para ouvir gravações que tinha absoluta certeza que não iriam 'realçar' o desequilíbrio que a cápsula apresentou em sua estreia.

Ainda não vi nenhum revisor que não acredita em amaciamento, testar a Umami Blue - mas se isso ocorrer, certamente ele vai detestar a cápsula!

Pois tem momentos que você chega a duvidar que ela irá caminhar de 'patinho feio', vesgo e depenado, para um belo cisne!

Quando objetivistas afirmam que tudo não passa de placebo, ou de nosso cérebro se acostumando com o que está ouvindo, tenho vontade de colocar todos eles na nossa sala, fechar a porta e jogar a chave pela janela. Para que cada um deles vá ouvindo, como a partir das 30 horas, como mágica, os graves vão encorpando, os médios começam sutilmente a recuarem, tornando a permanência na sala menos sofrida.



O melhor amplificador integrado do Brasil agora entre os melhores do mundo

Venha conhecer o mais novo membro da família V8



8

INTEGRATED AMPLIFIER
20th ANNIVERSARY



ADAPTIVE POWER SYSTEM

Mas ainda aí, irão faltar 20 horas para que os agudos percam aquele brilho, e também se encaixem no médio-alto, tornando o equilíbrio tonal mais confortável, e começemos a ter um pequeno vislumbre da Umami Blue.

Com 60 horas já será possível começar o processo de escolha dos discos que você deseja escutar, e começar a se impressionar com sua capacidade de extrair detalhes ínfimos da microdinâmica, perceber o tamanho do corpo harmônico dos instrumentos, o arejamento das gravações e sua facilidade em organizar passagens complexas sem esgoelar ou perder o fôlego!

Suas virtudes são objetivamente colocadas na mesa, à nossa frente, sem firulas ou truques na manga.

O que significa isso?

Ela não é uma cápsula que usará de pirotecnia dinâmica, ou de aveludamento, para lhe apresentar o que ela lê do sulco de cada disco. Ela o faz com total integridade e segurança.

Ouvi detalhes sutis que apenas cápsulas muito mais caras (até três vezes mais caras), apresentam.

Mas essa capacidade de nos dar o sumo do sumo, não a coloca na esfera de cápsulas analíticas e frias. Pelo contrário, ela ainda mantém seu ponto de equilíbrio sonoro, muito dentro da neutralidade.

O que certamente poderá desagradar a todos que gostam de uma cápsula com um alto grau de eufonia e de realces que adocem instrumentos agudos ou vozes. Para esses, só posso dizer que a Hana Umami Blue é uma cápsula moderna, com todos os requisitos para receber o selo de alta fidelidade!

Pois, resumindo, é isso que ela faz: extrai dos discos tudo que os músicos e engenheiros de gravação fizeram, sem tentar dar pinceladas no que foi produzido.

Ao contrário do que muitos possam pensar, esse nível de compromisso com a alta fidelidade é muito mais difícil de se atingir, que criar uma cápsula que tenha uma coloração para destacar vozes ou atenuar agudos, ou deixar os graves cheios e soando sempre como uma nota só, que inúmeros colecionadores de antigas cápsulas dos anos 60 e 70, encham o peito para dizer que 'aquilo sim eram grandes cápsulas!' Eu as ouvi, senhores, passei minha vida desde os meus seis anos, ouvindo inúmeras cápsulas inglesas, japonesas, americanas, e minha memória de longo prazo ainda as tem em mente para saber o quanto elas eram limitadas em termos de resposta e de equilíbrio tonal.

A Hana Umami Blue é uma cápsula para quem deseja finalizar seu processo de ajuste do seu setup analógico Estado da Arte, e não deseja sair fazendo loucuras e se descapitalizando.

Aos apaixonados por palcos sonoros, que só o analógico reproduz, a Umami Blue é uma referência como qualquer cápsula top de linha de qualquer patamar financeiro! Planos, foco e recorte cirúrgicos - em que o ouvinte tem a possibilidade de 'ver' o que está ouvindo, como em uma apresentação ao vivo. A ponto de causar alguns sustos nas audições, com vozes de plateia, ruídos dos músicos no palco e até barulho de bancos de piano sem manutenção.

O que importa é que mesmo ela tendo essa capacidade de recriação do acontecimento musical à nossa frente, nunca ela se torna enfadonha ou desvia nossa atenção do todo.

Isso é virtude, amigo leitor, e não defeito!

Está na hora de todos entendermos que a alta fidelidade atingiu um patamar de qualidade em que fatalmente tudo se tornará muito mais inteligível. E cabe aos fabricantes aprenderem a 'dosar' esse equilíbrio entre transparência e conforto auditivo!

Esse desafio é para quem domina sua arte, e não para quem apenas copia circuitos ou repete fórmulas de 30 anos atrás!

Não pode ser apenas sorte que levou a Hana a ser, em menos de uma década, uma referência em cápsulas de relação custo/performance tão impressionante. Pois todas as suas cápsulas possuem um mesmo DNA sonoro, mudando apenas seu grau de refinamento.

Isso nos leva à avaliação de texturas da Umami Blue. 'Assustador', diria eu, se tivesse que resumir em apenas uma palavra o que essa cápsula é capaz de nos apresentar em termos de intencionalidade e facilidade de avaliarmos qualidade técnica dos músicos, dos instrumentos, complexidade dos arranjos e execução. E quando precisamos acompanhar cada fraseado de todos os instrumentos, sem nos perdermos no meio desse desafio, fico me perguntando quantas outras cápsulas em sua faixa de preço o fazem com tamanha desenvoltura e conforto auditivo!

Tenho que realmente me esforçar e consultar meus cadernos de anotações, para buscar concorrentes à altura da Umami Blue.

Os transientes são exemplares, pois seu grau de precisão é contagiante.

Você realmente se envolve de tal maneira com o tempo e andamento, que a sensação é que sempre estamos ouvindo a melhor tomada daquela gravação. Com os músicos integralmente concentrados e executando de maneira exemplar suas partes.

Nenhum dos exemplos usados para avaliar esse quesito soou displicente ou desinteressante.

Uso muito a faixa 1 do lado A do disco A Handful of Beauty (Columbia, 1976) do Shakti, em que temos dois tabladistas, um em cada canal, determinando o tempo e andamento da música. E ►

quando os transientes não são precisos, essa introdução soa imprecisa, borrada, como se os tabladistas tivessem atravessado o tempo. E, ao contrário, quando os transientes são precisos, a força e precisão deles é de tirar o fôlego.

Se você conhece esse disco, sabe exatamente do que estou falando.

A Blue fez essa passagem com total autoridade, precisão e relaxamento - o que a colocou no patamar a parte das grandes cápsulas para reprodução de transientes.

O mesmo ocorreu com a dinâmica - tanto a micro, que já relatei acima todas suas virtudes - como a macro. Que beleza ouvir sinfonias com inúmeras variações dinâmicas do pianíssimo ao fortíssimo, em cápsulas que não se perdem, engasgam ou ficam no meio do caminho.

A Hana Umami Blue não o frustrará, meu amigo, nunca. Coloque seu melhor exemplo de macro-dinâmica e abra um enorme sorriso, de missão cumprida, na escolha da sua cápsula definitiva!

O corpo harmônico será medíocre até às 40 horas de amaciamento, e soberbo após as 60 horas! Como explicar isso a um objetivista, que 20 horas separa uma cápsula do inferno ao céu? Nem tente, meu amigo, nem tente!

Li outro dia um objetivista americano ortodoxo, que tem o ego do tamanho de Júpiter e Saturno, Netuno e Urano juntos, dizer que

depois que ele mediu as especificações de um DAC chinês de 2000 dólares, e os resultados foram tão impressionantes, seu interesse em medir e ouvir outros DACs se encerrou, pois ele acha que para melhorar as medições desse DAC chinês, irá demorar uma década!

Acreditem, isso não é piada! É sério!

O sujeito avalia performance pelo que mede e não pelo o que ele escuta!

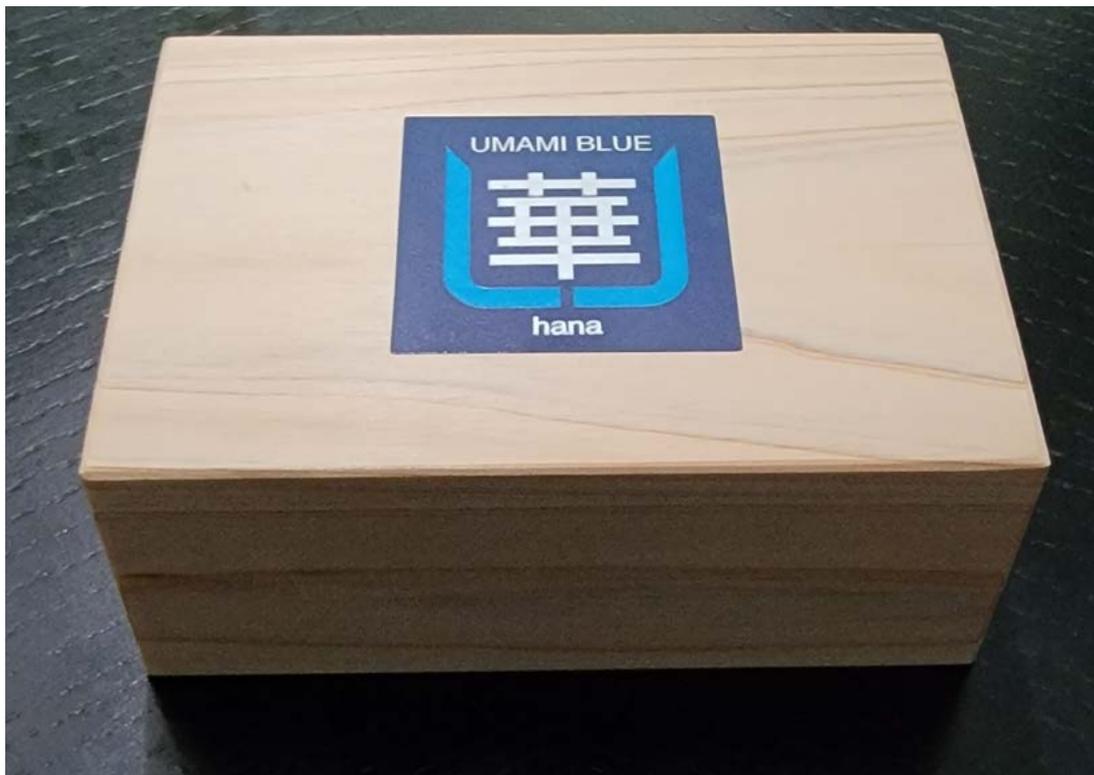
Então não perca seu tempo - assim como qualquer pessoa sensata não irá discutir com um terraplanista nunca.

Materializar o acontecimento musical à nossa frente, com a Umami Blue, será como comer 'pêra doce'! É delicioso de se ouvir e balançar a cabeça, ver como que ela consegue nos colocar junto com os músicos na nossa sala!

CONCLUSÃO

O mundo da alta fidelidade está muito bem servido de cápsulas Estado da Arte. O audiófilo tem um amplo leque de escolhas que costumavam partir de 4000 dólares alguns anos atrás.

Teremos uma opção de uma performance tão alta por menos de 3000 dólares - e independentemente de ser para o seu bico ou não leitor, isso é para ser comemorado. Pois isso significa que daqui mais um tempo, esse patamar de cápsulas acima de 100 pontos estará na faixa de 2000 dólares. E diminuindo cada vez mais, à medida que a concorrência for se acirrando.



A grande pergunta que sei que você deve estar fazendo é: Quanto a Hana Umami Blue se aproxima, em termos de performance, da Red? Eu arrisco dizer que bem próximo de 80%.

Existem diferenças significativas? Não significativas, mas pontuais. Como tive por quase dois anos a Red, posso afirmar que a Umami Red é mais refinada em termos de folga na macro-dinâmica, e com maior extensão nas duas pontas.

No entanto, se você não tiver uma ao lado da outra para ouvir essas diferenças, garanto que você se dará por satisfeito em ter a Hana Umami Blue - acredite em mim!

E tem outro aspecto muito importante: a Red será bem mais exigente com seus pares, tanto o braço, como pré de phono e o restante da eletrônica, que a Blue.

Então, meu amigo, se o seu objetivo é escolher sua cápsula definitiva Estado da Arte, é obrigatório que a Hana Umami Blue esteja nessa lista de escuta.

Ela tem referência suficiente para lhe proporcionar audições memoráveis de seus LPs! ■

PONTOS POSITIVOS

Uma apresentação e construção impecáveis.

PONTOS NEGATIVOS

Nada.

ESPECIFICAÇÕES	Tipo	Cápsula Magnética MC (Moving Coil)
	Diamante	Microline
	Cantilever	Boro
	Circuito Magnético	Ferro com Tratamento Criogênico
	Fio da Bobina	Cobre de Alta Pureza
	Nível de Saída	0.4 mv
	Equilíbrio da Saída	0.5/1kHz
	Capacidade de tracionamento	70 µm/2g
	Separação de canais	30dB/1kHz
	Resposta de frequência	15-50,000Hz
	Impedância da bobina	8Ω/1kHz
	Carga sugerida	> 80Ω
	Imã	Alnico
	Peso de tracionamento	2g
	Peso da cápsula	10.8g
	Material do corpo	Duralumínio (A7075)
	Acabamento do corpo	Processo de termofixação melamínico (MTP)

CÁPSULA HANA UMAMI BLUE	
Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	12,0
Total	102,0
<p>VOCAL </p> <p>ROCK . POP </p> <p>JAZZ . BLUES </p> <p>MÚSICA DE CÂMARA </p> <p>SINFÔNICA </p>	

German Audio
 comercial@germanaudio.com.br
 (+1) 619 2436615
 R\$ 18.900

ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO





Clientes satisfeitos tornam-se novos amigos

Aqui uma pequena amostra da opinião de nossos clientes



LINE MAGNETIC AUDIO

为音乐而生
同轴共点磁金音导波扬声器



"Line Magnetic 219ia - descrevo em uma frase: total materialização do acontecimento musical. Tão viciante que fico horas e horas a ouvir música, valendo ressaltar que meu antigo sistema custava 15x mais. Comprei igualmente o pré de fono Line Magnetic LP33 e suplantou tudo que almejava custando, novamente, MUITO menos que meu antigo pré de fono."

Alberto Americano (Valinhos - SP)

"Willsenton R800i - já tive muitos equipamentos de áudio, alguns caríssimos. O único ponto negativo é que você vai se sentir meio idiota de ter gasto tanto dinheiro, antes do R800i. Altamente recomendado."

Wagner (Valinhos - SP)



"A ideia seria comprar somente a Oatlon Coaxial 15 (que substitui minha Dynaudio 2.5), mas acabei seduzido também pelo integrado Willsenton R800i e fechei a dupla. Será difícil eu sair desse sistema agora."

Roberto Hirata (Campinas - SP)



"Como proprietário do Willsenton R800i e caixas Oatlon M10, posso dizer que alcancei o nível de qualidade sonora que sempre almejei. Estes Chineses quebraram todos meus paradigmas."

Arthur Nigro (Vinhedo - SP)



"Comprei a Oatlon M10. Que caixa maravilhosa!! Tudo que esperava e um pouco mais, por um valor extremamente justo (comparado aos altíssimos preços de caixas do mesmo nível)."

Francisco Sande (São Paulo - SP)



"Line Magnetic 219 ia, é de 'cair para trás'. Palco ainda mais gigante, definido, recorte, profundidade, equilíbrio etc. Willsenton R8 consegue nos colocar no mundo HIEND com um maravilhoso custo/benefício. O seu som é quente, musical e equilibrado, sem deixar de ter refinamento."

Luiz Carlos (Curitiba - PR)



"Line Magnetic LM 508i - aparelho espetacular de performance surpreendente, com uma relação custo x benefício muito boa. A característica sonora é esplêndida e muito contagiante. Eu diria até mesmo viciante. Eu estou utilizando um par de caixas OATLON Coaxiais de 15 polegadas que muito me surpreenderam e me tem proporcionado audições incríveis."

Hori (Maringá - PR)



"Particularmente, eu estava com um aparelho SolidState (aparelho de nome). Então, alguém me disse: 'que com esse aparelho, você estará no Palácio do Rei'. Mas na verdade, eu estava só nos portões e cheguei no Palácio com o valvulado Willsenton R8".

Edmilson (Goiânia - GO)



Representante Oficial:



+55 19 99713-5005
www.elitesound.com.br





AMPLIFICADOR INTEGRADO LEAK STEREO 230

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

O novo modelo de integrado da LEAK, o Stereo 230, é um avanço considerável em relação ao 130 lançado em 2020, e coloca esse icônico fabricante inglês de novo na linha de frente das opções de entrada - como os produtos da Cambridge, NAD, Emotiva, etc.

É muito bom saber que o leque de opções para os que desejam um sistema hi-fi honesto, de menos de 20 mil reais, esteja aumentando no Brasil, e permita que o consumidor monte seu sistema moderno e totalmente atualizado. Com um grande número de entradas analógicas e digitais, pré de phono MM, dispositivo Bluetooth para reprodução de música a partir de tablets e smartphones, usando os codecs integrados aptX e AAC.

Seu DAC interno é o ES9018 Sabre 32 bits, da ESS Technology, com um eficiente eliminador de jitter e clock interno. Com conversão de arquivos de áudio digital PCM até 384kHz, e DSD até 256.

A potência é de 75 Watts por canal em 8 ohms, e 115 Watts em 4 ohms.

E, para fechar o pacote: um pré de fone de boa performance.

A proposta da LEAK para atrair o consumidor, foi apostar em um design estilo vintage, que remete literalmente ao fim dos anos 60 e início dos anos 70 - o que está novamente em voga, tanto em caixas acústicas, como em eletrônicos!

Eu pessoalmente gosto de gabinetes com laterais de madeira, remetendo às minhas mais antigas lembranças dos primeiros sintonizadores de FM que tivemos em casa, seguidos por diversos receivers japoneses.

Minha única restrição ao design do Stereo 230 diz respeito aos seus botões, que achei uma escolha 'radical' demais, passando uma sensação de fragilidade e não de robustez. Mas, como o controle remoto faz todas as operações de mudança de entrada e volume, acho que o usuário pouco irá ter contato com os comandos do painel. 



Como a maioria dos equipamentos dos anos setenta, o Stereo 230 também possui controles de ajuste de grave e agudo, ou opção de by-pass (Direct) - que recomendo que seja usado sempre, evitando o desejo de 'turbinar ou atenuar' gravações tecnicamente limitadas.

Para o teste não usei a opção de ligar o smartphone via Bluetooth, preferindo ligar o streamer Innuos ZENmini Mk3 via cabo USB, para poder avaliar com maior precisão o DAC interno do 230. Usamos também a entrada phono MM com o toca-discos StudioDeck +M da MoFi (leia teste na Edição 300), e ficamos muito surpresos com o silêncio do circuito e o resultado bastante correto e equilibrado - o que pela sua faixa de preço é uma de suas maiores qualidades, junto com o amplificador de fone de ouvido.

Para o teste, além do Innuos e do toca-discos da MoFi, também utilizamos o CD-Player Arcam CDS50. Os cabos todos foram da Virtual Reality (caixa, USB, analógico RCA) exceto de força, que usamos o original e o Transparent PowerLink MM2. Caixas: JBL L82 Classic, Boenicke W5, Audiovector QR 5 e Harbeth P3ESR XD.

A primeira dica importante, o LEAK 230, apesar dos seus 75 Watts, irá precisar de uma caixa com boa sensibilidade. As duas caixas que casaram lindamente com ele foram: JBL L82 Classic e a Audiovector QR 5.

Com a Boenicke W5 não deu liga: o 230 tendo enorme dificuldade para direcionar e controlar a caixa e, com menos dificuldade, mas ainda assim sofrendo, foi com a Harbeth PeESR-XD. Minha dica será buscar um casamento como a linha Diamond ou a Linton da

Wharfedale, ou talvez algum modelo de entrada da QAcoustics ou da Monitor Audio.

Será preciso um pouco de paciência até o completo amaciamento do amplificador, do seu DAC interno e do pré de phono e amplificador de fone.

Optei por amaciar primeiro o DAC e o amplificador, deixando em repeat no streamer por 120 horas. Foi essencial essa escolha, pois tudo quando você instala o LEAK 230 parece aquele produto 'comportado', mas não disse ao que veio e muito menos parece ter 'credenciais' para apresentar. O fato de soar 'comportado' não chega a ser pejorativo, mas passa aquela impressão que iremos ouvir Led Zeppelin todos trajando smoking, rs!

As 120 horas foram uma lufada de esperança, e sinais de que havia camadas interessantes, mais abaixo da casca.

Os agudos se estenderam, ganharam arejamento e os graves, peso. A região média já era bastante convincente, mas nenhuma eletrônica vive só de médios convincentes, vive? Fiz essa pergunta a você, leitor, pois assisti outro dia a um vídeo de um jovem revisor (por isso lhe dou algum crédito) que o produto que ele estava avaliando tinha um agudo "estranho", e um grave muito "gordo", mas os médios eram tão bons, que ele estava dando o selo de "recomendado" ao produto!

Tive que assistir essa parte final duas vezes, para ter certeza do que o jovem aprendiz estava afirmando e assinando embaixo.

Não, o LEAK 230 não tem apenas médios interessantes e corretos. Os graves e os agudos também são bons, depois do devido ►

A SEGURANÇA DE SEU SISTEMA EM SUAS MÃOS.



ACF 1800

Dedicado a automação residencial

Através da sua porta de comunicação RS 232 é possível fazer remotamente leituras de parâmetros da rede elétrica, ligar ou desligar equipamentos, ativar função antitravamento de rede com temporização para reinício seguro, configuração individual de funções, controle luminosidade, brilho, entre outras.

Com potência de 1800 W, possui tomada USB e seus circuitos de proteção e filtragem controlados por processadores de última geração garantem energia controlada e ganhos no áudio e no vídeo.

UPS AI
sistemas de Energia

@upsai.oficial

www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 2606.4100



amaciamento. Passadas 150 horas, lá fui eu amaciar o pré de phono e o amplificador de fone.

Para agilizar o processo, fiquei ouvindo LP no fone e, de 20 em 20 minutos, levantando e trocando o lado do disco. Não creio que os jovens tenham essa paciência de esperar e fazer todo o ritual necessário para extrair todo o potencial de seus sistemas, pois amaciamento é um teste de fogo para qualquer um.

Por isso que lemos e vemos nas mídias especializadas, tantas 'distorções' na avaliação de produtos, pois podemos cometer grandes injustiças por não levar a sério o tempo necessário de amaciamento antes de nos sentarmos para avaliar o produto.

Para os que não acreditam em amaciamento, toda essa introdução irá parecer desnecessária e inócua - mas para os que já ouviram as diferenças, façam o dever de casa, pois o LEAK 230 merece.

Seu equilíbrio tonal podemos definir como correto sem, no entanto, ter muita folga para maiores arroubos na apresentação de detalhes do tamanho da sala de gravação, ou a quantidade de reverberação digital utilizada na voz ou nos corais.

Os graves, tem peso, porém carecem de maior energia, tão essencial nos fortíssimos de uma orquestra sinfônica. Mas isso impede que se escute no 230 música clássica ou big bands? Lógico que não! Basta não ter expectativas exageradas, afinal estamos falando de um integrado de menos de 15 mil reais, certo?

E música eletrônica, Andrette? Com a caixa correta, desde que ela esteja preparada para graves turbinados, sim!

Tudo é sempre uma questão de sinergia. Se o leitor estiver atento e com paciência para ouvir e pesquisar, ele irá extrair do LEAK 230 uma performance digna do investimento.

Seu soundstage possui excelente foco e recorte das imagens sonoras, com um 3D bem razoável, desde que o posicionamento das caixas forme o tão famoso triângulo equilátero, e a sala não atrapahe acusticamente. A imagem possui boa largura, altura e profundidade. E a única limitação será na apresentação da ambiência da sala de gravação, devido à pouca extensão nos agudos.

As texturas surpreendem, menos pela intencionalidade e mais pela paleta de cores e pela facilidade de acompanhar diversas vozes simultâneas sem esforço adicional ou perda de concentração.

Os transientes são muito bons, com uma facilidade de marcação de tempo e ritmo. Ouvi vários exemplos de piano solos e violões com corda de aço, exemplos encardidos para reprodução precisa de velocidade, e o LEAK 230 se saiu muito bem!

A micro-dinâmica é muito boa, e a macro-dinâmica irá depender dos seus pares (fonte e caixas). A macro se saiu muito melhor quando usamos o CD-Player Arcam reproduzindo SACD - tivemos algumas boas surpresas, como no Quarto e Quinto Movimentos da Sinfonia Fantástica de Berlioz, ou no Concerto Para Piano e Orquestra de Bartók.

Mas não tente reproduzir os canhões da Abertura 1812 de Tchaikovsky no LEAK 230, que não irá rolar, nem para ele e muito menos para as caixas!

O corpo dos instrumentos foi impecável com todos os LPs, o esperado nos CDs, e decepcionantes no streamer.

Ou seja, nenhuma novidade.

E a organicidade ocorreu em todas as excelentes gravações, nos colocando frente a frente com os músicos.

CONCLUSÃO

Se você é um rato de vídeos no YouTube, em que se vende gato por lebre à torto e à direito, certamente você acredita que integrados de 1000 dólares soam tão bem ou até melhores que integrados de 5000 dólares.

Desculpe te chamar à realidade, mas isso não existe, meu amigo.

E creia que, no dia que acontecer, os fabricantes de hi-end superlativos e ultra hi-end irão à falência.

O que você pode acreditar, que já é fato consumado, é o quanto produtos hi-fi de entrada melhoraram e estão andando a passos cada vez mais largos. E encontrar pacotes como o LEAK 230 é uma excelente notícia, pois permite que muitos e muitos leitores possam ter seu primeiro contato com produtos que já possuem os elementos essenciais para se ouvir música decentemente.

E quais são esses elementos? Boa inteligibilidade, com baixa fadiga auditiva!

Essa é a chave da porta de entrada, para quem deseja ouvir a música que ama corretamente.

Esse compromisso, diversos fabricantes de produtos hi-fi já dominam, e os resultados são cada vez mais surpreendentes!

Se seu orçamento é curto, mas você sonha em realizar esse primeiro passo, o LEAK 230 precisa estar no topo de sua lista de opções.

Tanto pelo pacote, como pela sua performance!

Com uma boa fonte e um par de caixas que permita o LEAK Studio 230 conduzir com firmeza e folga, não existe espaço para erro.

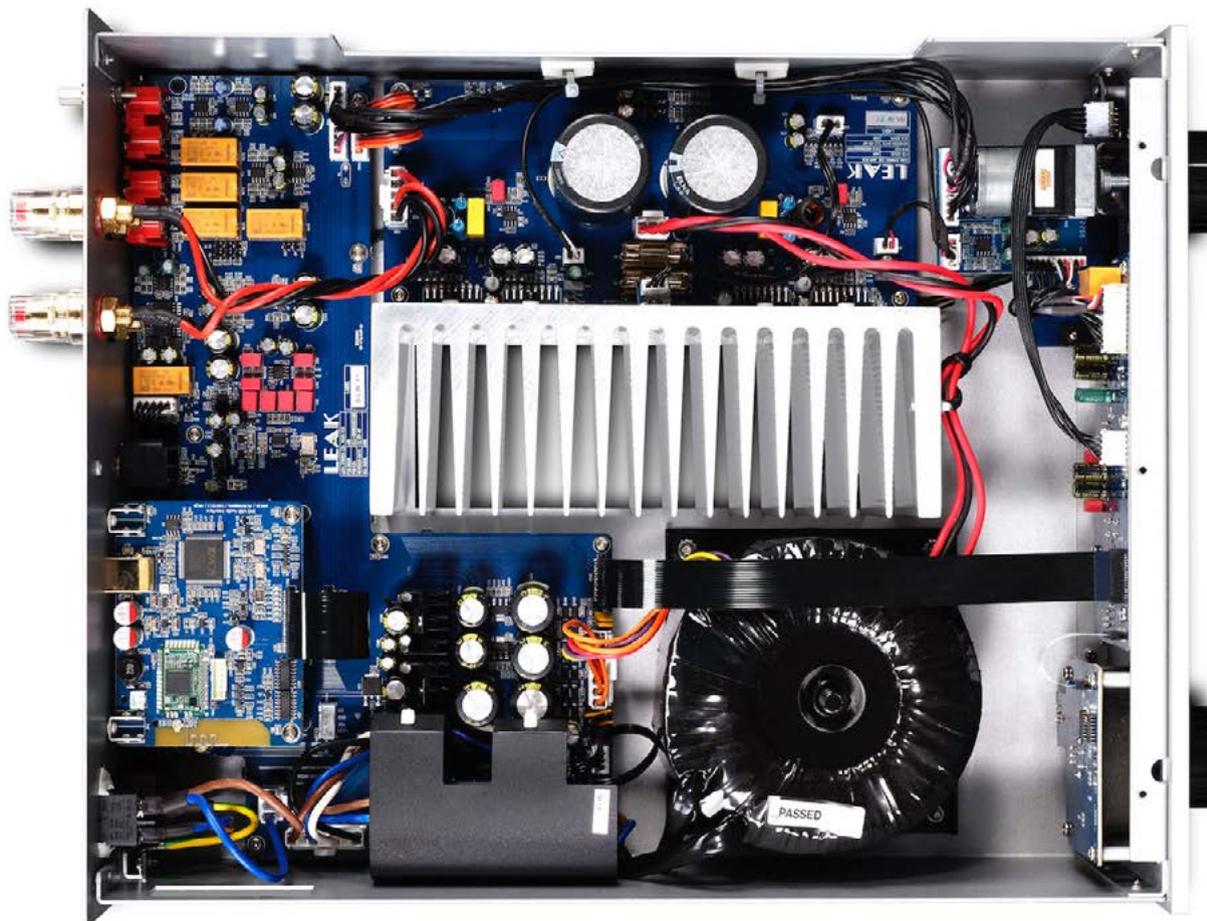
Uma excelente notícia para o início de 2024, você não acha? ■

PONTOS POSITIVOS

Um pacote muito coerente e correto.

PONTOS NEGATIVOS

A escolha das caixas será essencial para um casamento adequado.



Tipo Amplificador integrado classe AB, com DAC, pré de phono e amplificador de fone de ouvido

Seção de pré-amplificação

Ganho +41dB (Phono MM)

Sensibilidade de entrada 550mV (Linha, Volume =MAX)
4.8mV (Phone MM, Volume=MAX)

Impedância de entrada 10K (Linha)
47K // 100pF (Phono MM)

Distorção harmônica total(THD) <0.001% (1kHz @2V, TONE=On)

Resposta de frequência 20Hz-20kHz (+/-0.1dB)

Voltagem de saída 2.3V max. (Volume = MAX)

Impedância de saída 100 ohms

Relação sinal/ruído >110dB (Linha)
>75dB (Phono MM)

DAC

Chip ES9038Q2M

Distorção harmônica total (THD) <0.002% (1kHz @ 0dBFS)

Nível de saída (0dBFS, 1KHz) 2.3Vrms

Frequência de amostragem máxima • Óptica, Coaxial: 192kHz
• PC USB: PCM 768kHz e DSD512

Relação sinal/ruído >115dB

Seção de potência

Ganho +32dB

Potência de saída • 2x 75W (8 ohms, THD<1%)
• 2 x 115W (4 ohm, THD<1%)

Resposta de frequência 20Hz-20kHz (+/-0.3dB)

Distorção harmônica total (THD) <0.003% (1kHz @30W/8ohm)

Sensibilidade de entrada 550mV

Relação sinal/ruído >109dB

Amplificador de fones de ouvido

Distorção harmônica total (THD) <0.01% (1kHz, 50mW)

Impedância de saída 4.7 ohms

Impedância de carga 16 - 600 ohms

Geral

Consumo em stand-by <0.5W

Peso 12.7kg (Nogueira)

Dimensões (L x A x P) 328 x 147 x 414 mm

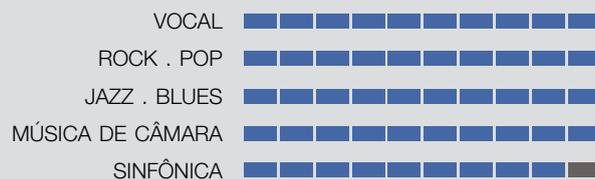
Embalagem (L x A x P) 514 x 428 x 210 mm

Alimentação (dependendo da região) • 220-240V ~ 50/ 60Hz
• 100-120V ~ 50/ 60Hz

ESPECIFICAÇÕES

AMPLIFICADOR INTEGRADO LEAK STEREO 230

Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	9,5
Textura	9,5
Transientes	11,0
Dinâmica	9,5
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,0
Total	79,5



KW Hi Fi

fernando@kwwifi.com.br
(11) 95442.0855
(48) 3236.3385
R\$ 16.000

DIAMANTE
REFERÊNCIA



CASA INTELIGENTE



SOLUÇÕES INOVADORAS DESDE O PROJETO DE INFRAESTRUTURA, AOS EQUIPAMENTOS DE ALTA PERFORMANCE E DESIGN.



EDIÇÃO ESPECIAL

MELHORES DO ANO 2023

CONHEÇA OS 44 PRODUTOS
QUE SE DESTACARAM EM 2023



NESTE ANO, **TRINTA E UM** PRODUTOS RECEBERA O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, **DEZ** RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!





COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte Superlativo, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da *Áudio Vídeo Magazine* na qual o teste foi publicado.

Este ano 31 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor, sendo que 10 destes ganharam também o selo de Referência. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentam uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes.



ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

Produtos Estado da Arte que receberam mais de 100 pontos. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.



SELO DE REFERÊNCIA AV MAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO EDIFIER X3S

Fernando Andrette



Continuamos na nossa busca pelo fone bom abaixo de 300 reais, independente da tecnologia que use.

E nesse mês escolhemos o novo fone Bluetooth da Edifier, o modelo X3s, a versão do popular X3, que foi desde o seu lançamento um fone bastante recomendado.

Se entendi bem, a nova versão X3s sonicamente é o mesmo fone, o que mudou nessa nova versão é o chipset da Qualcomm com Bluetooth 5.2, que possui uma transmissão sem fio mais estável e com maior autonomia de bateria.

Como não testamos a versão original, para nós foi tudo uma novidade.

O fone em si, para concorrer na sua faixa de preço, é bem modesto, tanto no material utilizado na sua construção (com um corpo todo de plástico apenas na cor preto) como em seu visual, bastante simples.

No entanto, no que é importante como ser leve, confortável e responder aos comandos, ele entrega o que promete.

Segundo o fabricante, o X3s é ideal para os praticantes de exercícios ao ar livre, pois ele possui certificação IP55, o que o torna resistente à poluição das grandes cidades e à chuva.

A maior preocupação do usuário na prática de esportes é se o fone cairá ou não. Para torná-lo seguro, a Edifier oferece ponteiros de silicone para o encaixe perfeito na orelha, assim como para melhorar o isolamento acústico externo.

O estojo de carregamento é eficaz e seguro, ainda que de plástico, como o fone.

Para acionar o fone, o usuário só precisa memorizar a quantidade de toques para cada função. Com um toque, você reproduz a música, pausa e também atende as suas chamadas. Com dois toques, você avança a música (direito) e retrocede (esquerdo). Nos três ►

toques, você aciona o assistente de voz (direito) ou modo de jogo (esquerdo). E quando você toca e segura, você aumenta o volume (no direito) ou diminui (no esquerdo). E, finalmente, tocar e segurar por mais de 3 segundos, você rejeita ou desliga a chamada.

Li que alguns usuários tiveram problema com a transmissão enquanto tocavam música. Eu felizmente não tive esse problema, mesmo com o celular distante (até 2 metros) dos fones.

O X3s vem com uma autonomia de 8 horas, o que para mim foi mais do que suficiente, e em volumes seguros como ouço, ele passou, nos primeiros dias, de 8 horas. Agora, se você ouvir no talo, certamente nem 8 horas de autonomia você terá.

Para sua faixa de preço, o X3s é surpreendente (como Bluetooth), pois ainda que em volumes seguros, o equilíbrio tonal tende mais para soar um pouco escuro, melhor assim do que termos agudos estridentes e brilhantes, e graves de uma nota só.

Em boas gravações é possível um bom grau de inteligibilidade, sem no entanto termos detalhes sutis de microdinâmica e texturas.

Os graves se comportam equilibrados, e o médio-grave, se tivesse um pouco mais de corpo, ajudaria muito nos volumes corretos.

Acho que a opção dos engenheiros da Edifier foi por não 'turbinar' os graves, com o risco de comprometer a região média.

Como nunca ouvi ou testei um fone Bluetooth hi-end, não sei dizer se essa questão do equilíbrio tonal é ainda um obstáculo dessa tecnologia, ou opção de equalização dos fabricantes. Realmente não sei dizer.

O fone é confortável, não incomoda no ouvido, e a ponteira certa no ouvido realmente isola o ambiente externo de maneira eficaz.

CONCLUSÃO

Eu quero que você, assíduo leitor da Audiofone, acredite que estamos nos esforçando para achar fones bons e baratos, para compartilhar com vocês.

No entanto, algumas premissas precisam existir. A primeira delas é a questão do equilíbrio tonal. Sem o melhor equilíbrio possível, nunca será possível ouvirmos em volumes seguros e ainda assim ser uma audição prazerosa.

Segunda premissa: os fones sem fio Bluetooth ainda tem muito que evoluir em termos de equilíbrio tonal e refinamento. Estão caminhando? Sim, mas ainda existem etapas básicas a serem alcançadas. A sensação que tenho quando escuto um fone via Bluetooth, é que a música tem um componente 'artificial', deixando os timbres, texturas, sensação de ambiência, sem naturalidade.

É algo semelhante ao que tínhamos no início da era digital. Lembro que meu primeiro contato com um CD-Player ocorreu com uma gravação de um flautista, e que o timbre de sua flauta tinha tão pouco invólucro harmônico, que soava dura e estridente.

Os fones Bluetooth atuais já passaram dessa etapa, mas ainda têm um componente que faz com que soem com um sutil grau de artificialidade.

No entanto, se para o seu gosto musical isso é irrelevante, e você deseja apenas um fone bom e barato que lhe dê liberdade de movimento, autonomia de 8 horas de música e que permita ouvir satisfatoriamente em volumes seguros, você deveria ouvir o Edifier X3s. Pois ele atende a essas prerrogativas sem levar sua carteira ou estourar sua conta bancária. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5XOA_HI9HBK](https://www.youtube.com/watch?v=5XOA_HI9HBK)

AVMAG #295
Edifier
atendimento@lojaedifier.com.br
(11) 5033.5100
R\$ 249

NOTA: 66,0



OURO RECOMENDADO

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO EDIFIER W820NB PLUS

Fernando Andrette



Eu sempre fui movido por desafios. Quando criança, meu pai saía comigo e propunha o desafio de selecionar na multidão duas ou três vozes, a céu aberto. Eu sempre dava um jeito de buscar uma quarta ou quinta mais distante do ponto em que me estabelecia para executar o exercício de apurar a percepção auditiva.

Quando adolescente, nas sessões da meia-noite no Teatro Municipal de São Paulo, eu simplesmente fechava os olhos junto com as luzes do teatro se dissipando, e fazia a mais intensa imersão no que iria ser apresentado.

Era desafiador ouvir instrumentos ao vivo que só conhecia em discos, e escolher alguns para seguir suas linhas melódicas.

Então, quando hoje me proponho a buscar fones de ouvidos com a melhor relação preço/performance em uma determinada categoria, acredite leitor, eu levo muito a sério essa proposta.

Pois sei que muitos de vocês que estão nos lendo, estão ávidos por dicas de fones que sejam bons e baratos!

O que me incomoda muito nesse meu desafio, é que não consigo ouvir tudo que o mercado oferece, pois muitos fabricantes se negam a nos enviar seus produtos, pois nos julgam 'elitistas' ou criteriosos demais.

No entanto, eles enviam sem receio para canais de avaliação que simplesmente não possuem critério algum para avaliar fones e conseguem criar muito mais dúvidas do que dar respostas claras.

Um bom exemplo?

Esse fone da Edifier modelo W820NB Plus, que antes de solicitar ao fabricante seu envio, fui ler tudo que havia sido escrito no mercado, e

as conclusões são tão antagônicas que se eu fosse um consumidor na busca de um fone até 500 reais Bluetooth com cancelamento de ruído, provavelmente não o escolheria.

Vou dar alguns exemplos bizarros que li. Um teste começa por comparar com um fone que não existe aqui no mercado, e que importando legalmente vai custar mais de 500 reais. Aí o sujeito, no final, diz que o Edifier não poderia custar mais de 400 reais, pois ele não tem bolsa para transporte e só sua concha dobra, e em termos de performance lhe falta grave!

E realmente não faço a menor ideia de onde o cara chegou à conclusão que falta grave nesse fone!

Mas, isso não é tudo. Outro o compara com um modelo da Sony, só que também é mais caro que esse Edifier, e novamente volta a citar que seu acabamento todo de plástico não pode ser comparado com um fone com haste de metal.

Façamos um exercício aqui. Esqueça que estamos falando de fones, troquemos para carros. Faz algum sentido falar para o consumidor que o carro básico que ele está comprando, por só ter dois airbag de fábrica não é bom? Ou que seu painel é muito restrito em termos de informações?

Isso, na minha opinião, é 'procurar pêlo em ovo', e tentar justificar a sua incapacidade de avaliar realmente a performance do produto dentro de sua categoria. Pois, para uma avaliação precisa de performance, é necessário critério e conhecimento - e não achismo ou gosto pessoal.

Vou começar pela minha conclusão: o Edifier WB820NB Plus é uma bela surpresa na faixa até 500 reais.

E se você deseja um fone confortável, com quase 50 horas de autonomia, leve, fácil de manusear, com um cancelamento de ruído eficiente e, o mais importante: uma performance surpreendente para seu preço e por ser um Bluetooth, então meu amigo, o senhor achou seu presente de Natal!

Vamos falar de ergonomia? Suas conchas são de plástico como todo o fone, e suas espumas são uma imitação de couro. Os comandos estão no fone direito, e são eles: volume, play/pause, emparelhamento e a conexão USB.

Nos fóruns, as reclamações dos usuários foram que os comandos ficam muito próximos, e a falta de um conector para cabo auxiliar P2 seria de bom grado. Alguns usuários também gostariam que no aplicativo Edifier Connect, que você pode baixar em seu celular, as funcionalidades, tivesse um equalizador para esse modelo (algo que admirei a coragem da Edifier em não oferecer, pois ele não precisa, acredite meu amigo).

O aplicativo para esse modelo oferece menus para ligar e desligar, cancelamento de ruído, modo som ambiente, além de checar o nível da bateria e ativar o modo Game.

Por ser bastante leve, eles se encaixam bem sem causar aquela sensação que pode cair da cabeça em algum movimento brusco. Mesmo usando óculos com ele na cabeça, não existe aquela sensação que não existe espaço físico para dois objetos no mesmo ponto da orelha, rs.

Seu equilíbrio tonal é a grande surpresa para um fone Bluetooth nessa faixa de preço, e vai deixar muito fone 'descoladinho' de até 2000 reais em sérios apuros para justificar seu preço (a não ser que o de 2000 reais, seja todo de metal e espumas de couro legítimo italiano).

O que sempre digo, quando testamos fones sem fio, é que a tecnologia está evoluindo a passos largos, mas ainda faltam duas coisas primordiais: maior extensão em ambas as pontas e um maior arejamento.

De resto, o Edifier tem graves corretíssimos (sem nenhum excesso ou coloração que deixam os graves soando como de uma nota só), com velocidade e o mais importante, definição.

Exemplar todos os solos de contrabaixo que ouvi para definir a qualidade das baixas frequências, tanto acústicos, como os elétricos em gravações do Jaco Pastorius.

A região média todos os bons fones sem fio já tiram de letra. O que nos agradou muito nesse Edifier, foi que sua região média está muito bem encaixada, deixando o equilíbrio tonal soar muito natural. Os timbres são ricos, detalhados e com enorme inteligibilidade.

Costumo afirmar que prefiro mil vezes um agudo com menos extensão na ponta, do que brilhante e metalizado. O W820NB Plus, felizmente, é dessa categoria em que os agudos estão lá de maneira correta, mas por questões de tecnologia e não de deficiência do projeto, carecem de maior extensão.

Talvez você tenha dificuldade de entender o que eu quero dizer com Extensão. Vamos lá!

Existem duas maneiras de você avaliar esse quesito, o primeiro é se temos extensão suficiente, se percebemos sem esforço o ambiente em que a gravação foi realizada - ou, traduzindo, o tamanho da reverberação da sala. E se essa reverberação é real da sala de gravação, ou manipulada digitalmente por um reverb.

Quando falta esse arejamento, temos a impressão que todas as gravações que escutamos foram realizadas sempre na mesma sala, ou em espaços físicos muito semelhantes.

Isso incomoda? Não, mas tira um pouco da beleza de observarmos os decaimentos e a capacidade de ouvirmos o respiro de naipes de instrumentos como os metais em fortíssimos, ou a magia das notas ainda ecoando de um órgão de tubos.

Aí você pode estar pensando: "mas eu não ouço nenhum desses exemplos"! O ceifamento das altas em rock mal captado e intensamente comprimido, leva a termos menor inteligibilidade de todos os pratos usados pelo baterista, e lembre-se: menor inteligibilidade, maior fadiga auditiva!

Como contornamos isso nos fones sem fio? Tem uma maneira sim, meu amigo, sabe qual é? Ouvir nos volumes seguros!

E se o fone sem fio permite isso, como esse Edifier, parte do problema foi resolvido.

As texturas, graças ao ótimo equilíbrio tonal, são muito bem apresentadas, sendo um deleite ouvir qualquer gravação com vozes e instrumentos acústicos. Você vai se surpreender com a qualidade na apresentação das texturas desse fone.

Os transientes são impressionantemente corretos - seja o gênero musical que você apreciar, tempo, andamento e ritmo estarão perfeitamente vinculados e precisos.

A micro-dinâmica, mesmo em volumes reduzidos, na calada da noite será ouvida, e as escalas crescentes de dinâmica, idem. É muito bom quando não sentimos dificuldade de ouvir os crescendos dinâmicos, em volumes seguros, e observarmos como aquela passagem ficou bem resolvida sem nos incomodar ou termos que redobrar nossa atenção para não termos que correr para baixar o volume.

Quando a tecnologia de fone sem fio resolver a questão da extensão nas pontas, e o acontecimento musical ganhar maior arejamento, certamente a sensação dentro de nossa cabeça, da materialização física, ocorrerá mais frequentemente.

Tive que ouvir todos os nossos 10 exemplos para fechar a nota de organicidade, para ter a sensação em uma única gravação que o cantor José Cura estava no meio do meu crânio!

Talvez meu cérebro tenha, através dos anos, ficado muito exigente, vai saber!

Musicalidade: sim, meu amigo, será muito prazeroso passar algumas horas apreciando música em volumes seguros com esse fone. Você ficará surpreso o quanto ele é esforçado em te seduzir, por um preço tão justo.

CONCLUSÃO

Aos que ambicionam um fone sem fio com todas essas qualidades, e dispõem de 500 reais para realizar esse desejo, não precisa procurar mais.

O W820NB Plus possui qualidades consistentes para ser uma referência nessa modalidade, e com pedigree suficiente para 'beliscar' concorrentes que custam até o dobro do seu preço.

Altamente recomendado! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BQERVUSY2UM](https://www.youtube.com/watch?v=BQERVUSY2UM)

AVMAG #301
Edifier
atendimento@lojaedifier.com.br
(11) 5033.5100
R\$ 450

NOTA: 75,0



DIAMANTE RECOMENDADO

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO EDIFIER WH950NB

Fernando Andrette



O público da Audiofone é tão distinto da AV Magazine, que se tivesse que descrever como eles se comportam eu diria que são totalmente antagônicos, tanto na maneira de interagir com e revista, como de produzir e enviar suas dúvidas.

Para responder ao público da Audiofone, muitas vezes tenho que recorrer aos meus filhos para entender as abreviações feitas em suas mensagens, já que eles fazem uso regular dessa linguagem em todas as suas comunicações.

Enquanto o público da AV é coloquial, detalhista e muitas vezes cheio de 'pré-conceitos', o leitor da Audiofone é despojado (rs) e desconfiado. Pois eles pesquisam muito, mas sem muito critério, e acabam ouvindo inúmeras informações bastante contraditórias e equivocadas.

O que percebo é que, à medida que esse consumidor entende o que defendemos e como funciona nossa linha editorial, se estabelece uma ponte de comunicação mais sólida e eficaz.

Tenho inúmeras pastas com sugestões, dúvidas e solicitações desses novos leitores, e estamos, à medida do possível, tentando atender a todas as reivindicações - que são inúmeras e múltiplas!

Para a escolha do fone deste mês, levei em consideração uma das solicitações mais recorrente que temos recebido: testar mais fones até 1000 reais que atendam a nossa linha editorial do mais equilibrado tonalmente para se escutar em níveis seguros de audição, mas que também tenham a opção de conectar via Bluetooth e cancelamento

de ruído (um recurso indispensável pelo visto nas grandes metrópoles e em residências cada vez menores e feitas com paredes de gesso).

Confesso que atender a todas essas 'frentes' com eficiência, não foi tarefa das mais fáceis, mas acabamos achando um fone da Edifier que, para nossa surpresa, não só atende a todas essas necessidades como, ainda por cima, encontra-se no limite dos fones abaixo de 1000 reais!

O Edifier WH950NB vem em uma excelente embalagem, e pode ser tranquilamente e com segurança transportado dentro de uma mochila. E além de uma boa reprodução em Bluetooth, ele vem com um cabo decente para audições ainda mais criteriosas.

Com uma estrutura toda de plástico, é um fone leve e com excelente encaixe na cabeça e nas orelhas. Seu formato é perfeito para isolar o ouvinte do ambiente externo de maneira eficaz e com a vantagem da possibilidade do cancelamento de ruído para audições em longos voos, ou em ambientes excessivamente barulhentos. As espumas parecem ser resistentes, ainda que sejam confortáveis e macias.

Nossos leitores sabem o quanto me incomodo com fones pesados, e nesse aspecto o Edifier me permitiu ouvir música por mais de duas horas sem fadiga física.

A Edifier foi meticulosa nas soluções de design, permitindo que o fone possa ser dobrado, para deixá-lo ainda mais compacto e facilitar o seu transporte. E o fabricante criou uma bolsa para esse transporte de boa qualidade.

Os botões de comando ficam todos (no total quatro) posicionados no fone direito, permitindo uma memorização fácil de cada um dos comandos. Os comandos ligam e desligam o modo Bluetooth, controlam o volume e acionam controle de anti ruído (ANC).

Segundo a Edifier, esse é um dos modelos mais vendidos no mundo e, para conquistar um lugar de destaque nesse mercado tão competitivo, os engenheiros investiram em recursos de ponta para proporcionar uma performance de maior qualidade, mesmo na transmissão sem fio.

Uma informação importante é que esse fone só funciona via Bluetooth no sistema Android, sendo preciso configurar essa opção no aplicativo Edifier Connect, disponível na Google Play Store.

Um dos recursos que merece nosso aplauso é o Safe Volume, que fixa a altura máxima para que não ultrapasse os níveis sugeridos pela OMS. Esse recurso pode ser ativado ou desativado no app.

Testamos todos seus recursos, utilizando alguns celulares reproduzindo Tidal e, também, em nosso amplificador de fone do Classic ▶

Nagra, para ouvir tanto Streamer, como mídias físicas analógicas e digitais.

Ainda que ouvir no modo sem fio tenha nos surpreendido pelo seu bom equilíbrio tonal, se o consumidor desejar tirar o melhor proveito desse fone, use seu cabo - ele é leve, não incomoda, e o melhor: melhora consideravelmente a performance do fone em tudo.

Outro excelente recurso é o modo Ambiente, que permite você conversar com as pessoas, ouvir os ruídos da rua de carros e buzinas, sem precisar tirar o fone.

A Edifier se gaba de possibilitar, no sistema sem fio, o modo Hi-Res Wireless, que em outros concorrentes só é possível com o uso do cabo. E reconhecemos que seus esforços foram um degrau acima. Mas, como disse, ainda não é do mesmo nível de ouvir com o cabo.

São escolhas que o usuário deve fazer, e certamente extrair toda sua performance dependerá do estilo de música que cada um escuta.

Sei que, para a esmagadora maioria dos consumidores que optaram por fone sem fio, um enorme diferencial é a vida útil da bateria. Pois bem, o fabricante fala em autonomia de 55 horas com o ANC desligado, e 34 horas com o ANC ativado. Acredito que seja tempo suficiente (mesmo em longas viagens intercontinentais, para recarregar os fones sem ficar na 'mão' no meio da viagem).

Pedi para o meu filho fazer o teste de autonomia, e ele deixou o fone 24 horas reproduzindo música e o consumo da bateria foi de 48% (isso com o cancelamento de ruído desligado). Com ele ligado, o consumo da bateria chegou a 74%.

O importante aqui é dosar o volume para estender a autonomia da bateria, não passando de 40 a 50% do volume claro.

Para a avaliação e aplicação de nossa Metodologia, usamos ele conectado ao seu cabo. E gostamos do que ouvimos.

Em volumes corretos, seu equilíbrio tonal é bom e não haverá necessidade de aumentar o volume para se ouvir corretamente os graves e um bom corpo, peso e energia no médio-grave. Sua região média tem boa inteligibilidade, e os agudos têm boa extensão e arejamento suficiente para não deixar a audição fatigante.

As texturas de cada instrumento são bem apresentadas, e com enorme facilidade de se reconhecer técnica de execução do instrumento e intencionalidade. Ouvindo o quinteto de sopros Calefax Reed Quintet - *An American Rhapsody*, foi muito bem definida a entrada solo do clarinete em *Rhapsody In Blue* - faixa 1. Essa é uma gravação que identifica com precisão os fones com bom equilíbrio tonal, para uma melhor apresentação de texturas, dos fones deficientes nesses dois quesitos. E ouvir esse disco ainda lhe dá a oportunidade de memorizar a diferença entre o som de um clarinete, oboé, clarone, fagote e sax que muitos de nossos leitores têm enorme dificuldade em reconhecer.

E o Edifier passou no teste com folga!

A resposta de transientes, além de precisa, é impecável na apresentação de ritmo e tempo, permitindo acompanhar sem esforço variações complexas de tempo em discos como do baterista Vinnie Colaiuta - o de capa cinza - em que ele brinca o tempo todo com subdivisões de quebrar o quadril.

A variação dinâmica é boa, sem enormes arroubos entre o pianíssimo e o fortíssimo, o suficiente para você entender a intencionalidade da obra. Isso em volumes seguros, OK? Pois em volumes acima, além de você poder danificar sua audição, você irá ganhar alguns sustos (se você gostar mais de tomar susto do que preservar sua audição).

Quanto a materializar o acontecimento musical plenamente na sua cabeça, o custo para se ter um fone com essa qualidade é um pouco mais vultoso, mas o Edifier nas gravações excepcionais tecnicamente chega bem próximo a essa magia.

E quanto à Musicalidade: sim, ele em volumes corretos (sempre), permite longas audições sem fadiga auditiva. Um enorme feito para um fone com tantos recursos e abaixo de 1000 reais.

CONCLUSÃO

Se você busca um fone que ofereça reprodução sem fio, cancelamento de ruído, modo Ambiente, conforto ergonômico e uma reprodução bem correta com fio, por menos de 1000 reais, esse Edifier merece ser ouvido com muita atenção.

Acho que você irá se surpreender, como nós fomos.

Pois confesso que, ao escolher e solicitar esse fone para teste, achei que estaria atendendo mais aos leitores que desejam todo esse pacote, do que ouvir uma performance tão honesta e um projeto tão meticuloso.

Em um segmento tão competitivo, ter todos esses recursos de forma tão coerente e eficaz é um grande mérito sem dúvida! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7LY-HG3XNQW](https://www.youtube.com/watch?v=7LY-HG3XNQW)

AVMAG #294

Edifier

atendimento@lojaedifier.com.br

(11) 5033.5100

R\$ 999

NOTA: 75,0



DIAMANTE RECOMENDADO

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO GRADO PRESTIGE SERIES SR125X

Fernando Andrette



Testamos na edição 265, o Grado SR125e Prestige, e ele recebeu 62,5 pontos. Para um fone que lá fora custa menos de 190 dólares, e tem uma legião de admiradores e bons reviews, não deve ser muito fácil definir o instante em que se deve avançar.

O que percebi nitidamente no modelo 325, e para a nova versão X, foi que as mudanças não foram apenas 'cosméticas' e sim audíveis. E, no entanto, eu não me senti 100% tentado a fazer esse upgrade, já que possuo há anos o 325e.

Já escrevi, a cada novo teste de um fone Grado, que esse é um produto que você ama ou detesta, não existindo meio termo. Por seguir um conceito de fone aberto (como diria um amigo músico: "escancaradamente aberto"), não é um fone para se ouvir na rua e, mesmo em casa, será preciso estar cercado de privacidade para que os outros a sua volta não se sintam incomodados.

E temos ainda o lado estético, já que seu design retrô anos 50 é bastante questionável! Ainda assim, a Grado está presente na cabeça dos consumidores desde 1953, o que poucas empresas concorrentes podem se orgulhar.

Então, aos leitores que nunca ouviram um fone Grado, a pergunta óbvia é: o que tem um fone Grado para agradar a tantos? Uma assinatura sônica cativante em que a região média é extremamente privilegiada, fazendo com que inúmeras nuances e intencionalidades se tornem mais evidentes.

Os amantes de vozes em qualquer gênero musical, se tornarão fãs incondicionais dessa assinatura.

O meu 325e, o tenho há mais de uma década, para ouvir justamente música cantada de inúmeros gêneros musicais. E sempre me impressiono o quanto ele ainda é uma excelente ferramenta para gravações que muitas vezes são inaudíveis em fones mais 'contemporâneos'.

Quando eu estou naqueles finais de semana em que revisito minha coleção de MPB dos anos 60 a 80, ele continua sendo a opção que melhor coordena uma variedade tão distinta de gravações tecnicamente tão díspares. Pois já passei do tempo de ouvir discos tão maravilhosos artisticamente e ficar lamentando terem sido tão mal gravados!

O meu 325e é a saída para separar o artístico do técnico, e curtir apenas o essencial.

O Prestige SR125x foi lançado no auge da Pandemia, e por tanto seus reviews ainda hoje são poucos. E os poucos que li, foram feitos por usuários que comparam sua sonoridade com fones muito mais caros, como o Sennheiser HD 650, o que na minha opinião mais confunde do que esclarece.

Mas, enfim, isso é o que mais encontramos em fóruns em que os participantes comparam parafusos redondos com porcas quadradas!

Segundo o fabricante, as mudanças foram pontuais com a utilização de drives que eles chamam de 'quarta geração', com um novo conjunto magnético mais potente, uma bobina de voz com massa efetiva reduzida e um diafragma reconfigurado, agora de 44 mm com uma melhora substancial na eficiência, e menor distorção, preservando a integridade harmônica de maneira audivelmente superior em relação a série E.

Os cabos e a faixa da cabeça foram redesenhados. O cabo de 8 mm utiliza cobre super recozido, para maior pureza do sinal, e a nova faixa de apoio na cabeça finalmente possui um pouco mais de amortecimento para deixar o fone mais confortável.

No entanto, quando em movimento, ouvindo-o fiquei sempre com a sensação que ele poderia cair da cabeça. O que para mim continua sendo uma idiossincrasia é a insistência em usar cabos tão grossos, que ficam enrolando e esteticamente não combinam nada com o peso de seus fones. Não é possível que a Grado não consiga colocar cabos de menor diâmetro em seus produtos sem perder a qualidade.

Ao contrário das dúvidas que ficaram ao final do teste do 325x (em que gostei de certas melhorias e outras nem tanto, sonicamente), gostei de todas as alterações realizadas no 125x em relação a série E.

Em relação a série anterior, o novo 125x ganhou maior arejamento, permitindo que a música 'flua' de maneira mais relaxada.

Isso beneficia ainda mais os solistas permitindo que tenhamos uma concentração ainda mais focada e nos permita observar atentamente o acontecimento musical.

Os médios continuam sendo o ápice de sua assinatura sônica, no entanto as pontas ganharam melhor extensão e definição, deixando tonalmente o 125x mais correto e coerente. Os amantes de gravações de piano solo, irão se surpreender o quanto essa maior extensão nas pontas deixou o 125x muito mais atraente.

As texturas são impressionantes para um fone nessa faixa de preço, pois conseguimos acompanhar todas as vozes sem nenhum esforço, e observar como um espectador privilegiado todas as nuances de intencionalidade de execução e da escrita musical.

Os transientes são precisos o suficiente para acompanharmos toda e qualquer variação de tempo no andamento rítmico. Um deleite auditivo!

A dinâmica, dentro dos volumes de segurança, é bastante correta, nos mostrando a mudança de intensidade sem parecer abrupto ou engolindo degraus.

A sensação da música dentro de nossa cabeça é bem 'organizada', e nas gravações tecnicamente bem feitas, o resultado será convincente.

Musicalmente o 125x me conquistou por dois aspectos: a segurança plena de se ouvir tudo em volumes seguros, com enorme prazer e interesse, e pela sua maior extensão nas pontas em relação ao modelo anterior, ampliando ainda mais seu poder de sedução que, antes, se baseava na sua impressionante região média.

CONCLUSÃO

Afirmo que o novo Grado Prestige SR125x é seguramente um avanço consistente da empresa, e irá conquistar muitos novos consumidores com certeza.

Por ser um fone aberto, reitero que é indicado para uso restrito dentro de casa, em um espaço reservado. Suas evidentes qualidades possibilitarão audições profundamente imersivas e prazerosas, que muitas vezes gastamos o triplo para se alcançar tão desejado resultado.

Se ele cabe no seu orçamento, e seu desejo é possuir um fone que lhe dê a segurança de ouvir sua música em volumes seguros e desfrutar de todos os detalhes, ele é uma interessante opção! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-UQGDLOEBMW](https://www.youtube.com/watch?v=-UQGDLOEBMW)

AVMAG #300

KW Hi-Fi

fernando@kwwifi.com.br

(11) 98369.3001 / 99471.1477

R\$ 1.400

NOTA: 75,0



DIAMANTE RECOMENDADO

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO SENNHEISER MOMENTUM 4 WIRELESS

Fernando Andrette



Sei que, como eu, existe uma legião de admiradores desta marca lendária. Ao longo de minha vida, possuí inúmeros modelos e atualmente ainda faço uso do HD 800, como uma de minhas referências.

No entanto, terei que pedir desculpas a todos os nossos leitores que possuem o Momentum 3, pois eu nunca o escutei. Falo isso, pelo fato de ter visto que em todos os testes do novo modelo 4, os revisores citam e compararam com o Momentum 3, sendo que as críticas à nova versão, vão desde o acabamento (substituição do couro natural pelo sintético, troca da estrutura de metal por plástico, para deixá-lo mais leve, não dobrar para viagens) até sonoramente, já que alguns revisores, gostam mais da região média do 3.

Não podendo fazer esse comparativo, me restou apenas focar e aplicar nossa Metodologia na avaliação do atual fone, OK?

Gostei muito da embalagem, da apresentação do produto, e ao ter o primeiro contato com o Momentum 4 Wireless, apreciei seu acabamento, seu conforto e peso na cabeça, sua facilidade de ajuste, controles sensíveis à mão em um simples toque, e como sem o uso ativo do cancelamento de ruído ele já isola o ambiente externo.

Sua autonomia de 60 horas me pareceu excelente, assim como ele é rápido e preciso aos comandos, para alterar volume, controlar a reprodução da música, ligar e imediatamente reconhecer automaticamente o celular, e a pausa da reprodução ao retirarmos o fone da cabeça.

Nas ligações, a inteligibilidade é excelente e o alcance do sinal é bem grande, pois em alguns momentos cheguei a me afastar por quase 10 metros do celular sem perdas.

As críticas que mais li foram a região média ser mais recuada que no modelo anterior, e os graves terem mais peso que na versão Momentum 3. Alguns até chegaram a afirmar que o novo Momentum perdeu um pouco da assinatura sônica que tinham da série HD.

E eu realmente fico com os dois pés atrás, pois estamos falando de fone Bluetooth, que pode até ser ligado a um cabo que vem com o produto, mas que se mostrou não ser a melhor opção para ele.

Com o Momentum 4, se você deseja extrair o melhor, não utilize o cabo, nunca!

Então vamos à principal pergunta, que acredito que todos vocês fariam: vale um investimento de 2.500 reais? (preço médio que achamos no mercado).

Se você precisa de um fone com cancelamento de ruído, seja por inúmeras viagens, ou por viver em ambientes com alto índice de poluição sonora, e você abriu mão de fones com fio, diria que o Momentum 4 Wireless é uma ótima opção.

Pois tem virtudes suficientes para merecer estar em sua lista de um futuro upgrade.

Vamos a elas.

Independente das críticas à troca de materiais da edição anterior para a atual, sua construção é impecável, as almofadas são confortáveis, as possibilidades de ajustes fazem com que o fone se encaixe perfeitamente na cabeça, e não é preciso ligar o cancelamento de ruído para se ter um bom isolamento externo. Seus comandos são precisos, sua autonomia está entre as melhores do mercado e, o que mais interessa – performance – essa também é de alto nível.

Aliás, diria que de todos os fones Bluetooth por nós testados nos últimos 12 meses, o Momentum 4 é o melhor!

Com esse conjunto de qualidades, acredito que tenha respondido parte da pergunta inicial, se vale ou não esse investimento.

Agora vou me debruçar nos quesitos de nossa Metodologia.

Seu equilíbrio tonal é o melhor de qualquer modelo Bluetooth por nós já testado, tanto que ele atingiu a maior nota nesse quesito de todos os fones sem fio já avaliados aqui na revista.

Discordo quem achou que sua região média soe recuada, o que realmente fica nítido é que existe uma coerência e uma perfeita harmonia entre os graves, médios e agudos.

Ele não é absolutamente plano, e isso ficou claro ao fazermos a varredura de 20 Hz a 20kHz, mas sua resposta é bastante plana entre 30 Hz e os 12kHz, com variações de menos de 2 dB nessa faixa tão

@WCJRDESIGN



GRADO

Se razão e sensibilidade não são suficientes para te convencer da superioridade de um fone Grado, que tal mais esses? CUSTO E PERFORMANCE!



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

CONHEÇA AS LINHAS DE FONES GRADO



PRESTIGE
SR325x



REFERENCE
RS2x



STATEMENT
GS1000x



WIRELESS
GW100x



PROFESSIONAL
PS2000e



IN-EAR
iGe3



KW HI-FI



@KWHIFI



KW HI-FI



(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/

FONES DE OUVIDO

repleta de informações. Isso permite um conforto auditivo grande e o que mais nos importa e defendemos: ouvir nossa música em volumes seguros.

Nunca foi preciso, em nenhum gênero musical, ultrapassarmos os volumes seguros para termos que recuperar alguma informação musical, seja de micro-dinâmica ou de texturas.

E aí vem a resposta aos que acham que os médios são recuados. Pois se isso fosse verdade, nos volumes seguros, como por exemplo os primeiros 12 compassos do Bolero de Ravel, teríamos que aumentar o volume, para à medida que a dinâmica cresce, ir baixando o volume.

E não foi preciso fazer uso desse expediente para constatar, antes mesmo de avaliar a resposta de frequência, que o fone se mostrou amplamente plano desde o grave até o agudo.

As texturas são altamente dependentes do equilíbrio tonal, e pela qualidade tonal, a apresentação de cada linha melódica em grandes grupos orquestrais não exigiu nenhum esforço adicional para acompanhar.

Pegue como exemplo o Segundo Movimento da Sétima de Beethoven: as linhas melódicas dos contrabaixos, cellos, violas e violinos, que abrem esse movimento. É um exemplo magistral para se avaliar texturas de qualquer fone ou equipamento. E quando entram os tímpanos, madeiras e metais, se as texturas não estiverem perfeitamente sustentadas por um excelente equilíbrio tonal, é uma catástrofe acompanhar cada linha melódica dos diversos naipes orquestrais.

Veja, amigo leitor, como é preciso ter referências seguras do que ouvir para podermos falar com segurança sobre qualquer produto em teste. E saber como esses instrumentos soam ao vivo, para podermos dizer se na reprodução eletrônica existe semelhança e fidelidade deles com o real!

O que no fundo estou tentando lhes mostrar, é que o Momentum 4 não tem médios recuados, de maneira alguma! Pois se tivesse, nesse exemplo da Sétima Sinfonia de Beethoven seria um caos ouvir esse Segundo Movimento.

Os transientes do Momentum 4 são fabulosos! Para um fone sem fio! Para fechar a avaliação desse quesito, usei uma gravação espinhosa para fones, até mesmo mais caros: a *Symphony No.4 - 'The Jungle'*, do trompetista Wynton Marsalis. O Primeiro Movimento, que nos primeiros 20 compassos tem uma alteração estonteante de andamento, com as percussões determinando o tempo e a dinâmica dos sopros e cordas. Em fones com problemas de resposta de tempo e andamento, essa variação dinâmica e de andamento pode parecer cansativa ou confusa.

Agora, quando tudo está no seu devido lugar, é um deleite acompanhar a genialidade da composição e a execução.

Wynton Marsalis é um gênio como instrumentista, arranjador e compositor, meu amigo! Se lhe resta alguma dúvida, ouça essa sua obra sinfônica. Ela está no nosso Playlist deste mês!

Essa mesma gravação também usei para fechar a nota tanto de micro e quanto de macro-dinâmica. Novamente o Momentum 4 nos surpreendeu, pois seu silêncio de fundo com seu ótimo equilíbrio tonal é a base para tão alto grau de transparência e apresentação de micro-dinâmica. E a macro, mesmo em volumes seguros, é precisa e impactante!

A materialização física dentro de nossa cabeça, com o Momentum 4, só ocorrerá nas gravações primorosas tecnicamente - mas isso não tira nenhum dos seus méritos, pois seu grau de conforto auditivo é realmente muito convincente.

E sua musicalidade, com isso, está absolutamente garantida!

CONCLUSÃO

Se você lê a revista toda e não só a Audiofone, sabe que mantenho um embate 'explícito' com o nível que o streaming de música se encontra em relação a mídia física, na AV Magazine, e aqui entre os fones com fio e os Bluetooth. E ao testar o Edifier mês passado, e agora esse Sennheiser, tenho que admitir que aqui a evolução dos fones sem fio está ficando algo sério e consistente!

Ambos, pelo fato de não concorrerem por estar em categorias distintas, mostram o quanto está evoluindo a passos rápidos os fones sem fio.

O que é uma ótima notícia aos que já abraçaram essa ideia!

O Sennheiser Momentum 4 merece fechar o ano como nossa nova Referência em fone sem fio, a ser batida pela concorrência em 2024, e estará certamente entre os Melhores do Ano, independente de sua topologia.

Com a confirmação da Sennheiser no Workshop Hi End Show, nossos leitores poderão ouvir essa joia.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VXM_ZCQ9ZDK](https://www.youtube.com/watch?v=vxm_zcq9zdk)

AVMAG #302
 Sennheiser
www.sennheiser.com
 R\$ 2.780

NOTA: 82,0



ESTADO DA ARTE

FONE DE OUVIDO BOWERS & WILKINS PX8

Fernando Andrette



Na edição 264, nosso colaborador Juan Lourenço testou a versão Px7, e na apresentação do produto ele nos lembra do grande feito do fabricante Inglês, já que produzir fone de ouvido Bluetooth e com cancelamento de ruído ativo com pretensões hi-end, é uma tarefa que exige domínio tecnológico e uma implementação eficaz desses recursos.

O Px7 foi um sucesso de público e crítica, e colocou a linha PX da Bowers & Wilkins na linha de frente junto com a Focal e a T+A, duas marcas bastante em evidência no mercado hi-end.

O Px8 mantém o design elegante e bem acabado do Px7, com avanços centrados, acima de tudo, na performance no novo modelo. O couro Napa que é utilizado na faixa da cabeça e nos protetores do ouvido, além de extremamente agradável, é confortável e reduz com eficiência o ruído externo, ainda que o fone esteja desligado.

Você pode escolher a versão em preto (o que nos foi enviado), ou a versão McLaren comemorando a parceria em que os carros dessa montadora são equipados com sistemas de áudio Bowers & Wilkins desde 2015. Nesse caso, o acabamento em cinza galvânico possui detalhes em laranja papaia, inspirados nos primeiros carros de corrida do fundador Bruce McLaren, ou no modelo comemorativo 'aniversário diamante' em couro Midnight Blue, em homenagem ao smoking usado pelo personagem James Bond em sua primeira aparição em 1962. Nessa versão, além do couro exclusivo, a parte em metal possui detalhes e o clássico logotipo 007 na parte superior, e um controle deslizante vermelho exclusivo (veja foto dos três modelos e preços no final do teste).

Em termos de performance não há nenhuma diferença entre as três versões.

Seu peso final é de 320 gramas, deixando-o ainda mais confortável, e a faixa permite que o peso seja muito bem distribuído na cabeça. Esse, na minha opinião, é um dos pontos fortes desse fone.

Internamente, em relação ao Px7, foram feitas profundas modificações, começando no material do cone de 40mm e do uso de fibra de carbono no lugar da biocelulose do Px7. Segundo o fabricante, esse novo cone é mais leve e mais rígido, reduzindo significativamente a distorção e melhorando a transparência e a inteligibilidade.

O Px8 mantém o Bluetooth 5.2, com a compatibilidade aptX Adaptive, o uso de quatro microfones para o cancelamento de ruído e mais dois para a captação de voz em chamadas telefônicas.

A bateria não sofreu alteração, mantendo a duração de 30 horas sem precisar recarregar, o que dá ao usuário uma autonomia de mais de um dia, caso esteja em longas viagens intercontinentais. Outra escolha assertiva, foi manter os micros botões, em vez de seguir a nova tendência de toques rápidos em um único comando.

Fácil de decorar, e os controles pela sua precisão ajudam muito a não trocarmos os comandos.

Os comandos, no fone de ouvido esquerdo, alternam entre as opções de cancelamento de ruído - ligar ou desligar - e ativar o assistente de voz.

No aplicativo Bowers & Wilkins Music é possível ajustar os controles de grave e agudo com a possibilidade de utilizar plataformas como o Tidal, QoBuz e Deezer.

O Px8 vem em uma embalagem elegante, e uma bolsa resistente e de bom acabamento para proteger o fone na mochila. O fabricante disponibiliza um cabo USB-C para 3.5mm, caso você não queira usar o Bluetooth. Vi várias discussões em fóruns de usuários que gostariam de uma melhor opção desse cabo, pois ele se mostrou inferior ao Bluetooth, mas tenho a nítida impressão que isso foi pensado pelo fabricante, pois o objetivo é que o usuário desfrute das suas virtudes como um fone sem fio.

Seu cancelamento de ruído achei muito bom, nos deixando quase que completamente isolados do mundo externo.

Sua sonoridade com o cabo realmente é inferior, e com um problema: em volumes reduzidos se perde muita informação. Então esqueça essa opção, e tire o melhor proveito do Px8 em Bluetooth, aí sim você poderá ouvir em volumes seguros e com excelente detalhamento.

Seu equilíbrio tonal é bem correto, com graves sem excesso e muito precisos. A região média tem excelente inteligibilidade, independente ▶

FONES DE OUVIDO

da complexidade e do número de instrumentos soando simultaneamente. Vozes e instrumentos acústicos soam com enorme naturalidade e conforto auditivo. E os agudos possuem ótima extensão e decaimento.

Vi discussões acaloradas em alguns fóruns, em que os participantes gostariam de graves com maior 'peso', e outros que os agudos soaram 'tímidos'. Eu sempre me pergunto o quanto esses usuários possuem de referência para chegarem às suas conclusões. E fico buscando por dicas de faixas ou discos que esses participantes utilizaram para tirar suas conclusões, e quando consigo, tenho enorme interesse em conhecer para entender essas conclusões.

E na maioria esmagadora dos casos, as músicas utilizadas são simplesmente desprovidas de qualquer relação com instrumento real, e têm um grau de compressão estúpido. Chama muito a atenção o quanto o que chamam de 'peso', são graves distorcidos, turbinados e de uma nota só! E o agudo possui tanto brilho de equalização, somado com reverberação digital de 'catedral', que simplesmente alterou por completo o timbre dos instrumentos que estão soando nesta região.

Aí, me desculpe a todos aqueles que deram esse tipo de opinião, mas fones como o Px8 não são para reproduzir essas 'referências'. Acredito que fones muito mais baratos, e com um equilíbrio tonal 'sorriso' na sua curva de equalização, lhes darão o que esperam de um fone com mais 'peso' nos graves e mais 'brilho' nos agudos.

As texturas, graças a sua região média refinada, são um grande deleite de serem apreciadas. Pois são reproduzidas com uma qualidade de cores e paletas tão intensas, que podemos fazer uma imersão profunda no acontecimento musical por horas.

E ir saboreando cada intenção, das mais sutis às mais explícitas.

Talvez seja esse quesito o ponto mais alto desse fone!

Os transientes são muito corretos, e com um grau de precisão que nos deixa sempre atentos ao andamento e variações de tempo e ritmo da música.

Sua macrodinâmica é surpreendente, e em volumes seguros e corretos da gravação, não haverá decepções.

E a microdinâmica é muito bem retratada, e nos permite acompanhar sem esforço todos os detalhes dos ruídos óbvios de chaves, tosses da plateia, aos sussurros de maestros em êxtase com o que estão conduzindo. Você pode ficar surpreso do quanto os maestros sussurram e expressam suas emoções no momento da gravação!

A sensação da materialização física dentro de nossa cabeça, é um evento que muitos adoram e outros, como eu, acham profundamente estranho!

Já disse centenas de vezes, que minha relação com fones é rigorosamente 'profissional', pois nunca consegui conviver por mais de duas a três horas por dia com eles, independentemente de seu grau de performance e conforto. Então, esse quesito de nossa Metodologia prefiro mil vezes ver se materializar à minha frente em nossa Sala de Referência, do que dentro de minha cabeça em tamanho 'miniatura'.

Mas é interessante ver que existem fones em que essa 'materialização física' dentro da minha mente parece, às vezes, ser mais 'etérea' e outras vezes mais sólida. E no caso do Px8, ficou evidente que nas gravações excepcionais tecnicamente essa materialização foi bastante 'sólida'.

Musicalmente, diria a todos os interessados que o Px8 está mais para a reprodução 'quente' do que para a analítica. E isso no meu ponto de vista é muito melhor, pois permite que você possa desfrutar por mais horas de sua companhia, sem fadiga auditiva!

O fato dele não ter graves exagerados e tão pouco agudos brilhantes, ajuda demasiadamente para seu conforto auditivo.

CONCLUSÃO

Acho que a Bowers & Wilkins deu mais um passo consistente em sua odisseia no universo de fones de ouvido hi-end.

Com enorme competência e méritos!

Ainda que seja um fone relativamente caro para muitos dos nossos leitores da Audiofone, suas qualidades justificam esse valor.

Pois, além de um fone muito bem concebido, construído e com um excelente acabamento, ele se coloca consistentemente na linha de frente dos fones sem fio com cancelamento de ruído.

Se você busca um fone sem fio nesse padrão de qualidade e performance, será um erro não o escutar! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DEI-AQGH8LY](https://www.youtube.com/watch?v=DEI-AQGH8LY)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JBBSGIFRIHE](https://www.youtube.com/watch?v=JBBSGIFRIHE)

AVMAG #299

Som Maior

sommaior@sommaior.com.br

(47) 3472.2666

PX8 - R\$ 5.990

PX8 - 007 Edition - R\$ 7.990

PX8 - MacLaren Edition - R\$ 7.990

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE



99 Classics Maple Silver

LIMITED EDITION 2020



Adquira já essa joia rara!

A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO MEZE 109 PRO

Fernando Andrette



Já vivi o suficiente para não criar expectativas quanto a receber um produto para teste, no entanto dizer que não estava curioso em saber o quanto o Meze 109 Pro seria superior ao 99 Classics, eu estaria no mínimo mentindo para mim mesmo.

Os nossos leitores da Audiophone sabem que o 99 Classics da Meze é uma de minhas referências há mais de três anos, e os que apreciam e concordam com a nossa linha editorial, sabem que ele foi um dos escolhidos justamente por ter um excelente equilíbrio tonal em volumes seguros! Mas o 99 Classics não é apenas um fone correto tonalmente, sendo confortável, leve e muito robusto para o uso diário.

O Meze 109 Pro, ao contrário do Classics, é um fone aberto, maior que o Classics, e com um acabamento em nogueira ainda mais bonito e confortável, e como toca!

Atualmente esse fabricante romeno possui 9 modelos em linha, e o que é surpreendente é que independente de ser um fone de entrada ou o top de linha, os cuidados com o acabamento e a performance de todos os modelos exprimem exatamente a personalidade que a Meze deseja aos seus produtos.

O que me deixou ainda mais curioso, ao receber o 109 Pro, foi justamente o fato deste ser o primeiro fone dinâmico aberto da Meze. As especificações do 109 Pro são bastante interessantes: driver de 50

mm, resposta de frequência de 5Hz a 30 kHz, impedância de 40 ohms, sensibilidade de 112 dB e peso 375 gramas.

Como acessórios vem um cabo de 1,5 m com um plugue estéreo de 3,5 mm em uma extremidade e dois plugs TRS de 3,5 mm conectados ao fone, um segundo cabo de 3 m com os mesmos tipos de plug, um adaptador de 1/4 para 1/8, e uma bolsa rígida para o fone.

O exterior do 109 Pro é de madeira nogueira escura, com a parte externa coberta com uma malha preta para proteger o fone, permitindo a passagem de ar e do som. As almofadas são compostas de uma espuma coberta de veludo e são, além de macias, bastante respiráveis. As aletas de metal fundido em cobre, sustentam os fones e ligam o mesmo ao arco principal do fone. O chassi é feito de uma liga de zinco-manganês, ultra leve e rígida. Uma faixa de couro larga é presa de forma elástica a um par de travessas de armação de cor de cobre, para o ajuste perfeito à cabeça. Todo o controle de qualidade e montagem são feitos na Meze em Baia Mare, na Romênia.

O driver usa um diafragma produzido com dois compostos distintos. A cúpula principal tem uma seção transversal em forma de W e é composta de celulose reforçada com fibra de carbono. Com o objetivo de minimizar ressonâncias e possibilitar uma apresentação de detalhes da forma mais fiel possível. Essa cúpula é fixada em um material feito de polímero semicristalino revestido de berílio, para um baixo peso, maior rigidez e uma resposta de transientes precisa. Um anel estabilizador

de liga de cobre e zinco é empregado ao redor do diafragma para absorver vibrações parasitas, possibilitando uma distorção baixa e controlada. Todo o diafragma está alojado em uma estrutura de alumínio usinado em CNC, e se utiliza um ímã de neodímio.

O fabricante oferece opções de cabos premium, caso o usuário deseje fazer futuros upgrades no fone.

O 99 Classics é o fone que utilizo no meu celular para a escolha das gravações que irei armazenar em minha coleção pessoal, para futuras Playlist. Então é atualmente o fone que mais escuto no dia a dia.

Então nada mais justo que trocar o 99 pelo 109, quando fui preparar em abril os discos que iria separar. E aí veio a primeira constatação: o DAC interno do meu celular está muito aquém do nível do 109 Pro. E pensar em ouvir nessas condições será subutilizar esse excelente fone.

Aí usei esse expediente apenas para o amaciamento de 50 horas, antes de realmente começar os testes.

Os dois amplificadores de fone utilizados foram: Classic Nagra Preamp de linha, e o amplificador de fone do Gold Note PH-1000. Ambos excelentes, e minhas Referências na atualidade.

O equilíbrio tonal do 109 Pro é mais correto e preciso que o do 99 Classics, com graves ainda mais extensos em termos de fundação, médios mais detalhados e ainda mais naturais. E a região alta com decaimento muito mais extenso e uma capacidade de recriação das ambiências sem cair na armadilha de acentuar o brilho para realizar essa proeza.

Os agudos são realmente muito confortáveis, mesmo em gravações que não primam por um agudo mais correto (não falo de uso de equalização para acentuar os agudos, e sim da escolha errada de microfones ou da qualidade duvidosa dos instrumentos), permitindo um conforto auditivo primoroso nos volumes seguros.

E ainda que o ouvinte se empolgue, e queira escutar nos volumes-limite das gravações, o conforto auditivo estará presente.

Ouvir esse padrão de qualidade em um fone que, lá fora, custa menos de 1000 euros, é um desafio e tanto meu amigo.

As texturas acompanham o mesmo nível de seu equilíbrio tonal, com uma riqueza de paletas que lhe permite observar até mesmo a qualidade técnica de cada músico e seus respectivos instrumentos, como no caso dos quartetos de cordas, instrumentos solo e vozes em capela! Você pode passar uma tarde descobrindo detalhes e riquezas de cores nos timbres e intencionalidades!

Quanto aos transientes, o ouvinte não familiarizado com esse nível de requinte a princípio pode ficar um pouco confuso, com tamanha precisão e folga. Pois ainda que as variações de velocidade sejam

muito intensas, não há esforço para reproduzir essas passagens. Sendo uma bela referência em termos de tempo e ritmo.

A dinâmica é outro quesito exemplar para essa faixa de preço, pois tanto a macro em volumes seguros, quanto a micro, são reproduzidas com precisão tanto em escala como em detalhes.

Os crescendos até o ápice, nunca são tensionados ou precisam de um controle rigoroso sobre o volume, nunca endurecendo ou clipando o sinal (desde que nos volumes corretos e seguros, claro).

A materialização física na sua cabeça ou, nas melhores gravações, na frente do globo ocular, são magníficas. E o mais importante: zero fadiga!

CONCLUSÃO

Se o 99 Classics já era uma referência em sua categoria, o 109 Pro extrapola essa fronteira de ser um referencial em sua faixa de preço, penetrando em fileiras muito à frente do seu valor.

Isso certamente é excelente para todos que buscam um excepcional fone dentro de um valor racional e conquistável - e péssimo para a concorrência, sejam modelos dinâmicos fechados ou abertos. Pois o Meze 109 Pro consegue firmar ainda mais esse fabricante romeno como um dos pilares dos fones corretos existentes atualmente no mercado.

E consegue tamanho feito seguindo a fórmula correta de se fazer fones hi-end sem querer reinventar a 'lâmpada', tendo o melhor equilíbrio tonal como base sem nenhum artefato pirotécnico ou impactos que agradam no primeiro momento, e depois, como uma piada re-contada, perdem a graça.

Tudo no 109 Pro tem uma razão de ser, pois o único objetivo é fornecer ao ouvinte a ferramenta ideal para ouvir seus discos, sem recorrer a truques ou equalizações. Ele não irá turbinar absolutamente nenhuma gravação e, com isso, ouvi-las nos volumes corretos e seguros será absolutamente prazeroso.

Uns entendem essa maneira de reproduzir como musicalidade. Eu entendo como resultado de saber fazer bem feito! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YJ6ERY6RBSA](https://www.youtube.com/watch?v=YJ6ERY6RBSA)

AVMAG #296
German Áudio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R\$ 7.470

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO IKKO OBSIDIAN OH10

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Inúmeros leitores nos falam de sua preferência por fones intra-auriculares, pois sua referência desde muito jovens, quando ganharam seu primeiro celular, foi com esses fones e hoje têm dificuldade de se adaptar a fones externos, por questão de liberdade de movimento, peso e até mesmo medo de serem assaltados nas grandes cidades.

Visando esse público, os fabricantes têm investido cada vez mais nesses fones, pois sabem que essa geração dificilmente irá abrir mão dessa comodidade.

Então, para atender a esse público leitor, fiz uma pesquisa nos fóruns internacionais para descobrir o que tínhamos a disposição aqui oficialmente, e que atende aos nossos pré-requisitos para teste - o melhor equilíbrio tonal possível em volumes seguros e em uma faixa de preço razoável.

E o primeiro na lista a atender esses requisitos foi o Ikko Obsidian OH10, um fone que lá fora custa menos de 200 dólares e foi bem recebido pelo mercado.

Para quem não conhece, a Ikko é uma marca chinesa que entrou no mercado mundial com seu fone OH1. Atualmente ela também produz

o dongle Zerda que é um DAC e amplificador de fones para celular, o OH10, o Arc ITB01 Bluetooth, e seu fone mais sofisticado o IEM Musikv OH7.

O OH10 é, na verdade, uma edição melhorada do OH1, com o mesmo design, porém fabricado com materiais mais nobres e pequenas melhorias pontuais. Os drivers são os mesmos, com novos materiais utilizados em sua estrutura interna.

No modelo OH10 temos o cobre puro para fabricar a cavidade, que ainda mantém o driver de armadura balanceada, e o driver dinâmico de diafragma que é composto de polímero de 10 mm banhado a titânio. Segundo o fabricante ele possui uma resposta de 20 Hz a 40 kHz, sensibilidade de 106 dB, e impedância de 4 ohms. Ele vem com um cabo de 1,2m com conector de 3,5 mm banhado a ouro - feito de 4 fios de cobre de alta pureza sem oxigênio, revestidos de prata.

O fone vem em uma embalagem bem feita, de tamanho reduzido, com um desenho de uma princesa sentada em uma pedra de Obsidiana, que deve chamar a atenção da Geração Z que curta uma levada esotérica em seu universo lúdico. E no verso temos especificações técnicas e uma foto do produto em vários idiomas. ▶

Abrindo a embalagem nos deparamos com os cabos, um estojo de couro, o compartimento com as pontas de silicone na versão branca e preto - no total com 6 opções nos tamanhos: pequeno, médio e grande. E, por fim, o cabo.

O que chama a atenção do OH10 é seu peso, ainda que o acabamento tenha um excelente polimento e seja todo revestido por uma resina especial, como se fosse uma joia sofisticada. Os bicos do fone são feitos do mesmo material, e o diâmetro é de 6 mm.

Li que a ergonomia, devido ao peso do fone, é o ponto central das discussões nos fóruns. O que eu posso dizer é que essa questão pode ser amenizada se o usuário conseguir utilizar as pontas certas na hora do encaixe, caso contrário realmente o peso pode ser um problema.

No meu caso, a ponteira menor foi a mais adequada, conseguindo a pressão necessária para um encaixe perfeito e o melhor som possível.

Antes de iniciar a avaliação, preciso dizer que não sou nenhum fã de fones intra-auriculares por um único motivo: os ruídos que se acen-tuam com o fechamento do canal auditivo. Pois todo ruído de respira-ção, barulho de boca e o simples roçar do cabo na roupa se acentuam demais para mim, tirando a concentração da música.

Agora, se eu conseguir estabelecer uma postura de faquir por um período de uma a duas horas, sem respirar, me mover ou cometer o deslize de engolir a saliva, conseguirei até apreciar os fones intra-auriculares.

Esclarecido esse pequeno 'detalhe', vamos ao teste.

Utilizei, além de dois celulares Samsung, o nosso amplificador de fone de referência do Nagra PREAMP Classic.

E tenho que admitir que seu equilíbrio tonal é excelente, e nos permite ouvir música de qualquer gênero em volumes realmente seguros!

Li todos os testes publicados lá fora e percebi o tempo gasto pelos revisores discutindo se esse fone tem uma curva de equalização em 'V' ou 'W', e que para a maioria ele segue a equalização "W-sound". Interessante como os revisores de fones tem a necessidade de avaliar equilíbrio tonal por curvas de equalização, como se isso fosse ajudar o consumidor na escolha de seu fone. Seria tão mais prático e objetivo eles aplicarem o óbvio, e informar apenas o leitor se o fone tem uma resposta de curva linear, ou não.

E para se ter essa resposta, basta ouvir o fone em teste com as gravações corretas, feitas sem compressão e equalização, e ouvi-las no fone em vários volumes distintos.

Um fone com o equilíbrio tonal correto, em volume baixo, terá que mostrar tudo que ocorreu na música com a melhor inteligibilidade possível.

Soou ok? Não se perdeu nenhum detalhe da música, não precisou de esforço algum para entender determinadas passagens?

Esse é o primeiro sinal de um bom equilíbrio tonal. Então, vamos para a segunda etapa: aumente um pouco o volume e veja se alguma frequência começa a se destacar e se separar das demais.

O que eu garanto para você é: se em volume realmente baixo não apareceu vales e picos, ao aumentar um pouco o volume, isso também não irá ocorrer.

Continuemos: se em um volume mais próximo do ideal da gravação, tudo se mantém confortavelmente audível, esse fone possui um bom equilíbrio tonal.

Mas volto a lembrar: é preciso escolher uma gravação e sem equalização e compressão. Então não escolha seus fones com gravações tecnicamente limitadas e artisticamente pobres! Essa é a questão relevante e que muitos pseudo revisores 'moderninhos' sequer levam em consideração, e por isso que ocorre tanta desinformação e avaliações tortas e mal feitas!

E se o fone passou pelas duas fases do teste do volume, e quiser tirar a 'prova dos nove', ok! Coloque no volume correto da gravação ainda (esse volume é aquele que não nos incomoda e nos fortíssimos não distorce ou comprime o sinal), e escute novamente. Se nada ficar para frente ou tiver uma tendência a ficar te chamando a atenção, o equilíbrio tonal além de correto possui refinamento suficiente para não causar fadiga auditiva.

Quer um bom exemplo para essa avaliação de equilíbrio tonal? Ouça essa gravação, de Ravel: *In Search of Lost Dance*, com o Linos Piano Trio. Sei que muitos de vocês podem ter 'urticária' ao ouvir música clássica, mas se querem ter um exemplo seguro na escolha de seus fones, no quesito mais essencial para não danificar sua audição e ter qualidade mais correta, façam esse esforço e escutem a faixa 5 desse disco: *Pavane pour une Infante Défunte*.

Primeiro no volume mais baixo possível, quase sussurrante, o famoso: 'na calada da noite'. O violino à esquerda, o piano ao meio e o cello à direita.

Essa gravação trabalha de forma magistral as baixas frequências tanto do cello como do piano, e as médias altas e o agudo com as duas últimas oitavas da mão direita do piano e do violino. Se você não conhece a música, ouça por favor umas duas vezes, para se familiarizar com a melodia.

Em baixo volume, observe se escuta integralmente, o tempo todo, os três instrumentos. Se tiver dificuldade, comece a duvidar da qualidade do equilíbrio tonal do fone. Se precisar aumentar o volume para

FONES DE OUVIDO

tentar acompanhar os três instrumentos, e algum deles começar a se destacar dos outros, esqueça o fone que estiver usando, OK?

Voltando ao OH10, como já escrevi, seu equilíbrio tonal é excelente! Seja em que volume você escolher ouvir seus discos. E esquece essa besteira de 'curva W', pois ele é suficientemente linear para reproduzir todas as frequências sem picos e vales!

Com isso, a apresentação das texturas dos instrumentos é também de alto nível, permitindo o acompanhamento de cada linha de todos os instrumentos, em toda diversidade de paletas de cores, nuances e intencionalidade. Levando-o a uma imersão completa!

Os transientes são outro ponto alto do OH10. Você irá se surpreender o quanto ele apresenta com extrema precisão o tempo e o andamento da música. Ouvir obras com grande variação de ritmo é simplesmente um deleite com esse fone!

A dinâmica nessa faixa de preço é uma surpresa e tanto. Pois conseguimos ouvir obras complexas, de muita variação, em volumes seguros, sem querermos aumentar o volume.

Essa é uma grande dica também, pois muitos ao quererem sentir aquela passagem dinâmica com maior impacto, gostam de aumentar o volume, e com o OH10 isso não será preciso (mais uma vez, só é possível curtir a macrodinâmica em volumes seguros, quando o equilíbrio tonal é impecável).

Um problema ainda não solucionado nos fones intra-auriculares (pelo menos de todos que ouvi e teste) é em relação a todos os instrumentos terem sempre um tamanho reduzido, dificultando levar nosso cérebro a esquecer que é só reprodução eletrônica.

Já escrevi até em editorial que não levaríamos em consideração para avaliação de fones soundstage e corpo harmônico, pois ambos - seguindo de nossa Metodologia - estão muito abaixo do padrão mínimo aceitável.

No entanto, nos fones intra-auriculares o corpo é ainda mais diminuído e homogêneo que nos fones abertos.

Pode ser que isso não lhe incomode em nada, porém a mim incomoda e muito.

Não sei se existe algum fone intra-auricular que já tenha vencido essa barreira e encostado nos fones externos, mas esse é um objetivo ainda a ser atingido em minha opinião.

Se falta mostrar a relação distinta de tamanho entre os instrumentos, o OH10 sobra em colocar no centro de nosso crânio os músicos materializados (ainda que em tamanho reduzido). Diria que muitos de vocês irão adorar a experiência de ouvir com tantos detalhes os instrumentos e vozes.

Outra questão que vejo ser dada pouca ênfase nos testes internacionais, é quanto à questão de ponto de equilíbrio entre inteligibilidade e ausência de fadiga auditiva dos fones avaliados. Para nossa Metodologia, na avaliação de fones, sem termos claro o grau desse ponto de equilíbrio alcançado pelo produto em teste, fica impossível determinar a nota do quesito musicalidade.

O OH-10 é muito bom nesse quesito, pois consegue com incrível maestria mostrar a transparência sem nenhum excesso, oferecendo alto grau de inteligibilidade com baixa fadiga auditiva!

CONCLUSÃO

A Ikko certamente está aprendendo a entender esse mercado, e buscando lançar produtos cada vez mais competitivos e de excelente nível de construção, acabamento e performance.

E estão aprendendo rápido!

O Obsidian OH10 é um excelente fone intra-auricular que certamente irá agradar a todos que desejam um fone com essas características.

Tem coisas que podem ser melhoradas? Certamente que sim, como o cabo muito fino, e seu peso. A questão é o quanto esses dois detalhes podem impactar no preço final do produto.

Em sua faixa de preço são muito competitivos, e certamente estão dando uma grande dor de cabeça para os fabricantes concorrentes.

Se você deseja um intra-auricular nessa faixa de preço, o OH10 merece ser colocado em sua lista de opções! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=S3OXR6ZO4DQ](https://www.youtube.com/watch?v=S3OXR6ZO4DQ)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HT9GI8JPR-8](https://www.youtube.com/watch?v=HT9GI8JPR-8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ADGNE5XNZ0Q](https://www.youtube.com/watch?v=ADGNE5XNZ0Q)

AVMAG #298

KW Hi-Fi

fernando@kwhifi.com.br

(11) 95442.0855 / (48) 3236.3385

R\$ 1.708

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE ▶



Novo album
piano solo

NOTTURNO 2021

Edição especial

Faixas bônus, encarte em pdf e arquivos originais em 16/44 disponíveis para download exclusivo através do site.

andremehmari.com.br

Lançamento
Setembro 2021

“ Miraculosamente prolífico, André Mehmari tem praticamente um disco gravado para cada ano de vida. Cada um desses mais de 40 álbuns conta; é difícil escolher dentre as múltiplas facetas de um talento musical tão eclético, que não cessa de surpreender quando nos parece que ele já fez de tudo – e em todos os instrumentos possíveis, imagináveis e imaginários. Notturmo 20>21 destaca-se como um dos mais introspectivos de toda sua trajetória. Mehmari está só, ao piano, que o acompanha desde sempre. E compartilha conosco ideias musicais cristalizadas em noites de insônia dos sombrios tempos que nos assolam. Os tempos são de pesadelo; a música que deles brota, contudo, não é. Pelo contrário: é uma música que reafirma nosso direito de sonhar. “Música de sobrevivência”, na feliz expressão que ele toma emprestada de um de seus ídolos, Egberto Gismonti. Trata-se também de uma espécie de *Pequeno Livro de André Mehmari*, um bloco sonoro de notas em que, ao lado de suas composições, ele finalmente compartilha com o mundo referências do que costumava tocar e gravar em ocasiões íntimas, mas sem se decidir a trazer a público. “

Irineu Franco Perpétuo

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



Estúdio Monteverdi

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD-5

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Quando o audiófilo pensa em fones magnético planar, certamente a marca Audeze será imediatamente acionada em sua mente e se ele é um fã de carteirinha dessa topologia, ele certamente conheceu a Audeze ou pelo modelo LCD-2 lançado em 2009 ou o LCD-3 lançado em 2011.

O LCD-4 veio em seguida em 2015 e depois todo esse hiato de tempo até o lançamento do novo LCD-5, que segundo o próprio fabricante tudo foi aprimorado nesse novo fone de ouvido, desde os drives, até a moldura e design, tudo na busca de um novo padrão de performance e conforto. Uma das maiores críticas de muitos usuários e admiradores da linha de fone Audeze era justamente o peso, que para muitos (eu me incluo), era cansativo após uma hora de audição.

Pois bem, o novo LCD-5 agora pesa 1/3 a menos que o seu antecessor o modelo 4. Seu novo drive deixou sua resposta ainda mais estendida nas frequências altas, assim como seu novo design melhora segundo o fabricante as respostas dos médios superiores. O novo modelo utiliza uma estrutura composta de magnésio, acetato e fibra de carbono.

O fabricante ao apresentar o LCD-5 deixa claro que o novo modelo é ainda mais transparente, com maior resolução e velocidade na resposta de transientes. Isso, graças aos ímãs Fluxor e guias de ondas Fazor atualizados junto com as novas bobinas de voz Parallel Unifor-

e, tudo com patentes pendentes, que empregam em seu projeto, uma impedância baixa, redução drástica de distorção e um controle de ruído mais uniforme e controlado sobre o movimento do diafragma resultando (segundo o fabricante) em uma resolução da micro e macro ruído mais aprimorada.

Para um foco ainda mais preciso a Audeze investiu em uma câmara acústica, com novas almofadas esculpidas para minimizar reflexos e ressonância, enquanto sua bobina de voz Parallel Uniforce, permite maior espaço entre os ímãs para ampliar a resposta de frequência e possibilitar um palco mais aberto. Pesando 420 gramas o LCD-5 permite ao usuário maior tempo de uso para suas 'imersões' auditivas.

A nova arquitetura do arco envolve o crânio e ajuda a colocar o fone na posição ideal e as espumas maiores propiciam uma vedação superior em orelhas de tamanhos distintos. Os novos cabos são de cobre OCC de alta pureza que fornece um caminho de baixa capacitância e baixa resistência para o sinal. Ele vem de fábrica com um cabo XLR terminado em um sistema balanceado ou pode ser usado também com o adaptador de extremidade única.

Na compra do LCD -5 o cliente recebe o fone, um cabo trançado premium de 2,5 m, cabo balanceado XLR de 4 pinos, adaptador XLR de 4 pinos para 1/4. Tudo embalado em um lindo estojo de alumínio.

Tentei com os amigos músicos conseguir uma versão LCD-4 para um comparativo, mas ambos estavam em uso, assim sendo só consegui rever minhas anotações quando testei e tive por quase quatro meses o antigo LCD-3. Comparar o LCD-5 com o 3 é covardia, pois a cada nova série muitas melhorias foram feitas e muitas soluções encontradas.

A Audeze é uma referência absoluta nos estúdios americanos e entre os músicos de estúdio ou não. O que contribuiu para espalhar sua fama mundial de fones que reúnem uma capacidade de transparência e detalhamento das gravações como nenhum outro fone consegue.

Mas assim como caixas monitores de estúdio, talvez não sejam a ideal para salas domésticas, o mesmo se passa com os fones que são referências em salas de gravação, quando migram para a cabeça de melômanos ou audiófilos. Essa questão remonta desde o final dos anos 80, com os famosos fones de ouvido da AKG, utilizados nos melhores estúdios de gravações, que quando caíam no universo doméstico, mais decepcionavam do que agradavam.

Claro que essa fronteira hoje é muito mais tênue e ambos os universos não só trocam 'figurinhas' como conseguem ter produtos que atendam tanto aos músicos de estúdio, quanto a audiófilos. E para

tanto, basta que o fone em questão, atenda a esses distintos públicos de maneira consistente.

E o Audeze LCD-5 o faz com propriedade, sobriedade e competência. O 'sobriedade' não tem nenhuma relação com a performance e sim com a estratégia do fabricante em desenvolver um produto que possa atender a ambos os mercados. E nesse aspecto acho que nenhum outro LCD, foi tão feliz na sua proposta de fincar o pé em ambos os mercados. Pois não teve que fazer concessões para um ou outro segmento, e sim fazer seu projeto evoluir a tal ponto que todos que necessitam como ferramenta de trabalho (músicos), ou desejam um fone com um realismo 'superior' para ouvir seus discos (mercado hi-end), agora o tem.

Quando um fabricante atinge esse ponto de equilíbrio, entre segmentos tão distintos e por muitas vezes tão antagônicos, esse fabricante merece o reconhecimento da mídia especializada e sobretudo do próprio mercado.

Para o teste utilizamos nosso sistema de referência e o pré de fone do pré de linha do Nagra Classic, através do adaptador fornecido pela própria Audeze.

Tentei conseguir um pré de fone balanceado de alto nível, mas não consegui devido ao pouco tempo de disponibilidade para o teste (estava voltando de férias merecidas, após sete anos sem férias). Mas creio que consegui responsabilmente cumprir à altura meu papel de revisor, com o Audeze ligado ao Nagra Classic, que é nosso pré de fone de referência também.

O LCD-5 veio pré amaciado, ainda assim deixei mais 100 horas de queima, antes de realizar o teste e ouvir nossos discos da metodologia. O Audeze com suas almofadas de couro cumpre com o que prometem de diminuir o contato com o mundo externo. Ergonomicamente ele se encaixa perfeitamente, não nos deixando com a sensação de que algum movimento brusco ele cairá de nossa cabeça. Sou bastante encajado com esse risco, ainda mais com fones caros como o Audeze.

Se a proposta central de um fone Audeze é recriar todos os detalhes e nuances de uma gravação, eles realmente chegaram lá. Nada passa incólume do que ocorreu na sala de gravação, ou depois na mixagem e na masterização. E quando eu digo nada, é nada mesmo, então se prepare para ser testemunha auditiva dos acertos e dos erros, claro! Se isso lhe diverte e você sonhou em um dia ter esse grau de simplicidade com a música que você ama, meu amigo esse é seu fone sem dúvida alguma.

A proposta de foco e de distribuição do acontecimento musical dentro de sua cabeça ou à frente do seu nariz, também é cumprida com esmero. Seu equilíbrio tonal é de uma extensão nas duas pontas

absurda e com isso novamente tem o lado bom e o não tanto, quando você escolher aquelas gravações que você tanto gosta artisticamente e tanto lamenta tecnicamente. Pois o Audeze escancara as virtudes e expõe os defeitos.

Os transientes são a melhor referência que ouvi em fones nesse patamar, são assustadoramente (estou afirmando no sentido literal), precisos. Ouvi solos de bateria, percussão, guitarra e piano de ter sobressaltos na cadeira. E a dinâmica, tanto a micro como a macro também impressionam, mas lhe peço, não se empolgue e comece a querer abusar do volume, pois com o índice de distorção ultra baixo, a vontade é realmente essa em excelentes gravações. A sensação final é de estar literalmente junto com os músicos no momento da gravação. Por algum motivo que não consigo explicar, o LCD-5 para mim criou esse efeito de 'tele transporte' muito mais com gravações de estúdio que salas de concerto, ou melhor com pequenos grupos acústicos como trios e quartetos.

Nessas gravações o efeito 'estar junto' foi incrível!

CONCLUSÃO

Um fone Hi-End é sempre uma solução definitiva e muitas vezes irá até mesmo substituir um sistema que por mudança de local ou dificuldade de realização de upgrades para atualização, se torna a solução mais prática e viável. Então na minha opinião ele precisa seguir os mesmos critérios de escolha de um setup completo.

Segunda questão para um investimento em um fone deste nível é: o nível de qualidade das fontes e o próprio pré de fone em que esse fone será utilizado. Pois não adianta investir em um fone dessa categoria para escutar música em um DAC de 500 dólares!

Agora se você vai utilizar o Audeze LCD-5 em um streamer e DAC de qualidade também hi-end e sua paixão sempre foi ouvir as gravações pela 'perspectiva' do engenheiro de gravação ou ali, ao lado dos músicos. O Audeze LCD-5 precisa estar na sua comissão de frente de possibilidades! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ROLGPAHJZE](https://www.youtube.com/watch?v=ROLGPAHJZE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OJ2L9O-9DMU](https://www.youtube.com/watch?v=OJ2L9O-9DMU)

AVMAG #293
Visom Digital
paulo@visomdigital.com.br
(21) 99432.0144
US\$ 4.500

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO MEZE LIRIC

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

SELO DE
REFERÊNCIA
MAG

É muito bom poder, na sequência, testar dois excelentes produtos do mesmo fabricante, pois além de facilitar a realização de comparações diretas, nos permite saber o patamar que cada um dos produtos se encontra, e conhecer a que público cada um se destina.

Da Meze já testamos o 99 Classics, o 109 Pro, o Elite, e o seu top de linha Emphyrean. Portanto me sinto bastante familiarizado tanto com a proposta do fabricante para o mercado, como consigo reconhecer as semelhanças e diferenças sônicas de cada um dos modelos testados.

Ao contrário dos 'revisores' que desdenham da memória de longo prazo, a minha continua ótima, e apoiado pelas minhas longas anotações minuciosas de cada produto por nós avaliados, consigo saber com extrema precisão o que difere, em determinados exemplos e passagens de nossa Metodologia, e o que desejo saber a respeito de cada produto.

E quando temos a chance de estar com três produtos simultaneamente de um fabricante em mãos - como no caso do teste do Liric, em que temos o 99 Classics (uma de minhas referências), o 109 Pro que testamos mês passado (e também passou a ser uma referência em sua faixa de preço) - temos a chamada colher de 'sopa no mel'!

Antes de descrever o produto, gostaria apenas de mencionar que o Liric, ainda que se coloque exatamente no meio entre o 99 Classics e o Emphyrean top de linha, ele se encontra muito mais próximo do Elite que do 109 Pro. Digo isso para que você, leitor, entenda que utilizar

o Liric ligado a DAPs como o Astell & Kern SP 2000T, ou o novo Cayn C9, será o mínimo necessário para se extrair o melhor desse fone.

Pois, assim como o excepcional Elite (que para mim é o melhor custo/performance da Meze), o Liric merece ser ligado ao melhor amplificador de fone que você puder ter em sua casa. Pois não vejo as pessoas usando o Liric para sair na rua, e correr o risco de atrair 'abutres' e perder um fone de 3.300 dólares!

Feito esse adendo preliminar, vamos às informações técnicas.

O Liric é um fone fechado (como o 99 Classics), para atender o público audiófilo que divide seu espaço físico com a família, e precisa incomodar o mínimo possível os outros quando estiver ouvindo sua música.

Para atingir seus objetivos em termos de performance, mais uma vez a Meze confiou à empresa Rinaro o desenvolvimento dos novos drivers para o novo Liric. A ideia foi aplicar a mesma tecnologia do driver MZ4 Isodynamic Hybrid Array do top de linha, Emphyrean, no novo fone.

Para se conseguir avançar no projeto inicial, foi preciso reduzir e ajustar esses drivers MZ4 para oferecer um alto padrão de performance a um preço mais condizente com a realidade de mercado. O desafio era conseguir esse grau de performance agora em um fone fechado!

A maior diferença em relação ao MZ4 original, foi a inovação do sistema batizado de Phase-X, para aprimorar a ambiência e a imagem espacial, mais difícil de se conseguir em fones fechados que nos abertos de alto nível e desempenho.

Cada driver é montado manualmente, e testado exaustivamente, na fábrica da Rinaro.

Para se conseguir tamanho feito de mais 'arejamento' em um fone fechado, a Meze fez uso de um sistema de 'Equalização de Pressão' que, segundo o fabricante, tem um grande impacto em como o cérebro percebe o som ao seu redor.

Esse processo é uma saída de ar controlada, que minimiza a pressão interna do fone e aumenta o arejamento. Parece uma solução óbvia, mas pouco usada ainda pelos fabricantes de fones fechados.

Como todo produto Meze, sua apresentação é impecável, e ainda que o Liric não faça uso de um estojo de alumínio, o fabricante oferece uma bonita bolsa rígida semelhante à do 109 Pro, porém com forro de veludo para não riscar o fone.

No kit do fone temos dois cabos TPE macios, um de 1.5 m e outro de 3.5m. Além de um adaptador de 6.3mm, bem como um adaptador para uso em avião.

No primeiro instante, ao olhar o Liric fora da embalagem, senti falta do acabamento de madeira, já que esse modelo faz uso de um preto fosco para a proteção dos drivers.

Mas basta focar nos garfos de metal, a faixa de couro genuíno para apoio da cabeça, para ver que o padrão e requinte Meze estão presentes mais uma vez!

A estrutura de metal é toda muito semelhante aos dois fones top, assim como as almofadas posicionadas simetricamente para permitir um melhor fluxo de ar para, nos dias de calor, diminuir a desagradável sensação de suor e umidade.

Li que alguns revisores gostaram da pressão do fone, para melhor ajuste, e outros acharam excessivamente apertado. Acho que isso tem a ver com o diâmetro da cabeça de cada um.

O Liric, para mim, encaixou perfeitamente, melhor que o 109 Pro e que o 99 Classics.

O importante é que ele tem uma ampla estrutura para se adaptar a sua cabeça de forma firme e segura, até mesmo para movimentos mais bruscos - coisa com a qual, no 109 Pro, preciso ser mais cuidadoso.

As hastes são de cobre, e os fones são de magnésio com acabamento em tecido de couro do lado de fora.

A escolha do formato oval angulado para mim foi perfeita para isolar-me totalmente do mundo externo, e seu conforto e ergonomia estão no mesmo padrão do Elite e do Empyrean.

O peso de 391 gramas pode parecer muito, mas é totalmente compensado pela distribuição de peso, e o conforto do fone quando corretamente ajustado.

Para o teste utilizamos apenas o amplificador de fone de ouvido do Classic Preamp da Nagra. Minha melhor referência para avaliar produtos Estado da Arte!

Como todo produto enviado para teste, não abrimos mão de fazer uma primeira audição assim que o produto chega, para registrarmos nossas primeiras impressões e depois o colocamos em tortura absoluta pelo tempo indicado pelo fabricante, ou até percebermos que não há mais variação no equilíbrio tonal do mesmo.

O Liric ouvimos, anotamos nossas observações iniciais, e o deixei em repeat com streamer por 30 horas. A diferença não foi substancial, mas significativa para estabilizar as duas pontas, e observarmos o quanto os agudos do Liric são impressionantes em relação aos nossos fones de referência, e ao 109 Pro também da Meze.

Ele nos remeteu, instantaneamente, a buscar as mesmas faixas que usamos para fechar a nota do Elite, nos agudos.

Como o Elite, a extensão e velocidade nos agudos é muito mais que apenas impactante, elas são de uma naturalidade que nos convida a buscar o volume correto de cada gravação, pois não sofrem de brilho excessivo ou irão nos causar sustos, fazendo abaixar o volume no meio da audição.

A região média possui o que chamamos de ponto de equilíbrio entre a transparência e musicalidade, e se o Liric não atinge o grau de neutralidade do Elite, ele sem a 'sombra' desse modelo por perto, pode ser comparado sem nenhum problema com fones até muito mais caros que ele. É uma região média com uma folga impressionante. Se você quer um bom exemplo para entender o que estou tentando descrever, ouça as faixas 3 e 4 do disco *WomanChild* da cantora Cécile McLorin Salvant.

Sua poderosa extensão do médio-grave ao agudo, é um desafio e tanto a qualquer fone e caixa acústica. E para deixar o 'desafio' ainda mais interessante, temos um piano que também passeia por todas as oitavas para complicar mais um pouco, na faixa 3. E na faixa 4 temos, além do piano, um contrabaixo e uma bateria.

Quando ouvimos essa primorosa gravação em um fone em que o equilíbrio tonal, além de excelente, possui folga, arejamento e realismo, parece se tratar de 'mamão com açúcar'. No entanto, basta um erro no equilíbrio tonal e o piano soa duro, assim com os crescendos na voz de Cécile.

E, por último, os graves. Li que para alguns revisores o grave do Liric é impecável, já para outros falta mais 'peso'. Como sempre tenho muito cuidado em levar em consideração o que outros articulistas concluíram, pois raramente eles colocam os discos e muitos até omitem os equipamentos usados. E sem essas informações fica difícil saber o motivo de tais conclusões. O que posso dizer a você que nos lê: o grave do Liric é excelente!

Quer você mesmo tirar suas conclusões, caso venha a ter a oportunidade de escutar o Liric? Ouça o disco *Descent Into Madness* do baterista Vinnie Colaiuta, as faixas 4 e 7.

Meu amigo, tanto o contrabaixo como o bumbo, e os tom-tons, são absolutamente fidedignos ao que foram gravados. É uma gravação em que os graves, quando não são corretos, tornam o som cansativo, pois não conseguimos acompanhar as intencionalidades e a complexidade de tempo e andamento. Gravação difícil para qualquer fone e caixa acústica - e o Liric tira de letra essas duas faixas.

Ainda que as texturas não sejam do mesmo refinamento que do Elite, são impecavelmente sedutoras, e nos permitem compreender o quanto fones desse 'naípe' nos conduzem ao mais íntimo grau de imersão no tecido musical.

FONES DE OUVIDO

Ouvindo a faixa 2 do disco do baterista Vinnie Colaiuta, em que temos um naipe de metais, no Liric é possível ouvir cada um dos sopros montando o acorde, e não perder - nem por uma fração de tempo - o todo! Esse grau de envolvimento com a música, e de ser conduzido pelas texturas individuais de cada voz para compreender a genialidade do arranjo, da execução e virtuosidade, é primoroso e só entendendo esse padrão de fidelidade é que podemos justificar a nós mesmos o investimento em um fone de 3.300 dólares!

Os transientes podem perfeitamente ainda serem avaliados com precisão pela faixa 3, ainda do disco do Colaiuta, pois o andamento da bateria se contrapõe às cordas que estão em um andamento totalmente distinto dos metais. E se os transientes não forem corretíssimos, a música vira uma massaroca totalmente inaudível!

Quer um outro exemplo para avaliação de transientes? Ouça nesse mesmo disco, na sequência, a faixa 4.

A macrodinâmica do Liric é muito similar à do Elite, mas pelas minhas anotações com os exemplos usados para a nota desse quesito, a diferença é que no Liric o usuário terá que estar atento rigorosamente ao volume da gravação, sem nenhuma folga - o que no Elite ainda foi possível negociar.

Mas nada que não nos faça adorar sua apresentação de fortísimos, nos volumes seguros.

A micro dinâmica é magnífica, e vou dar dois exemplos, de um mesmo disco, *What It Is: Montreal 7/7/83*, do Miles Davis. Vamos à faixa 5 e à faixa 8: repare em volumes corretos e seguros, o trabalho do percussionista todo o tempo principalmente no agudo.

Inúmeros fones, simplesmente, dependendo da quantidade de in-formação existente, mostram e somem com todo o trabalho feito pelo percussionista. Como se o som submergisse e depois voltasse à tona. O Liric, meu amigo, esteja ocorrendo o que for em primeiro plano, você não perderá nem o mais ínfimo detalhe do que o percussionista está a realizar.

Na faixa 8, para piorar a situação, o primeiro solo do saxofonista está muito alto, dificultando bastante toda microdinâmica, não só do percussionista como também do próprio Miles tocando teclado na cama harmônica que ele cria para os solistas brincarem. E depois, temos o primeiro solo do guitarrista dobrado com o saxofonista.

O Liric resolve isso com tamanha folga e graciosidade que, finalmente, entendemos onde está a 'fronteira' entre os ótimos fones e os excelentes! O Liric nos coloca no meio do acontecimento musical, seja uma gravação de estúdio ou uma sala de espetáculo, em que a ambiência foi perfeitamente captada!

Aqui não percebi nenhuma diferença da 'mágica' que o Elite faz tão bem. E com uma vantagem: o Liric custa muito mais barato que o Elite!

Definir sua musicalidade é semelhante ao ouvirmos a mesma música com dois intérpretes distintos, um está ainda iniciando sua jornada, e o outro se encontra no estágio de domínio total dessa arte. O Liric sempre irá lhe dar a versão mais completa, primorosa e fidedigna do que está a ouvir, mantendo como o Elite o grau de neutralidade necessário para não adicionar nada a mais do que foi planejado pelos músicos e pelo engenheiro de gravação.

CONCLUSÃO

O Liric se coloca tão mais próximo dos dois melhores fones da Meze, que arrisco dizer que eles criaram uma lacuna considerável a ser solucionada entre o 109 Pro e o Liric, e que espero que o departamento de marketing deles resolva em breve essa questão.

Com seu grau de refinamento e consistência de sua proposta em levar um passo adiante o padrão e assinatura sônica da Meze, o Liric é um fone que irá dar muito trabalho não só à concorrência, como ao próprio Elite.

Se todo fabricante de ponta tivesse esse problema, o mercado de fones hi-end estaria um patamar acima do atual, pois o que a Meze conseguiu com o Liric e o Elite, em termos de performance, é algo digno de ser comemorado por todos que desejam fones seguros, corretos tonalmente, e lindamente projetados!

Com esse grau de conforto auditivo e neutralidade, a concorrência que abra os olhos e entenda que fones corretos tonalmente, jamais precisam ser 'equalizados' para mostrar todo seu potencial!

Se você tem bala na agulha para um fone dessa magnitude, ouça-o! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WACRSJTEUFM](https://www.youtube.com/watch?v=WACRSJTEUFM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=O2JY4PGQO5Q](https://www.youtube.com/watch?v=O2JY4PGQO5Q)

AVMAG #297
German Áudio
 comercial@germanaudio.com.br
 (+1) 619 2436615
 US\$ 3.290

NOTA: 96,0



ESTADO DA ARTE



audio-technica



ATH-M50xBT2

Som de estúdio legendário

O famoso ATH-M50xBT2 e seu legendário som de estúdio ganharam mais uma chancela de qualidade: fomos eleitos o Produto do Ano 2022 pela AV Mag ganhando então o Selo de Referência. Agradecemos aos nossos usuários e leitores da AV Mag.



Tecnologia sem fio Bluetooth



Vida útil da bateria de 50 horas



Carga rápida (carga de 10 minutos = 3 horas de uso)



Som de estúdio



Tecnologia Beamforming

Conheça mais do produto aqui:

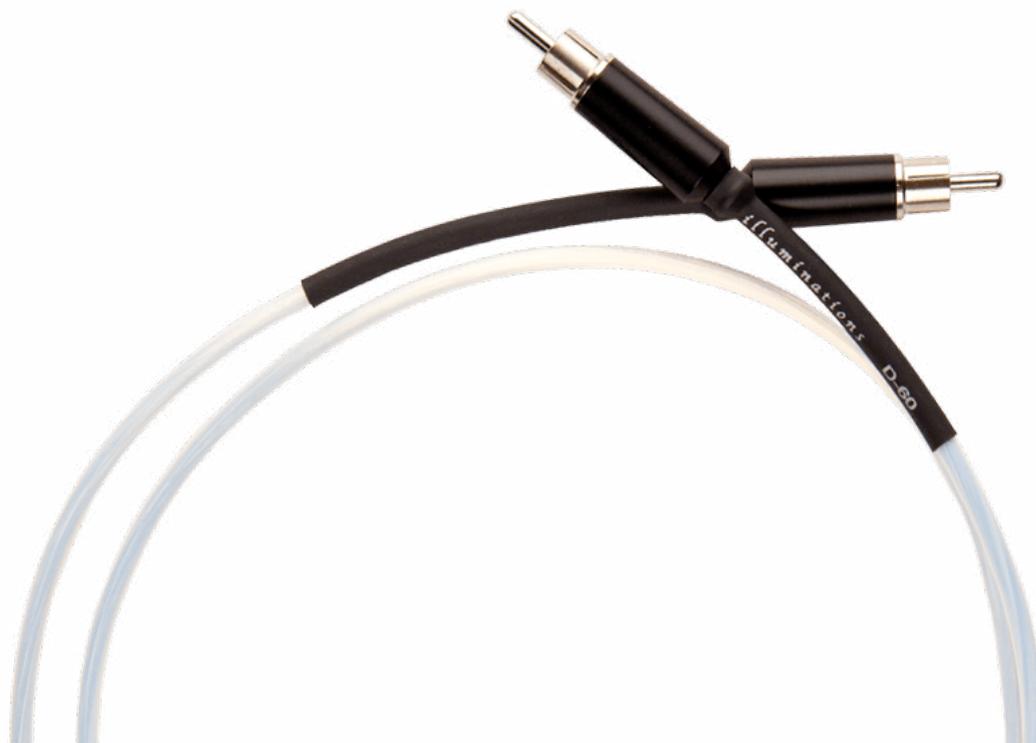
www.audio-technica.com/pt-br/ath-m50xbt2

Ou entre em contato conosco: info@audio-technica.com.br

CABOS

CABO DIGITAL KIMBER KABLE ILLUMINATIONS D-60

Fernando Andrette



Não tenho certeza absoluta, mas acredito que esse seja o cabo digital mais longo ainda em produção da história do áudio hi-end!

De cabeça, não lembro de nenhum outro cabo que tenha atravessado o século e ainda hoje desperte a curiosidade e faça a alegria de tantos audiófilos.

Eu tive esse cabo em meu sistema de 1996 até 1999, e não imaginaria que em 2023 estaria testando-o novamente.

Como se trata de uma Edição Especial de Aniversário, achei que valeria fazer um teste de algum produto ainda em linha, revisá-lo, e compartilhar nossas impressões com todos vocês.

E o que começou como curiosidade, se tornou muito instrutivo e revelador!

Lembro que ao receber o Illuminations para teste, abri a embalagem de veludo azul e me deparei com um cabo coberto com uma capa leitosa rígida e plugs simples e leves, e pensei: o que será que esse cabo tem de tão especial para ser o cabo digital de tantos revisores críticos de áudio como: Robert Harley, Jonathan Scull, Wes Phillips, Robert Reina e tantos outros. E a resposta veio assim que o liguei entre o meu transporte da Pink Triangle e o seu DAC o DaCapo - sua sonoridade humanizada!

Ele tinha a capacidade de 'domar' parte da dureza inicial existente no digital, que aos ouvidos referenciados pelo analógico eram quase que insuportáveis!

Deve ser estranho para o nosso leitor com menos de 30 anos de idade, ler essa frase e imaginar que um dia o digital soou muito mais duro, brilhante e pouco natural! E, no entanto, foi assim mesmo.

E o D-60 veio amenizar esses defeitos como nenhum outro cabo digital havia feito.

Lembro que os comentários a respeito do D-60 eram sempre muito similares, com conclusões consistentes na melhoria das bordas do invólucro harmônico, maior arejamento com planos mais bem definidos e palcos muito mais generosos!

Lembro de não só constatar todas essas qualidades, como também observar que no meu setup digital os agudos ganharam maior extensão sem, no entanto, introduzir um brilho ainda maior (o que era muito comum em diversos cabos digitais da época). Esse detalhe foi suficiente para eu o usar por três anos como nosso cabo coaxial de referência.

Então, quando soube pela Mediagear que o cabo não só ainda estava em produção, como poderiam nos enviar um para esta Edição de Aniversário, não pensei duas vezes e solicitei um exemplar. ▶

O que mantém esse cabo em fabricação tem uma única explicação: qualidade de produção e de matéria-prima! Trata-se de um condutor central de núcleo sólido de prata para uma melhor condutividade. Também com uma blindagem de prata pura de camada dupla, ligada circunferencialmente ao invólucro do conector para imunidade absoluta de ruído. Uma capa protetora de PTFE semicondutivo evita que todo ruído externo interfira no caminho do sinal, ruídos gerados por vibrações mecânicas que podem contaminar o sinal digital.

Sua impedância é de 75 ohms, rigidamente controlada. Os terminais podem ser BNC ou RCA Kimber, ou versão WBT 0102.

Até a caixa de veludo é similar, porém agora é preta e não azul!

Para o teste utilizamos todo o nosso arsenal disponível no momento como: Transporte Roksan Atesa, CD-Player Arcam como transporte (leia Teste 2 nesta edição), CD-Player Line Magnetic como transporte, Transporte Nagra, streamer Innuos ZENmini Mk3, e TUBE DAC Nagra.

A única pergunta em minha mente era: é um cabo ainda em alto nível de competição?

E a resposta foi um grande SIM, meu amigo.

O que me levou a única conclusão possível, e que certamente é a mesma da Kimber para o manter por tanto tempo em produção: o problema não era com ele, e sim com os 'protagonistas' da época!

E antes que você comece a elucubrar perguntas como: mas se ele arrumava os defeitos, sem esses defeitos como ele soa?

Simplesmente correto, desde que a eletrônica e as mídias atuais possuam o mínimo de acerto. Sem arestas para corrigir, ele está livre para mostrar o quanto ainda é de alto nível.

Quando reli minhas anotações da época do primeiro teste, me lembro que ao ouvir esse mesmo cabo em diferentes digitais, foi audível o quanto cada equipamento se beneficiava de sua participação. Ainda que em vários as melhoras fossem muito pontuais.

Também fiz uma longa observação das suas mudanças no período de queima, que só estabilizou com 250 horas! E agora um pouco menos de 180 horas!

Será que é o mesmo cabo, ou a Kimber fez ao longo dos anos sutis alterações no processo de montagem, solda, matéria prima? Eles não falam, então essa será uma pergunta sem resposta.

No entanto, o que importa é que o D-60 continua a ser uma excelente opção para quem necessita de um cabo digital de alto nível, principalmente para 'domar' as imperfeições ainda existentes no streamer.

Coincidência? Claro que não.

Com ele, o streamer ganhou maior profundidade (o mesmo que ocorria lá atrás), maior arejamento sem colocar brilho (idem) e timbres

mais naturais (graças ao seu silêncio de fundo e riqueza na reprodução do invólucro harmônico). O mesmo foi possível observar usando os dois CD-Players como transporte (Line Magnetic e Arcam), além do próprio Transporte Roksan Atesa.

E quando ligado no nosso setup de referência - Transporte Nagra e TUBE DAC - soou lindamente em todos os quesitos de nossa Metodologia.

CONCLUSÃO

Não irei descrever quesito por quesito, pois se trata de uma reavaliação de um produto já testado por nós há mais de 25 anos!

E que, incrivelmente, com 'protagonistas' melhores continua melhorando em altíssimo nível!

Se você necessita de um cabo digital coaxial, seja para ligar seu streamer a um DAC externo, ou usar um transporte conectado a um DAC, o Kimber Illuminations D-60 continua sendo uma excelente opção.

Mérito de um fabricante de ponta que tem expertise suficiente para saber a hora em que uma geração deve ser substituída.

Esse não é o caso, evidentemente do D-60. Longa vida a esse 'lapidador' de equipamentos digitais!

Para sistemas até 95 pontos, o D-60 pode ser a opção com a melhor relação custo/performance, ainda hoje!

AVMAG #295

Mediagear

contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

R\$ 2.980 (1m com terminal RCA Kimber)



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DIGITAL COAXIAL VIRTUAL REALITY LINHA ARGENTUM

Fernando Andrette



Depois da bela surpresa com o USB dessa nova linha Argentum da Virtual Reality, eis que testamos por longos cinco meses a versão coaxial.

Queria ter em mãos um Streamer em que a saída coaxial estivesse no mesmo nível que a USB, que não é o caso infelizmente do meu Innuos ZENmini MkIII. A razão de desejar tanto ter essa possibilidade, é pelo fato que me daria uma maior 'segurança' ao fechar a nota desse excelente cabo digital.

Mas como isso não foi possível, fui pelas vias de comparar o cabo em teste inserido em nosso Sistema de Referência, em relação ao nosso cabo digital também de referência.

É bem mais trabalhoso? Certamente que sim, pois temos que passar as oitenta faixas em ambos e anotar cada diferença audível entre os cabos até montar a planilha final de notas para cada quesito de nossa Metodologia.

Para muitos, um cabo digital coaxial não pode ter tantas diferenças assim. OK! Se você faz parte dessa galera que não escuta diferenças entre cabos, nem perca tempo em ler esse teste. Pois pagar quase 1700 reais por um cabo digital pode parecer absurdo para você!

Mas para os que levam a sério a escolha e importância de um cabo que irá transmitir justamente o sinal da fonte, o sinal mais importante para o restante da cadeia na reprodução eletrônica, leia com bastante atenção este teste.

Pois vocês sabem que um cabo digital pode tranquilamente ir de 100 a 10 mil dólares num piscar de olhos!

A linha Argentum é a nova série top de linha desse fabricante nacional, que desde o seu primeiro cabo se posicionou no mercado de maneira bem interessante e ousada.

E está conseguindo, como diz o ditado popular: 'comer pelas beiradas'. Pelo que tenho visto, essa estratégia boca-a-boca está dando

resultados, e a Virtual Reality vem ganhando admiração e respeito junto ao consumidor audiófilo. Com produtos de excelente custo/performance, muito bem acabados, e com um grau de compatibilidade surpreendente.

Eu mesmo utilizo tanto o cabo de caixa Trançado para queima de caixas e teste final de sonofletores até 90 pontos, e o cabo USB para streamer Estado da Arte até 100 pontos! E sua compatibilidade e sua assinatura sônica me convenceram que se trata de uma marca que veio para ficar definitivamente no mercado.

O coaxial digital Argentum utiliza condutores de sinal em prata sólida, para manter a integridade do sinal. Com dielétrico de polietileno expandido minimizando a capacitância e garantindo a estabilidade da impedância. Sua blindagem é dupla, com malha de cobre mais filme de alumínio/mylar com melhor rejeição de interferência EMI/RFI, com conexão apenas no lado da fonte do sinal. E os terminais são conectores Cardas banhados em prata, com um excelente contato.

O enviado para teste tinha 1 metro, cujo valor é de 1.682 reais. O fabricante indica que maiores metragens podem ser conectadas com adições de 50 cm.

Para o teste, utilizamos ele ligado na saída digital do player Arcam SA50, no transporte Roksan Atezza, e no transporte CD Nagra. Os DACs utilizados foram o Gold Note DS-10, Nagra TUBE DAC, e Mera-son DAC1 MkII (leia Teste 1 nesta edição).

Muitos de vocês abandonaram o uso de mídia física, então este é o tipo de cabo sem nenhum valor atual. No entanto, aos que resistiram ao 'canto da sereia' e não fizeram a alegria dos sebos ao se desfazer de seus CDs, um cabo digital/coaxial é um acessório indispensável!

E se você escuta diferenças entre cabos digitais e possui um bom DAC, esse cabo pode ser exatamente o que você está procurando.

A primeira coisa que avalio em um cabo totalmente amaciado, é seu grau de compatibilidade com o maior número possível de equipamentos disponíveis no momento do teste. A segunda etapa é saber em que patamar esse cabo se insere e, por último, o seu limite de teto em termos de performance.

O Argentum mostrou-se muito à vontade com os três transportes e com os três DACs. Mas ele se mostrou, em termos de performance, muito mais bem casado com o DAC DS-10. Com o Mera-son e o TUBE DAC, conversores de mais alto nível, foi possível com nossa referência observar o que lhe faltou para galgar mais alguns degraus.

O que sempre faço questão de lembrar a todos, é que os cabos usados de referência pela revista estão acima de 105 pontos, com alguns chegando a 110 pontos - e que custam de 8 a 10 vezes mais que o Virtual Reality. Então é preciso sempre ter em mente do que estamos falando, e em qual patamar o produto se situa.

O que para mim é bem mais relevante é saber é: existem outros cabos similares em preço que atingiram essa pontuação que o Argentum atingiu?

E posso garantir que vai ser bem complicado achar um cabo digital de 350 dólares (convertendo seu preço atual ao dólar a 5 reais), que toque como ele e tenha um acabamento tão primoroso e tão alta compatibilidade.

Fazendo esses adendos importantes, voltemos ao teste.

Digo sempre a todos que me pedem sugestões de cabos, que atualmente desconheço, fabricantes idôneos que cometam o erro de ter em linha cabos 'tortos' no equilíbrio tonal.

Essa época felizmente já acabou!

“Então o que devemos ouvir Andrette, desembucha logo!”

A grande diferença dos cabos bem feitos está no grau de refinamento de cada um dos quesitos da Metodologia, e que muitas vezes é necessário dias para se 'mapear' todas essas diferenças. Exemplos: o Argentum tem um excelente equilíbrio tonal, não lhe falta nada e ele não turbina nada também. Graves extremamente corretos, médios muito naturais e com um grau de transparência difícil de encontrar nessa faixa de preço.

Seus agudos possuem boa extensão, corpo, velocidade e decaimento suave. Então, se o audiófilo for avaliar esse cabo com inúmeros outros de preços distintos, será uma tarefa bastante ingrata escolher qual, em equilíbrio tonal, é superior.

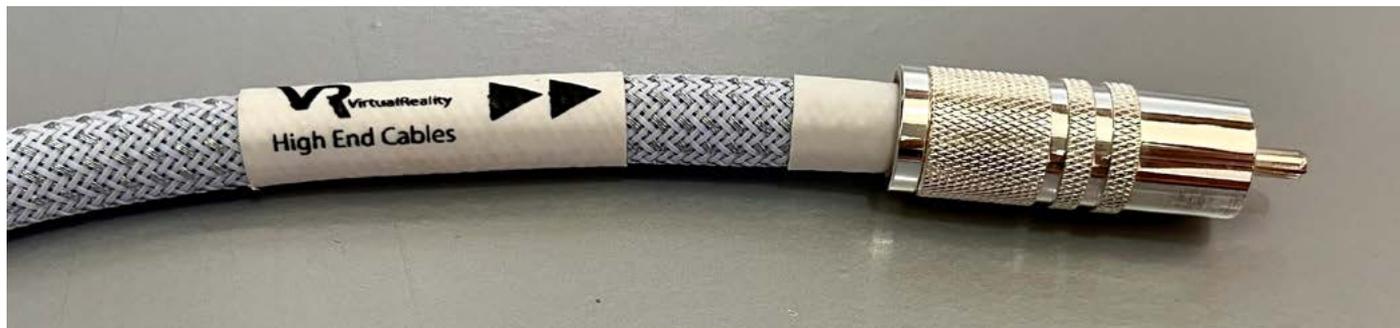
Lembre-se que na nossa Metodologia todos os quesitos estão interligados, então podemos ir 'mensurando' o patamar do cabo, radio-grafando os outros quesitos, e aí que podemos começar a entender e ouvir o grau de refinamento de cada cabo.

Quanto mais estendido for o agudo, mais fácil será nossa percepção das ambiências de cada gravação. Quando um cabo tende a deixar salas com uma ambiência mais homogênea, como se todos tivessem o mesmo tamanho e tempo de decaimento idêntico, sabemos que os agudos, por melhor extensão que pareçam ter, na verdade lhes falta aquele “Q” a mais!

O mesmo se repete ao avaliar as Texturas, quando temos dificuldade em acompanhar cada linha de instrumento sem esforço, ou dificuldade em observar certas nuances da qualidade do músico ou do instrumento, entendemos que o equilíbrio tonal deveria ser ainda mais bem lapidado.

São exemplos que você só irá amadurecer através de exercício auditivo recorrente, sempre com as mesmas gravações de alto nível, e com um setup realmente correto e muito bem ajustado.

CABOS



Do contrário, será apenas um labirinto de 'achismos' sem fim.

Por isso que insisto em todos os nossos artigos: não se pode chegar à conclusão consistente nenhuma se olharmos apenas para um único ponto que nos agrada. Ou aprendemos a ouvir o todo ou não temos Metodologia. E sem Metodologia, sem Referência, somos 'presa fácil' do mercado, pois estaremos sempre correndo atrás do pote de ouro no fim do arco íris!

Voltemos ao cabo Argentum. Pela sua pontuação final, ele é um cabo que exige muito mais das avaliações auditivas, para definir seu teto de performance. Pois sua base de apoio (equilíbrio tonal) é bem alta.

Sua apresentação de soundstage idem, com ótimo foco, recorte, planos e uma imagem 3D bem convincente. Em relação aos nossos cabos de referência, falta ao Argentum maior profundidade, maior respiro entre os naipes em música sinfônica e uma apresentação mais precisa das salas de gravação. Mas isso, quando colocado no nosso setup de referência com os nossos cabos muito mais caros.

Pois quando ligado ao transporte da Roksan Atessa, com o DAC DS-10, o resultado em todos os quesitos foi notável!

As texturas são muito bem apresentadas, com enorme facilidade para acompanhar cada instrumento e observar com precisão todas as intencionalidades.

Gostei muito da apresentação dos transientes, com forte marcação de tempo e ritmo, sendo um convite à dança ou acompanhar com os pés.

A intensidade dinâmica é correta, tanto na apresentação da micro como da macro. Creio que isso se deva ao excelente trabalho de silêncio de fundo do cabo, tão crucial nos cabos digitais.

O corpo é fidedigno ao que foi captado e mixado, não podendo se culpar nenhum cabo digital corretamente construído se o corpo não for do tamanho que temos na mesma versão em analógico (para mais informações leia meu Opinião deste mês).

E, finalmente, a materialização física ocorrerá nas gravações excepcionais.

CONCLUSÃO

Se você possui um setup digital em que necessite de um cabo de até 100 pontos para acompanhar a eletrônica, ou pensa em já ter um cabo nessa pontuação para futuros upgrades no transporte ou no DAC, o Virtual Reality Argentum, pelo que custa, deve encabeçar qualquer lista!

Notavelmente coerente e cuidadosamente fabricado, buscando exatamente atender o andar de cima composto por sistemas mais refinados e finais!

Mais uma vez a Virtual Reality surpreende ao oferecer um cabo de excelente nível, e o mais importante: de um valor muito bom! ■

AVMAG #300
Virtual Reality
 contato@vrcables.com.br
 (12) 99147.7504
 Preço de 1 metro: R\$ 1.680

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



estelon

X DIAMOND MKII

QUANDO A FORMA NÃO É
APENAS UMA QUESTÃO
DE DESIGN

Você já parou para pensar, a razão do formato de um piano de calda? Ou de um violino e de um clarinete? E se eles não tivessem exatamente esse formato, como soariam? Uma caixa Estelon, não foge desse mesmo conceito que é utilizado há séculos pelos luthiers de instrumentos musicais: o de buscar a forma correta para que a música soe em toda sua plenitude e fidelidade. Ao ouvir sua música em uma Estelon, instantaneamente você perceberá que não existe "instrumento" para a reprodução eletrônica, mais preciso e refinado.



@WC.JRDESIGN

A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato germanaudio.com.br

CABOS

CABO ETHERNET STRAVAGANZA DA SUNRISE LAB

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Testar cabos não é nenhuma novidade nos nossos 27 anos de vida. Publicamos centenas de avaliações nesse período, desde cabos de algumas dezenas de dólares até cabos de muitos milhares de dólares.

E esse é um segmento com um número de ofertas e opções impossível de se cobrir como deveria. Por dois motivos: sermos uma nação periférica no áudio hi-end, e pela velocidade com que novos fabricantes chegam ao mercado.

Porém, de vez em quando algum fabricante nos contacta, como foi o caso da Dynamique Audio, e nos pede ajuda para conseguir um parceiro comercial e fazemos essa ponte, e outras vezes não conseguimos.

Acho também que existe um terceiro elemento novo nesse quadro, que é justamente a capacidade com que os fabricantes nacionais de cabos estão começando a se impor e brigar fortemente por uma maior fatia de mercado. Isso é muito bom, e particularmente torço para que essa 'realidade' ganhe cada vez mais notoriedade.

Apesar de termos testado inúmeros cabos hi-end de força, interconexão, digital, caixa, USB, HDMI, nossa experiência com cabos Ethernet é uma nova realidade. Ouvi alguns para montar nosso streamer, e alguns comprei diretamente fora - todos na faixa de até 200 dólares - e confesso que de tudo que ouvi, minhas conclusões sempre foram limitadas.

Por dois fatores: nosso streamer de referência ser um Innuos de entrada, e o número de produtos testados até o momento ser bastante limitados. Então, na busca de um cabo Ethernet que nos atendessem, o

escolhido foi o da Transparent Audio Reference. Um cabo barato, bem construído e que se mostrou, nos quesitos da Metodologia, equilibrado e neutro o suficiente para podermos testar streamers, dos de entrada até os mais top, como o Statement da própria Innuos, e o dCS Bartok Apex.

Na verdade, meu foco, à medida que os streamers foram chegando para teste, foi buscar cabos USB de referência, para não correr o risco de estar limitado por um cabo em um teste com um produto mais top. Então ouvi uma dezena de opções existentes no mercado, e optei por dois modelos o Kubala Realization, e o da Virtual Reality, testado na edição 297, ambos me atendem a todas as demandas atuais e gosto imensamente de suas qualidades.

O que mais noto nos cabos USB que avaliei é que todos, com raras exceções, têm uma tendência a ter pouca profundidade e soarem 'congestionados' em gravações repletas de informações simultâneas. E ambos os escolhidos, fogem dessa regra de maneira exemplar!

Nunca havia pensado que talvez a culpa não fosse apenas do cabo USB, que talvez o cabo de rede Ethernet pudesse ter uma parcela de culpa nesse comportamento auditivo.

E essa ficha só caiu quando passei a usar o Reference Ethernet da Transparent, e consegui detectar que outros cabos USB bem construídos que haviam passado pela nossa sala, deveriam receber uma segunda chance de avaliação.

Pretendo fazer o mais breve possível essas reavaliações, e no futuro compartilhar com vocês essas observações.

O que posso adiantar é que a escolha de um cabo USB e de um Ethernet, terão maior consistência se forem casados e com uma assinatura sônica muito semelhante. E se você, leitor, usar dessa estratégia em sua busca por uma melhora em seu streamer, a recompensa auditiva desse esforço pode ser bem consistente e prazerosa.

Como sempre escrevo: “o inimigo do bom é sempre o ótimo”. E no caso do teste do cabo Ethernet Stravaganza da Sunrise Lab, ele veio para ‘balançar o coreto’ e colocar os ‘pingos nos is’ de maneira categórica!

O principal obstáculo de qualquer cabo de rede é o de manter a ‘integridade do sinal’, às vezes por metros e mais metros de cabos, com uma constância na velocidade de tráfego de dados, corrigindo pequenas perdas para que, ao passar do streamer para o cabo USB até o DAC, este não tenha que adivinhar que bit deve compor aquela informação crucial.

Tudo isso se traduz na prática em uma melhora na precisão do andamento musical, pulsação rítmica mais correta, uma dinâmica mais verossímil à captada na gravação, e timbres e melhor equilíbrio tonal. Ou seja, o problema começa no cabo Ethernet, entra no streamer, sai pelo cabo USB, e entra no DAC, e essas informações precisam estar íntegras de uma ponta a outra. Para o objetivista, é como descascar banana: basta um cabo de rede de boa construção, classificado no padrão CAT7A, e os bits 0 ou 1 se encarregam de fazer o resto.

Para os que escutam diferenças, não é bem assim, e ter cabos de rede pensados para tramitação do sinal digital de maneira adequada, podem ser a diferença da água para o vinho!

O novo cabo Stravaganza da Sunrise Lab, utiliza um encordoamento híbrido, com 4 pares trançados com geometria proprietária variável, de cobre puro. Os conectores de cobre são banhados a ouro, e seu diâmetro total é de 9mm. Para se chegar a esse resultado, foram três anos de pesquisa e desenvolvimento.

Para o desenvolvimento, a Sunrise Lab foi buscar estudos acadêmicos de fontes como ANSI/TIA e GHMT sobre interferência eletromagnéticas, perda de eficiência por isolamento mecânico em uso PEOE. Desse estudo acadêmico surgiram três caminhos distintos, e o resultado central desses caminhos foi a descoberta da ‘geometria variável’ capaz de atenuar e até eliminar algumas interferências, sem perder a integridade do sinal.

Outra qualidade da geometria variável (segundo o fabricante) é a constância na velocidade do tráfego de dados, minimizando o esforço do Streamer em corrigir perdas.

Eu fui um dos ‘Deltas’ escolhidos para ouvir as três versões finais, e fiquei com eles tempo suficiente para perceber o quanto eram diferentes entre si, sem perder a identidade sônica de um ótimo equilíbrio

tonal, transientes e dinâmica, muito superiores ao nosso cabo de rede de referência! O que os diferenciava era justamente o silêncio de fundo, e a maneira de gerenciar e organizar a música à nossa frente. Sendo que o escolhido o fazia com tanta maestria e consistência, que elevou até mesmo o meu ZENmini Mk3 para um degrau acima!

Para o teste utilizamos os streamers do dCS Bartok Apex, Innuos ZENmini Mk3, e do Gold Note DS-10. Todos os três ligados ao nosso Sistema de Referência, para facilitar as conclusões e, no caso do Innuos, utilizamos os conversores Nagra TUBE DAC e o Merason DAC1 Mk2 (leia teste na edição de outubro) usando os cabos USB da Kubala-Sosna e da Virtual Reality.

A comparação cabo a cabo foi o tempo todo com o nosso cabo de ethernet, o Transparent Reference.

É notório como o Stravaganza organiza a música, dando a profundidade que tanto falta em inúmeros streamers, e como ele parece mais preciso em termos de andamento e nas variações dinâmicas.

Em relação ao equilíbrio tonal, ambos (ele o Reference) são muito corretos, mas como seu soundstage é em tudo superior ao Reference, as ambiências são muito mais ricas, não só em nos mostrar os tamanhos das salas, como as diferenças usadas em vozes e instrumentos em reverberações digitais. Tudo isso, meu amigo, se traduz em maior conforto auditivo e em uma leitura mais próxima do que ouço nas mídias físicas em nossa sala.

CONCLUSÃO

Se você já se decidiu por um streamer, e deseja extrair o máximo deste setup, indico uma audição com esse cabo de rede da Sunrise Lab. Ele pode ser um degrau acima no ajuste fino de seu sistema.

Seu grau de compatibilidade com os três streamers utilizados foi excelente, possibilitando a todos mostrarem o patamar que se encontram. O custo desse upgrade é irrisório pelos benefícios que ele proporciona auditivamente.

Altamente recomendado, e certamente Produto do Ano! ■

AVMAG #299
Sunrise Lab
contato@sunriselab.com.br
(11) 5594.8172
1,2 m - R\$ 3.300
2 m - R\$ 4.000
Até 3 m - R\$ 5.000



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO USB ARGENTUM DA VIRTUAL REALITY

Fernando Andrette



Com a explosão do streamer, os fabricantes de cabos estão simplesmente sorrindo de orelha a orelha com a venda de cabos USB e Ethernet.

Tenho escutado muitos cabos USB nos últimos 4 anos, e confesso que minha impressão é que existem dois grupos bem definidos: os que transmitem o sinal de maneira correta e muito similares em termos de performance, e alguns poucos que se destacam na multidão.

Desses que se destacam, até eu testar o Argentum da Virtual Reality, passavam de 500 dólares, todos!

Então, foi muito agradável ser mais uma vez surpreendido pelo Ebert Goulart, o projetista da Virtual Reality, com o envio de sua nova linha de Referência, e encontrar essa preciosidade de menos de 500 dólares!

Eu já escrevi que o cabo de caixa Trançado é uma de nossas Referências para testar caixas de até 98 pontos, e continuo achando-o com uma relação custo/performance imbatível, e que coloca a 'nocaute' inúmeros cabos de caixas muito mais caros.

Então, pelo menos dessa vez, não fui pego de surpresa quando comecei a ouvir o USB Argentum, e percebi que o voo aqui seria muito mais alto.

Sua construção é impecável, comprovando novamente que Ebert não só entende do que está se propondo a fazer, como tem enorme cuidado na escolha do material e acabamento de seus cabos.

Não corro risco, depois de dois meses com toda a linha Argentum em mãos, em afirmar que a Virtual Reality veio para se fixar no mercado com produtos que irão 'ombrear' com marcas internacionais famosas, e conquistar uma fatia considerável desse mercado.

Pois além de sua performance, os valores finais dos seus cabos são condizentes com a nossa realidade.

O USB Argentum, segundo o fabricante, é um par de fio em prata sólido, para possibilitar uma largura de banda de transmissão aumentada, para uma total integridade do sinal digital. Utiliza dielétrico de polietileno expandido que minimiza a capacitância, e garante a estabilidade necessária da impedância para uma transmissão íntegra do sinal. ▶

A blindagem é dupla com malha de cobre, mais filme de alumínio/mylar, para melhor rejeição de interferência EMI/RFI. O par de alimentação em cobre vem com bitola maximizada para melhor disponibilidade de energia por todos os equipamentos que utilizam o USB.

Conectores com contatos banhados a ouro, para uma maior durabilidade e para evitar oxidação, e o corpo dos conectores em alumínio. As opções são de 50 cm, 60 cm, 80 cm, 1 m e 1,5 m. A amostra enviada para teste foi de 1 m, que custa para o consumidor final menos de 1700 reais!

Para o teste, utilizamos o Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa, nossa Referência.

O interessado na aquisição desse USB, terá que ter a paciência de esperar o completo amaciamento de 50 horas, para desfrutar de todos os seus inúmeros encantos! Pois quando se coloca zerado, ainda que se perceba inúmeras de suas qualidades, como um equilíbrio tonal estupendo, velocidade, silêncio de fundo, corpo harmônico, dinâmica, ele carece de total profundidade. Parecendo que tudo soa em 2D - algo que, na maioria dos streamers, já é um problema a ser corrigido, e com o Argentum zerado essa limitação é colocada em primeiro plano.

Para quem não acredita em amaciamento, irá cometer enorme injustiça ao devolver o cabo sem esperar que seja amaciado.

Como não é nosso caso, pois sabemos o quanto é importante o amaciamento também de cabos, fomos ouvindo as qualidades e esperando que a profundidade surgisse. E quando surgiu (primeiro apenas nas melhores gravações de música clássica) com quase 40 horas, vimos que era uma questão de mais algumas horas para tudo se encaixar e mostrar o nível desse USB.

Sugiro que os futuros donos desse belo cabo não deixem de acompanhar as evoluções diárias, pois elas são uma prova do quanto o burn-in é importante antes de sairmos julgando componentes.

Pois tirando a falta de profundidade inicial, todo o resto já está em altíssimo nível!

Equilíbrio tonal impecável com graves desde a fundação (primeira oitava) corretos, com a energia, corpo e velocidade, médios detalhados e de uma naturalidade sedutora, e agudos com belíssima extensão e decaimento correto (veja que não disse suave e sim correto, só possível em gravações em que o engenheiro teve o cuidado em captar a ambiência e preservar na mixagem e masterização).

Como eu sei que determinado equipamento possui o decaimento correto?

Ouvindo nossas gravações, pois não usamos na sala do Teatro Alphi nenhum tipo de reverberação digital!

As texturas com um equilíbrio tonal tão correto, são também reproduzidas impecavelmente, possibilitando o acompanhamento de cada linha melódica sem esforço, e observar a qualidade dos instrumentos, a técnica dos músicos e as 'intencionalidades' (leia meu Opinião neste mês descrevendo o quesito Textura).

Transientes precisos em ritmo, tempo e andamento, fazendo com que a música sempre pulse e se mostre viva, e não letárgica ou arrastada!

Dinâmica, tanto macro como micro impactantes sem, no entanto, se tornarem pirotecnia (nada de um cofre de uma tonelada caindo no meio de suas pernas, rs)!

O corpo harmônico, uma das limitações ainda presentes no streamer, foi reproduzido como ouvimos em nosso cabo USB de Referência da Kubala Sosna (que custa 10 vezes mais!).

E a materialização física, nas melhores gravações, foi o que o streamer pode fazer no seu melhor neste momento (não nos coloca entre os músicos, mas os materializa à nossa frente).

CONCLUSÃO

Acredito que o novo cabo USB da Virtual Reality será uma nova referência no mercado, pois consegue a façanha de ter preço dos cabos 'mais realistas' do mercado, porém com uma performance do nível dos melhores USB top importados.

Um feito que o transforma na melhor opção de cabo USB para sistemas Estado da Arte, nesse momento!

Se você está procurando um cabo USB de alto nível para o seu setup, não ouvir o Virtual Reality Argentum será um erro imperdoável! ■

AVMAG #297
Virtual Reality
contato@vrcables.com.br
(12) 99147-7504
50 cm - R\$ 1.082,00
60 cm - R\$ 1.202,00
80 cm - R\$ 1.442,00
1 m - R\$ 1.682,00
1,5 m - R\$ 2.282,00

NOTA: 103,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

CABOS

CABO DE CAIXA OYAIDE OR-800 ADVANCE

Fernando Andrette



Gosto dos fabricantes de cabos que conseguem manter produtos em linha por muitos e muitos anos.

Em um mundo tão freneticamente obcecado por novidades tecnológicas, é bom saber que alguns ainda possuem a lucidez de confiança em seus produtos, e não caírem nessa armadilha de marketing barato e traiçoeiro.

Aprecio os que possuem a certeza que seus produtos, quando foram lançados, tinham inovações suficientes para atravessar décadas, e não se importam com os movimentos e tendências de mercado, sempre mantendo o olho no horizonte com os pés muito bem calçados no aqui e agora.

Quando audiófilos me dizem que essa 'política' só existe no oriente, lembro a todos que alguns excelentes fabricantes de cabos na Europa e América do Norte, também aplicam essa mesma filosofia. E dou o exemplo da Kimber Kable, que só realiza upgrades em suas séries quando realmente algo substancialmente melhor precisa ser apresentado.

Cabos bem feitos realmente podem durar uma vida! Tenho ainda em uma caixa no meu depósito inúmeros cabos dos anos 90 e virada de século, e tirando os de cobre não OFC que visivelmente mostram a deterioração com seus fios externos completamente esverdeados, os bem construídos e os que possuem prata ou ouro em sua composição e cobre OFC, tirando sua capa externa, não denunciam a passagem do tempo!

Os esverdeados eu guardo para mostrar aos participantes dos Cursos de Percepção o que a oxidação faz com eles. Tem cabos de caixa, de força, digitais e interconexão. Eles literalmente esfumam ao contato físico. E fazem o mesmo no som, se forem teimosamente usados após o início de sua oxidação.

O problema é que nessa leva de cabos de cobre sem OFC, tem alguns cabos bem caros como os da MIT da década de 90, e outros em que o preço variava de 20 dólares o metro a 900 dólares!

Gosto de ouvir todos os meus cabos à medida que o Sistema de Referência recebe algum upgrade, para observar os que ficaram obsoletos, ou os que só ficaram realmente para trás em termos de avanços tecnológicos e de construção. O que até um leigo pode avaliar visualmente é o quanto capas, geometria e plugs melhoraram nessa última década, e uma das empresas que investiu pesado nessa área foi a empresa japonesa Oyaide - aqui muito mais conhecida pelas suas tomadas e plugs do que pelos seus cabos de interconexão, força e caixa.

Já testei alguns cabos da linha Oyaide, e sempre me surpreendo com a qualidade de construção, seu incrível acabamento, sua performance e seu preço final.

É um pacote realmente sedutor e bastante consistente, que na minha opinião deveria ser mais valorizado por quem deseja upgrades em cabos e tomadas para uma instalação elétrica dedicada.

Passei seis meses com o cabo de caixa OR-800 Advance, e este foi ligado em 18 caixas nesse período. E a surpresa maior foi o quanto

esse modelo é compatível com caixas tão diferentes em termos de preço e de assinatura.

Independentemente de você acreditar que cabo faça ou não diferença, certamente a questão valor, acabamento do produto, e longevidade de tempo de fabricação (a primeira versão é de 2004), são argumentos racionais inteligentes no momento da escolha.

E para os que acreditam que cabos fazem diferença na assinatura final do sistema, saber que existe um cabo com esse nível de compatibilidade com inúmeras caixas e amplificadores, é um argumento e tanto também na hora da escolha.

Eu cheguei a um ponto da minha vida de revisor, que se não consigo convencê-lo pelas observações que fiz ouvindo o produto, uso do arsenal de racionalização para fazê-lo compreender quando recebemos um produto que é acima da média em custo/benefício.

E o Oyaide OR-800 Advance está nessa lista mais recente.

Como disse, a primeira versão foi lançada apenas para o mercado japonês em 2004, utilizando alta pureza de cobre e uma geometria de estrutura em estrela, e se tornou um dos cabos preferidos pelo seu custo/performance dos audiófilos japoneses.

A última versão foi em 2008, com a introdução do plug banana, e foi produzida para atender a demanda daqueles clientes que acham mais seguro e fácil de manusear o plug banana que o plug spade. Existe a crença no mercado que o plug banana é inferior ao spade - eu particularmente não tenho esse preconceito, e quando tenho pela frente conectores de caixas e amplificadores apertados e com pouco espaço para instalar e fazer o aperto manualmente, clamo por plugs banana nos cabos de caixa.

O enviado para teste foi com plug spade, no padrão de construção, polimento e acabamento Oyaide. Firme, seguro, hiper bem soldado, e feito para durar por décadas se o usuário for cuidadoso e não viver tropeçando no cabo e indo de cara ao chão.

O cabo e a geometria deste são os mesmos desde 2004. Fios muito finos de cobre OFC (Oxygen Free Copper), trançados em estrutura em estrela, evitando deformações entre os fios devido ao revestimento de esmalte UEW na superfície, com o objetivo de evitar perda de alta frequência no famoso efeito pele.

A capa, em vez de PVC tão utilizado por inúmeros fabricantes de ponta, é substituída pela poliolefina para manter sua durabilidade, e não interferir na performance da assinatura sônica (como os engenheiros da Oyaide acreditam que ocorra com o uso do PVC).

A geometria estrela, na montagem da fiação com essa capa, bloqueia o ruído externo e as ondas eletromagnéticas sem alterar a capacitância elétrica.

Também, na minha idade, aprendi que existem inúmeras maneiras de se chegar a um objetivo satisfatório, então não questiono se o fabricante A conseguiu ir mais longe que o fabricante B, lendo suas escolhas na busca do melhor resultado. Eu apenas ouço, comparo e fico muitos meses com os cabos para usá-los no maior número possível de sistemas antes de escrever minhas observações e aplicar nossa Metodologia.

Se o cabo não tiver nenhum defeito audível em termos de equilíbrio tonal, ele entrará em teste, e se o seu grau de compatibilidade for alto, ele irá ficar em avaliação até esgotarmos todas as possibilidades de conhecê-lo.

Claro que gostaria que o fabricante de cabos nos mandasse um set completo para entendermos sua 'personalidade' e seu nível de performance, mas aí entramos na famosa 'condição ideal', e essa possibilidade em nosso mercado não existe.

Foram raros os testes nos nossos 27 anos, em que recebemos o pacote completo, e quando tivemos essa chance os períodos foram muito menores (no máximo dois a três meses), então aprendi a conviver com cabos únicos e vou tateando no escuro até ver a compatibilidade dele com os nossos sets de cabos, antes de iniciar qualquer avaliação.

E se depois de tentar essa composição, não chegar a uma situação segura para avaliar, aborto o teste.

Às vezes ficamos dois meses com um cabo que simplesmente não 'deu liga' com o setup que tínhamos no momento. E entre cometer uma injustiça e chegar a conclusões erradas sobre o cabo, prefiro não correr esse risco.

Sei que isso é demasiadamente frustrante para o importador, mas é a única opção honesta a se tomar.

Com o Oyaide isso não ocorreu, pois ele casou com inúmeros cabos de outros fabricantes, alguns cabos bem mais caros, outros mais baratos, várias caixas e amplificadores e ele se mostrou muito versátil.

Vou começar pelo ponto mais negativo: sua capa é mais rígida que PVC, e mais pesada. Então aconselho em caixas book, em que o cabo irá ficar sem apoio no alto, que o contato seja firme e de tempos em tempos seja refeita essa operação. Pois o risco do cabo cair ou até ocorrer curto-circuito, existe. Agora se ele ficar em caixas colunas apoiadas no chão, não haverá problema algum.

A outra questão é de flexibilidade do cabo em espaços apertados: pois ele não é tão maleável assim. Se você tiver book e um amplificador que fica em um rack distante do chão, acima de 20 cm, a solução para esses casos se chama: Plug Banana!

CABOS



Para não dar a lista completa de caixas e amplificadores usados, destaco as caixas e amplificadores que mais se beneficiaram do Oyaide. Powers Nagra HD, Elipson e Gold Note PA-10, e integrados Gold Note IS-1000, Sunrise Lab V8 Aniversário, Arcam SA30, Line Magnetic LM-805iA (leia Teste 1 nesta edição) e Audiolab 6000. Caixas: Wharfedale Denton e Linton, Harbeth 30.2 XD, Boenicke W5, Mo-Fi SourcePoint 10, JBL L82 e L 100 Classic, Estelon YB e X Diamond Mk2.

Tonalmente é um cabo que, antes de 200 horas, tende a soar com mais ênfase nos agudos e que, ao término do amaciamento, se estabiliza integralmente. Graves corretos, precisos, com excelente deslocamento de ar e corpo. Região média com alta resolução de micro-detalhes, transparência e boa naturalidade na apresentação de vozes e instrumentos acústicos. E agudos com ótima extensão, arejamento e decaimento bastante suave.

Diria que são nos agudos que o Oyaide se destaca na sua faixa de preço. Pois não é comum termos cabos com tão boa apresentação de ambiência e corpo nas altas nesse patamar de preço. Em todas as caixas em que ouvimos o cabo (principalmente as mais simples), esse foi um dos destaques que imediatamente chamaram nossa atenção. Com ele no sistema, condução de pratos por exemplo se tornaram muito mais fáceis de acompanhar, assim como observar a ambiência das gravações.

Agora, se a caixa tiver um leve 'desvio' de tonalidade nos agudos, tendendo para o brilhante, esqueça esse cabo, pois ele irá realçar esse defeito.

Seu soundstage é muito bom em foco, recorte e na apresentação de planos. Para se ter maior profundidade no palco, ele precisará de uma ajuda da caixa, mas um set bem posicionado em que a regra do triângulo equilátero foi colocada em prática, e se a caixa possui essa habilidade, o soundstage será impressionante.

As texturas possuem uma paleta de cores ricas, permitindo acompanhar a linha de cada instrumento sem esforço adicional, e com um grau de intencionalidade muito evidente.

O Oyaide, segundo um amigo músico, 'flui' com desenvoltura como um exímio dançarino que domina sua arte. Cabos de caixas precisam realmente dessa leveza e fluidez para se destacarem da concorrência. Pois muitos gêneros musicais pedem essa graciosidade para mostrarem sua complexidade, como a música Barroca por exemplo. Com seu grave de marcação contínuo funcionando quase que como uma cama harmônica para os solistas com suas múltiplas linhas, se o cabo tiver dificuldade em 'fluir' nesse movimento de variações dinâmicas mais para o sutil, fica uma apresentação inteiramente burocrática e sem apelo emocional (olha de novo a intencionalidade).

Quando nossos leitores nos perguntam exemplos para detectar se o sistema está correto tonalmente e com uma apresentação de texturas envolvente, a primeira escolha que me vem à mente são gravações de música barroca. Pois esse gênero exige demais do equilíbrio tonal, das texturas e dos transientes (principalmente se a obra tiver o uso do instrumento Cravo).

E o que percebo é que muitos audiófilos fogem desse estilo, pois sabem que os agudos em sistemas desajustados tendem a soar duros, ►

gritantes. Os médios quando o tema está em uníssono, pulam para frente, e os graves costumam fazer o 'nado dos golfinhos' (emergir e submergir).

Raramente ouvi em nossos Hi-End Shows, expositores tocando música barroca em seus sistemas, pois é um perigo constante para o equilíbrio tonal de qualquer setup.

Os transientes do Oyaide são excelentes, permitindo acompanhar com gosto o tempo e o ritmo, sem esforço ou perda de interesse no que estamos ouvindo.

A dinâmica, para ser um cabo top, falta aquele último degrau de apresentação das escalas entre o pianíssimo e o fortíssimo, tendendo a fazer 'atalhos'. Como podemos saber que isso ocorre? Ouvindo saltos dinâmicos: o cabo que consegue ser fidedigno, não irá embolar ou deixar essa passagem difusa. Pelo contrário, irá nos mostrar como se conseguiu aquele efeito de impacto grandioso.

A música clássica tem exemplos magníficos para ouvir e compreender como os sistemas com limitações dinâmicas resolvem essas passagens. Os melhores resolvem essas passagens com tamanha folga que, se estamos acostumados apenas a ouvir que a passagem saiu do ponto A e chegou no ponto F - como se fosse algo parecido com um salto - só pode aceitar isso se não tiver vivência de música ao vivo. Pois se tiver, sabe o esforço que é executar esses saltos dinâmicos escritos na partitura.

Digamos que o Oyaide se esforça para fazê-lo sem ficar exaurido.

Auditivamente, nos cabos superlativos em equipamentos do mesmo nível, essas passagens entre o ponto A e F são perfeitamente audíveis, mostrando o quanto foi bem executado ou não pela orquestra.

Nos cabos com maior dificuldade, não temos sequer tempo para saber o que realmente aconteceu!

Percebe a diferença amigo leitor?

Quanto à micro-dinâmica ele volta a ser um exemplo em sua categoria!

O corpo harmônico é excelente, permitindo termos uma ideia clara do tamanho real dos instrumentos, e poder ouvir a diferença entre uma gravação analógica e digital da mesma obra.

O digital ainda vai chegar lá e o streamer, como diz o querido amigo e colaborador Christian, ainda "precisa comer muito feijão" para encostar na mídia física digital!

A organicidade também foi uma bela surpresa, pois muitas gravações de bom nível técnico nos permitiram apreciar a música como se eles estivessem à nossa frente.

Musicalmente, diria que ainda que o Oyaide não seja um cabo neutro, ele também não insere sua assinatura de maneira contundente. Pois quando um cabo tem esse comportamento, seu grau de compatibilidade com a eletrônica e as caixas é evidentemente menor.

Mas ele tem sim uma assinatura tendendo sutilmente para ser mais aberto nas altas frequências. Portanto, será preciso saber o quanto a sala, o setup e as caixas já não têm essa característica. Pois se tiverem, pode haver problemas.

Por outro lado, em salas mais secas com tapetes grossos, cortinas e muitos móveis absorventes, e caixas em que os agudos poderiam soar com mais ar e um melhor decaimento, esse cabo deveria ser ouvido.

Como disse logo no começo do teste, gosto de fabricantes que acreditam em seus produtos e os mantêm por longos períodos sem modificações, mostrando o alto grau de qualidade e o quanto eles ainda são competitivos.

Se você busca um cabo muito bem construído, acabado e feito por mais de uma década sem alterações, esse Oyaide OR-800 Advance merece uma chance em seu sistema. ■

AVMAG #298
KW Hi-Fi
fernando@kwhifi.com.br
(11) 95442.0855 / (48)
3236.3385
R\$ 3.480

NOTA: 92,0



ESTADO DA ARTE

ACESSÓRIOS DE ISOLAMENTO / AMORTECIMENTO

ISOLAMENTO & AMORTECIMENTO HRS: VORTEX V150,
DPII-14545 & M3X2-1923

Fernando Andrette



Realizar testes com acessórios de isolamento e amortecimento, de redução de ruído, não é uma das tarefas que como revisor crítico de áudio gostaria de fazer com frequência.

Pois demanda tempo, disponibilidade de vários produtos onde se usar os dispositivos, uma metodologia criteriosa, e paciência para mapear os resultados que nem sempre serão idênticos entre vários equipamentos.

E quando são enviados simultaneamente três dispositivos para teste, os desafios também são multiplicados por três.

Então, ao receber todos os acessórios, montei uma estratégia de primeiro conhecer cada dispositivo anti-ruído separadamente, no maior número possível de equipamentos, para depois começar a usá-los em conjunto, até as conclusões finais.

Para esse longo teste, de mais de três meses, utilizei os seguintes equipamentos para a avaliação da base M3 (o modelo top de linha da HRS): toca-discos SME Synergy, Origin Live (o nosso de referência) e o Bergman Modi (leia Teste 1 nesta edição). E também nos transportes digitais: dCS Rossini Apex e Roksan Atessa (leia teste na edição de março 2023). Já os pés Vortex foram utilizados no pré de phono Gold Note PH-1000, no integrado Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário, digital dCS Rossini Apex, e integrado Willsenton R8. E a placa de amortecimento DPII utilizamos no V8 Edição de Aniversário, transportes dCS e Roksan Atessa, nos powers Nagra HD e no Gold Note PH-1000.

Sempre tive enorme curiosidade em conhecer tanto os acessórios como os elogiadíssimos racks da HRS (Harmonic Resolution Systems), uma empresa americana fundada em 1999 pelo engenheiro Michael Latvis, um profissional com mais de 40 anos especialista em controle de vibração e ruídos em sistemas, com diversas patentes relacionadas a choque e isolamento de vibração na área aeroespacial e sistemas de defesa antimísseis.

O Sr Latvis, quando fundou a HRS, tinha em mente produzir acessórios de áudio que pudessem realmente fornecer soluções para os ruídos externos provenientes do próprio ambiente de escuta, assim como os ruídos gerados pelos próprios equipamentos de áudio.

E para atingir tão alto objetivo, procurou abordar o problema aplicando uma vasta gama de tecnologias e conhecimento científico. Isso levou-o a ter que produzir seus próprios laminados proprietários, desenvolvidos por químicos e engenheiros especialistas em materiais, com propriedades únicas. Essa equipe possui um conhecimento amplo de como alcançar os resultados, e todo novo projeto desenvolvido passa por uma dezena de testes de laboratório e auditivos.

Segundo o fabricante, a placa de amortecimento DPII da HRS, uma placa de vários tamanhos e espessuras (para atender a maior quantidade possível de equipamentos), tem como objetivo central eliminar o ruído gerado pelo próprio equipamento, e que fica armazenado no gabinete do mesmo.

São fabricados com alumínio aeronáutico, usinados de uma peça inteira, e polímeros proprietários da HRS. O objetivo desse acessório é transformar a energia residual do chassi em calor, e com isso melhorar audivelmente a inteligibilidade do acontecimento musical.

Já os Vortex são spikes, também feitos de alumínio aeronáutico, que desacoplam os equipamentos da prateleira com o objetivo também de eliminar tanto o ruído externo produzido na sala de audição, como as vibrações mecânicas dos equipamentos (principalmente nos transportes de CD).

E a base de isolamento M3 me pareceu ser o grande produto da HRS, tanto que podem também ser utilizadas em seus racks. E, ainda que caras, pelo resultado que proporcionam em sistemas Estado da Arte Superlativo, merecem ser avaliadas.

Com os três dispositivos à mão, avalei cuidadosamente os objetivos de cada um dos acessórios, e decidi pelo grau de facilidade iniciar minhas audições fazendo uso da placa DPII, já que estava em teste o transporte da dCS, o V8 Edição de Aniversário, os powers Nagra HD e o Gold Note PH-1000. Todos devidamente acomodados no rack Pagode da Finite Element (meu rack há mais de uma década), e as bases também Pagode para os powers.

A placa DPII, como todo dispositivo anti-vibração, não terá o mesmo desempenho em todos os produtos que tínhamos em mãos. Então comecei pelos produtos em que ela não fez nenhum efeito: Nagra Power HD. Aqui, não sei dizer se pela própria construção do gabinete ou por estar alojado em sua base da Finite Element, tirar e colocar o

dispositivo foi absolutamente nulo. No transporte da dCS, idem. Não ouvi diferença alguma.

No entanto, nos outros equipamentos: Transporte Roksan Atessa, V8 Aniversário e no Gold Note PH-1000, a sensação mais audível foi o fato de passagens complexas serem completamente organizadas de maneira a poder presenciar os planos, foco e recorte com uma precisão cirúrgica! Isso sem o corpo perder tamanho e peso, e sem nenhuma alteração no equilíbrio tonal! Enfatizo essas duas questões, pois muitas vezes ao utilizarmos dispositivos anti-ruído, ganhamos de um lado e perdemos de outro. Isso é muito mais comum do que se imagina, e a consequência desse trocar seis por meia dúzia é que não existe nenhum audiófilo no mundo que não tenha uma gaveta repleta desses dispositivos que, ao longo do tempo, foram retirados do sistema.

Então, minha conclusão a respeito da DP11 será descobrir se no seu sistema você necessita ou não desse dispositivo, e em qual produto ele irá ser mais essencial. O que posso dizer, amigo leitor, é que o DP11 é um dispositivo que pode, no produto que necessita a eliminação de ruído gerado pelo próprio gabinete, fazer uma enorme diferença.

No Transporte da Roksan eu centralizei o dispositivo para ficar bem em cima da gaveta do transporte, e cheguei a brincar com o dispositivo deixando-o mais para as bordas do gabinete, e as diferenças no grau de inteligibilidade eram muito evidentes. Principalmente em passagens com muita informação e variação dinâmica muito intensa. Posicionado corretamente, era notória a facilidade em acompanhar aquela 'massa' de informação, mais organizada e sem borramento de imagem no foco e recorte.

No V8 Aniversário, procurei deixar o dispositivo mais em cima do transformador, e aqui de novo, foi audível o quanto de limpeza a placa DP11 proporcionou nas passagens mais complexas, e com um detalhe a mais: maior conforto auditivo junto com a inteligibilidade.

E por fim, no Gold Note PH-1000, houve uma diferença, pois só atingimos uma total melhoria quando aqui também utilizamos os spikes Vortex em conjunto com a placa DP11.

Qual a razão dessa diferença? Construção do gabinete - o Gold Note possui gabinete com recortes em sua tampa superior - será isso?

A segunda etapa foi usar os Vortex em todos os equipamentos, e também no integrado valvulado R8. Novamente aqui tivemos de diferenças muito pouco expressivas até grandes diferenças. No Transporte dCS foi muito sutil, talvez alguma melhora na apresentação dos planos de orquestra, mas sem melhora no foco e recorte. Nenhuma diferença no DAC Rossini Apex. Houve uma melhora interessante no Roksan Atessa, e melhorias importantes novamente no V8 Aniversário, e grandes no R8 valvulado, e enormes no Gold Note PH-1000.

Isso sem o uso da placa DP11, para não confundir as conclusões. Para o leitor entender o teste, preciso explicar que primeiro: os pés Vortex fizeram mais diferença nos produtos que necessitam de isolamento, do que a placa DP11. OK?

Então, se eu tivesse que escolher qual upgrade realizar primeiro, eu escolheria os pés Vortex. Pois todos os benefícios que a placa DP11 proporciona, o Vortex também o faz, e com um novo elemento muito interessante, que é a melhora na resposta de transientes.

Tudo parece estar mais preciso, mais contundente e incisivo em termos de tempo e ritmo. E essa qualidade a mais é seu grande diferencial em relação ao outro dispositivo.

E quando colocados ambos, vale a pena? Nos casos específicos do Roksan, do V8 e do Gold Note, sim! Vale muito a pena. Já no R8 não foi possível utilizar a placa DP11, por motivos óbvios: não posso apoiar em cima das válvulas esse dispositivo.

Pois nesses três equipamentos, o uso em conjunto melhorou a inteligibilidade da imagem sonora, e aumentou a precisão de resposta dos transientes. Ou seja: matador!

E, finalmente, fomos ouvir a famosa base M3 nos toca-discos em teste. Aqui a coisa é muito séria, pois podemos classificar como 'antes de conhecer' essa fantástica base, e 'depois de ouvir' esse dispositivo. E afirmo categoricamente: não existe retorno!

Então nem pense, se estiver fora de seus planos turbinar seu toca-discos Estado da Arte, ouvir essa base. Pois você irá chorar no momento que for devolver.

Os três toca-discos utilizados no teste estavam dentro do peso específico para uso da base (até 30 Kg), o que facilitou muito a realização do mesmo. E, para ver seu grau de compatibilidade com diversos racks e prateleiras, utilizamos ela tanto no rack Finite Element, como no Audio Concept (onde mantenho meu toca-discos da Origin Live).

A primeira conclusão é o alto grau de isolamento da base em relação ao rack que esteja assentado: não houve diferenciação alguma estar no Audio Concept ou no rack Pagode da Finite Element.



ACESSÓRIOS DE ISOLAMENTO / AMORTECIMENTO

Segundo ponto: é simplesmente como fazer um upgrade na cápsula ou então no conjunto braço e cápsula. Foram tão contundentes as melhoras nos três toca-discos, que é possível descrever com segurança as melhoras audíveis.

A primeira, como nos outros dois dispositivos, é o grau de organização e precisão do acontecimento musical. É possível ouvir as intencionalidades com erros e acertos de todas as gravações, assim como observar detalhes de ambiência (natural no caso de gravações feitas em salas de espetáculo, ou a reverberação digital das salas de estúdio).

O silêncio de fundo das gravações, assim como o hiss de gravações analógicas, se torna mais presentes.

E, por fim, o corpo harmônico das gravações é o presente mais agradável do uso desse dispositivo. Ouvir a Quarta Sinfonia do compositor russo Tchaikovsky (Telarc) é um acontecimento inesquecível, com o naipe de metais cobrindo todo o fundo do palco, como ouvimos em uma audição ao vivo! Esse 'presente' foi reproduzido corretamente pelos três toca-discos, mostrando o quanto este quesito (tão crucial para enganar nosso cérebro), é um dos maiores benefícios que essa base pode nos proporcionar.

E, por último, um benefício que pode parecer sutil a muitos audiófilos, mas que é de suma importância para quem deseja extrair o máximo de seu setup analógico: o conforto auditivo. Os três toca-discos ganharam maior folga e controle nas variações dinâmicas, possibilitando esquecermos de monitorar o volume nas passagens fortíssimas.

Quando estava acabando esse teste, chegou o Thorens TD 403 DD, que custa um terço da base M3, mas por curiosidade também quis ouvir o quanto esse toca-disco de entrada se beneficiaria de ser isolado do ambiente. Pois bem, se ele fosse testado nessas condições, ele ganharia pelo menos um ponto no soundstage e no corpo harmônico.

Claro que ninguém em sã consciência utilizaria essa base em um toca-disco de entrada, mas foi importante ouvi-lo nessa condição, para confirmar o grau de eficiência da HRS.

CONCLUSÃO

Sei do grau de resistência que inúmeros audiófilos têm em relação a todo acessório antivibração (talvez seja até maior que a cabos), pois todos nós já fomos tentados a ouvir e muitas vezes ficar com diversos desses dispositivos. E entendo perfeitamente o grau de frustração quando ouvimos algo que, no nosso sistema, não traz os benefícios esperados.

Por isso sou tão cuidadoso na avaliação desses acessórios, exigindo do fabricante ou importador que os produtos fiquem para teste por

um longo período, para utilizarmos em todas as variações possíveis, antes de publicar nossas conclusões.

Os HRS não são dispositivos baratos e, como todo acessório, não possui um grau de compatibilidade absoluto (isso não existe). Mas em sistemas que necessitem desses dispositivos, eles podem ser um upgrade pontual seguro e muito consistente no resultado.

Pois, acredite, serão audíveis e possíveis de serem revistos quantas vezes for necessário, para entender que não se trata de placebo ou da sua mente querendo que eles funcionem.

Agora, será preciso ter um método coerente de escuta, e paciência para posicionar por exemplo o DPII, e avaliar com critérios os benefícios. E, o mais importante, você ouvirá rapidamente se o produto que você instalou se beneficiará ou não. Pois, como disse, se o equipamento necessitar de melhorias para baixar o ruído, você perceberá assim que instalado.

Minha dica, para quem quiser conhecer os dispositivos HRS: comece por instalar nas fontes antes de colocar na amplificação. Pois assim você poderá (caso haja benefícios) desfrutar do efeito cascata (de cima para baixo, como nos cabos melhores para os piores). E, lembre-se: em alguns casos será preciso experimentar o conjunto Vortex com o DPII, para se extrair o sumo do sumo (como no caso do Gold Note, Roksan e do V8).

Quanto à base M3 para toca-discos, como escrevi acima, só ouça se houver capital para investir, pois ela custa mais que muitas cápsulas de primeira linha Estado da Arte.

Parece uma loucura? Sim, mas se você julga que já extraiu o máximo de seu toca-discos, cápsula e braço, não custa nada descobrir que ainda havia mais uma camada a ser lapidada. E que essa camada irá fazer uma diferença brutal no que se pode extrair ainda de seus discos!

Pés Vortex V150 (conjunto de 3)
R\$ 13.500
Placa de Amortecimento DPII-14545
R\$ 2.900



ESTADO DA ARTE

Base de Isolamento Acústico
M3X2-1923
R\$ 37.500



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

AVMAG #292
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369-3001 / 99471-1477

BASE DE ISOLAMENTO CARBOFIBRE HD DA FINITE ELEMENTE

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Gosto da frase: “Velho demais para o rock e novo demais para morrer”. E posso perfeitamente adaptar essa frase para os acessórios de anti-vibração existentes no mercado, para: ‘Velho demais para duvidar de seus benefícios, e novo demais para morrer antes de conhecer todas as possibilidades existentes’.

Nos 27 anos da revista, testamos dezenas desses acessórios, começando em 1996 com uma plataforma Tekna Sonic - que tenho e utilizo até hoje em diversos equipamentos em teste e até em algum equipamento de nosso Sistema de Referência.

O problema de todo acessório é que ele não é uma regra exata, que trará benefícios a todos os equipamentos sem distinção.

Isso não existe, caro amigo.

Então, o primeiro conselho para quem deseje fazer experimentos com pés, racks e plataformas anti-vibração é: ouça em seu sistema antes de bater o martelo. E veja se realmente os benefícios atendem às suas expectativas e trazem melhorias sem perdas ao seu sistema. Pois não adianta corrigir ou atenuar um problema e criar outro.

Pois é muito comum, tanto com ‘marinheiros de primeira viagem’, assim como experientes audiófilos, em um primeiro momento se encantarem com um acessório, por atacar e resolver o problema que os incomodava, e depois descobrir que ‘trocou seis por meia dúzia’.

Então, uma dica a todos: não fiquem eufóricos ao ver solucionado o problema de indefinição nos graves, com a colocação de um isolador no seu setup. Ouça sempre o maior número possível de músicas e veja se realmente ele fez o que era esperado, sem acrescentar um desequilíbrio tonal em outras frequências. Pois se, para corrigir o grave sobrando, você recorreu a secar esse grave, automaticamente você estará alterando o equilíbrio tonal no todo.

Grave transbordando não se soluciona secando os graves. Assim como não se melhora os agudos com um setup de cabos todo de prata.

É preciso atacar e solucionar o problema na fonte, e essa fonte só pode ser resolvida com tratamento acústico adequado, e revisão de todo o setup para correção dos ‘elos fracos’, após solucionar a acústica da sala.

Então, para que servem os dispositivos anti-vibração existentes no mercado? Para fazer ajustes finos, que eu chamo de ‘lapidação final’, em um sistema e sala já corretos. Procurar ampliar esse benefício (que já é excelente), é como tentar curar uma infecção com anti-térmico apenas.

Sou usuário de racks e plataformas Pagode da Finite Elemente há mais de uma década. E as uso e admiro porque são eficientes no que

ACESSÓRIOS DE ISOLAMENTO / AMORTECIMENTO

se propõe a fazer, muito bem construídas, e para pessoas como eu com mais de 60 anos, são leves e fáceis de movimentar!

E nesses anos todos de uso, o que fez crescer ainda mais minha admiração por esse fabricante, foi seu alto grau de compatibilidade. Pois raramente um produto em teste não se beneficiou de estar assentado em uma de suas prateleiras. Claro que existiram produtos que não necessitaram estar no rack para mostrar todos seus atributos, mas os que se encaixaram em sua proposta, se beneficiaram de suas qualidades.

Para mim, o que vem primeiro em um isolamento anti-vibração, para ser testado, é que ele não altere o equilíbrio tonal do produto. Se alterar, abortamos o teste e mostramos o motivo para o importador ou fabricante. Claro que, se o acessório ocasionar o desequilíbrio em apenas uma parcela dos produtos, faremos o teste, no entanto deixaremos claro que o grau de compatibilidade não é alto.

Com esse excelente 'currículo' do rack Pagode, não tivemos dúvida em aceitar para teste a Base de Isolamento Carbofibre HD da marca.

Como todos os produtos deste fabricante, a Carbofibre tem um acabamento primoroso, bonito tanto visualmente como no contato físico com a base. Essa nova linha de acessórios da Finite busca atender aos audiófilos que, por alguma razão, não possuem ou não querem usar um rack, preferindo deixar seu setup o mais baixo possível entre as caixas (essa parece ser uma tendência cada vez mais comum lá fora, principalmente na Ásia).

O fabricante fornece duas versões da base Carbofibre: a SD para capacidade até 50 kg, e a HD para até 100 kg. A versão enviada para teste foi a HD, o que permitiu o uso até dos monoblocos Nagra HD que pesam 50 kg cada!

A versão HD possui multicamadas resultando em uma espessura de 45 mm. O material utilizado são camadas de fibra de carbono alternadas com núcleos ultraleves em colméia, e envoltos em fibra de carbono em todos os lados da base.

Os pés são reguláveis em altura (para o nivelamento correto em pisos com desnível), feitos de aço inoxidável, e na base foi inserido na frente e no meio um nível bolha de precisão para o ajuste perfeito.

O fabricante ainda dá três opções de pés: Cerabase (o modelo enviado para teste), Cerapuc ou Ceraball - para futuros upgrades caso o audiófilo deseje.

A Finite também aceita dimensões adicionais mediante solicitação. Existem dois tamanhos padrão: 450 x 400 mm com 45 mm de altura, ou 500 x 475 mm com 45 mm de altura.

Recebemos um par de Carbofibre HD logo na sequência da Base HRS (leia teste na edição 292), então procuramos usar todos os

equipamentos que haviam sido utilizados no teste da HRS para justamente ver as diferenças que ouviríamos, já que são conceitos quase que opostos. Pois se a HRS aposta no isolamento anti-vibração com materiais rígidos e pesados, a Finite sempre apostou suas fichas em materiais de excelente rigidez, mas muito leves.

E se você acha que, em termos de isolamento anti-vibração, só um lado pode estar certo e todos os outros errados, irá dar com a cara na porta. Pois se tratando de isolamento anti-vibração, não existe um único caminho.

E se você não aceita essa resposta, provavelmente você irá achar que este acessório é apenas mais um 'óleo de cobra' como seriam os cabos. OK! Se assim for, não se preocupe, pois você deixou de gastar seu suado dinheiro em algo que não acredita, e isso também tem seu lado positivo. Não é verdade?

Para o teste utilizamos na base da Finite Elemente os seguintes produtos: CD-Player Line Magnetic (leia Teste 2 nesta edição), CD-Player Arcam S50 (leia teste na edição de maio), streamer Innuos ZENmini MK2, DAC dCS Bartok Apex (leia teste na edição de maio), pré-amplificador de phono PH-1000 da Gold Note, toca-discos Bergman Modi e Origin Live Sovereign Mk4, pré de linha Nagra Classic, TUBE DAC Nagra e powers HD Nagra.

Adianto que nenhum desses produtos tiveram algum desvio no equilíbrio tonal, mostrando que, assim como o rack Pagode, tem excelente nível de compatibilidade. Claro que gostaria de ter em mãos a versão SD para uso nos equipamentos mais leves, como o Arcam, o Line Magnetic e o Innuos ZENmini, para ver o que poderia soar diferente da versão HD.

Afinal, o que os acessórios de isolamento anti-vibração precisam fazer de melhor para justificar seu uso? Essa é a única pergunta correta que deveríamos fazer antes de investir nesse tipo de acessório.

E a resposta é: maior inteligibilidade e descongestionamento em passagens complexas.

Se o acessório realizar esse compromisso, sem alterar o equilíbrio tonal, secar o corpo harmônico e sujar os transientes, ele será muito bem vindo, acredite!

Perceba que os benefícios nada têm a ver com 'secar graves' em uma sala acusticamente com problemas. Então muitas pessoas buscam resolver o problema com o acessório anti-vibração errado e por isso se frustram, ou trocam um problema por um muitas vezes pior (desequilíbrio tonal).

E, para o que essa base da Finite foi destinada, ela cumpre integralmente com essas melhorias. Em alguns dos produtos, mais eficaz e completa, como quando foi usado nos dois toca-discos e nos powers

HD (será por serem os produtos com maior peso usados no teste?). E em outros ainda que não são tão 'integrals', com melhorias pontuais expressivas!

O caso mais interessante foi a melhora no Innuos ZENmini Mk2, que ganhou um 3D inexistente sem o uso dessa base. O Arcam CD Player, idem, apresentando um foco, recorte e planos ainda mais precisos. E o Line Magnetic, uma definição melhor de transientes, melhor vincados.

Também fiz o comparativo entre as bases originais do rack que não são de carbono, e somente os produtos da Nagra, com suas próprias bases apoiadas no rack Pagode, soaram ainda melhor que na base Carbofibre.

Todos os outros se beneficiaram mais de estar na base Carbofibre que na base Pagode.

CONCLUSÃO

Buscar esse tipo de solução, como a base Carbofibre ou um rack da Finite Elemente, obviamente pelo grau de investimento, só fará sentido em sistemas Estado da Arte, que ainda tenham 'garrafas para vender', e possam ser ainda mais lapidados.

Nesses sistemas, as melhorias podem ser muito acima desse investimento, que pelo seu grau de compatibilidade não será daqueles acessórios que um dia irão habitar o fundo de um baú em um escuro sótão!

Altamente recomendado para quem deseja tirar um grau de inteligência máximo de seu sistema! ■

AVMAG #294
German Áudio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
SD: R\$ 13.850
HD: R\$ 18.630



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

CORROSIONX®

CorrosionX® é o composto de prevenção de corrosão, lubrificante e penetrante mais avançado e eficaz do mundo! Embora possa parecer semelhante a outros sprays anti-corrosão à base de óleo, o CorrosionX utiliza as revolucionárias tecnologias Polar Bonding™ (Adesão Polar) e Fluid Thin Film Coating (FTFC™-película protetora fluida) que, juntas, vão muito além de simplesmente retardar o processo de corrosão, como os chamados 'inibidores de corrosão'. CorrosionX realmente interrompe a ferrugem e a corrosão a nível molecular (deslocando-as da superfície de metal e impedindo sua propagação) e oferece proteção de longo prazo contra ferrugem e corrosão em qualquer superfície de metal.

Veja o teste do produto,
na edição 109 desta revista.

Adquira já o seu!



Protege contra oxidação
Melhora as conexões
Grande durabilidade
Ampla gama de aplicações
Não condutivo
Exclusiva "Adesão Polar"

Para compras corporativas



11 99213.3929



www.corrosionx.com.br

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS THORENS TD 403 DD

Fernando Andrette



Nossos leitores nos pedem cada vez mais enfaticamente, que tenhamos toca-discos completos na faixa de até 15 mil reais. Me parece que esse é o 'teto' para muitos que estão tentando voltar a curtir o analógico, e desejam algo definitivo.

Assim como caixas acústicas cada vez mais impressionantes abaixo de 15 mil reais, conseguimos garimpar no mercado de toca-discos um Thorens direct-drive / Plug & play, que já vem com uma boa cápsula montada e pré ajustada, para o usuário poder rapidamente curtir seus LPs.

Em relação ao seu irmão mais modesto, o 402 que já testamos (leia teste na Edição 270), o 403 parece realmente, até no visual, de uma classe superior, com seu novo braço e uma cápsula MM mais refinada que a do 402. Isso é bastante animador, e se o seu orçamento está nesse patamar, o 403 DD deve ser colocado em seu radar de opções.

A Thorens disponibiliza dois acabamentos: preto em verniz brilhante, e nogueira. Ambos realçam muito bem com a base de alumínio escovado e anodizado, que lhe dá um ar clássico/moderno.

A base do 403 DD é colada no gabinete de MDF através de uma fita adesiva especial, com um efeito de absorção de vibrações externas. O novo motor é parafusado sob a plataforma, e possui um torque suave e precisa, por isso mesmo, de alguns segundos para estabilizar a velocidade. Segundo o fabricante, esse novo motor é muito preciso e silencioso, mas ainda que seja um direct-drive, não será uma opção para DJs.

O eixo utiliza um pino de latão ligeiramente cônico, que sustenta a plataforma giratória. E o prato do 403 DD tem 22 milímetros de altura e pesa 1,5 kg. Objetivamente, quanto mais pesado o prato, maior a inércia e melhor precisão na velocidade.

O botão liga/desliga fica bem na frente do braço, portanto muito cuidado, aos não habituados com o manuseio de toca-discos, para não haver risco de esbarrar na agulha.

O braço do 403 DD é o TP 150, criado pelo engenheiro Helmut Thiele, que vem desenvolvendo os novos braços da Thorens há uma década. Segundo o próprio Helmut, o TP 150 é uma homenagem ao braço EMT 929, e pode ser usado com uma centena de cápsulas, ►

ainda que sua massa efetiva seja de 14 gramas. Esse braço permite a troca do shell, possibilitando que o usuário troque cápsulas em questões de minutos. A forma em 'J' do braço minimiza o erro de ângulo de rastreamento tangencial, na leitura do sulco dos discos.

A cápsula já vem de fábrica alinhada no braço, e totalmente ajustada horizontalmente. O ajuste do VTA (altura do braço em relação ao prato), que irá determinar o ângulo da agulha no sulco do disco, pode ser facilmente verificado bastando girar o disco perfurado de aço inoxidável no bloco de rolamento, usando a chave fornecida. No caso do 403 DD enviado para teste, nem o ajuste de VTA foi necessário refazer.

Só tirei a dúvida do peso da cápsula usando uma balança digital da Ortofon.

O fabricante dá duas opções de cápsulas para o consumidor: a Ortofon 2M Blue (MM), ou a TAS 1500 (MC), feita sob especificação da própria Thorens pela Audio Technica. No nosso caso, recebemos para testes com essa primeira opção.

Verificado o peso e o ajuste fino do anti-skating, foi só colocar o tapete de borracha (que acabei alternando entre o original de fábrica e o da Origin Live) e o clamp também da Origin Live - e ele estava pronto para entrar em atividade.

Deixamos a cápsula amaciando por 20 horas, ajustamos o pré de phono Gold Note PH-1000 para cápsula MM, e o ouvimos com o pré e power da Elipson (leia Teste 1 nesta edição), com o integrado Audiolab 6000 e com as seguintes caixas: Audiovector QR 5 (leia Teste 2 nesta edição), Harbeth 30.2 DHX, Wharfedale Linton 85 Anos, e Estelon X Diamond Mk2.

O Thorens 403 DD irá surpreender muitos audiófilos que já ouviram bons toca-discos de entrada, e não se convenceram que valia esse investimento para voltar a ouvir analógico. O que ficou evidente é que ele pode render até mais do que com as opções de cápsulas que o fabricante oferece. No entanto, já com a cápsula enviada foi possível observar como sua leitura é bastante segura, precisa e convincente.

O equilíbrio tonal dessa cápsula Ortofon, trabalha muito bem em conjunto com o braço, permitindo graves com muita energia, peso e definição. Esqueça aquele grave 'gordo', lento e sujo das cápsulas dos tristes anos de reserva de mercado da Leson, ou mesmo as antigas cápsulas dos anos 70, de entrada. O grave aqui é ágil, ritmado e contagiante.

Ouvi alguns LPs de rock progressivo do Gentle Giant, Genesis e Yes, e fiquei surpreso com o recorte e peso dos bumbos e do contrabaixo Rickenbacker RM 1999 do Chris Squire, no *The Yes Album*.

Já na primeira faixa do disco - *Yours Is No Disgrace*, deu para perceber que o 403 DD, com uma simples mas correta cápsula de entrada,

tinha enorme pedigree, de toca-discos de nível intermediário e não de entrada.

A mesma surpresa no Genesis - *Live*, uma gravação complicada, mal captada e sofrivelmente mixada, que se o equilíbrio tonal do conjunto cápsula /braço não for bom, se torna inaudível.

A região média, além de correta, não comete o erro de ser proeminente na tentativa de disfarçar limitações nas duas pontas (algo muito frequente em cápsulas MM de entrada). Julgo aqui, mais uma vez, esse mérito ter que ser repartido com o excelente braço!

E os agudos, ainda que não possuam nem a extensão e o refinamento das cápsulas intermediárias MC, não fazem feio. Pois possuem arejamento e decaimento honesto.

O que você precisa saber meu amigo, é que o 403 DD pode saltar de nível de performance, subindo de patamar, desde que você possua um setup analógico para tanto.

O que o 403 DD oferece, de saída, é um nível de performance que você não terá em toca-discos na faixa até 10 mil reais. Então, se você possui uma coleção de discos bem conservados, e deseja o movimento definitivo, faça esse esforço e junte a diferença e ouça o Thorens 403 DD.

Com a cápsula que veio, o soundstage tem bom foco, recorte e boa lateralidade e altura. Faltando melhor ambiência (consequência direta da extensão no agudo da cápsula), e maior profundidade. Não que uma orquestra vá soar como se todos os músicos estivessem empilhados uns sobre os outros em um elevador. Mas aquela folga e arejamento, que nos permite ouvir os solistas sem perder o todo, será mais complicada de ouvir. Isso se você curte grandes obras musicais clássicas. Se sua praia for pequenos grupos, nem se preocupe com esse detalhe.

Os transientes na marcação de tempo e ritmo são exemplares para uma cápsula de entrada. Gostei muito, principalmente ouvindo rock e trios de jazz (piano, baixo e bateria).

As texturas são corretas, graças ao bom equilíbrio tonal da cápsula. Pode melhorar? Óbvio que pode, mas para isso será preciso investir em uma 2M Black por exemplo (ou se o seu pré de phono permitir cápsulas MC, uma Hana ML).

Aí, meu amigo, tenha a certeza que o 403 DD subirá exponencialmente de patamar!

Uma vez, no corredor de um Hi End Show, ouvi a seguinte discussão entre 4 jovens audiófilos, a respeito de quem reproduzia melhor a macrodinâmica, o digital ou o analógico. E percebi que o placar estava 3 x 1 já que a maioria com enorme veemência defendeu que o digital é muito superior na resposta de macrodinâmica. Me chamaram, e eu ►

TOCA-DISCOS

para me desvencilhar do enrosco, os convidei para a apresentação em nossa sala à noite, de uma playlist com analógico e digital.

E separei o *Firebird*, do Stravinsky, da gravadora Telarc - que tenho versões em LP, SACD e CD. E coloquei um trecho com enorme variação dinâmica, logo na entrada. Claro que comecei pelo mais contido em termos de macrodinâmica (vocês já adivinharam?). E fiquei olhando para os quatro que estavam bem à frente na sala. Os três orgulhosos com a resposta do sistema, ao reproduzir a faixa no SACD, estufaram o peito para se declararem vitoriosos. Foi quando coloquei o LP. Dois dos três defensores do digital quase pularam da cadeira ao ouvir o LP. Aí foi a vez do defensor do analógico encher o peito e dizer bem alto: “Eu não disse?”.

Gosto de fechar a nota com analógico exatamente com esse LP do *Firebird*, pois a gravação é excepcional e nos permite ter uma ideia clara do nível deste quesito, na avaliação de TDs, cápsulas, braços e prês de phono!

A limitação aqui, mais uma vez, foi da cápsula. Ainda assim, o peso, deslocamento de ar, crescendos e sustentação, deixam muito CD-Player e DAC de 5 a 8 mil dólares em apuros.

Assim como no quesito textura, a microdinâmica de cápsulas de entrada MM são menos precisas, mas nada que comprometa ouvir as informações musicais escritas em pianíssimo na partitura.

O corpo harmônico de qualquer cápsula MM, desde as mais singelas às mais sofisticadas, sempre foram excelentes em reproduzir o corpo dos instrumentos. Costumo lembrar aos nossos leitores que fomos salvos de ter que engolir a primeira safra de Players digitais, graças ao corpo harmônico das cápsulas MM, que deixaram escancarado o quanto era pobre e anoréxico o corpo de todas as gravações digitais da época.

Pois se as cápsulas MM não tivessem essa virtude, certamente muitos audiófilos menos experientes e com pouca referência de música ao vivo não amplificada, teriam aceitado goela abaixo, aquela imagem sonora de música clássica do tamanho de pizza brotinho.

Ouvi, para fechar a nota deste quesito do 403 DD, gravações da Billie Holiday, Miles Davis, Bill Evans, Duke Ellington e Sinatra, e o corpo harmônico está lá, fidedigno como foi gravado!

Com esse conjunto de qualidades, é natural que a sensação de materialização física se faça à nossa frente, ainda que com uma cápsula mais de entrada. Essa é a magia do analógico, nos remeter, graças ao corpo harmônico, à macro dinâmica e ao correto equilíbrio tonal, à música ao vivo.

Pois o acontecimento musical não é reproduzido de forma mesquinha e contida. Permitindo ao nosso cérebro reconhecer que existe

um maior paralelismo ao que sentimos e observamos quando ouvimos música não amplificada.

CONCLUSÃO

Qual a única razão de uma revista especializada? Informar ao público interessado o que de melhor temos no mercado.

E como fazer isso de forma objetiva? Tendo Metodologia, Referência e, sobretudo, experiência.

Poder compartilhar com vocês todos os meses de produtos que estão chegando ao mercado e cabem no orçamento, ainda que tenhamos que fazer apertos e escolhas para realizar esse sonho, é a parte mais legal desse nosso trabalho.

O que posso reiteradamente dizer a vocês é que, nos nossos 27 anos de existência, esse é o momento mais auspicioso desde que voltamos à normalidade de um mercado sem reserva.

Estão chegando inúmeros novos produtos com uma relação custo/performance incrível. E quando digo incrível, não estou me referindo apenas ao produto ser correto e de valor menor. Falo do melômano e audiófilo terem a chance de montar um sistema hi-end definitivo! Com o qual, bem casado em uma sala dignamente ajustada acusticamente, ele irá se emocionar com o resultado.

O Thorens TD 403 DD tem um enorme espectro de crescimento, podendo começar já soando honesto pelo pacote oferecido de fábrica, e que pode crescer muito através de upgrades pontuais na cápsula, pré de phono, etc.

Feito por um fabricante que tem uma belíssima história no mercado hi-end, e que parece ter entendido perfeitamente o que o novo consumidor espera de produtos de áudio de alta qualidade.

O TD 403 DD merece lugar de destaque nesse concorrido mercado intermediário de toca-discos! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7LSR5DV6QGI](https://www.youtube.com/watch?v=7LSR5DV6QGI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XR2BNHQ5ICC](https://www.youtube.com/watch?v=XR2BNHQ5ICC)

AVMAG #296
KW Hi-Fi
fernando@kwhifi.com.br
(48) 98418.2801
R\$ 12.900

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA



TRANSPARENT

UMA SOLUÇÃO PARA CONDICIONAMENTO DE ENERGIA EFICAZ E SEM EFEITOS COLATERAIS

TRANSPARENT
OPUS POWERISOLATOR

PROTECTION
ACTIVE

LINE
FAULT

ISOLATION
ACTIVE

POWERISOLATORS OPUS · REFERENCE

A tecnologia Transparent Powerisolator se mostrou, ao longo dos anos, ser a maneira mais objetiva e eficaz de eliminar ruídos da rede elétrica e fornecer corrente ilimitada de energia limpa. Muitos condicionadores reduzem algum ruído. Mas restringem o fluxo instantâneo de corrente, podem alterar a fase do sinal e até mesmo mudar o equilíbrio tonal do sistema. Todo audiofilo que já enfrentou os problemas de ruído em seus sistemas sabe o quanto é frustrante, eliminar ruídos e criar outras limitações. O Powerisolator da Transparent consegue eliminar ruídos de rede e manter todas as nuances dinâmicas e a fidelidade tonal intactas.

Duvida? Faça uma experiência com uma de nossas opções. E descubra a eficiência do Powerisolator Transparent .



WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
TELEFONES: (11) 98369.3001



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS ROKSAN ATTESSA

Fernando Andrette



Muitos leitores, no auge da pandemia, compartilharam que estavam propensos a resgatar valores há muito tempo esquecidos em garagens e sótãos, como LPs e surrados toca-discos de seus pais ou irmãos mais velhos.

O que mais chamou minha atenção é o quanto esses leitores desconheciam o terreno que estavam se embrenhando (o que um isolamento longo não nos causa...), e as dúvidas eram das mais bizarras às mais sensatas.

Escrevi inúmeras vezes, nesses 28 anos, que ter um setup analógico extrapola a todos os impulsos, dos mais racionais aos emocionais. E como virou moda, o custo para iniciar do zero se tornou exorbitante até mesmo para audiófilos mais abonados. Então, meu amigo, antes de ler esta minha avaliação do toca-discos Attesa da Roksan, certifique-se que você realmente deseja conhecer mais uma opção consistente no segmento de entrada de toca-discos, produzido por um fabricante com uma longa folha corrida de bons serviços.

Todo fã de analógico certamente, ao ouvir o nome Roksan, irá se lembrar do Xerxes, lançado em 1985, que causou um alvoroço no mercado por não usar molas em sua plataforma e ter uma performance impressionante. Quarenta anos depois do Xerxes, a Roksan apresenta ao mercado seu toca-discos mais modesto, porém ainda extremamente meticuloso e bem construído.

O fabricante disponibiliza o Attesa em dois acabamentos: branco e preto. Um primeiro contato visual mostra um conjunto braço, prato e plataforma, bastante vistoso e limpo. Eu gosto bastante, pois permite aos 'marinheiros de primeira viagem' perder um pouco do receio de que são mais frágeis do que realmente são.

Gosto do acabamento arredondado da base, que permite ver o quanto detalhes simples podem enobrecer o acabamento final. Seu prato de vidro faz um belo contraste com a base, e o tapete de feltro é honesto e funcional - mas que ao ser substituído pelo tapete da Origin Live, melhorou expressivamente tanto no ataque das notas como na precisão e recorte das imagens sonoras de solistas e naipes.

O prato tem 10 mm, e possui uma borda de alumínio anodizado. Seus comandos de velocidade e acionamento da correia são precisos, e suficientemente silenciosos para não atrapalhar nas passagens em pianíssimo da música.

Você pode alterar no comando a velocidade de 33 para 45 RPM, e essa mudança é feita com uma micro pausa, antes do motor ganhar velocidade e estabilizar. Um LED pisca até a velocidade ser estabilizada, mostrando ao usuário que o Attesa está pronto para tocar.

Nunca fui fã de braços unipivot, pois como tenho uma mão pesada, a sensação que tenho é que vou danificar o braço cada vez que tiro e coloco um disco. Mas tudo é uma questão de jeito, e conheço inúmeros audiófilos que não abrem mão de seus braços unipivot, pois defendem que seu rastreamento dos sulcos é ainda mais correto e preciso.

Eu não teria - mas, como disse, não por limitações na performance e sim pela falta de 'tato' no manuseio diário.

O Attesa vem com uma cápsula Dana MM de fábrica, também da Roksan. Segundo o fabricante, a Dana utiliza uma agulha de diamante de ponta elíptica de diamante/titânio, tensão de saída de 3,5 mV, impedância de 47 Kohms (como toda MM). E para os que estão comprando seu primeiro toca-discos 'de verdade', a agulha Dana pode ser reposta ►

pelo próprio usuário (se consegue manusear um braço unipivot, consegue tranquilamente trocar a agulha quando chegar a hora).

A Roksan recomenda de 1.8 a 2.2g de peso. O trabalho do usuário é de medir a gramatura correta da cápsula com uma balança digital, travar o contrapeso depois de feito o ajuste, e o resto já vem ajustado de fábrica. Tanto que, desta vez, não precisei chamar meu escudeiro André Maltese para colocar o toca-discos para funcionar.

Para o teste utilizei os prés de phono Gold Note PH-10 e Cambridge Alva. O resto do sistema foi o de referência da revista, e a caixa a maior parte do tempo utilizada foi a Monitor Audio Platinum 200 G3.

Como o toca-discos MoFi StudioDeck +M (leia teste na edição 299) havia acabado de sair, foi fácil repassar todas as faixas da Metodologia e avaliar a performance do Roksan Atessa. São toca-discos absolutamente antagônicos - enquanto o MoFi prima pela precisão e condução do sinal com extrema autoridade, o som do Roksan é mais relaxado sem deixar de ser bastante preciso. Se você me disser que sua praia é mais música com inúmeros instrumentos e grandes variações dinâmicas, o MoFi certamente será a opção mais segura. Agora, se sua praia são pequenos grupos, vozes, instrumentos acústicos em formação de trios até quintetos, dê uma chance para o Roksan, e ele irá te surpreender.

Extremamente detalhista, ele se sente à vontade em apresentar um som mais intimista e pautado nas texturas e nuances, de como o instrumentista acaricia seu instrumento. Utilizei o termo 'acariciar', que pouco utilizo, ao passar as faixas mais intimistas e ficar com essa impressão.

O exemplo mais claro dessa impressão foi *Beatriz*, na voz de Milton Nascimento, acompanhado de piano e cordas. Foi uma apresentação menos intensa dos crescendos, porém bastante comovente na interpretação magistral de Milton.

O equilíbrio tonal da cápsula Dana carece de maior extensão em ambas as pontas sem, no entanto, deixar a sensação de agudos capados e graves sem peso. O que a Dana enaltece de maneira incisiva são a micro-dinâmica e as intencionalidades na apresentação das texturas, principalmente em toda a região média.

Para os amantes de gravações de rock dos anos 70, essa característica em gravações com pouca extensão nas duas pontas, irá soar como bálsamo aos ouvidos. Infelizmente a nossa MPB dos anos 70 está recheada de gravações tecnicamente capadas nas pontas, e que em toca-discos com cápsulas Leson ficavam indecentes. Isso não ocorrerá nem com o Atessa e nem com a Dana.

O soundstage é excelente, com uma materialização 3D do palco à sua frente, em que podemos observar a altura dos músicos, profundidade do palco e largura.

Como já escrevi, as texturas são muito bem alinhavadas no tecido musical, e somos capazes de acompanhar cada voz sem esforço nenhum.

Os transientes, depois de nos acostumarmos com a precisão do MoFi e sua cápsula também MM, fica difícil não fazer uma comparação direta. E nesse quesito, o conjunto Dana com braço do Atessa perde. Não de maneira feia, mas perde. Não que falte algo, mas aquela precisão milimétrica de tempo e ritmo é mais solta no Atessa/Dana. Nada que tire a beleza de ouvir música com enorme variação de tempo e milimétrica sem aquele 'UAU!' na garganta.

A dinâmica, na micro é exemplar, e na macro muito correta.

O corpo harmônico, como todo bom toca-discos e cápsula, deixa o digital se sentido envergonhado.

E a materialização física, nas excelentes gravações, estará ali ao alcance do seu olhar e mãos!

CONCLUSÃO

Se você deseja realmente iniciar uma 'carreira' analógica, coloque na sua mente que o investimento em um toca-discos de bom nível estará hoje acima de 15 mil reais (com cápsula MM). Se você está disposto a investir isso, e mais esse valor no pré de phono se seu integrado ou pré de linha não tiver um phono embutido, o Roksan Atessa deve estar nessa sua lista de opções a serem escutados seriamente.

Muito bem construído, feito inteiramente na Inglaterra, por um fabricante com mais de 40 anos de estrada, e com excelentes toca-discos, que estão perfeitamente funcionando ainda hoje.

Um design limpo, mas minuciosamente bem pensado e o mais importante: correto!

Como disse, existem pessoas que têm a mão de cirurgiões e irão se deliciar com um braço unipivot. Se esse é o seu caso, meu amigo, ouça-o. E se couber no seu orçamento, divirta-se! Pois ele tem muito a oferecer musicalmente. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IZICQZ9WFVE](https://www.youtube.com/watch?v=IZICQZ9WFVE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RCDY1CBMMCE](https://www.youtube.com/watch?v=RCDY1CBMMCE)

AVMAG #301
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 15.300

NOTA: 86,0



ESTADO DA ARTE

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS MOFI STUDIODECK +M
COM CÁPSULA MASTERTRACKER

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Você irá cada vez mais ouvir falar dos produtos MoFi nas mídias especializadas - e aqui não poderia ser diferente. Apresentamos na edição de setembro a impressionante SourcePoint 10 do guru de caixas acústicas Andrew Jones, e nesta edição falaremos do toca-discos de entrada da MoFi, o StudioDeck, porém aqui com a melhor cápsula MM deste fabricante, a Master Tracker.

A estratégia da MoFi ao entrar no segmento de equipamentos de áudio hi-end, foi extremamente ousada e inteligente, pois resolveu se cercar de talentos aclamados no mercado para o desenvolvimento de seus produtos. Foi assim com a sua linha de prés de phono, para a qual convidou o falecido Tim de Paravicini, com as caixas acústicas que tivera a contratação em tempo integral de Andrew Jones, e os toca-discos com o recrutamento de Allen Perkins, famoso projetista da Spiral Groove, como engenheiro chefe dessa divisão.

A Spiral Groove foi fundada em 2005 e se dedica à fabricação de produtos analógicos, sendo o SG1.2 seu melhor toca-discos. Allen Perkins, em sua concepção, desenvolveu uma base com quatro camadas de alumínio em duas plataformas independentes. A metade superior da base isola o prato e o braço, mantendo o alinhamento crítico entre eles absolutamente isolados da vibração do motor. O prato deste revolucionário toca-discos é construído com formas irregulares, com materiais que misturam grafite e alumínio, em uma superfície não ressonante para o disco. Assim, toda a energia é transferida rapidamente do disco para o prato, e dissipada no interior do prato.

Com mais de 20 anos de experiência Allen Perkins, foi o escolhido para o desenvolvimento de todos os toca-discos da MoFi, e ele levou

seu método - batizado de Balance Force Design - em que se procura uma interação total entre o design proposto e a busca de materiais, para se atingir uma engenharia equilibrada e funcional. O resultado buscado por Allen, é um equilíbrio entre física, engenharia, ciência, arte e intuição.

E que se traduz para o consumidor em produtos fáceis de operar, extremamente confiáveis e com alta performance. E o StudioDeck +M não decepciona em sua apresentação visual, e muito menos em sua performance.

Sua embalagem cumpre com a obrigação de proteger o produto, e seu acabamento surpreende pelos detalhes. Pesando no total quase 9 kg, sua base é de MDF de 35 mm de espessura com uma placa de alumínio colada nessa base, na parte superior, para criar maior massa e apoiar o braço. O prato é de Delrin de 18 mm de espessura, e foi escolhido por sua capacidade de rejeitar ruídos indesejados. O prato é acionado por uma correia de borracha em uma unidade Hurst síncrona AC de 300 RPM, isolada dentro da base do aparelho.

O rolamento invertido do prato utiliza aço, bronze e Teflon - para muitos e muitos anos de uso sem problemas, e ao mesmo tempo garantir estabilidade de rotação e maior silêncio ao girar.

O que mais impressiona neste toca-discos considerado de entrada, é seu braço de 10 polegadas e com rolamentos e esferas geralmente só utilizados em toca-discos muito mais caros. Mostrando que a MoFi economizou aonde poderia, e manteve a qualidade aonde é essencial!

O braço é de alumínio, e possibilita o ajuste de VTA, Azimute, contrapeso e antiskating.

E para isolar o toca-discos das vibrações externas, os pés antivibração foram desenvolvidos por Michael Latvis, da Harmonic Resolution Systems (HRS).

A MoFi propõe três pacotes de cápsulas - todas MM - para o StudioDeck: sua cápsula de entrada StudioTracker elíptica 'bonded', a UltraTracker elíptica 'nude', e a MasterTracker com diamante formato micro-line - que a German Audio optou para oferecer ao nosso mercado já instalada no aparelho.

A MasterTracker possui um gerador de ímã duplo V-Twin, que reflete o layout da cabeça de corte que originalmente faz as ranhuras do LP antes da prensagem. Com esses dois ímãs poderosos de baixa massa alinhados em uma formação em V paralela, a leitura do sulco é feita de forma mais precisa. Seu corpo é em alumínio, bem amortecido, que controla ressonâncias para que se tenha a melhor resposta possível nos graves. Seu diamante micro-line extrai as mais sutis informações do vinil. A tensão de saída é de 3mV, com resposta de frequência de 20 a 25.000 Hz, peso de 9.7 gramas, força de rastreamento de 1.8 a 2.2g, impedância de 47kOhm e capacitância de 100pF.

A montagem e afinação do MoFi foi toda feita pelo colaborador André Maltese, e como sempre foi minucioso tanto na montagem quanto na afinação.

Minha experiência com cápsulas MM atualmente é bastante restrita, já que não mantenho em meu set analógico dois braços para poder abrir o leque de opções de cápsulas, no pouco tempo que atualmente disponibilizo para fazer audições não comprometidas. Então todas as vezes que tenho a oportunidade de conhecer novas opções de cápsulas, abraço com enorme entusiasmo.

Para esse teste, tenho que confessar que isso foi um problema, pois foi difícil separar o que era a performance do toca-discos e braço, e o que era da cápsula.

Pois eles soando juntos dão um resultado surpreendente!

Lá fora, os principais testes desse toca-discos foram feitos ou com a cápsula de entrada, StudioTracker, ou com a intermediária, UltraTracker. Não li nenhum feito com a versão top de linha. O que significa para mim duas coisas: o Studio Deck possui fôlego para trabalhar com cápsulas mais refinadas, como essa MasterTracker, e que certamente essa cápsula tem 'fôlego' para equipar braços muito acima deste patamar.

Essa cápsula é a melhor MM que ouvi nos últimos anos, indiscutivelmente, e me deixou com vontade até mesmo de providenciar um segundo braço da Origin, mais simples, apenas para utilizar essa MM para ouvir música nos meus momentos de folga.

Mas vamos falar do conjunto Studio Deck +M, com essa MasterTracker, OK?

Existe no mercado (principalmente alimentado pelas mídias não especializadas), uma necessidade de afirmar que para o consumidor voltar a desfrutar do vinil, ele só precisa comprar um simples toca-discos e o 'nirvana sonoro' se materializará à sua frente!

Tenho visto até seleção dos 10 melhores toca-discos para quem quer se embrenhar nessa jornada, e as propostas são assustadoras (no sentido mais negativo é claro!). Vão de vitrolas com design 'vintage', à TDs de até 8 mil reais!

E alguns desses consumidores, antes de caírem nessa 'arapuca', têm o bom senso de pesquisar. E essas consultas têm nos chegado com certa recorrência.

É triste 'colocar água no chopp', mas temos que sempre alertar que não será uma boa ideia ouvir LPs nessas 'vitrolas'! E as opções mais razoáveis de toca-discos novos começarão por volta de 15 mil reais!

E os vintage, antes de arriscar com eles, deveriam ser minuciosamente avaliados, para não adquirir um TD com folga de braço, problema de rotação, polias gastas, ruídos estranhos, etc.

E se você deseja realmente resgatar sua coleção de LPs, o toca-discos definitivo para proporcionar uma volta triunfal, custará pelo menos 20 mil reais. A partir dessa faixa de preço, as opções são realmente excelentes, e você terá a garantia que, se corretamente montado e ajustado esse toca-discos, não irá danificar seus discos.

Para o teste utilizamos os seguintes prés de phono: Gold Note PH-10 e PH-1000, Cambridge Audio Alva, e Nagra Classic Phono. O cabo de interligação foi, o tempo todo, o que vem de fábrica com o produto. Amplificadores integrados: Line Magnetic LM-805IA (leia teste na edição 298), Gold Note IS-1000 e Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário. Caixas: MoFi SourcePoint 10, Boenicke W5, e Audiovector R5.

O fabricante não especifica quanto tempo ele sugere de amaciamento da cápsula e do cabo de braço. Então, para o teste, depois de devidamente montado, eu e o Maltese colocamos os discos que sempre utilizamos para o ajuste fino, e passamos a seleção das faixas buscando detectar as qualidades e defeitos naquela primeira impressão - a qual foi muito mais positiva do que negativa.

Com zero de amaciamento, o corpo harmônico dos instrumentos já se apresentou de forma graciosa e realista. Assim como as texturas, com paletas de cores precisas e uma facilidade de acompanhar as linhas melódicas de cada instrumento sem nenhum esforço.

Pontos negativos: uma falta de maior extensão nas altas, e uma imagem mais frontalizada.

O que posso afirmar com segurança, é que o leitor que adquirir esse pacote, poderá desfrutar e se surpreender desde o primeiro momento com as qualidades desse setup. E poderá tranquilamente ir ouvindo ►

TOCA-DISCOS

e percebendo o som ir desabrochando, à medida que a queima se aproxima de 40 horas.

Depois do amaciamento estabilizado, o que sobrarão serão audições repletas de descobertas de detalhes, e prazer em estar ouvindo como pela primeira vez aquele disco tão cheio de significados!

A leitura dessa cápsula MM com esse braço de 10 polegadas é realmente impressionante, pois consegue nos manter atentos sem, no entanto, exigir nenhum tipo de esforço adicional.

A música se forma à nossa frente como em uma apresentação ao vivo, em que os elementos musicais vão surgindo e não temos que perder o 'todo' para ouvir os detalhes.

Escuto por décadas que as cápsulas MM podem até ser muito musicais, porém lhes falta o refinamento e precisão das MC e por isso a 'leitura' de uma MM é sempre menos emocionante! Meu amigo, se você compartilha dessa opinião, sugiro você ouvir essa MM, pois esse argumento irá cair como um castelo de areia quando a maré sobe.

Ouvi detalhes nessa cápsula com esse braço, que só costumo 'arrancar' de cápsulas MC muito, muito caras! Não estou falando apenas de micro-dinâmica, falo de informações complexas em que inúmeros instrumentos estão em uníssono, e que é difícil organizar mentalmente aquele momento musical, e essa MM organiza e nos entrega com enorme autoridade e folga essas passagens.

Outra excelente característica das excelentes cápsulas MM, é que o volume correto das gravações é muito mais fácil de perceber e ajustar, então para determinados gêneros musicais em que predominantemente a gravação foi feita com muita compressão, o prazer de reproduzir esses discos com uma MM deste naipe, é muito mais inteligente.

Voltando ao conjunto, a estabilidade de rotação é muito boa, para sua faixa de preço, assim como o ruído de toda a parte mecânica do toca-discos é muito baixo. Nossa Sala de Testes possui um ruído de fundo de 35 dBs, e quando eu tirava um disco para colocar outro, eu conseguia ouvir o atrito da polia apenas ao chegar perto do aparelho e colocar um novo disco para tocar. O que não é comum em toca-discos mais simples. Aliás, conheço alguns até bem mais caros, onde é possível ouvir o atrito da correia no motor ou ruído do próprio motor há mais de 2 metros de distância!

Quem tem toca-discos com esse tipo de ruído, sabe do que estou falando, e o quanto isso é irritante em ambientes bem tratados acusticamente.

Ainda que esse setup não escolha gênero musical, ouvir gravações dos anos 50 a 70 foi simplesmente as melhores audições. E tive que desenterrar discos de rock progressivo que não escutava há muito tempo, como dos grupos Focus, Gentle Giant, Supertramp, Genesis e Yes.



Foi como fazer uma viagem no tempo, e reviver passagens da minha vida quase desbotadas ou esquecidas no fundo de uma gaveta.

Foi uma fase muito intensa de uma dezena de amigos que, no entanto, fazem parte apenas daquele período, e que mesmo que tentemos nos lembrar a razão de termos perdido contato, não conseguimos ter respostas.

Só sei que foi prazeroso recordar até mesmo a loja em que determinado disco foi comprado, e quem estava presente naquela primeira audição.

Esse setup possui um senso de precisão e organização que só ouvi em setups mais caros, até então.

O que me levou a querer buscar o seu teto em termos de performance, com um pré de phono mais compatível com seu preço: o Cambridge Audio Alva. Pois não imagino que algum leitor que se interesse por esse MoFi com essa cápsula, vá investir o mesmo valor em um pré de phono como o Gold Note PH-10. Se o fizer, estará montando um setup analógico definitivo e de excelente nível, mas acredito que a maioria esmagadora se contentará, após um esforço tão grande para pegar um setup de 20 mil reais, em usar ou o próprio pré de phono que tiver encostado em casa, ou o do seu amplificador integrado.

Então resolvi realizar o resto do teste com o MoFi ligado ao Cambridge, um produto honesto mais de entrada. E o que posso dizer é que, nesse caso, o melhor será pegar o TD da MoFi ou com a cápsula de entrada ou a intermediária. Pois a MasterTracker foi a grande prejudicada nesse casamento com um pré de phono mais simples.

Pois sua beleza na apresentação de um equilíbrio tonal aberto, com graves precisos, região média detalhada e agudo com enorme extensão, foi ceifado. O mesmo ocorreu com os médios que, com a perda dos extremos, se tornaram mais proeminentes, ficando cansativos em gravações com muita compressão.

Então, a dica que dou é a seguinte: tem um pré de phono de maior qualidade, como o PH-10, então pode ir sem risco para a MasterTracker, do contrário invista na cápsula de entrada ou na intermediária.

Com o Alva, o setup MoFi se tornou mais 'pé no chão' - o que seria o argumento perfeito para os que acreditam que as MM são muito limitadas.

Continua sendo um bom investimento? Claro que sim, mas não com essa super MM.

O que não se pode negar, com nenhum dos prés de phono utilizados, é como esse setup é bom em transientes, dinâmica, corpo harmônico e musicalidade.

E como esses atributos só podem ser realizados com um setup analógico que já esteja em um alto nível de performance.

CONCLUSÃO

O StudioDeck com a cápsula MasterTracker não pode de maneira alguma ser confundido como um toca-discos de entrada, pois pelas suas qualidades pode perfeitamente ser o definitivo para 90% dos nossos leitores que ainda 'teimam' em ouvir sua coleção de LPs.

Agora, como todo toca-discos definitivo, se você deseja extrair o máximo de todo o seu potencial, lembre-se que ele merece um pré de phono do seu nível.

Depois de testar esse toca-discos, fiquei muito curioso em testar os prés de phono - um desenvolvido pelo Tim Paravicini e outro por Peter Madnick - pois acredito que estejam no mesmo nível de seus toca-discos, e possuem preços bem interessantes.

Quem sabe a German Audio se anima e traz.

Com o Gold Note PH-10 o casamento foi estupendo, e foi com ele que fechamos a nota do conjunto TD e cápsula. Mas sei que esse setup é bastante salgado, porém tudo no hi-end deve ser pensado a médio/longo prazo (principalmente aqui nesse terceiro mundo).

Se você deseja extrair o máximo de sua coleção analógica, esse setup deve estar em sua lista de audições. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IFK3LM9AC08](https://www.youtube.com/watch?v=IFK3LM9AC08)

AVMAG #300
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
Preço com cápsula: R\$ 18.900

NOTA: 89,0

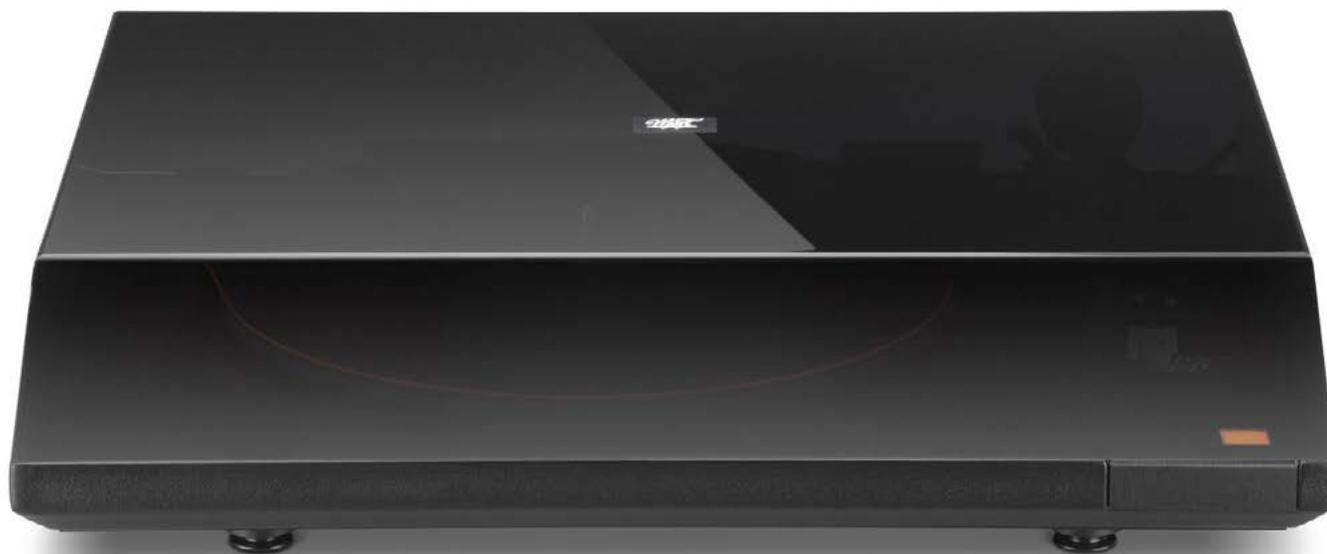


ESTADO DA ARTE

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS MOFI STUDIODECK +M
COM CÁPSULA MASTERTRACKER

Christian Pruks



SEGUNDA OPINIÃO - A LIÇÃO DE CASA BEM FEITA

Como bem disse o nosso altaneiro editor, Fernando Andrette, a MoFi - Mobile Fidelity - tem fincado excelentemente bem seus pés no ramo de equipamentos para áudio.

Para quem não sabe, a empresa nasceu para - e ainda pratica - a remasterização e prensagem de 'versões' audiófilas de numerosas gravações em vinil. E tem feito isso desde seu início, com considerável sucesso, o qual é ainda maior hoje, na era da Renascença Vinílica.

De uns anos para cá, a empresa abriu seu ramo de eletrônicos, desenvolvendo toca-discos, cápsulas (com a Audio Technica), prês de phono e, agora, caixas acústicas com o aclamado Andrew Jones, que carrega fama desde empresas como a TAD, a Pioneer e a Elac.

Quando falo que a parceria com Allen Perkins - da Spiral Groove - para o desenvolvimento dos toca-discos de vinil, significa que ele e a MoFi fizeram sua "lição de casa", não é só a técnica do projeto, mas também a colocação do produto no mercado - o qual, na minha opinião, pode estar brigando com gente grande, o que não é fácil, mas deve obter mais reconhecimento do que está tendo, porque se destaca em qualidade na faixa de preço onde está.

O toca-discos em questão é o StudioDeck - cujas versões são: "+", que traz a cápsula de entrada StudioTracker, "+U" que vem com a cápsula intermediária UltraTracker e, finalmente, o modelo aqui testado, "+M", que traz a topo de linha MasterTracker (cujo melhor resultado sonoro, vale dizer, se deu com o peso regulado para 2g). O único 'defeito' dessas cápsulas é que a agulha não é removível, não pode ser trocada pelo usuário - ou seja, é como as cápsulas MC, Moving

Coil, que precisam ser enviadas para um profissional fazer o 'retip'. Não consegui descobrir se a própria MoFi oferecerá esse serviço...

Olho para o StudioDeck no rack e vejo a quantidade de acertos que seus concorrentes, na mesma faixa de preço, não têm.

São numerosos os acertos: Pés ajustáveis desenvolvidos pela HRS dedicados a lidar com vibrações e isolamento. Base de, principalmente, MDF, mas duas vezes mais grossa que o usual - quando são TDs de base rígida (que prefiro) e não suspensa. Inserção de alumínio na base, para haver mais de um material que tenha ressonância diferente. Braço que não tenta inventar nada de novo, solidamente construído, simples e com a rigidez e estabilidade do rolamento tipo gimbal. Rolamento de prato invertido, praticamente seco, com teflon e bronze. Prato de Delrin, um material que é inerte, mas melhor em ressonância que o acrílico, por exemplo, e que 'casa' fisicamente com o próprio material vinil dos LPs. Conectores RCA fêmea no painel traseiro, para o uso de qualquer cabo RCA, permitindo upgrades.

E isso tudo muito bem acertado pelas mãos de Perkins.

Cápsulas MM, Moving Magnet, o tipo mais comum e de menor custo do mercado, sempre tiveram dificuldades em obter maior definição e detalhe, porém sempre tiveram graves cheios. O que fazer, no caso, para obter definição? Além de um capricho em seu corpo e motor (ímã e bobina), usa-se uma agulha com diamante de formato mais complexo e mais fino, que obtém mais informações do sulco e com menos ruído mecânico.

E assim surgem cápsulas como a linha MM da MoFi. Especialmente a MasterTracker, com seu diamante Micro-Line.

Passei algumas semanas ouvindo o StudioDeck +M com o amplificador integrado IS-1000 da italiana Gold Note, com seu excelente pré de phono interno, e as caixas acústicas torre Elac Debut 2.0 F5.2. Excelente combinação!

O melhor aspecto do toca-discos StudioDeck +M são seus médios: conseguem ser amplos, poderosos, reveladores e, ainda assim, altamente generosos com discos mais antigos ou com gravações mais embotadas, comprimidas. Uma altíssima raridade, principalmente no segmento de entrada: ouvir esses discos de rock/pop com baixa fadiga e grande musicalidade!

Os graves são o segundo destaque: cheios mas, ao mesmo tempo, fiéis e reais! Ou seja, não são uma coloração, e sim uma Qualidade! Diria que esse equipamento tem um dos melhores graves que eu já ouvi no segmento de entrada. Fácil.

E no outro extremo? Não são a última palavra em extensão de agudo e brilho - ou seja, não são absolutamente nada 'analíticos', não vão querer competir com o digital, por exemplo. O detalhamento que o StudioDeck traz não é o de trazer luz onde não há luz, não é o de mostrar tanto detalhe que faria ele competir com o digital, ou mesmo ser "mais realista que o Rei". Tanto que, você fica tão feliz com longas audições de lindos médios, de graves corretos e cheios ao mesmo tempo, que o agudo natural se torna o ideal.

Essa energia nos médios, combinada com o grave fora de série, me fizeram cair a ficha: o StudioDeck +M soa como um gravador de rolo decente! Acho que é essa a melhor 'definição' que eu posso dar para ele. Quem tem gravador de rolo, ou já ouviu um, entenderá.

A ilusão de palco oferecida por esse conjunto, merece uma menção: largo, arejado, livre, sem embotamentos entre os instrumentos, sem constrições 'físicas', na largura ou na profundidade.

Os outros aspectos, como Texturas (excelentes, com muita clareza nas intencionalidades), Corpo Harmônico, Dinâmica, etc, o Fernando bem abordou e pontuou no texto principal deste teste - então não tenho nada a acrescentar ou retirar.

Outra coisa que chama muito a atenção neste toca-discos, é seu silêncio mecânico - acho que é o belt-drive mais silencioso que eu já vi na vida. Impressionante!

Esse silêncio mecânico, junto com a maneira como o aparelho é estruturado, os materiais usados em sua construção e suas ressonâncias, mais a alta qualidade de seu braço, mais a qualidade de trilhagem da cápsula, tudo faz com que o 'silêncio de fundo' na audição seja muito, mas muito acima da média. O silêncio é tal, que a inteligibilidade é altíssima, e a separação dos instrumentos é fora do comum. E, no intervalo de faixas, em discos bem conservados, o silêncio faz parecer que você está ouvindo CD.

Os 'defeitos' físicos do toca-discos em si, não chegam a incomodar: o lift me pareceu meio 'molenga' e deu umas engrupadas de vez em quando, mas acho que o uso ele melhora, e não fez nada que me prejudicasse o uso. E o contrapeso do braço podia ter a rosca mais justa - não que isso vá atrapalhar o dia a dia, mas se o toca-discos for movido, transportado, o peso terá que ser regulado novamente, para poder manter sua precisão.

CONCLUSÃO

O pacote de simplicidade física, de instalação, de operação, e o soberbo resultado sonoro, fazem o MoFi StudioDeck +M ser um toca-discos de sonho para muito real fã do vinil.

Vale notar que, sim, o toca-discos pode crescer com uma cápsula melhor, como uma boa MC. Assim como a cápsula MasterTracker, em si, é uma excelente opção de upgrade para um grande número de toca-discos do mercado - especialmente para quem gosta do som de MM, mas quer subir bem em matéria de detalhamento, de qualidade sonora.

Uma coisa eu te garanto: meus LPs (nacionais!) do grupo de rock progressivo alemão da década de 70, Triumvirat - junto com o piano de Vladimir Horowitz, a voz de Sarah Vaughn e a riqueza acústica do grupo brasileiro de jazz Nouvelle Cuisine - nunca soaram tão bem!

E há semanas eu nem encosto no digital! ■



TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS PRO-JECT X8 COM A CÁPSULA ORTOFON QUINTET BLUE E PH-10

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Eu não testava um toca-discos deste fabricante austríaco faz mais de uma década, com certeza.

Então, quando o distribuidor no Brasil me ofereceu a oportunidade de ouvir o novo X8, lançado ano passado, aceitei de imediato.

O fato de não testar, não significa que não acompanhe os passos e os reviews lançados lá fora. E de uma empresa que por longo tempo foi mais conhecida pelo lançamento de toca-discos de entrada e, aos poucos, foi ampliando seu leque de atuação com toca-discos mais sofisticados, e que a partir do modelo Xtension 9 ampliou seu público e ganhou espaço no segmento mais acima, foi o que me levou a ficar mais atento com seus novos lançamentos da linha X.

O primeiro grande diferencial do X8 é seu braço rígido de carbono, Evo, de 9 polegadas, sendo uma evolução dos braços desse fabricante de carbono com alumínio. É feito em uma peça única com rolamentos de esfera ABEC7 em um berço de rolamento pesado em formato de C. Tanto o azimute como o VTA são ajustáveis.

A cápsula escolhida pelo fabricante, incluída no pacote, foi a excelente Ortofon Quintet Blue, MC de baixa saída. O que foi uma surpresa, sinalizando ao consumidor que o X8 é para ser instalado, ajustado e esquecer de upgrades futuros!

O X8 surpreende em todos os detalhes como uma base de MDF em acabamento nogueira, preto, branco ou laca de piano (o modelo que nos foi enviado para teste), e um prato de mais de 5 kg de liga usinado, com 3 cm de espessura. O rolamento principal invertido usa uma esfera de cerâmica com suporte magnético, para um funcionamento suave e para evitar um maior desgaste do rolamento em seu ponto de contato.

Segundo o fabricante, essa fricção é extremamente baixa, possibilitando o prato girar por até 4 minutos sem a correia.

O motor escolhido é eletronicamente acionado, e utiliza uma pequena fonte de 15V. O fabricante explica que, pelo peso do prato, a velocidade leva até 5 segundos para ser totalmente estabilizada, e daí ela é totalmente estável. O motor é incrivelmente silencioso.

E, para fechar o pacote, o X8 vem com uma excelente tampa protetora de acrílico.

Para a instalação, mais uma vez contei com o colaborador André Maltese, que não só ajustou minuciosamente o X8, como didaticamente foi me apresentando os cuidados que se deve ter para extrair desse toca-disco todo seu potencial. E se você não tiver o ferramental para o ajuste, e prática em instalação, você terá dificuldades para extrair o último sumo desse toca-discos!

Para o teste, utilizamos os seguintes prés de phono: Gold Note PH-10 e PH-1000, e o Cambridge Audio Alva Duo. Integrados: Gold Note IS-1000, pré e power Elipson, e nosso Sistema de Referência para o fechamento de nota.

Até pensei no primeiro momento em usar outras cápsulas, para observar o casamento do braço EVO com elas, mas como o 'pacote' vem fechado, achei que não valeria a pena. Pois o casamento da Ortofon com o braço EVO é de alto nível!

Como escrevi acima: é instalar, ajustar, ver se o pré de phono está à altura do X8, e esquecer de upgrades futuros. Pois a performance é realmente de alto nível, com uma relação custo/performance muito boa!

Eu bato na tecla apenas que será importante o pré de phono estar no mesmo nível. Pois se com o Alva Duo tudo pareceu correto, o X8 cresceu exponencialmente com o PH-10, mostrando ser o conjunto mais adequado para esse toca-discos.

Então, amigo leitor, a nota final foi com o PH-10, ok?

A Quintet Blue da Ortofon é uma cápsula bastante exigente com os braços, pois se a colocar em um braço unipivô de muito baixa massa, os graves podem soar ociosos e magros. Ache o braço certo e os graves terão corpo, peso e velocidade. Acho que os engenheiros da Pro-Ject foram muito felizes na escolha dessa Ortofon para o braço EVO. Pois é audível o quanto esse casamento favoreceu o equilíbrio tonal do setup.

A Quintet sempre foi aberta o suficiente na região média, sem nunca parecer excessivamente transparente ou cansativa, e os agudos ainda ►

que não tenham a última palavra em extensão, possuem arejamento e decaimento corretos. Nesse casamento cápsula / braço, o que predomina é um alto grau de versatilidade e convencimento de se estar fazendo o melhor em qualquer gênero musical.

Isso é essencial em toca-discos na faixa de preço do X8, pois quem investe esse valor, não deseja mais ter restrições no que escuta.

Investe a mais, justamente para poder desfrutar de audições que traduzam de maneira eficaz as qualidades do analógico!

O soundstage é preciso em termos de foco, recorte e planos. Ainda que falte aquele arejamento final em termos de largura e profundidade, que nos fazem lembrar o quanto o analógico sempre foi muito bom em nos apresentar palcos sonoros tão realistas.

O interessante é que, para levantar essa 'lebre' da largura e profundidade, você precisa ouvir setups analógicos mais sofisticados, caso contrário, você nem perceberá. E se for comparar com as mídias digitais, você achará que no analógico não falta nada.

As texturas são outro ponto alto da Quintet Blue com o braço EVO. Lindas as apresentações em detalhes de cada voz, suas paletas de cores e nuances. É possível passar dias ouvindo as mesmas gravações, dissecando detalhes de intencionalidade, fraseados intrincados, sem perder o interesse pelo todo.

Assim como ouvir os transientes dessa cápsula, e sua facilidade em nos marcar o ritmo e andamento de cada compasso.

Claro que não é apenas mérito da cápsula essas virtudes. Não podemos esquecer que no analógico o que temos é a soma das partes, e se essas não estiverem perfeitamente 'azeitadas', a 'magia' não ocorre!

A dinâmica é como todo bom analógico, parte 'nobre' dessa topologia. Quando colocamos o X8 ligado no PH-10, a macrodinâmica cresceu muito. O primeiro disco que ouvi nessa configuração foi justamente a *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, do selo Reference Recordings, uma gravação estupenda para avaliar variação dinâmica, e o X8 se sentiu à vontade, sem nenhum resquício de compressão ou frontalização nos fortíssimos. A micro é excelente, sem se sobrepor ou ter mais evidência que o acontecimento principal.

Impossível falar de algum problema com a reprodução do corpo harmônico com esse setup. É preciso mostrar aos que nunca ouviram um bom setup analógico, a beleza da reprodução dos instrumentos como piano, contrabaixo, órgão de tubo, quando foram bem captados e seu tamanho for 'real'. Já convenci muito jovem que relutava em acreditar nas virtudes do analógico, mostrando o tamanho dos instrumentos no digital e depois reproduzindo o mesmo disco no analógico.

O acontecimento musical sempre esteve presente e materializado em nossa sala, com esse setup. Mas uma gravação soou surpreendentemente materializada: Armstrong e Ella, no disco do Cole Porter.

Uau!

Que audição inesquecível!

CONCLUSÃO

Falar em gastar 30 mil reais em um setup analógico, pode parecer uma afronta nos dias de hoje, quando muitos sonham em montar seu sistema completo com esse valor. Porém temos realidades e realidades. Distintas, sempre.

E muitos leitores me pedem upgrades finais de toca-discos completos nessa faixa de preço. Por isso mesmo eu tive o interesse de avaliar esse novo Pro-Ject, pois ele se encaixa na expectativa desses leitores.

O que posso dizer em sua defesa, é que se trata de um investimento final, desde que você tenha um pré de phono e o resto do setup no mesmo nível.

Lembre-se que, no pacote, você estará abraçando uma cápsula MC, e que por tanto você terá que ter um pré de phono apto para cápsulas MC. Também será preciso um rack de bom nível para sua instalação, pois ele não poderá, como um TD de entrada, ser instalado em uma estante ou em cima de um caixote de laranja do Ceasa (como vi recentemente um Rega P1).

Com seus devidos pares similares, local adequado, todos que fizerem esse investimento serão retribuídos com um TD de excelente nível, e que o fará ouvir seus discos com alto índice de satisfação!

E o mais legal: descobrir um universo de detalhes jamais escutados!

Se esse é seu grande objetivo para justificar você jamais ter aberto mão de sua coleção de LPs, que seja feita a sua vontade! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WR1UT3_VISE](https://www.youtube.com/watch?v=WR1UT3_VISE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UNOHEHHL8W](https://www.youtube.com/watch?v=UNOHEHHL8W)

AVMAG #297
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 32.000

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS BERGMANN MODI COM BRAÇO THOR

Fernando Andrette



Me lembro em detalhes do Hi-End Show de 2011, quando entrei na sala do importador da Gryphon e lá estava o toca-discos da Bergmann, impetuoso em toda sua graça e delicadeza, em exposição silenciosa e ainda assim chamando todas as atenções para si.

Lembro de ficar minutos apreciando aquela engenharia e design com contornos tão limpos e, ao mesmo tempo, tão sóbrios e me perguntar se ele seria muito mais que apenas belo!

Tentei junto ao importador testá-lo, mas aquele em exposição já tinha dono, então só pude apreciá-lo alguns anos depois na casa de um leitor que havia me convidado para escutar o seu sistema.

Uma década depois, finalmente recebo um telefonema do novo importador me perguntando se teríamos interesse em testar o modelo de entrada, o Modi, com também o braço mais simples, o Thor.

A resposta foi imediatamente um sonoro sim!

Finalmente ouviríamos em nossa sala um Bergmann, em condições ideais com a companhia da cápsula ZYX Ultimate Astro G, do pré de phono Gold Note PH-1000 e dois excelentes cabos de braço: Cardas Clear PC e o novo Dynamique Audio Apex (ambos emprestados por dois queridos amigos). Algo inimaginável, se o primeiro teste de um Bergmann tivesse ocorrido em 2011.

Johnnie Bergmann é um engenheiro mecânico que desde muito cedo se interessou por toca-discos. Seu primeiro sistema tinha um toca-discos Micro Seiki com um braço Rega e cápsula Ortofon. No

final dos anos 80, ele leu pela primeira vez que alguns fabricantes de toca-discos estavam tentando utilizar a técnica de sustentação por ar para eliminar os atritos inerentes nos pratos e braços. E aquele artigo foi para ele fonte de estudo e inspiração que o levou, em 2008, a largar uma excelente carreira e lançar seu primeiro toca-discos, o Sindre.

Era o início de uma verdadeira aventura na busca de um toca-discos de braço de tracionamento linear, em que todos os obstáculos dessa tecnologia fossem corrigidos e, acima de tudo, tivesse um nível de performance inigualável!

Rapidamente Johnnie Bergmann percebeu que, para atingir tão alto desafio, seria necessário não depender de fornecedores e produzir peça por peça internamente, em sua oficina na Dinamarca, para ter total controle de qualidade.

Às vezes pensamos que determinadas pessoas 'extrapolam', em seu meticuloso controle de qualidade, até nos depararmos com os resultados conquistados com critérios tão rigorosos. Não confundam, por favor, com os perfeccionistas que passam a vida sem colocar suas ideias em prática, justamente por nunca encontrarem a 'situação' ideal. Falo de pessoas de 'carne e osso', humanas, que acumulam tão precioso conhecimento, que conseguem ter controle absoluto de todas as etapas para materializar seus objetivos.

Eu me coloco nessa situação, pois ao ter em mãos por três meses o Modi, e utilizá-lo por mais de 12 horas diariamente, é que me ative ao

quanto aquela aparente 'simplicidade' é apenas a ponta do iceberg! Para que o leitor possa acompanhar a magnitude do resultado dos toca-discos da Bergmann, temos que ter em mente a ideia inicial a que este engenheiro dinamarquês se propôs, que foi a de aperfeiçoar as técnicas de rolamento por ar como a forma ideal de construir toca-discos e braços sem o ruído mecânico e o atrito.

Ora, muitos outros fabricantes se propuseram a esse mesmo desafio e os obstáculos no caminho foram enormes. Pois o problema primordial é como projetar um rolamento pneumático que tenha durabilidade, confiabilidade e ao mesmo tempo seja preciso e silencioso. Os primeiros toca-discos com rolamentos movidos a ar, tinham a inconveniência de usarem bombas de ar barulhentas, e que precisavam ficar em outro ambiente, com mangueiras de metros e mais metros, e sujeitas a todo tipo de entupimento e necessidade de limpezas regulares.

Outros fabricante então desistiram do fluxo de ar para manter o prato sem atrito, mas viram os benefícios dos braços lineares e continuaram investindo, criando braços tangenciais com cordinha (quem teve os modelos da Revox se lembrarão do inferno que era ajustar a cordinha para nivelar a cápsula), e outros usaram motores para acionarem o movimento das cápsulas.

Mas o engenheiro Bergmann sabia que a vantagem de seu braço com rolamento por ar era de longe a melhor solução em termos de performance, e ele não só chegou a um resultado primoroso, como mostrou que os problemas técnicos, tão desafiadores para muitos, tinham solução com muito de criatividade, engenhosidade e simplicidade. Sabe a velha máxima do 'menos é mais', que tanto descrevo nos projetos mais geniais que testamos, e que se destacaram nos 27 anos da revista?

Pois bem, a Bergmann Audio se junta a esse seleto grupo, e o faz de maneira magistral!

Enquanto eu me via incrédulo com a performance do Modi, apenas seu produto de entrada com o braço Thor que é também o mais simples, eu por várias vezes me perguntei: o que pode ser ainda melhor que esse toca-discos com essa tecnologia?

Só saberei se um dia tiver o privilégio de testar, mas imagino de antemão que se existem modelos acima do Modi, certamente existem muitas razões para assim ser.

O Modi tem muito da plataforma Galder, e também utiliza a tecnologia Trickle Down, com seu sistema de toca-discos de rolamento por ar, que permite a colocação de um segundo braço 'convencional'. Ainda que seja um toca-discos minimalista pelo seu design e operação, sua tecnologia é tão avançada como dos modelos mais sofisticados desse fabricante e, com o uso da mesma bomba de ar sem uso de

óleo, silenciosa, precisa e que desacopla tanto rolamento do braço como o do prato, minimizando a fricção do braço e do eixo do prato do toca-discos.

Como a bomba de ar é ultra silenciosa, ela ficou instalada no mesmo rack em que estava o Modi e o pré de phono Gold Note. Para se ouvir algum ruído, é preciso encostar o ouvido na bomba, caso contrário não se ouvirá nada.

O prato de alumínio é centralizado por um eixo de aço, rodando em um material de rolamento em polímero de baixo ruído e resistente a desgaste. O prato flutua em uma fina almofada de ar, que reduz o atrito mecânico drasticamente ao mínimo absoluto. Outro benefício dessa almofada de ar é que o prato fica mais isolado do ambiente, além de uma maior estabilidade de velocidade.

O prato é acionado por uma correia por um motor corrente contínua controlado por tacômetro. A comunicação entre o motor e seu controle eletrônico de velocidade é feita de maneira automática - e quando foi medida pelo equipamento da Bruel & Kjaer, a variação de velocidade nunca é maior que 0,003%.

O motor é desacoplado dos três pés por uma camada isolante de borracha esponjosa, entre o motor e os pés, impedindo que qualquer vibração passe para a base do toca-discos.

Mas a genialidade do projeto você 'sente' ao acionar o toca-discos e perceber suavemente o ar saindo pelo cano que sustenta o braço: são micro furos que irão manter o braço literalmente desacoplado de sua base, suspenso no ar enquanto ele desliza sobre o disco.

Se um dia, amigo leitor, você tiver um Bergmann, só não caia na besteira de achar que poderá fazer o ajuste básico e depois o ajuste fino sozinho. Será um risco e não o aconselho a nem tentar. Pois essa joia é como um relógio suíço fino, e necessita das mãos de um especialista para extrair todo o seu potencial. E não acredito que alguém que invista tão vultosa soma em um analógico desse nível, não invista em um especialista para fazer essa montagem.

Tudo é tão delicado e de uma precisão tão absurda que será preciso o ferramental correto para ajuste de peso, VTA e aprumar tanto a base do toca-discos, como (principalmente) a base do braço. Pois um braço tangencial de tração linear precisa estar rigorosamente aprumado em relação ao prato, para não haver choro e ranger de dentes com uma cápsula de alguns mil dólares danificada. Para esse super trabalho, só poderia recorrer ao amigo André Maltese, que passou mais de 4 horas para ajustar um toca-discos que visualmente parece ser uma 'pêra doce' a se saborear, mas que necessita de mãos e ouvidos hábeis para nos levar para o nirvana dos analógicos!

O Bergmann Modi tem apenas dois botões do seu lado direito na base, para 33 e 45 RPM, e que você precisa acionar a primeira vez ►

TOCA-DISCOS

para dar partida e novamente para acender um suave LED azul e esperar 14 segundos para o prato estabilizar a velocidade. Se você for impaciente ou apressado, esqueça, pois os Bergmanns não serão para o senhor.

Com a velocidade estabilizada, pode colocar o disco, ir na lateral do braço e rodar o botão até ele chegar ao fim, e o braço irá baixar suavemente.

Para o teste utilizamos nosso Sistema de Referência, alternando apenas o cabo de braço Cardas para o Dynamic, depois das 50 horas de amaciamento do cabo interno do braço Thor.

Ouvi na vida alguns modelos de toca-discos com braços de tração lineares, alguns bastante caros e famosos. E jamais me encantei ou desejei ter um. Pois a manutenção, os cuidados constantes e a facilidade com que esses braços desregulavam, me fizeram apreciar as qualidades (que são muitas em termos de precisão e inteligibilidade), mas as restrições também são muito evidentes.

Então foi com esse 'espírito' de curiosidade e resistência que comecei a ouvir o Modi, após o término do ajuste do Maltese. Gosto sempre de ouvir com ele os mesmos discos, para tanto ele como eu sabermos de onde é o patamar que o produto em teste está saindo.

E ao final de uma faixa do Yes - *Close To The Edge*, nos entreolhamos tentando definir palavras para explicar o que cada um escutou. Quando começa assim, o que posso dizer, e o Maltese idem, é que o produto já partiu de um patamar muito acima do famoso 'promissor'. E daí em diante, nas 50 horas de amaciamento do fio interno do braço, a cada novo LP as anotações no meu diário de bordo só foram ganhando páginas e mais páginas.

No entanto, mais que a performance, o assombro na resposta de macrodinâmica e no tempo e ritmo, o que mais fiquei 'encucado' foi que a agulha não retinha sujeira alguma! Para você ter ideia do quanto de sujeira se retém na agulha, o máximo que consigo é ficar três ou quatro LPs sem precisar limpar, antes de colocar um novo disco. E falo de LPs que lavo regularmente, pois estão entre os LPs utilizados na Metodologia.

E fui limpar a agulha apenas depois de escutar 47 LPs dos dois lados!

Sabe o que significa isso? Só o audiófilo que possui um excelente sistema analógico vai compreender o meu total espanto e alegria, ao não precisar se certificar que o volume está totalmente fechado para usar a escova de agulha, e não tomar um baita susto. Ou, a cada virada de lado do disco, colocar o óculos para enxergar se acumulou sujeira na agulha.

Imagino que esse 'benefício' não só nos poupe desse ritual, como conserve por mais tempo a agulha e o cantilever. Essa é a maior vantagem de um braço linear, não raspar as bordas dos sulcos, pois seu ângulo de leitura é sempre preciso com o do corte do disco. Mas acho que o braço e o prato estarem suspensos em um bolsão de ar, diminuindo drasticamente o atrito, é que são os responsáveis por esse fenômeno de manter a agulha limpa.

Tirando esse benefício, o que mais esse Modi faz? Não riam, pois essa foi a pergunta que minha esposa me fez quando comentei com a família essa preservação da agulha longe de sujeira. Aí convidei-a para ouvir os LPs que ela tanto conhece e aprecia, como o *Angelus e Clube da Esquina* do Milton Nascimento, João Bosco - *Cabeça de Nêgo*, Gilberto Gil - *Refavela*, e *O Grande Circo Místico* do Chico Buarque com o Edu Lobo.

Sua expressão de incredulidade foi a mesma que a minha e a do Maltese ao ouvir o Yes. Não dá para fazer cara de paisagem depois de ser exposto a tanta informação de forma tão organizada e precisa.

É uma avalanche de informações que levam seu cérebro a se perguntar se é a mesma gravação que você já ouviu uma centena de vezes. E tudo com tanta graça, harmonia e detalhamento, que se leva algum tempo para interiorizar tudo. A mente, por um tempo, deseja participar ativamente das 'descobertas' e eu, particularmente, detesto essa postura, pois gosto de ouvir sem pensar. E por uma boa dúzia de LPs tive que suportar minha mente interferindo: "olha isso, você ouviu?", ou: "que facilidade ficou essa passagem!", "agora sim está explicada a mudança de andamento e todos os adjetivos ao final de mais um disco".

Uma coisa é você ter a companhia de uma outra pessoa na sala, expressando suas opiniões, agora sua própria mente!

Tive que passar todas essas informações também para o meu diário, pois percebi que por mais que me esforçasse em tentar silenciar minha mente, até esse primeiro impacto 'visceral' amainar, fui um tagarela inconveniente!

Você deve estar se perguntando: que diabos o Andrette precisa compartilhar seus 'tiques auditivos' conosco? É que não é comum eu ter essa reação, acredite leitor. Tenho tanto tempo rodado nessa estrada, que algo para me tirar do meu porto seguro, precisa vir como uma tempestade ou um susto! E o Modi foi um susto e tanto!

E só vi o tamanho do susto, quando percebi finalmente que não estava pronto para o que esse toca-discos iria me apresentar.

Acabei no décimo dia de teste, minhas anotações, com a seguinte frase: "O Modi foi um divisor de águas, tão preciso e profundo que não será exagero escrever que existe o 'Antes do Bergmann e depois do Bergmann'."

O meu Origin Live é de longe não só o melhor toca-disco que testei, e que tive, nos últimos 30 anos. E o tenho por suas enormes qualidades, e o montei com um braço de 12 polegadas para extrair o sumo do sumo da plataforma. E por mais que o admire e o use com prazer, ouvir os mesmos discos em ambos mostra diferenças tão intensas que é algo semelhante a comparar dois universos distintos, e que convivem paralelos sem a menor hipótese de se comunicarem. Caminham razoavelmente próximos até um determinado ponto, mas depois se distanciam de maneira irreversível! E a maior diferença não está em extrair mais informações e sim na maneira que as informações são extraídas.

Um exemplo simples, para tornar 'explicáveis' as diferenças: toda microdinâmica que é lida pelo Modi, não possui 'borramento' algum. E, no entanto, a micro não se torna mais evidente no todo. Ela apenas está lá de maneira audível e nunca borrada. O que deixa a organização musical muito mais coesa, coerente e real!

Pois quando uma microdinâmica aparece borrada, ou ela passa despercebida ou então fica deslocada do todo. Para obras com poucos instrumentos, essa característica pode parecer irrisória, mas em formações maiores faz uma grande diferença. Um dos exemplos foi minha esposa que percebeu, ao ouvir um pau de chuva na faixa *Clube da Esquina 2*, que ela sempre escutou borrado em todo setup que mostrei esse disco a ela. E no Modi é possível não só ouvir plenamente o pau de chuva, como ele está perfeitamente focado e recortado no meio de todo o acontecimento musical.

Um outro exemplo foi quando escutei o LP duplo do Stevie Wonder, o *The Original Musiquarium*, a faixa *Isn't She Lovely*, e a gaita como a conversa do filho com ele tem uma série de "truques" na captação, e soam geralmente estridentes tanto a voz como a gaita. O Modi consegue de novo 'organizar' tudo em termos de melhor apresentação da microdinâmica e um melhor equilíbrio tonal para essa faixa.

Foi aí que me dei conta do quanto o Modi, com a cápsula que é nossa Referência, com o cabo Dynamique Apex no TD, e o pré de phono Gold Note, subiram mais alguns pontos nesses quesitos (micro e macrodinâmica, equilíbrio tonal, transientes e textura) em relação ao nosso Origin Live.

E quando você finalmente assimila essas diferenças que são tão audíveis, você se atém ao quanto um toca-discos com essas características se encontra em um outro patamar de performance, e como comparar com os toca-discos 'convencionais' - por mais que sejam espetaculares em termos de construção, detalhe, precisão - é impossível. Pois são de dimensões distintas.

E não se esqueça que este é o projeto de entrada da Bergmann! E que se o audiófilo quiser ficar um pouco mais acima, sem ir para as

'cabeças', ele pode manter o Modi e investir no braço acima do Thor, o Odin.

Depois de me deliciar com mais de 80 LPs, que escutei na íntegra, o que posso dizer objetivamente é que nunca escutei um sistema analógico com tanta precisão detalhamento e performance! Será um daqueles poucos produtos testados nesses 27 anos, que fará uma falta enorme quando eu sentar para ouvir esses mesmos 80 LPs e sentir que todos eles soam muito melhores do que eu estou ouvindo.

CONCLUSÃO

Um toca-discos como o Modi da Bergmann precisa que todo o sistema esteja no mesmo patamar. Comprar um equipamento desse nível para colocar uma boa cápsula, ligá-lo a um bom pré de phono, será simplesmente jogar seu dinheiro fora, subutilizando um toca-discos primorosamente construído e muito bem resolvido. Que tem como objetivo extrair o sumo do analógico!

Se você se 'preparou' para experienciar esse tão alto nível de performance, comece pelo Modi da Bergmann, e se tiver fôlego vá passo-a-passo galgando o último degrau!

Eu, se pudesse, me daria por satisfeito em parar exatamente aqui! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=D22HRACMOIU](https://www.youtube.com/watch?v=D22HRACMOIU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OLRPKDP_UHA](https://www.youtube.com/watch?v=OLRPKDP_UHA)

AVMAG #292
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R\$ 169.900

NOTA: 115,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

ÁUDIO

TRANSPORTE DE CD ROKSAN ATTESSA

Fernando Andrette



Esse teste era para ser primeiro o integrado Roksan Attesa e, na sequência, o Transporte de CD. Porém assim que ambos chegaram, recebemos a notícia que o integrado havia sido vendido e era o último em estoque.

Então invertemos a ordem, e assim que a Mediagear receber um novo lote, apresentaremos nossa avaliação do integrado.

A princípio fiquei na dúvida se seria interessante testar o Transporte sem seu par de dança, mas assim que o colocamos para trabalhar com o DAC Gold Note e com o Nagra TUBE DAC, ligado pela sua única saída digital (coaxial), vimos que ele era perfeitamente capaz de se juntar a outros DACs e fazer bonito!

Seu design é bastante slim, e possui um painel limpo, que me agrada bastante. Mas não se enganem com essa aparente simplicidade, pois o que ele se propõe a fazer o faz de forma muito precisa e competente, que é a recuperação máxima das informações contidas na mídia, minimizando o caminho do sinal e reduzindo de maneira eficaz o jitter.

Seu comando através do controle remoto é preciso e com botões fáceis de memorizar. A Roksan envia junto com o Attesa até mesmo um cabo digital coaxial, que na emergência pode perfeitamente fazer seu papel de transportar o sinal digital do leitor para o conversor externo.

Aí muitos de vocês devem estar se perguntando: mas não seria mais fácil investir em um CD-Player em vez de um transporte que apenas lê PCM? Depende da situação. Caso você tenha um bom integrado com um DAC incluso, como é o caso de inúmeros bons integrados atuais, será muito mais interessante um bom transporte do que um CD-Player mais caro que o Attesa, e que provavelmente não terá um DAC interno tão bom como dos melhores integrados Estado da Arte.

E a segunda hipótese, para a existência de CD Transporte, é para aquele audiófilo que não caiu pela segunda vez na história do 'novo

padrão', como caiu na passagem do analógico para o digital, se desfazendo a preço de 'banana' de seus LPs. E que, ainda que tenha um streamer, continua ouvindo seus CDs.

Então vá se acostumando, pois inúmeros fabricantes estão voltando a lançar CD Transporte, como a Roksan e a Audiolab, buscando atender os audiófilos que não estão dispostos a investir nos transportes ultra hi-end.

O gabinete é de aço chapeado, e o painel frontal é de alumínio anodizado. No painel você pode manualmente deixar o produto em standby, ejetar o disco, voltar a faixa, pausar e dar play. No controle remoto você terá mais autonomia para uso de todos os controles necessários.

Como já escrevi, o Attesa dispõe de apenas uma saída S/PDIF coaxial PCM (16-bits /44.1 kHz). E reproduz apenas CD/CD-R Red book.

Para o teste utilizamos ele com as 4 caixas disponíveis: JBL L100 Classic, Harbeth Compact 7ES-3 XD (leia Teste 1 nesta edição), Monitor Audio Gold 300 série 5, e Estelon X Diamond Mk2. Os cabos coaxiais foram vários: o da própria Roksan, Chord Clearway Digital, Transparent Audio Reference G5, e Quintessence da Sunrise Lab.

Para os que não acreditam que cabos fazem diferença, ótimo! Pois o cabo que vêm com o Attesa é bastante honesto. Falta maior arejamento nas duas pontas, a região média é um pouco mais escura e, quando se escuta passagens com muita informação, o som tende a chapar e ficar bidimensional, e mais frontalizado. Mas para os que não acreditam em diferenças em como o 'zero e o um' estão sendo transmitidos, está tudo certo.

Com o cabo original, o Roksan Attesa seria injustamente sacrificado com a perda de pelo menos 6 pontos. E se o sujeito também não acreditar em cabo de força, e colocar o original emborrachado, o Attesa perderá mais uns 4 a 5 pontos.

E o que são 10 a 11 pontos, não é mesmo?

Então, aos que acreditam que cabos podem melhorar a performance de um sistema hi-end, usem os cabos originais enquanto ganham fôlego para novos upgrades. Mas saibam de antemão, que o produto estará sendo subutilizado.

E uma outra informação (aos que acreditam em cabos): ele melhora muito se os cabos de força e digital forem escolhidos criteriosamente.

Tanto que o testamos ligado a dois excelentes DACs, um de 100 pontos com fonte externa e outro de 105 pontos, e ficou claro que a escolha de cabos para atender as exigências de DACs de alto nível, deu resultado no Roksan Atessa.

Você não vai colocar um Dynamique Apex, ou um Transparent Reference G5, nem tampouco um Quintessence Aniversário. Mas sim um bom coaxial, que possua uma assinatura sônica aberta, detalhada, com boa extensão nas pontas, equilibrado tonalmente e que consiga em passagens com muita informação manter o palco sem chapar ou deixar tudo frontalizado.

De cabos nacionais eu indico as séries mais intermediárias, tanto da Virtual Reality, como da Sunrise Lab, e dos importados gosto muito das linhas atuais da Kimber Kable, Chord, QED e Dynamique Audio. Todos esses certamente atenderão muito bem ao Roksan Atessa.

O mesmo em relação aos cabos de força: um Transparent Power-Link MM2 foi matador. Quem sabe se consegue um usado no mercado por um bom preço, ou um Oyaide, ou os nacionais da Sunrise Lab ou Virtual Reality.

Usei esses quatro com excelente resultado. E com todos recuperamos os 11 pontos perdidos com os cabos originais.

Aos incrédulos, sei que não terei argumentos suficientes. Aos que já ouviram diferenças, entenderão bem aonde desejo chegar: que é extrair o máximo desse Transporte da Roksan.

Gostei de sua maneira de ler os discos, pois possui autoridade, firmeza na apresentação de microdinâmica, velocidade para ditar corretamente o ritmo e tempo da música, corpo harmônico surpreendente para o seu preço, e a macrodinâmica correta - ainda que não leve o ouvinte a pulos e sustos.

O equilíbrio tonal com os cabos corretos, será o do DAC, assim como a apresentação das texturas e da materialização física do acontecimento musical (organicidade).

Mas, para se ter esses três quesitos de maneira correta, significa que o Roksan está cumprindo seu papel de ler corretamente os bits e entregar adiante.

Ele casou muito bem com o Gold Note DS-10. Diria que foi uma grande surpresa, pois o DS-10 com a sua fonte externa é um Estado da Arte de 100 pontos! Então, achei que ele, à princípio, seria muita areia para o caminhão do Roksan, e não foi!

Por isso que me animei, ao final do teste, em ligar o Roksan ao Nagra TUBE DAC e ver se ele despencaria do precipício, ou se manteria sua 'dignidade', de ser esforçado e coerente.

E manteve!

Quem tem um sistema ajustado acima de 95 pontos, sabe o drama que é quando algum componente vai para a manutenção, ou foi vendido, o que significa 'adaptar' a audição a um elo fraco que entra para 'quebrar o galho'. Quem já não teve que usar aquele velho e surrado Oppo como transporte, enquanto o seu Transporte foi para o estaleiro? Quantos, por um longo período, não insistiram nessa composição, de pegar a saída coaxial do seu CD/DVD e usá-lo como transporte até perceber que essa composição estava destruindo todo o investimento feito e o gosto em ouvir sua música?

O Atessa não será um estepe, isso eu garanto meu amigo. Em sistemas de 88 a 92 pontos, ele não será o elo fraco de seu sistema, e poderá lhe surpreender em como se esforça para entregar o que prometeu a um custo muito honesto.

Se você possui mais de 500 CDs, não caiu no canto de sereia do streamer já estar no mesmo patamar que o CD, e possui um DAC (seja externo ou interno no seu integrado), faça esse investimento. Garanto que se sentirá feliz por resgatar seus CDs e poder comparar com o streamer, e perceber a burrada que estaria a cometer se vendesse seus discos.

Espero que, em breve, o mercado tenha mais opções de Transportes bons e baratos!

Certamente isso dará, aos que estão sem poder ouvir sua cedoteca, a chance de recuperar essas gravações novamente.

Uma bela surpresa sem dúvida alguma! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=N2MOPXP7AA](https://www.youtube.com/watch?v=N2MOPXP7AA)

AVMAG #293
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 7.883

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CD/SACD-PLAYER ARCAM CDS50

Fernando Andrette



Se você tiver mais de 50 anos, lembrará em detalhes quantos audiófilos e melômanos abriram mão de seus LPs para mergulhar de cabeça no disquinho prateado. Possibilitando muitos montarem suas coleções de vinil gastando de 5 a 25 reais por disco e, às vezes, encontrando raridades e até mesmo discos lacrados!

Eu e muitos dos meus amigos fizemos a festa e garimpamos preciosidades tão desejadas nos anos 80 e 90.

Agora o mesmo processo se repete com o disco prateado, e tenho feito a festa adquirindo gravações excepcionais por menos de 20 reais!

E fico me perguntando, cada vez que visito os sebos em São Paulo, se os que estão 'entregando' seus CDs também cometeram esse erro antes com o LP, ou é uma outra geração?

Em uma pesquisa recente feita com consumidores de música em mídia física, na Inglaterra, um dado foi checado múltiplas vezes, pois não fazia o menor sentido: 50% dos compradores de LP sequer têm um toca-discos para ouvir suas aquisições!

Parece piada, mas é verdade!

Jovens estão comprando LPs, e não tem como reproduzir essa mídia. E o máximo que desfrutam desse investimento é olhar e ler o encarte e curtir capa, fotos e letras das músicas.

Essa tendência começa a ser monitorada também com a venda de CDs para um público com menos de 25 anos de idade!

Já falei e escrevi aqui que não abro mão da mídia física por um único motivo: qualidade! Pois ainda que o streamer tenha evoluído muito nos últimos anos (leia Teste 1 nesta edição), a mídia física ainda é insuperável!

Não discuto praticidade, apenas qualidade. E para mim essa questão é recorrente, pois já existia no lançamento do CD, em que muitos audiófilos e melômanos 'justificaram' sua troca pelo fato do CD possibilitar acesso direto às faixas e muito mais músicas por mídia. Só que com a praticidade do controle remoto, veio também a possibilidade de o ouvinte pular faixas e até mesmo se negar a ouvir o que não curti tanto. E muitas coleções foram reduzidas a singles de uma única faixa.

Foi a época em que muitos substituíram a fita K7 com suas playlists personalizadas, por uma troca incessante de discos em um senta e ►

levanta muito maior que o de virar um LP a cada 20 minutos (que foi justamente o 'álbi' utilizado pela maioria dos audiófilos que trocou a mídia analógica pela digital).

O streamer inflamou ainda mais essa estranha maneira de ouvirmos música, já que dispomos de uma enorme biblioteca ao alcance de nossos dedos e trocamos freneticamente de disco para disco, sem muitas vezes nem ouvirmos cada música até o final.

Para mim é cada vez mais nítido que as novas gerações estão muito mais interessadas em quantidade e não qualidade.

Vejo que existe uma ansiedade cada vez mais presente, pois muitos até se incomodam se mostramos uma música na íntegra (principalmente se tiver mais que 4 minutos e for um estilo estranho ao gosto do ouvinte). As pessoas nessa situação começam a falar e deixar claro seu desinteresse no que estão escutando!

Basta ver o comportamento do público nos Hi-End Shows, em que a música concorre com a conversa paralela dos ouvintes.

É uma total inversão de valores que estamos vivendo, pois imagino que as pessoas paguem para ir a um evento para conhecerem sistemas que, de outra maneira, não teriam como ouvir. E são expostos a todos tipos de ruídos, deixando muito pouco espaço para realmente conhecerem novos produtos.

É um desrespeito a quem está expondo, e a quem está lá para conhecer esses produtos!

Desculpe, meu amigo, se me alonguei demasiadamente na introdução desse teste, mas o fiz para lembrar a todos que mantiveram suas mídias físicas em CD e SACD, que ainda existem fabricantes dispostos a fornecer players a preços 'realistas' para a reprodução dessas mídias.

E uma dessas raridades se chama Arcam CDS50, que em um belo pacote oferece CD, SACD e streamer. Nos fóruns li longas discussões sobre o streamer do CDS50, que foi tratado como 'limitado' pelo fato de usar um aplicativo MusicLife que trabalha com Tidal, QoBuz e Spotify, mas não outras plataformas (a maior reclamação é o fato de não trabalhar com Amazon HD).

Ainda que lá fora exista essa reclamação, acredito que para o nosso mercado e pela qualidade de sua performance, o CDS50 é uma das melhores opções a todos que possuem uma coleção de CDs e SACDs, e o streamer deveria ser visto como um bônus a quem deseja ampliar sua biblioteca musical e, no entanto, está ciente de que a mídia física ainda soará superior.

Talvez muito de nossos leitores mais novos desconheçam a história desse fabricante inglês (agora um dos braços do grupo Harman Internacional, que pertence atualmente à Samsung), que foi o responsável

em 1986 pela fabricação do primeiro CD-Player no Reino Unido, e que tinha a 'audácia' de concorrer com os principais CD-Players japoneses da Sony, Denon, Pioneer e cia.

Quando vi as fotos internas do CDS50, fui buscar as imagens guardadas em arquivo do CDS27 que testamos, e ficou claro que toda a parte mecânica do novo CDS50 é muito semelhante ao CDS27, ainda que o DAC atual seja outro.

Além de reproduzir CD e SACD, o Arcam adicionou a reprodução de rede via Ethernet ou Wi-Fi, e disponibilizou entradas digitais ótica e coaxial, para a ligação de fontes digitais externas usando-o como DAC - e uma entrada USB-A para a reprodução de uma biblioteca externa.

O CDS50 também pode ser usado como transporte, já que possui duas saídas digitais (uma coaxial e uma ótica) e algo raro para sua faixa de preço: saídas analógicas RCA e XLR. E uma conexão RS232 para comutação remota de liga/espera.

Os audiófilos acostumados com os produtos Arcam, reconhecerão seu design simples e objetivo com um grande botão liga/desliga e quatro controles logo abaixo do painel, para o uso básico do CD-Player manualmente. Mas para entrar em todos os recursos existentes, o usuário necessitará de fazer uso de seu controle remoto - que será obrigatório para navegar no modo streaming ou para reprodução USB de uma biblioteca externa.

Sugiro, para facilitar esses comandos, baixar o aplicativo da Arcam. Do contrário será preciso pressionar, na sequência, várias teclas do controle e ao mesmo tempo ficar atento às mensagens do display - algo pouco agradável para a maioria dos audiófilos.

Se o antigo CDS27 usava o DAC Burr-Brown PCM1794, o novo Arcam utiliza o ESS9038Q2M da ESS Technology. O leitor continua sendo o mesmo do CDS27, o Sony KEM-480AAA, uma unidade amplamente usada nos Blu-ray e nos modelos mais antigos do PlayStation (para permitir a leitura de PCM e DSD). Trata-se de uma gaveta de plástico e com isso tem um certo ruído ao abrir e fechar que, no entanto, por anos de usos em múltiplos equipamentos, se mostrou seguro e confiável (não dá para imaginar em um player de menos de 15 mil reais uma gaveta Luxman ou Esoteric).

Para o teste utilizamos o cabo de força Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e o Power Link MM2 da Transparent. Cabos de interconexão: Virtual Reality Trançado (leia teste edição de junho) e Sunrise Lab Quintessence Aniversário RCA. Ligado aos integrados: Sunrise Lab V8 Aniversário, e Arcam SA30. Caixas: Audiovector QR 7 e QR 5, e Wharfedale Linton 85 anos (leia Teste 3 nesta edição).

Queima de CD-Player com streamer interno é como chupar manga. Ouvimos nossos discos da Cavi Records (CD e SACD), fizemos as anotações iniciais e o colocamos para tocar streamer por 100 horas. ►

ÁUDIO

A primeira grande surpresa: não há diferença alguma entre a saída analógica RCA e XLR. Ou seja, o usuário pode escolher a saída que lhe for mais conveniente, para ter o melhor casamento possível seja com um integrado, ou um pré de linha.

Segunda grata surpresa: o leitor é rápido, preciso, e tem um grau de correção de leitura para pequenas imperfeições nos discos prateados superior ao dos players considerados de entrada.

Terceira bela surpresa: ele reproduz com refinamento SACD, muito acima dos Oppos que ainda existem no mercado.

E quarta interessante surpresa: o SACD é um pouco mais detalhado na apresentação de microdinâmica e na amplitude e profundidade do palco sonoro que o CD.

Seu equilíbrio tonal é muito bom para sua faixa de preço. Lembro que em todos os Oppos que tive (foram três modelos), a grande frustração era a falta de extensão nas altas e pouco peso na fundação dos graves. Lembro que o Ulisses da Sunrise cansou de fazer upgrades nos Oppos para 'arrancar' um pouco mais nesses quesitos, com mudança de capacitores, tomada IEC, fusíveis, cabeaço interno, etc.

O Arcam não sofre dessa falta de ar nas altas e muito menos falta de fundação embaixo! A música flui (independente do gênero musical), com clareza, definição, sem apostar apenas nos médios para enganar o audiófilo de primeira viagem, e depois deixar as audições cansativas ao se descobrir que os médios apenas não farão milagres.

O soundstage pareceu mais amplo na reprodução de SACD, mas nada que não permita ouvir com prazer os planos, foco, recorte e ambiência em PCM. Tudo será uma questão de sinergia, entre o Player e o resto do sistema, pois se todos remarem na mesma direção o resultado será muito convincente.

As texturas se beneficiam de forma clara, de seu equilíbrio tonal bom sem querer reinventar a roda. Com isso será possível não apenas avaliar a paleta de cores do tecido musical, como ter um pequeno vislumbre das intencionalidades captadas nas excelentes gravações.

Ou seja, com o equilíbrio desses três primeiros quesitos de nossa metodologia, o que o CDS50 nos garante é o interesse na audição de nossos discos. O que, para sua faixa de preço, volto a insistir: é muito raro!

Os transientes são corretos, nos dando a correta sensação de tempo e andamento, e mesmo em passagens com enormes variações, como nas viradas de um Vinnie Colaiutta, você não perderá o 'timing' do que foi feito. Para os amantes de pop, rock, música eletrônica e blues, o ouvinte terá diversão garantida.

A microdinâmica é muito boa, com possibilidade de acompanhamento sem esforço adicional de todos os detalhes existentes na gravação. E a macro é boa o suficiente para nos apresentar com correção os crescendos, ainda que em menos degraus que um CD-Player ou um transporte e DAC separados, de ponta, nos apresentaria.

Mas para esse grau de refinamento na reprodução de macrodinâmica, meu amigo, pode multiplicar o valor desse Arcam por dez, tranquilamente.

Essa é uma discussão que gosto muito de ter, principalmente com os amigos músicos. Pois eles por muitos anos sempre colocaram o 'dedo na ferida' do hi-end na hora de reproduzir os fortíssimos. E eu sempre os fiz pensar, que mais que o impacto no deslocamento de ar e energia na reprodução da macrodinâmica, o que precisa ser preservado é a inteligibilidade do que está acontecendo musicalmente. Pois se minha atenção for desviada completamente ao primeiro tiro de canhão da Abertura 1812 de Tchaikovsky, o objetivo de ouvir e compreender a intencionalidade do compositor em colocar, no grand finale, aqueles tiros de canhão, foi em vão.

Então sempre será preferível que a macrodinâmica, ainda que 'relativa', nos mantenha em contato com o todo. Pois Tchaikovsky não introduziu os tiros de canhão ao final de sua obra, com o objetivo de assustar os ouvintes e muito menos testar se o sistema e as caixas suportam, sem distorcer, tiros de canhão.



Ainda que tenha presenciado em minha adolescência, por duas vezes, uma cápsula pular e ir para no selo do disco danificada, e a outra vez uma caixa JBL Jubal simplesmente danificar seus dois woofers (para a alegria dos 'amigos audiófilos' presentes, e desespero dos donos e do meu pai).

O Arcam possui uma reprodução de macrodinâmica suficientemente honesta para mostrar com clareza e definição, e sem riscos para as caixas, as passagens em fortíssimo.

O corpo dos instrumentos é muito bom - aliás foi uma das virtudes desse player que mais me agradaram. Pianos solo têm tamanho de pianos de verdade, assim como tuba, contrabaixo, órgão de tubo, etc.

Com o setup composto pelo integrado Arcam SA30 e as caixas Audiovector QR 5 (com preço mais condizente com o Arcam), a materialização física do acontecimento musical foi excelente. Principalmente nos exemplos com vozes masculinas e femininas, e pequenos grupos como quartetos, trios e quintetos. Deixando nosso cérebro apreciar relaxadamente aquelas gravações.

CONCLUSÃO

Felizmente, muitos de nossos leitores não abriram mão de suas mídias físicas e lutam, à medida que seus players estão desatualizados, buscar uma solução que seja melhor que um simples CD-Player ou um Blu-Ray dos poucos ainda existentes no mercado.

O grupo Harman foi muito feliz em disponibilizar essa opção a um custo acessível, e com uma performance tão honesta. E, ainda por cima, incluir nesse pacote a reprodução de SACD e o streamer, para quem começa a se interessar por essa mídia virtual.

Se você vive esse impasse, e busca uma solução que não comprometa suas finanças e possa encaixar perfeitamente em seu sistema como sua fonte digital, ouça o CDS50. Garanto que ele irá lhe surpreender, assim como surpreendeu a todos nós que o ouvimos!

Para facilitar a compreensão de sua performance, separei as notas dele como CD, SACD e Streamer. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HTBW5H0CYFI](https://www.youtube.com/watch?v=HTBW5H0CYFI)

CD/SACD-PLAYER ARCAM
CDS50 (COMO STREAMER)

NOTA: 70,0



OURO REFERÊNCIA

CD/SACD-PLAYER ARCAM CDS50
(COMO CD PLAYER)

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

CD/SACD-PLAYER ARCAM CDS50
(COMO SACD PLAYER)

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

AVMAG #295
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 13.790

ÁUDIO

CD-PLAYER LINE MAGNETIC LM-515 MK2

Fernando Andrette



Vá se acostumando amigo leitor, pois você ouvirá muito a respeito desse fabricante chinês especializado em equipamentos valvulados, que vêm consistentemente ganhando espaço nos principais mercados de áudio hi-end no mundo.

Aqui já testamos o integrado Line Magnetic 219IA, na Edição 290, e agora recebemos da Elite Audio o CD-Player LM-515 Mk2.

O grande problema, na minha opinião, de todo produto hi-end chinês está na comunicação, que ainda é bastante precária e precisa vencer a barreira do preconceito no ocidente, conseguindo que mais mídias especializadas testem seus produtos.

Fiquei surpreso quando o Hernani da Elite Audio me disse que faríamos o primeiro teste mundial dessa versão, pois pelas suas qualidades achei que outras mídias e fóruns especializados já haveriam de ter dado seu parecer. Afinal, se existe uma comunidade que fuça e busca 'grandes oportunidades', é a audiófila.

E acho que o CD-Player LM-515 Mk2 merece todo reconhecimento que possa ter. Como o integrado por nós testado, ele possui uma construção sólida, um controle remoto decente, e passa confiabilidade no seu uso no dia a dia. E, ao contrário de muitos produtos de áudio modernos, que sem o controle remoto não há como operar, o LM-515 Mk2 pode perfeitamente ser utilizado, caso em um fim de semana você esteja sem reposição de pilhas em casa (que audiófilo já não passou por esse tipo de apuro em um domingo à noite, levante a mão).

Fácil de visualizar todos os comandos no painel e um display que se pode ver mesmo a boa distância. O LM-515 Mk2 é um CD-Player e um DAC, por isso que em seu painel frontal temos a inscrição Compact Disc e DSD.

Mas não confunda, amigo leitor, pois ele não lê Super Audio CD, apenas arquivos DSD que o usuário mantenha em seu computador, que poderão ser reproduzidos via cabo USB.

Seus 10kg mostram o cuidado que os engenheiros tiveram com a implantação de transformadores, tanto para o circuito analógico quanto para o digital, totalmente independentes. O chip decodificador é um ES9038 Sabre da empresa americana ESS. O estágio de saída analógico utiliza duas válvulas 6KZ8. No painel traseiro temos um par de saída RCA, outro XLR, e se o usuário tiver um DAC externo, poderá usar o LM-515 Mk2 como transporte via cabo coaxial ou ótico. E para desfrutar de arquivos DSD, há uma entrada digital USB.

Para o teste utilizamos o LM-515 Mk2 a maior parte do tempo ligado ao nosso Sistema de Referência, com as seguintes caixas: Audiovector QR-7 (leia Teste 1 nesta edição), Harbeth Compact 7ES-3 XD (leia edição de março de 2023), e Estelon X Diamond Mk2. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence Edição de Aniversário, Oyaide Vondita X (leia teste na edição de maio), Dynamique Audio Apex e Transparent Audio PowerLink MM2.

O produto veio amaciado, o que nos possibilitou colocá-lo imediatamente para avaliação, já que existem consumidores esperando encerrarmos o teste para ouvi-lo. Gosto muito de conhecer a filosofia do fabricante para ver se suas ideias são colocadas em prática consistentemente.

E se conheço um pouco da psique do oriental, sei que muitas vezes suas intenções são distorcidamente traduzidas para nós ocidentais.

Como sei disso?

Pelo fato de ter trabalhado por mais de cinco anos em empresas japonesas, e como publicitário ter atendido empresas como Fuji Film, ►

Toyota, Nissan, Yakult, Sony e Ajinomoto. Além de ter sido gerente de marketing da Oliver (empresa do grupo Roland aqui no Brasil). E aprendi que, ao contrário do ocidental, que é extremamente racional e direto, o oriental sublima sua cultura e a coloca ainda que de maneira sutil em todas as suas formas de expressão.

E lendo o texto na apresentação do site da Line Magnetic, uma frase me chamou muito a atenção: “Um jade que não foi esculpido não se tornará um objeto útil, um homem sem aprender não saberá o caminho”. Não tente ler esse velho ditado oriental racionalmente, pois você perderá o âmago do ensinamento que está intrínseco nele.

Pois nesse ditado milenar, a Line Magnetic se baseia para criar seus produtos e oferecer ao mundo. E não se trata de uma analogia floreada oriental, e sim um compromisso de valores que, acredite, serão seguidos à risca pelo tempo em que o CEO da empresa determinar, sem ser questionado por nenhum funcionário.

Eu fui testemunha ocular desse tipo de princípio por exatos cinco anos: depois de determinadas as metas a serem alcançadas, nada irá alterar esse objetivo. Claro que eles também erram, e empresas orientais também quebram, e são extintas ou compradas pelos concorrentes, e ainda assim essa cultura continua sendo o alicerce de toda corporação oriental em pleno século 21!

Voltando ao ditado do jade não esculpido, o leitor atento perceberá a intenção apenas se escutar um produto da Line Magnetic - pelos dois que ouvi e testei até agora, parece que a filosofia consegue ser replicada corretamente em todos os produtos. Pois o que está intrínseco é a filosofia de fazer bem feito, mas procurando dar uma ‘identidade’ a todos os produtos.

E a resposta está em outro trecho da apresentação, em que a Line Magnetic fala do “espírito do artesão”. Ou seja, cada artesão que domina a arte de desenvolver seus produtos, deseja dar sua visão pessoal a seus produtos. E aí a Line Magnetic sintetiza sua filosofia ao descrever que, para eles, o maior objetivo é: “uma voz autêntica, suave, doce, transparente, graciosa e completa”.

Ok, Ok...

Talvez você já esteja ‘vacinado’ de tanto ouvir o ‘compromisso’ de diversos fabricantes com a beleza da arte musical, escrito e dito de inúmeras maneiras, então o que devemos observar? É se o discurso bate na prática, amigo leitor, e isso só sabemos ouvindo. Certo?

Dois produtos é um universo ínfimo para um fabricante que possui um extenso portfólio de produtos, mas que essa ‘filosofia’ está bem presente em ambos produtos que ouvi, não tenha dúvida que está!

Em um mundo cada vez mais virtual, em que 80% de toda música consumida está em streamer, termos fabricantes investindo tempo e

dinheiro em CD-Players é no mínimo digno de ser aplaudido. Assim como eu, sei que muitos dos nossos leitores ainda estão firmes em manter sua mídia física. Pois sabem que quando reproduzidos em excelentes sistemas, ainda são imbatíveis!

E o LM-515 Mk2 irá proporcionar audições repletas de emoção e fidelidade.

E o consumidor que imaginar que, por ser um CD com uma saída analógica valvulada, soará ‘vintage’, terá um enorme susto, pois nada lembrará as tentativas dos anos 90 de ‘domar’ a dureza nas altas frequências e o corpo harmônico de ‘pizza brotinho’ com válvulas, pois o LM-515 Mk2 é um CD-Player digno do século 21 - com seu equilíbrio tonal correto, excelente corpo nas baixas e no médio-grave, velocidade, peso, deslocamento de ar, região média quente sem se tornar eufônica, e agudos com ótima extensão, velocidade e decaimento suave.

Muitos leitores nos perguntam se o decaimento suave não está intrínseco se o produto tem boa extensão. É uma pergunta pertinente, pois ter extensão, mas sem decaimento suave, irá ceifar abruptamente as altas. E fica aquela sensação ao tentarmos perceber os ambientes em que as gravações foram realizadas, que todas as salas são idênticas, como se para toda gravação usasse o mesmo reverb digital ou o antigo reverb de mola da década de 70 e início dos anos 80.

Só o decaimento suave nas altas permite sabermos com precisão até mesmo se foi misturada a ambiência da sala de gravação com um reverb digital - sim leitor, tem engenheiro que está tão acostumado apenas com salas de estúdio, que ao gravar em salas de concerto, ainda adiciona reverb digital, e várias gravações dos anos 90 de música clássica cometeram esse ‘crime sonoro’, resultando em: os agudos soarem duros e brilhantes.

No LM-515 Mk2, esses erros de gravações serão explicitamente audíveis. O que só demonstra o quanto seu equilíbrio tonal é correto!

O soundstage, ainda que não tenha a profundidade de Players mais refinados ou transporte e DACs separados de ponta (e muito mais caros), apresenta em gravações com um bom 3D, planos corretos e um foco e recorte ultra cirúrgico.

Explique Andrette, o que vêm a ser ultra cirúrgico? Sabe quando você está escutando um pequeno grupo e a voz soa perfeitamente ao centro e você consegue até ‘ver’ o que ouve e dizer se o cantor(a) está sentado(a) ou em pé, e que existe um silêncio entre a voz e os instrumentos?

Isso é um foco cirúrgico? E o recorte? É quando a gravação da voz foi gravada isolada dos instrumentos. Quando é em tempo real com todos juntos na sala, esse recorte jamais será cirúrgico, pois existe algo chamado ‘vazamento’ entre microfones. Ou seja, isso é uma questão de escolha dos músicos, do produtor e do engenheiro. ►

ÁUDIO

Eu sempre escolhi, nas nossas gravações, a opção 'real time', pois acho que os ganhos em termos artísticos são mais importantes que o preciosismo do recorte, com aquele silêncio absoluto e negro em volta da voz.

Mas são opções apenas.

Se você ler meu Opinião esse mês, e ouvir o primeiro exemplo de *Água de Beber* com seis vozes perfiladas lado a lado, perceberá que o recorte de cada uma das vozes não é perfeito, mas pela estética do arranjo era importante que soassem como um arranjo à capela, por isso não deixei as vozes mais afastadas entre si - mas dei um microfone para cada voz.

O Line Magnetic lhe dará a perspectiva na qual a gravação foi feita. E isso, meu amigo, nessa faixa de preço é incrível que seja alcançado.

Os transientes te fazem esquecer que tem saída valvulada, pois são precisos tanto em tempo como ritmo, e não se furtam a reproduzir com autoridade nenhum gênero musical.

Suas texturas são ricas, detalhadas e fidedignas tanto na apresentação da paleta de cores, quanto na intencionalidade.

Eu sempre cito neste quesito minhas gravações preferidas de quarteto de cordas, mas ultimamente tenho usado muito o box de 7 CDs do Wynton Marsalis, com suas gravações no Village Vanguard. Não é todo CD-Player nem tão pouco transporte & DAC separados que se darão bem com essas gravações, pois os metais ficam muito próximos no pequeno palco do Village. É uma gravação espinhosa para qualquer CD-Player, e o LM-515 Mk2 se sai bem, desde que você não abuse do volume e entenda que a captação, para ter menos vazamento possível, foi feita com cada instrumento muito próximo.

Então, dependendo da dinâmica do solo de cada instrumento, o som no volume errado irá endurecer.

O que, neste exemplo, o CD-Player precisa mais do que tudo é de folga para superar esses desafios de variação dinâmica. E o LM-515 Mk2 se esforça bravamente para passar por esse desafio.

Esse é um dos discos mais difíceis que uso para avaliação de textura, e um dos mais belos se o Player tiver 'garrafas para vender' e 'bainha de sobra!' Mantenha o volume correto e o LM-515 Mk2 irá te surpreender.

Sua macrodinâmica é surpreendente, assim como sua microdinâmica graças ao seu excelente silêncio de fundo. Os degraus entre o pianíssimo e fortíssimo são muito corretos, e até surpreendentes para seu nível de preço.

Adorei sua reprodução de corpo harmônico, pois ainda que não seja tão próxima do real dos instrumentos ao vivo, é muito coerente, mantendo perfeitamente as diferenças entre o tamanho dos instrumentos.

E, com isso, ele entra na lista dos que enganam nosso cérebro com facilidade.

A materialização física do acontecimento musical dependerá das gravações serem excelentes. Mas quando reproduzimos o CD *Anhelo* do José Cura, ele se materializou perfeitamente à nossa frente!

CONCLUSÃO

Se você ainda tem uma coleção de CDs, não pretende abrir mão de ouvir seus discos e está à procura de um excelente CD-Player que te leve a um outro patamar de prazer ao ouvir os discos prateados, ouça o Line Magnetic LM-515 Mk2. Ele pode ser o upgrade que você deseja e pode adquirir.

Se tivesse que resumir em uma palavra sua principal característica, eu diria que o LM-515 Mk2 é acima de tudo sedutor. Não apenas pela sua capacidade de nos apresentar a música dignamente, mas sobretudo pela sua facilidade de nos presentear com uma reprodução que nos permite apreciar a música tanto em sua forma como em seu conteúdo.

Antes que você ache que pirei, deixe-me explicar o que difere a forma do conteúdo. Quando ouvimos nossos discos que amamos em um sistema apenas correto, ainda que nos agrade, não haverá nenhuma surpresa ou algo de novo que nos encante. Parecerá mais como uma apresentação 'burocrática' e não cativante. Todos nós já experienciamos essa diferença, ainda que não tenhamos externado a nós mesmos que é exatamente esse o ponto que nos faz admirar o produto A e não o B.

O LM-515 Mk2 faz parte dessa 'linhagem' de equipamentos que consegue expressar de forma intensa o conteúdo que, às vezes, se encontra sutilmente nas obras que admiramos e, outras vezes, de maneira quase que arrebatadora.

Se captei bem a filosofia da Line Magnetic, só posso concordar que eles 'aprenderam' muito bem o caminho!

AVMAG #294
Elite Sound
 contato@elitesound.com.br
 (19) 99713.5005
 R\$ 27.000

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE

Harbeth

Os melhores monitores de estúdio hi end que você pode ter em sua sala de audição



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

XD Series



PRODUTO DO ANO
EDITOR

HARBETH COMPACT
7ES-3 XD
HARBETH M30.2 XD

Muitos audiófilos acham que uma caixa hi end não pode ser um monitor de estúdio. Para todos que pensam assim, sugerimos que ouçam qualquer um dos nossos modelos da linha XD séries. E que procurem conhecer a nossa história para entenderem que nascemos produzindo monitores de estúdio para a BBC e com nossa enorme reputação e performance, rapidamente conquistamos o coração de milhares de audiófilos e melomanos. Estamos no mercado desde os anos 70, sempre buscando atender ao segmento de áudio sem fazer distinção entre o hi-end e o profissional. Se você busca um monitor de alto nível em termos de refinamento e fidelidade, a Harbeth tem o modelo certo para as suas expectativas e para o seu orçamento.

KW
Hi-Fi



KW HI-FI



@KWHIFI



KW HI-FI



(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/

ÁUDIO

DACMAGIC 200M DA CAMBRIDGE AUDIO

Fernando Andrette



Eu sei que para muitos de vocês a espera é longa, e pode parecer que não nos empenhamos o suficiente para atendê-los.

A questão é muito mais complexa, pois o que norteia nossa linha editorial é apresentar apenas teste de produtos oficialmente representados no país, e o segundo quesito é com um patamar de qualidade e performance digno de ser testado. Sem esses dois critérios, não testamos. Não publicamos testes de produtos que estão disponíveis no Mercado Livre via Paraguai ou diretamente da Ásia para o consumidor.

O mesmo procedimento temos com a escolha do teste de fones de ouvido, mesmo sabendo que muitos de vocês preferem arriscar a não ter garantia ou assistência técnica, caso o produto necessite de manutenção. São escolhas que cada um deve tomar, e arcar com riscos e benesses.

O mercado mundial está repleto de excelentes opções de DACs baratos, e toda vez que somos procurados pelos fabricantes para ajudá-los a encontrar um representante no País, nos empenhamos ao máximo.

Porém, fechar essa parceria não depende de nós, então o máximo que podemos é passar nossas impressões e como a marca se posiciona no mercado externo, e ficar torcendo para que o acordo se concretize.

O que posso adiantar a vocês é que está bem encaminhada a chegada ao Brasil de duas grandes marcas europeias de DACs e amplificadores de fones - e assim que se tornar oficial, estaremos apresentando testes desses produtos a vocês.

Mas, hoje tenho o prazer de apresentar um DAC que nos surpreendeu pela versatilidade, facilidade de uso e performance. E creio que irá atender a muitos de vocês leitores que desejam um DAC atualizado a um preço acessível.

A Cambridge Audio tem uma história com DACs baratos de muito tempo, o que a coloca em uma posição privilegiada em relação à concorrência, cada vez que sua equipe de engenheiros se propõe a dar um passo à frente. Seu primeiro DAC foi apresentado ao mercado em 1990, e tinha como objetivo melhorar a performance de CD-Players de entrada que possuíam uma saída digital coaxial.

As revistas inglesas, na época, saudaram essa iniciativa como 'uma lufada de esperança' na melhoria da reprodução dos disquinhos prateados!

O Dac Magic 200M é a mais recente aposta para todos que necessitam atualizar suas fontes digitais, sem precisar assaltar um banco ou hipotecar a casa. Porém, se engana quem pensa que o 200M seja um DAC simples, minimalista, que apenas fez algumas melhorias pontuais da última versão para se manter no mercado.

Para manter-se firme como uma das referências neste mercado de entrada, os engenheiros da Cambridge Audio pegaram o novo chip DAC ES9028Q2M da ESS, da Califórnia. Trata-se de uma versão que aceita PCM com taxa de amostragem de até 768 kHz, e também decodificação DSD e MQA. Ou seja, o usuário não se sentirá tolhido em suas buscas pela melhor conversão possível de suas fontes digitais.

Para tal existem pares de entradas coaxiais, óticas, para quem ainda possui mídia física via CD-Player, consoles de jogos e, claro, leitores ►

de Blu Ray. Tem entrada USB tipo B para a conexão com um PC ou tablet, e tem Bluetooth aptX.

Além disso, tem saídas tanto RCA quanto XLR, para um power, um pré de linha ou um integrado. E uma saída de 6,3 mm no painel frontal, para ouvir sua música em seu fone de ouvido.

Incrível como couberam todos esses recursos em um gabinete tão minúsculo, que cabe na palma da mão.

Muito antes de ouvir as saídas do 200M, eu acabei tendo o primeiro contato ouvindo o fone Liric da Meze Audio, e gostei muito da apresentação limpa e equilibrada, mostrando a qualidade do amplificador de fone interno Classe AB, com uma nova placa que, segundo o fabricante, oferece maior potência e menor distorção que o modelo da geração anterior.

Voltando ao DAC, o USB tipo B permite até 32-bits/768 kHz e DSD512, e a entrada ótica até 24-bits/96 kHz, e a coaxial 24-bits/192 kHz.

E ainda que o MQA, no atual momento, esteja hibernando, é possível através do Tidal Masters com codificação MQA, usufruir dessas gravações feitas em sua maioria em 24-bits/96 kHz.

O 200M oferece visualização no painel frontal, através de vários LEDs, para apresentar a taxa de amostragem que está sendo lida, tanto para CD como MQA e DSD. O 200M também oferece três opções de filtros: Fast, Slow e Short Delay.

Para o teste, utilizamos o power Gold Note PA-10 (com o Cambridge ligado a ele via cabo XLR), integrado Line Magnetic LM-805iA (leia Teste 1 nesta edição), streamer Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa, pré de linha Mark Levinson N°5206 (leia teste na edição setembro), nosso Sistema de Referência, e as seguintes caixas: Harbeth 30.2 xd, Boenicke W5 e MoFi SourcePoint 10. Os cabos coaxiais digitais e USB foram inúmeros: Chord, QED, Virtual Reality, Dynamique Audio e Sunrise Lab.

Uma observação sobre o uso de tantos cabos digitais: só tomo esse procedimento quando percebo que o potencial do DAC é alto e possibilita tentarmos descobrir o seu teto em termos de performance, e ver seu grau de compatibilidade e o quanto o cabo pode influenciar ou não sua assinatura sonora.

Cabos de força: utilizei um Transparent Powerlink MM2 - com excelente resultado! Os anos passam e continuo me surpreendendo o quanto esse cabo é versátil e bom!

O produto veio lacrado, então o ritual foi o mesmo de todo produto: ouvi por três dias ele como amplificador de fone, e o deixei em repeat por 10 dias. Quando ele foi para a bancada de teste, estava ultra amaciado.

A boa notícia é que ele pode ser usado zerado sem nos constar nas primeiras 24 horas, ou nos deixar em dúvida se fizemos a escolha certa.

O 200M segue a linha da série top do fabricante, a Edge, e me lembrou muito como ele resolve a complexidade na variação dinâmica de obras sinfônicas grandiosas sem se eximir de responsabilidades, ou dar a cara a tapa.

Traduza essa frase Andrette!!!!

Muitos DACs de entrada, quando colocados à prova em situações extremas, ou tentam manter a 'pose' colocando tudo à frente das caixas, endurecendo o sinal e fazendo com que instintivamente você baixe o volume - ou seja, tentando dizer que o problema não foi deles e sim da gravação - ou procuram uma saída honrosa, que é não endurecer o sinal, mas buscar enfatizar a região média, já que nessa faixa se concentra muita informação. Essa é uma saída mais digna, pois nos passa a sensação de que o DAC se esforçou em manter seu padrão de fidelidade ao limite de sua capacidade. E, auditivamente, percebemos que muita coisa foi 'jogada ao mar', como extensão nas altas, corpo harmônico, micro detalhe, textura, organicidade - mas o som não se tornou fatigante!

O DacMagic 200M, se tiver uma fonte e gravações minimamente decentes tecnicamente, nunca terá que fazer uma dessas escolhas, o que já o coloca em uma posição de destaque em relação aos seus concorrentes nessa faixa de preço!

Gostei muito de seu equilíbrio tonal, pois não pretende ser mais do que pode realmente entregar. E o que ele propõe é extremamente atraente e, o melhor: convincente. Seus graves são honestos, com bom corpo, energia e precisão. A região média possui boa transparência e um grau de naturalidade que nos chama a atenção desde o primeiro momento.

Para os apaixonados por gêneros musicais predominantemente com instrumentos acústicos, irão saborear a maneira com que o 200M nos apresenta as obras. Nada de brilho onde não existe, ou uma ênfase acima do correto na reprodução de toda a região média.

E os agudos, se não possuem a extensão final dos DACs mais sofisticados, não pecam por ceifar ou soarem acanhados nas altas. O que significa que ouviremos menos o tamanho da sala de gravação ou a quantidade de reverb digital colocada pelo engenheiro, mas não teremos a sensação claustrofóbica de tudo soar em minúsculas salas ou 'câmaras anecoicas'.

E isso se dá graças aos agudos terem um decaimento suave e não abrupto.

O soundstage é excelente em foco e recorte. E um pouco menos em profundidade dos planos. Que são ligeiramente compensados pela largura e altura do palco!

ÁUDIO



O que é preciso entender de uma vez por todas, é que a relação de profundidade de planos, principalmente em obras de música clássica, é profundamente dependente da qualidade e extensão dos agudos no equilíbrio tonal. Maior extensão e decaimento, mais suave e natural, irão determinar a qualidade da reprodução de ambiência no soundstage. Entendeu?

Pense na construção de uma parede: o equilíbrio tonal é que dará o tamanho final desse muro!

Quando explico e mostro exemplos em nossos Cursos de Percepção, muitos respondem que não são apreciadores de música clássica, então ter mais ou menos ambiência e planos não fazem diferença. Gosto de guardar 'cartas na manga' para os que pensam ser fácil contornar essa questão. Aí coloco a famosa gravação de um solo de bateria tocado em uma quadra de basquete de uma escola em Londres. Primeiro mostro essa gravação em um DAC ou CD-Player que não tenha muita extensão nas altas, e que seu decaimento seja bem rápido. E peço a essa pessoa para descrever o tamanho do local em que essa bateria foi gravada. A pessoa se esforça e diz que provavelmente em um salão mais vivo, talvez!

Aí reproduzo essa mesma faixa em uma fonte que possua o decaimento correto, e a sala vem abaixo meu amigo, literalmente! Pois aí fica explícito que o baterista se encontra no meio da quadra com o ginásio completamente vazio, sendo possível as peças da bateria reverberarem por todo o ginásio, e voltarem ao ponto inicial.

Com esse exemplo, eu explico que mesmo que se esteja ouvindo um trio ou um quinteto, a gravação para soar e 'respirar', e nos passar aquela sensação de veracidade, necessita da melhor fonte possível!

O Cambridge possui uma apresentação de texturas muito correta e bonita, e como já disse: pessoas que gostam de gêneros com instrumentos acústicos, irão se deleitar com a apresentação da paleta de cores, do mais tênue ao mais intenso.

Os transientes foram outra grata surpresa do 200M, e me fazem pensar o quanto os DACs atuais evoluíram nesse sentido. Lembro da dificuldade que era, nos anos 90 e na primeira década do século 21, conseguir bons DACs de entrada que conseguissem uma reprodução correta deste quesito. Tudo nesses produtos soava mais letárgico, duplicito, como se os músicos não estivessem muito empenhados em fazer uma tomada correta!

Hoje isso não é mais problema, pois DACs mais simples possuem uma qualidade surpreendente na marcação de tempo e ritmo.

O Cambridge é preciso, e nos faz gostar de ouvi-lo sem perder a atenção ou o interesse no que está acontecendo à nossa frente.

Quando as pessoas nos dizem que têm dificuldade de entender esse quesito (leia a seção Opinião desse mês pois lá eu descrevo vários exemplos para a memorização de transientes), eu falo que mais que entender é preciso ouvir a importância dos transientes, para nos manter atentos e motivados a continuar apreciando o que estamos ouvindo.

Em um sistema pobre em transientes, a precisão de ritmo e tempo se perde, e consequentemente nosso interesse se desfaz.

Outro fenômeno que também ocorre, é que nosso cérebro não consegue acompanhar a variação de andamento, seja de um único instrumento ou de diversos instrumentos. O importante é conhecermos primeiro a causa para, na prática, ouvirmos as consequências.

Voltando ao Cambridge, este não sofre de indolência. Ele nos permite acompanhar o ritmo e o tempo com enorme facilidade e prazer!

Sobre a dinâmica, eu cantei a bola lá atrás: se a macro não é perfeita (e não dá para ser nessa faixa de preço, mesmo que muitos queiram vender que DACs baratos consigam a façanha de resolver a macro como DACs superlativos), ainda assim ele passou com méritos no exemplo 'encardido' do Bolero de Ravel, sem termos que ajustar o volume para baixo no fortíssimo do final. E a micro é boa o suficiente, para não termos que aumentar o volume nos primeiros 20 compassos dessa mesma obra.

Então, aqui vai mais uma dica preciosa e de graça! Quer testar a dinâmica de seu sistema? Bolero de Ravel, escolha uma gravação decente bem captada, e determine o volume correto para não perder nenhuma nota dos primeiros 20 compassos - que realmente são tocados em pianíssimo e depois vão crescendo gradativamente. E se, do meio para o final, você não tiver que baixar o volume para ouvir até o fim, e ao final o som não distorcer ou clipar, meus parabéns! Seu sistema passou no exemplo do quesito Dinâmica!

O Cambridge passou também - o que nos fez vê-lo e apreciá-lo com outros olhos, após o término desse teste.

O corpo harmônico é bom, mas não é excelente! Aqui, como na dinâmica, é difícil em um DAC de entrada um corpo harmônico que vá enganar nosso cérebro, de que realmente não estamos mais ouvindo música reproduzida eletronicamente.

Se quiserem vender para você que um DAC de 1000 dólares consegue essa façanha, lembre-se daqueles vídeos que proliferam sobre a cura do Alzheimer, Parkinson, câncer, etc. No nosso mercado também estamos vivendo uma infestação de 'fake-news' e falácias sobre performances milagrosas!

Não caia nessa.

O que o Cambridge consegue é reproduzir o corpo dos instrumentos proporcionalmente ao seu tamanho real, dentro de suas limitações. Ou seja: você não corre o risco de não conseguir determinar quem é o contrabaixo e quem é o cello, pelo tamanho. Ou a diferença entre um trombone e um piccolo.

O que, convenhamos, já é o suficiente para continuarmos apreciando o que estamos ouvindo.

A materialização física dos músicos a nossa frente, dependerá da qualidade das gravações. Excelentes captações, que não se perderam na mixagem e masterização, nos farão sentir que os músicos estão ali, quase ao alcance de nossas mãos.

CONCLUSÃO

O Cambridge DacMagic 200M é um excelente pacote, que atende a diversas frentes sem quebrar com o seu orçamento.

Eu certamente passarei a indicá-lo, não só aos que procuram seu DAC definitivo, como também aos nossos leitores que desejam um bom amplificador de fone com a possibilidade de ser um DAC de maior qualidade também.

Nos quatro meses que estivemos com ele, deu para ouvir toda sua versatilidade e o quanto ele pode ser uma peça essencial também para os que buscam montar seu sistema definitivo dentro de orçamentos mais enxutos.

Até ligado direto ao power PA-10 da Gold Note, ele nos surpreendeu, mostrando que pode perfeitamente atender aqueles que desejam montar seu sistema sem o uso de um pré de linha.

Não conheço entre os DACs de entrada uma outra opção com esse custo/benefício tão atraente e tão consistente em termos de performance.

Se esse é seu caso, sugiro que não deixe de colocá-lo em sua lista de opções, pois ele pode, como um 'coringa', ter as soluções para inúmeras de suas expectativas de um setup objetivo, bom e barato! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZPDATUAJ1QE](https://www.youtube.com/watch?v=ZPDATUAJ1QE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IF9BI5IO_JM](https://www.youtube.com/watch?v=IF9BI5IO_JM)

AVMAG #298
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 7.800

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

MERASON DAC1 MKII

Fernando Andrette



A Suíça tem sido uma fonte inesgotável de áudio hi-end, há muitas décadas! Atualmente é impossível citar o mercado audiófilo ultra hi-end sem ter na lista uma dúzia ou mais de fabricantes suíços como referência. E garanto que essa lista será, nos próximos anos, ainda maior! No entanto, sempre me perguntei: existem fabricantes suíços com o mesmo DNA de precisão, detalhismo e requinte para os pobres mortais? Ou essa opção não existe?

Demorou, mas obtive finalmente essa resposta, e ainda que pareça ser uma iniciativa isolada de um único fabricante pequeno, e com apenas dois produtos em produção no momento, é sim um sinal que pode levar outros a também trilharem esse caminho. Só o tempo dirá se estou certo, ou se sou um otimista ingênuo.

Eu realizo o trabalho de rastrear novos fabricantes hi-end há 30 anos, e à medida que o nosso mercado foi crescendo, consegui ir lapidando tanto minhas ferramentas de procura como a criação de canais de troca de mensagens, para poder sugerir aos nossos distribuidores marcas mais condizentes com o perfil de nosso mercado.

Isso não quer dizer que os importadores acatem todas as minhas sugestões, mas eu garanto, amigo leitor, que todos já o fizeram - sem nenhuma exceção, sejam parceiros comerciais atuais ou ex-parceiros.

E fico feliz que dezenas dessas sugestões se tornaram marcas famosas e bem estabelecidas por aqui.

Tenho um método de 'radar' em que classifico as novas empresas em três categorias: pela inovação tecnológica, pelos prêmios e revisões bem avaliados, e pela relação custo/performance.

E quando o produto em análise alcança a mesma 'pontuação' nas três categorias, esse produto passa a ser monitorado constantemente, e será o primeiro produto a ser indicado caso algum importador me peça ajuda.

Interessante que, às vezes, determinados produtos não chamam minha atenção de imediato. Foi exatamente o caso da Merason, pois quando li pela primeira vez um teste desse fabricante, foi do DAC mais simples, o Frérot, sem sua fonte externa. E acabei não notando nada de interessante sobre o produto, a não ser o fato de ser inteiramente desenvolvido e produzido na Suíça, e custar menos de 1000 dólares.

Só que aí, na sequência, li dois testes muito positivos do seu outro produto, o DAC1. E vi o produto em três feiras internacionais sendo usado em sistemas com eletrônicas muito mais caras. Isso acendeu a luz amarela em minha mente. Afinal, usar um DAC de 6 mil dólares (era o que custava a versão 1), com pré, power e transporte de mais de 25 mil dólares, e caixa de 32 mil dólares, é algo a ser monitorado.

E foi o que fiz, durante os últimos três anos (sim eu também espero que um novo fabricante se firme e não seja daqueles com fama de 15 minutos, para depois ser engolido e vaporizado). Pois sabemos que nesse mercado o grau de competição é feroz, e só sobreviverão os mais fortes - seja com poder financeiro ou com qualidade.

O fabricante suíço Niedal Audio Lab foi fundado pelo projetista Daniel Frauchiger, que deu o sugestivo nome de Merason aos produtos pelo fato de Mera significar 'único'! E Daniel sempre buscou, no desenvolvimento de seus dois primeiros DACs, deixar esse conceito de "Som Único", bem marcado na cabeça de seus futuros clientes. ►

Quando a Ferrari aceitou nossa sugestão de representar a marca, o DAC1 estava em sua primeira transição para a nova versão MkII, o que atrasou sua chegada em quase seis meses. Mas creio que essa espera foi bastante positiva, pois se a Ferrari tivesse trazido a versão original, os consumidores teriam que desembolsar, para atualizar o DAC1 para MkII, mais de 4 mil dólares, o que seria complicado.

Como não escutei a versão original, só posso contar a vocês o que li, e ouvi nos vídeos de feiras lá fora.

Em resumo, o DAC1 foi extremamente bem avaliado e se tornou o DAC de referência de dois articulistas, pela sua relação custo/performance. Um deles, em sua conclusão, escreveu algo que me chamou bastante a atenção: “Frauchiger realmente alcançou seu objetivo, que era desenvolver um conversor D/A que pudesse reproduzir a sonoridade de um LP ou fita de rolo. O Merason DAC1 me inspira porque me convenceu, em todas as disciplinas. E o mais importante, não é um daqueles DACs que faz tudo certo, mas que no final é chato”.

O que todos os testes sinalizaram, é que se tratava de um DAC extremamente simples de usar sem recursos de upsampling, opções de filtros e reprodução DSD, que trata o sinal PCM da maneira mais fiel possível.

E, finalmente, no final de julho, recebemos a nova versão MkII para teste.

Claro que sempre dá um frio na barriga, pois foi uma indicação sem nunca ter escutado o produto - apenas, como escrevo em minhas anotações pessoais: ‘criteriosamente radiografado’. Mas isso é apenas 80% de índice de acerto, pois 100% só ouvindo em nossa Sala de Referência por meses, com o maior número possível de equipamentos.

Vamos às alterações feitas da versão original para a MkII. Segundo Daniel, a nova versão levou mais de 1 ano e praticamente ocorreram modificações em todos os setores. Tirando o gabinete, que não sofreu alterações de tamanho (apenas na placa superior), a estrutura e o layout de roteamento da PCB foram totalmente redesenhados, resultando, segundo o fabricante, em uma impedância significativamente reduzida e no fornecimento de energia sem perdas para cada componente individual. Além da nova blindagem contra interferências externas, que foi toda aprimorada.

Os componentes da versão MkII são SMD de alta precisão, devido a sua performance comprovadamente superior às peças THT da versão original. Com os componentes SMD foi possível encurtar ainda mais o caminho do sinal, resultando em menores perdas. Os novos capacitores em ambos os filtros passa-baixa, agora possuem dielétrico feito de poliestireno, um material de alto desempenho em áudio.

Daniel também refez todo o conceito térmico, com a montagem de um sofisticado dissipador de calor individual para cada transistor de potência, usando molas personalizadas. Segundo o fabricante, este método complexo permite uma pressão de contato com maior precisão, alcançando a temperatura ideal dos transistores emparelhados. Essa solução reduziu drasticamente a distorção harmônica no caminho do sinal.

Devido a sua nova arquitetura de montagem, Daniel decidiu por dois chips conversores Burr-Brown PCM1794-A, usando um para cada canal. Conseguindo uma faixa dinâmica de 132 dB (cinco decibéis a mais que em um circuito estéreo). Como esse chip possui uma saída de corrente, o sinal de corrente é convertido em um sinal de tensão. No DAC1 MkII, isso não é feito usando amplificadores operacionais, mas sim um circuito complexo e discreto.

O sinal de tensão obtido é armazenado em um buffer no estágio de saída, usando tecnologia Classe A, e surge na saída XLR como um sinal de saída simétrico, e no RCA como um sinal assimétrico.

O processamento do sinal analógico é consistentemente simétrico, desde o módulo conversor até a saída. Filtros passa-baixa com capacitores de mica de prata, e capacitores de acoplamento que estão localizados entre o módulo conversor e a saída, como medida de segurança contra tensão DC indesejada.

Outra modificação na versão MkII, foi feita no layout da placa mãe, para que a relação sinal ruído extraordinariamente alta pudesse ser fielmente alcançada.

Um novo transformador separado é responsável por todo o circuito digital, e a tensão retificada é regulada para trilhos de 5 volts e trilhos independentes de 3.3 volts. Cada unidade funcional possui sua própria fonte de alimentação, sendo no total doze fontes.

O circuito analógico possui um transformador independente. A entrada USB utiliza uma placa de alta qualidade da Amanero – a Combo 384 - placa conhecida pela sua musicalidade (segundo o fabricante). Essa placa possui dois osciladores precisos, um para múltiplos 44.1 kHz, e outro para 48 kHz. Ele fornece um sinal I2S com clock limpo e jitter mínimo na saída. O sinal I2S é enviado aos dois chips conversores de maneira isolada galvanicamente, usando um módulo isolador capacitivo.

Os sinais nas entradas digitais AES e S/PDIF são também isolados galvanicamente por um transformador. O clock desses sinais é atualizado por um módulo receptor da Wolfson, o WM8804, usando um módulo de quartzo e PLL, para que o jitter também seja minimizado e depois repassado para os módulos conversores como um sinal I2S.

As taxas de amostragem PCM são: 44.1/48/88.2/96/176.4/192 kHz. Entradas digitais PCM de 24 bits: USB2, S/PDIF (RCA), TosLink ►

ÁUDIO

(óptico) e AES/EBU (XLR). Saídas analógicas: 1 par de RCA e 1 par de XLR. Acabamentos: preto ou prata. Peso: 8 kg. Tamanho: 44 cm de largura, 10 cm de altura e 29 cm de profundidade.

Seu painel possui apenas um botão de pressão para liga/desliga, e um pequeno botão para seleção de entrada do sinal digital. Além das entradas digitais e as duas saídas analógicas, temos a entrada IEC de força.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Streamer ZENmini MkIII, e Transporte CD Nagra. Prés: Classic Nagra e Mark Levinson N°5206 (leia teste na edição de setembro). Powers: Mark Levinson N°5302 (leia teste na edição 297) e Nagra HD. Integrados: Line Magnetic 219IA (leia teste na edição 290) e Gold Note IS-1000. Caixas acústicas: MoFi SourcePoint 10, Boenicke W5, Estelon YB e X Diamond MkII. Cabos digitais: Coaxial Argentum (leia teste 3 nesta edição), USB Kubala-Sosna Realization, e AES/EBU Dynamique Apex. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2 e Opus G5, e Sunrise Lab Aniversário.

Como o Merason DAC1 MkII veio lacrado, fizemos uma primeira audição com os discos da Cavi Records (nosso procedimento de sempre em avaliação de digital, já que estamos absolutamente familiarizados com as nossas gravações), e duas coisas de imediato nos chamaram a atenção: o grau de relaxamento na apresentação da música, e o enorme palco formado a nossa frente, principalmente no disco *Genuinamente Brasileiro Volume 2*, apresentando o enorme palco do Teatro Alpha e o espaço físico entre os músicos de maneira precisa.

Para um DAC zerado, foi um começo muito promissor, sem dúvida alguma.

Com 50 horas de queima tocando direto streamer, voltamos a colocá-lo para uma nova audição, e as duas pontas ganharam ainda maior respiro, e uma tridimensionalidade convincente na reprodução de grupos maiores com 8 ou mais músicos. Porém, por precaução, estendi a queima para mais 50 horas, antes de iniciar os testes.

Com 100 horas, as mudanças foram ainda mais interessantes, pois junto com o belo relaxamento, as variações de micro-dinâmica se tornaram mais presentes, mostrando a qualidade do silêncio de fundo do Merason.

Tentei iniciar os testes, mas percebi que tinha amaciado muito mais a entrada USB que a Coaxial ou a AES/EBU. Então precisei mudar de tática e colocar ambas por mais 50 horas, até todas as três estarem amaciadas.

À noite, antes de dormir, ia lá e ouvia uma ou duas faixas de nossos discos, para sentir a evolução das entradas digitais. E percebi que, a partir da terceira noite, as duas faixas passaram para três, até que no quinto dia ouvi tanto o *Genuinamente Brasileiro Volume 2* inteiro como três faixas do *Lachrimae*, do André Mehmari.

Foi aí que me dei conta do que todos os revisores falaram: do grau de sedução do Merason. Sim, ele é bastante convincente em mostrar que pode ser uma companhia e tanto em nossas audições.

Estabelecidas as 100 horas nas três entradas, iniciei a passagem das 80 faixas da Metodologia. Este é o tipo de teste que gostaria que mais vezes ocorresse. Pois você não sente o tempo passar. Ao contrário, como o índice de fadiga é zero, sempre tem tempo para mais uma 'saideira'.

Se tivesse que criar um novo quesito para nossa Metodologia, esse seria sem dúvida um complemento de Musicalidade, e daria o nome de Conforto Auditivo. Pois existem equipamentos que estão bem lapidados, que a melhor definição para esse esmero se traduz em Conforto Auditivo.

O Merason DAC1 MkII, é daquele DAC que, no primeiro compasso, já sinaliza ao que veio e qual é sua real intenção - seduzir o ouvinte - sem nenhum truque adicional na manga.

Nada de jogar luz onde não têm, ou querer recriar a roda. Se for isso que você deseja que seu DAC faça, esqueça o Merason. Ele apenas lhe dará o que os músicos e o engenheiro de gravação criaram. Se for ruim, isso irá ficar audível. No entanto, como ele não turbina e possui um grau de relaxamento de alto nível, mesmo essas gravações se tornam palatáveis.

O que mais me chama a atenção nesses novos DACs Estado da Arte, é que eles são relaxados apenas quando a música se apresenta assim, se transformando quando o "fff" na partitura surge. Não estar com a 'faca entre os dentes' o tempo todo é excelente, além de ser a única maneira possível de nos convidar a imergir plenamente.

Seu equilíbrio tonal é muito mais que correto, é natural. (Entenda o natural como não anabolizar nenhuma frequência, OK?). Graves com corpo, energia e precisão, médios incrivelmente 'realistas' e agudos com extensão e decaimento muito suave.

Alguns podem, dependendo das caixas, idade e cabos, achar que falta um 'brilho' a mais nos agudos. Eu prefiro exatamente como são. Pois muitos se esquecem que ter um brilho 'a mais' nos agudos, em inúmeros instrumentos, será muito mais prejudicial do que positivo.

O que concordo que falta ao Merason, é maior arejamento nas altas. Mas os DACs que possuem esse detalhe, custam de 5 a 20 vezes mais caro que ele.

Então, meu amigo, é preciso olhar tudo dentro de suas reais perspectivas, sempre! E pela perspectiva do preço do Merason DAC1 MkII, seu equilíbrio tonal é fantástico!

As texturas nesse DAC são sublimes! Muito refinadas tanto na apresentação das paletas tonais de cada instrumento, quanto na percep-

ção de intencionalidades. Tão sedutor que merece estar no mesmo degrau dos DACs excessivamente mais caros que ele.

O soundstage dessa nova versão, pelo visto, é um dos seus maiores méritos. Para os amantes de música clássica, diria ser em termos de custo/performance a escolha ideal. Pois o palco é realmente 3D, com os planos impressionantemente bem apresentados. Existem muitos DACs caros que teimam em ser pobres na apresentação de profundidade, com os contrabaixos no canal direito sendo colocados no mesmo espaço que os cellos, e os metais serem quase que colocados no mesmo plano que as cordas nos crescendos.

Isso me incomoda muito ao ouvir obras sinfônicas com grande variação dinâmica. O Merason se comporta como os melhores DACs Estado da Arte nesse detalhe. E não é só os planos 3D - o foco e recorte também são exemplares, com aquele silêncio em volta dos solistas, que estamos acostumados nos DACs ultra-hi-end!

Os transientes têm precisão e ritmo, para nos deixar acompanhar as mais sutis mudanças de andamento e nunca perder o compasso.

E a dinâmica é exemplar tanto na micro (com certeza devido ao seu excelente silêncio de fundo), como nas mais complexas variações dinâmicas. Não irá fazer o sujeito pular 30cm da cadeira com tiros de canhão, mas o levará a perceber sem esforço as mudanças e gradações dinâmicas, tanto crescentes como decrescentes.

Expliquei isso pormenorizadamente no meu Opinião da edição de setembro, se quiserem entender a importância entre macro-dinâmica 'pirotécnica' e a intencional. Está tudo devidamente apresentado.

Outro grande trunfo do Merason, é sua apresentação do corpo harmônico em que o digital parece finalmente ter compreendido que estava defasado em relação ao analógico, e começa a mostrar evolução neste quesito (leia meu Opinião nesta edição).

O Merason consegue manter, ainda que menores que no analógico, as devidas proporções de corpo entre os instrumentos audíveis. Para a 'prova dos nove', uso uma gravação antiga da Harmonia Mundi, de uma peça tocada em arco para contrabaixo (canal esquerdo) e cello (canal direito), nos melhores DACs o corpo é muito bem retratado em termos de tamanho e decaimento no ambiente. Sendo possível até para uma criança dizer quem é quem pelo tamanho do som.

De zero a dez, diria que o Merason passou nesse difícil teste com 8 para o digital. A média costuma ser 7 em DACs estado da arte nesse exemplo!

A materialização física no Merason é magnífica para gravações excelentes. Em gravações boas, se seu cérebro não se faz enganar, ele já estará tão seduzido pelo 'canto da sereia', rs, que nem irá querer saber se está ouvindo reprodução eletrônica ou não.

Lembre-se desse detalhe, meu amigo, quando for fazer um upgrade em seu DAC atual - que ele possua um equilíbrio tão bom em todos os quesitos, que o que ele não fizer com maestria, que o faça com todo empenho solicitado!

Musicalmente falando, o Merason DAC1 MkII acredito ser a melhor tradução de equilíbrio possível em um DAC de menos de 9 mil dólares! Pois ele não possui nenhum defeito que comprometa seu resultado final, em nenhuma situação de uso, com nenhum gênero musical! Desde que esteja em um sistema de alto nível e que não o comprometa, é claro.

Defendo desde sempre que as duas peças desse quebra cabeça, que é um sistema hi end bem correto, é o cuidado extremo com as duas pontas: caixa e fontes. Se você não tiver essas duas peças muito coesas e casadas, com a mesma assinatura sônica, esqueça meu amigo, pois você vai perder dinheiro a rodo.

E se deseja uma escolha segura e este DAC se encaixa em seu orçamento, escute-o! É um dos melhores DACs da atualidade independente do preço.

Como escrevi, seu projetista não quis em momento algum reinventar a roda, ou criar 'atalhos mágicos' para se sobressair na multidão. Ele só desejou fazer algo único com o ferramental e conhecimento adquirido, e oferecer uma opção correta, coerente e convincente ao mercado, o qual geralmente tem poucas opções realmente dignas de destaque.

É o equipamento que se encontra em uma faixa intermediária para os padrões econômicos do hi-end, mas está a pegar no calcanhar dos que estão mais acima. Acho excelente quando isso ocorre, pois força muitos outros fabricantes a também prestarem mais atenção nessa fatia, que na minha opinião representa mais de 70% do mercado real audiófilo!

Seja bem-vindo Merason: um produto genuinamente suíço, com louros suficientes para uma carreira brilhante neste trópico! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KSB_YRYYWW4](https://www.youtube.com/watch?v=KSB_YRYYWW4)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JIN8ICYDMM5](https://www.youtube.com/watch?v=JIN8ICYDMM5)

AVMAG #300
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001 / 99471.1477
R\$ 69.500

NOTA: 103,5



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

ÁUDIO

DAC E MASTER CLOCK DCS LINA

Fernando Andrette



Ao testar o Vivaldi Apex, disse que da nova geração de produtos deste renomado fabricante Inglês, só estaria faltando testar o sistema LINA, composto de um DAC com Streamer, um Clock e um amplificador de fones de ouvido.

Pois bem, agora só irá faltar testar o amplificador de fone de ouvido, que será publicado na edição de março de 2024 na Audiofone.

Quando todos (inclusive eu), achavam que a dCS se contentaria em oferecer ao mercado o Bartók como seu DAC e Streamer mais em conta, sem abrir mão de uma performance superlativa, eles mais uma vez mostraram estar atentos às novas tendências de mercado e disponibilizaram o LINA, um trio de componentes que pode ser adquirido separadamente, e atendem desde o audiófilo que tem fones caros e busca um amplificador de alto nível para ouvir sua coleção de fones de ouvido hi-end, até o consumidor audiófilo que sempre desejou ter um DAC dCS, mas o Bartók ainda está acima de suas condições financeiras. Além disso, a dCS ainda disponibilizou um Master Clock para tornar a performance do LINA, tanto no conversor como no streamer, ainda mais refinada!

Na nova versão 2.0, a dCS adicionou mais seis filtros para PCM (eram apenas dois), e para os que possuem arquivo MQA, agora também é possível decodificar esse formato, além do DSD ganhar mais

um filtro - agora totalizando cinco opções. Agora, em termos de opções de filtros, o LINA 2.0 se equipara ao Rossini e Bartók.

Mas, na minha opinião, a grande vantagem da nova versão 2.0 é o fato do LINA agora também converter arquivos PCM para DSD128.

As outras novidades são: Controles de Equilíbrio - uma função adicional de controle que permite ao ouvinte ajustar o balanço do canal direito e esquerdo, tanto para fones quanto para as caixas acústicas. Uma reclamação recorrente na versão 1.1, era o tamanho dos textos na tela do LINA, e com a atualização da interface agora é possível aumentar o tamanho do texto no display LED, facilitando a visualização dos títulos e das faixas.

O app dCS Mosaic Control também foi atualizado para fornecer suporte para a versão LINA Network DAC 2.0, juntamente com novos recursos UPnP e rádio na Internet. Com o novo controle é possível acessar músicas de várias fontes e controlar a reprodução, tanto para Android como para IOS, facilitando o gerenciamento e o ajuste de configurações do sistema LINA.

Já com o Bartók Apex, pude sentir o quanto a plataforma Mosaic Control é eficiente e simplista. Eu tive sempre todos os comandos direto no meu celular, e com uma navegação objetiva e sem travamentos ou problemas para reiniciar comandos.

Outro serviço que achei muito interessante, é que o Mosaic identifica as rádios da Internet com melhor qualidade, indicando quais são essas emissoras.

A primeira pergunta racional que todo leitor que está lendo esse teste deve estar se fazendo, é: a diferença de preço entre o DAC / Streamer LINA é compensadora em relação a fazer um esforço extra e ir direto ao Bartók Apex?

Essa foi a pergunta que me fiz durante as cinco semanas que fiquei avaliando o LINA 2.0 - com o Clock externo e sem o Clock.

E, para mim, a resposta que me aquietou a mente foi: dificilmente alguém que nunca tenha tido a oportunidade de conviver em seu sistema com um DAC deste nível de performance, vá querer mais que o LINA.

E acredito que foi essa ideia que permeou o desenvolvimento desse novo produto na dCS.

Seu design, suas 'aptidões' e seu apelo visual e performático, estão voltados para um outro nicho de mercado. Tanto isso é verdade, que se você se der ao trabalho de ler os diversos reviews publicados no exterior, por revisores que declaram não ter posses para um dCS, mas que ainda assim se sentiram curiosos em avaliar o LINA, podemos ter a compreensão exata de onde a dCS quis mirar!

E as conclusões são as mais interessantes possíveis: desde revisores fazendo contas para não ter que devolver o produto, aos que passam a concordar que suas convicções sobre limites de valores a serem usados na compra de um DAC terão que ser revistas, e os que disseram ser o amplificador de fones com o DAC componentes essenciais para se extrair o melhor de fones de ouvido hi-end do mercado!

Eu já vivi tempo suficiente para não me surpreender com o 'choque' de conceitos que muitos encaram, ao ter um contato com produtos de alto nível.

E se o Bartók já fez um baita estrago quando foi lançado, imagina o LINA, que possui o mesmo DNA sonoro e custa 7 mil dólares a menos que o Bartók Apex, lá fora!

Me perguntou o Martin Ferrari, o que eu estava achando do LINA? E lhe respondi que ele criou um problema: equacionar corretamente a fronteira entre o Bartók Apex e o LINA 2.0 com Clock, quando o interesse maior de um cliente em potencial na aquisição de um DAC Estado da Arte, for o Streamer. Pois o LINA com o Clock externo, que praticamente custa o mesmo preço do Bartók Apex, na reprodução de streaming me deixou coçando a barba!

Reproduzindo streaming sem o Clock externo, o Bartók Apex é melhor - e é um DAC superior. Mas quando se liga o LINA ao seu Clock, as cartas se embaralham, principalmente na reprodução de streaming!

Tanto que, se eu pudesse, ficaria com essa opção junto com o clock, ainda que custando o mesmo que o Bartók Apex. Pois, para reprodução de streamer, foi novamente o melhor resultado de tudo que testamos até o momento.

Para mim, poder eliminar um cabo USB da jogada, é elementar para se elevar o nível do streamer, pois os melhores cabos USB para os streamers top de linha, são um investimento caro (sempre acima de 2000 dólares!). E tanto o Bartók Apex como o LINA, provaram ser esse o caminho mais sensato, para quem busca melhorar a reprodução de alto nível sem mídia física.

No LINA, quando ligado ao seu Clock externo, as melhoras são muito significativas: maior profundidade de palco, recorte, ambiência e foco cirúrgico, tudo muito mais preciso. Melhor silêncio de fundo, corpo harmônico mais próximo do analógico e, com isso, uma materialização física do acontecimento musical que falta na maioria dos streamers, independente do preço! Fazendo com que a reprodução fique mais agradável e natural!

Tire o Clock, e o LINA passa a estar no mesmo nível dos melhores streamers que já testamos, na casa dos 100 pontos. O que já é incrível, pois os que atingiram essa pontuação, custam de 6 a 7 mil dólares a mais que o LINA!

Então, acho que consegui responder aos que desejam saber se o investimento só no LINA ainda é uma boa escolha?

É uma ótima escolha!

E quando sabemos que podemos melhorar o que já é ótimo, realizando upgrades periféricos sem ter que trocar o produto, aí, meu amigo, é juntar a fome com o banquete servido à mesa!

Não tem como dar errado!

E como DAC, Andrette?

Ele obviamente não tem a performance da nova linha dCS Apex. Mas está no mesmo patamar que o Bartók 2.0, que também testamos. Arriscaria dizer que de tão semelhantes sonoramente, o LINA deve ter herdado as partes essenciais do antigo Bartók. O que o coloca em uma posição ainda mais privilegiada, pois também custa menos do que custava o Bartók 2.0.

Ele tem a folga e o refinamento da geração Apex?

Evidente que não. Mas também não 'herdou' dos seus descendentes mais antigos, a 'faca entre os dentes'.

Ele, como DAC, ligado ao nosso transporte da Nagra com cabo AES/EBU, não 'expurgou' parte de nossos discos, ainda que em gravações mais críticas tecnicamente tenha sido essencial domar o

ÁUDIO

volume. Ele realmente aqui lembrou muito o DAC Bartók 2.0. Tanto que dei ao LINA apenas um ponto a menos que o DAC Bartók 2.0!

E como streamer, sem o clock externo, dei a mesma nota do Bartók 2.0!

Coloque o clock externo no LINA, e como os eletrônicos que se beneficiam de fontes externas, o bicho simplesmente se transforma. Esse é o grande 'pulo do gato' da mais recente aposta da dCS para ampliar sua penetração no mercado mais abaixo do que sempre atuou. Possibilitar que o consumidor vá refinando a performance, sem se desfazer do LINA.

Vejo nessa estratégia um problema concreto para inúmeros concorrentes, que lutam em se manter no pelotão de frente, pois o jogo e as estratégias estão se tornando cada vez mais sofisticadas.

Imagino que inúmeros leitores que possuem já um Bartók Apex ou o Rossini Apex, ao ler esse teste, já estejam fazendo confabulações mentais para saber o que o Clock LINA pode realizar em termos de upgrades em sua fonte digital.

Se eu tivesse um desses dois DACs, também estaria aqui imaginando como ouvir essa peça!

Foram cinco semanas de enorme aprendizado, pois consegui entender plenamente os objetivos por trás de um projeto que parece ser o oposto de todo o caminho já trilhado por esse fabricante, ao abrir mão de gabinetes meticulosamente planejados, requinte nos mais ínfimos detalhes, para fazer um produto aparentemente 'despojado' que, no entanto, não foge em nada ao essencial da marca: performance!

O LINA está perfeitamente integrado às novas tendências de mercado, e com apelo suficiente para seduzir ao jovem que deseja um sistema de alto nível, mas não quer dispor de enormes espaços para compor esse ambiente.

Diria até que ter mirado no consumidor que investe em fones sofisticados, para apresentar seu DAC com Streamer, foi uma jogada arriscada, mas que parece ter sido certa. Pois inúmeros sites de fones e fóruns também testaram o LINA, e o aprovaram.

CONCLUSÃO

Se você acha que o dCS Bartók Apex é um sonho inatingível, mas sempre desejou ter um DAC desse fabricante, talvez o LINA caiba em seu orçamento.

Trata-se de um investimento que certamente será o definitivo em termos de fonte digital. E com um excelente DAC e um impressionante streamer. E com a possibilidade de ambos poderem ser refinados com a inclusão do Clock externo.

O que posso dizer a você leitor que, daí para cima, os valores ficam cada vez mais proibitivos.

E todos podem perfeitamente ser felizes com o LINA avulso, ou com o seu par de valsa!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JATBHPOHUWA](https://www.youtube.com/watch?v=JATBHPOHUWA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CHTNGTY33_Q](https://www.youtube.com/watch?v=CHTNGTY33_Q)

**DCS LINA COMO STREAMER
(SEM O MASTER CLOCK
EXTERNO)**

NOTA: 101,0

**DCS LINA NETWORK DAC
(SEM O MASTER CLOCK
EXTERNO)**

NOTA: 102,0

**DCS LINA COMO STREAMER
(COM MASTER CLOCK
EXTERNO)**

NOTA: 104,0

**DCS LINA NETWORK DAC
(COM MASTER CLOCK
EXTERNO)**

NOTA: 105,0

AVMAG #302

Ferrari Technologies

info@ferraritechnologies.com.br

(11) 98369.3001 / 99471.1477

Lina Network DAC: US\$ 22.500

Lina Master Clock: US\$ 12.800



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

 elipson

 FABRIQUÉ
EN FRANCE

Legacy 3230

O CARRO-CHEFE DA
LINHA LEGACY

Brilhante e perfeita em frequências extremas, imagem sonora arejada e realista midrange expressivo, são todas as qualidades que caracterizam os alto-falantes Legacy.

A Legacy 3230 é uma caixa acústica de 3 vias que abriga um subwoofer com dois drivers de polpa de celulose de 8,3 polegadas com superfície de alumínio. A esfera de resina no topo da coluna abriga o driver médio de cerâmica de 6,5 polegadas e um tweeter de fita AMT de ampla dispersão, garantindo um som suave e contínuo em todas as frequências.

Experimente o máximo em desempenho de áudio com a linha Legacy da Elipson.



IMPEL

Sua vida em alto e bom som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

(11) 3582.3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

ÁUDIO

DAC dCS BARTÓK APEX

Fernando Andrette



Quando escrevo que o hi-end Estado da Arte Superlativo tem muitas semelhanças com a Fórmula 1 em termos de tecnologia e concorrência, muitos de vocês duvidam dessa analogia com os carros de corrida.

E, no entanto, basta ver a velocidade com que as empresas de áudio de ponta estão avançando na performance de seus produtos nos últimos 5 anos, para se ter uma ideia exata do quanto esse mercado se tornou competitivo e o quanto o consumidor está ganhando com esse avanço tecnológico.

Quando testei ano passado a versão Bartók 2.0 (leia teste na edição 288), abri meu teste escrevendo: “As empresas que se encontram no topo por muito tempo, como a empresa inglesa dCS, precisam estar sempre atentas às tendências de mercado e lógico, aos avanços de seus principais concorrentes para poderem se manter atualizadas e dando as cartas”.

A dCS há muito tempo se mantém no topo e, inegavelmente, é uma das maiores referências no segmento digital, ditando inclusive tendências até para seus concorrentes diretos ou não.

Com o lançamento ano passado da tecnologia Ring DAC Apex, primeiramente para o Rossini e Vivaldi, era elementar que em algum momento essa tecnologia também se estenderia para o Bartók.

E se os avanços já haviam sido notórios na versão 2.0, que tivemos o prazer de ouvir e testar ano passado, era de se esperar que a versão Apex viesse a acrescentar saltos ainda mais consistentes.

O que não imaginávamos era que teríamos o privilégio, mais uma vez, de sermos os primeiros a testar a nova versão Apex. Esse mérito é todo da Ferrari Technologies, que conseguiu importar uma das primeiras unidades assim que a dCS liberou sua comercialização.

E que gentilmente foi nos enviada.

De cabeça eu não me lembro quantas vezes tivemos essa ‘honra’, mas acredito que já tenhamos atingido esse feito pelo menos umas cinco ou seis vezes nos nossos 27 anos de existência. Nada mau para uma revista do terceiro mundo, que insiste em seguir adiante apesar de todas as adversidades que enfrentamos desde nossa primeira edição.

Sugiro que os interessados leiam o teste do Bartók 2.0, pois lá descrevi em detalhes o quanto admirei seu streamer (considerando o melhor testado até aquele momento), assim como os avanços no conversor, que deixaram o Bartók ainda mais impressionante que a versão original lançada em 2018.

Mas a nova série Apex tem um layout totalmente reconfigurado, tanto na placa de circuito quanto no seu estágio de saída, resultando em ►

um salto muito consistente em sua performance final, tanto no DAC como em seu Streamer.

Para tentar explicar o que é o novo hardware Ring Dac Apex, terei que voltar nos primórdios da dCS, amigo leitor, e explicar que o Ring DAC foi desenvolvido pela dCS na década de 80, quando ela era uma empresa altamente reconhecida por seu trabalho em radar e telecomunicações. E aí seus engenheiros descobriram que poderiam, com o seu conhecimento nessas duas áreas, desenvolver um conversor digital para analógico de 24 bits. Algo impensável naquele momento, já que todos ainda estavam descobrindo a melhor maneira de converter sinal digital de 16 bits para analógico.

A dCS percebeu que tinha em mãos um avanço tecnológico importante, e o ofereceu primeiramente ao mercado de áudio profissional, desenvolvendo DACs e ADCs e clocks mestres de alta resolução para os melhores estúdios de gravação do mundo.

E só nos anos 90 é que a dCS passou a oferecer seus DACs para o mercado audiófilo. E foi neste segmento que o Ring DAC ganhou fama e respeito. Desde então, ano a ano a dCS vem aprimorando seu Ring DAC, com avanços que o deixaram mais rápido, mais preciso, mais sofisticado e mais avançado.

Em 2017, a dCS lançou sua maior atualização até aquele momento, para o software que controla o Ring DAC, fornecendo algoritmos de mapeamento adicionais que permitiram aos ouvintes ampliar o desempenho de seus sistemas dCS.

Qual seria o próximo passo? Essa era a pergunta que não se calava na mente de Chris Hales, diretor de Desenvolvimento de Produto. Até que ele decidiu voltar o seu foco diretamente para a placa de circuito Ring DAC e seu estágio de saída analógico.

No caso do desempenho analógico do Ring DAC, a dCS usa um método que estuda como reduzir os artefatos gerados internamente e isso permite que os engenheiros detectem áreas em potencial que podem ser aperfeiçoadas. E após um período de investigação e muitas experimentações com novas placas de circuito, eles desenvolveram alguns protótipos. As melhores placas foram montadas e colocadas para longos testes de audição.

E o feedback e os resultados medidos em laboratório confirmaram melhorias significativas no desempenho geral dos DACs e Streamers. O novo Ring DAC Apex, segundo o fabricante, apresenta várias modificações, sendo a primeira a fonte de referência que alimenta a placa de circuito do conversor.

O Ring DAC é essencialmente um DAC multiplicador, que multiplica a tensão de referência pelo valor do código DAC. Conseqüentemente,

qualquer ruído ou sinais periódicos, nessa referência é acoplada diretamente à saída. E a situação ideal neste caso é de uma tensão CC pura sem componente CA e sem ruído.

O próximo passo foi se debruçar sobre os estágios posteriores ao Ring DAC, incluindo os estágios de filtros e, finalmente, o estágio de saída do circuito.

O estágio de saída do Ring DAC é responsável por armazenar em buffer os sinais analógicos gerados pelo Ring DAC. Essa placa analógica é composta de estágios digitais e analógicos. O estágio digital pega os dados que são alimentados pela plataforma de processamento digital, e os submete a uma função de mapeamento. O objetivo do estágio de saída da dCS é permitir o maior grau de compatibilidade com cabos e equipamentos dos usuários possível.

Outra grande alteração feita no hardware do Ring DAC foi a substituição de transistores individuais na placa de circuito por um par composto, e o ajuste de layout dos componentes na placa de circuito Ring DAC.

O resultado dessas alterações é uma placa nova e aprimorada, sendo ainda mais silenciosa, e aproximadamente 12dB mais linear que as anteriores.

Segundo a dCS, foi uma melhoria significativa!

O feedback em sessões de audição com ouvintes foi extremamente positivo, com os participantes notando aprimoramento na resolução, dinâmica, ritmo, tempo e um maior conforto auditivo.

Seu gabinete continua o mesmo da versão anterior, e ainda com duas opções: com saída de fone de ouvido e sem. A que veio para teste era a versão sem fone. As opções de acabamento continuam sendo prata ou preto.

Para os que não leram o teste do Bartók 2.0, farei uma breve descrição do seu painel. Além de limpo e sóbrio, é extremamente funcional. A direita fica a tela de alta resolução, com pequenos botões na sequência da tela, com os comandos do menu, filtro, entrada, saída e mute. E nessa versão sem amplificador de fone, o botão de volume fica do lado esquerdo do painel.

No painel traseiro temos as conexões para saída de áudio RCA e XLR, e as entradas digitais S/PDIF (coaxial e TosLink), AES/EBU (dupla para quem usar transportes também da dCS como o Paganini, Scarlatti e os mais recentes Rossini e Vivaldi), e USB para quem quiser utilizar computador ou alguma unidade NAS. Além de uma entrada de rede Ethernet, bem como uma entrada para clock externo.

Como disse, pela entrada AES dupla o usuário com um transporte também dCS com essa opção, poderá reproduzir SACD criptografados com DSD comutável e upscaling. ▶

ÁUDIO



O Bartók utiliza, como sua versão anterior, o aplicativo Mosaic, um software proprietário da dCS que permite navegar e reproduzir música de qualquer dispositivo. O Bartók pode ser totalmente comandado pelo seu celular, o que fizemos também no modelo anterior com enorme precisão e conforto. Pois com o aplicativo Mosaic você tem realmente tudo que precisa à mão para usá-lo corretamente.

O Bartók veio diretamente para nossas mãos, e pudemos ficar com ele para teste durante seis semanas.

E o usamos apenas ligado ao nosso Sistema de Referência, no lugar do Nagra TUBE DAC. Com o cabo AES/EBU Apex da Dynamique Audio, e o D-60 Coaxial digital da Kimber Kable. Cabos de Força: Dynamique Audio Apex e Transparent Audio XL G6.

Como ele precisava de período de queima, resolvi começar ouvindo primeiramente o streamer, que já havia me impressionado tanto na versão 2.0, tornando-se o streamer mais bem pontuado até aquele momento na revista!

À medida que o amaciamento foi se estendendo para mais de 50 horas, foi possível perceber que o Ring DAC Apex melhorou a performance geral em todas as frentes, elevando ainda mais a performance também de seu streamer interno.

O fato da dCS optar por colocar o streamer internamente ao lado do DAC, foi uma estratégia muito assertiva e com resultados sonoros

que deixam muitos streamers de ponta - que dependem de cabos digitais e DAC externo - em situação no mínimo desconfortável, para ser educado.

Vejo inúmeros que partiram para essa solução, quebrando a cabeça para achar o cabo USB ideal, sendo que alguns fabricantes já oferecem ao mercado esses cabos por mais de 3000 dólares e quando você escuta esse Bartók com o streamer já incluído no pacote, e com esse nível de performance, acho que é hora de fazer conta, ouvir, comparar e ver o que realmente é mais vantajoso.

Se a versão anterior no streamer já havia sido a melhor por nós avaliada, a versão Apex sobe ainda mais alguns degraus, colocando-o isoladamente como o melhor streamer por nós avaliado!

Quanto a usá-lo como pré, para aqueles que desejam eliminar o pré de linha para o sistema ficar o mais minimalista possível, ainda que não seja fã dessa opção, concordo se for temporário ou para economizar mesmo, até se tomar fôlego novamente ele pode ser usado assim também. Mas acredite, sua performance será ainda mais radiante, com um pré de linha à sua altura.

Voltando ao streamer, as melhorias foram todas no sentido que mais sinto falta ainda: maior profundidade, um arejamento 'real' entre os instrumentos (dois corpos não ocupam o mesmo espaço), corpo harmônico mais próximo da mídia física, e as pontas com maior extensão.

O Bartók Apex andou em todos esses quesitos em relação à versão anterior. Trazendo o Streamer mais próximo da mídia física. Ou seja, chegará lá! É uma questão de tempo, e de descobrir onde realmente estão os gargalos de fato (pois que tem, tem, e não é apenas um ou dois).

Lembro de travar essa mesma discussão nos anos 90 e virada de século, nos Cursos de Percepção Auditiva Nível 3, em que comparávamos o Analógico com o Digital. E os participantes só entendiam o tamanho da distância, quando comparávamos as mídias com as mesmas músicas. Após os primeiros três exemplos, eu fazia uma pausa e pedia para relembrem a cena final do primeiro filme Planeta dos Macacos, em que o protagonista acha a Estátua da Liberdade na praia.

Depois do choque de realidade a ficha caía para todos. Se você perde a referência, rapidamente sua audição vai se acostumando com a nova 'realidade'. Então volte a ouvir a melhor mídia e sua referência auditiva imediatamente se recupera.

Com o Bartók Apex, essa comparação e a distância existente será instantânea, não tem como não entender que ainda existem etapas a serem cumpridas.

Era hora de ouvirmos o DAC e saber o quanto ele era substancialmente superior à versão anterior. Todo audiófilo, quando gosta de um produto e reconhece a superioridade em relação ao seu, não poupa na empolgação e muito menos na lista de adjetivos.

E justamente pela 'extrapolação' na euforia, que sempre gosto de lembrar que depois que se atinge um determinado patamar no produto superlativo, os degraus são muito menores.

O que quero dizer com isso? Que não haverá mais fogos de artifícios, impactos retumbantes ou olhares atônitos!

Quando você chega ao auge de um estágio tecnológico atualizado, o que você irá observar são melhorias sutis que, no entanto, são homogeneamente coerentes. Então quando você ler ou ouvir de um audiófilo que as melhorias foram pontuais, e justamente nos quesitos que aquela pessoa mais deseja, fique esperto! Pois produtos superlativos irão se 'expandir' sutilmente em todas as direções e não de maneira pontual. Feita essa importante advertência, vamos a descrição dos avanços da versão Apex.

E vou começar pelo resultado audível.

Maior folga!

O que permite que você agora escute os detalhes de maneira mais contundente, sem se perder no detalhe. Entendeu a mágica? Esse é o objetivo, permitir que aquela passagem que sempre parecia difusa, pouco agradável aos nossos ouvidos, tenha perdido aquela dureza e se tornado muito mais palatável.

Todos nós já passamos por exemplos assim, e até descartamos essas gravações quando não conseguimos resolver seus problemas.

Segunda melhoria: a distinção entre as passagens do pianíssimo para o fortíssimo, em que você percebe que havia um intervalo muito maior entre um degrau e outro. Bolero de Ravel é exemplar para nos mostrar esses saltos qualitativos, quando o crescendo nos 6 minutos finais é constante e nosso sistema começa a ter problema para administrar tanta informação sem frontalizar o sinal, ou nos fazer perceber que o volume em que iniciamos a audição da obra estava excessivo para o 'grand finale'!

O Bartók Apex trabalha nas duas frentes. Com seu incrível silêncio de fundo, permite volumes no início dessa obra bem mais baixos, o que dará folga para que no crescendo não se precise baixar o volume para ouvirmos o final!

Para muitos isso pode parecer fácil de burlar: basta ficar monitorando o volume, mas sabemos todos o quanto desejaríamos ter uma fonte digital que nos permitisse ter folga o suficiente para nunca mais ter que usar desse expediente - principalmente se o controle remoto de nosso pré ou integrado, não for muito preciso ao comando.

Terceira melhoria: um soundstage muito mais próximo do analógico. Esse item, junto com o corpo harmônico, é ainda a pedra no sapato de qualquer digital de qualquer preço. O palco, tanto em largura como em profundidade, sempre foi muito menos arejado no digital. Não importando a qualidade do sistema, da acústica da sala, jamais tivemos no digital os mesmos planos. Ainda que em termos de foco e recorte, o digital há muito chegou lá.

O Bartók Apex, de todos os digitais que testamos nos últimos dois anos, junto com o Nagra HD e o MSB Reference, foram os que mais diminuíram essa distância nesse quesito para o analógico. O digital chegará lá? Agora acredito que sim. E muito em breve, creio eu.

Com um equilíbrio tonal tão correto, não fui surpreendido sobre o quanto as texturas do Bartók Apex evoluíram. Agora, as intencionalidades se tornaram explícitas, como ocorrem no analógico com maior facilidade. É possível 'vê-las' só ouvindo!

Isso meu amigo é que deveria ser o objetivo final do áudio hi-end. Permitir que o conforto auditivo seja tão pleno (como é no analógico), que podemos nos dar ao luxo de, enquanto ouvimos, interpretar as intenções por detrás daquela execução.

Para entender como essa intencionalidade pode ser vista através de nossa audição, eu sugiro que, quando o amigo estiver frente a um sistema Estado Da Arte Superlativo, escute vozes ou algum solista virtuoso, e sutilmente você passará a ver o grau de complexidade daquela obra, passagem ou solo. Acredito que mesmo detestando (tem muitos que não suportam ouvir Keith Jarrett pelos seus grunhidos enquanto

ÁUDIO

toca), se você já assistiu algum vídeo de suas apresentações, irá se surpreender que ele muitas vezes toca literalmente em pé, hora curvando seu corpo para longe do piano e outros momentos quase beijando as teclas do piano. Se apenas ouviu seus discos, te garanto que você não fazia a menor ideia do quanto ele se move enquanto toca.

Pois bem, em um sistema de nível superlativo, você perceberia esses movimentos frenéticos instantaneamente. Assim como o movimento dos violinistas virtuosos, que também movimentam seu corpo, para os lados e para frente, e podemos 'ver' esses movimentos enquanto só ouvimos esse Bartók Apex ligado a um sistema também do mesmo nível.

Mas se você nunca viveu essa experiência, comece por vozes, pois elas serão mais fáceis de observar suas intencionalidades.

Escrevi que nos testes auditivos do Ring DAC Apex, os convidados citaram com bastante ênfase tempo e macrodinâmica. Sim, concordo. Em termos de precisão de tempo, ritmo e andamento, o Bartók Apex é desconcertante. Para a prova dos nove, indico o famoso *Friday Night in San Francisco* - faixa 1 com o Al Di Meola no canal direito e o Paco de Lucia no canal esquerdo. Ouça atentamente em um bom sistema todo o fraseado inicial do Al Di Meola, e todo bom sistema em transientes irá lhe mostrar nota por nota daquela entrada alucinada em alta velocidade. E, no entanto, você terá que escolher entre ouvir o que o Al Di Meola está fazendo esquecendo o acompanhamento do Paco de Lucia, ou ouvir a música e perder detalhes da entrada triunfal de Al Di Meola.

Quando você tem tudo devidamente acertado, você não precisa escolher entre um ou o todo. Pois a precisão, folga, foco, recorte, tonalidade, velocidade, está tudo dentro do mesmo pacote.

É sentar, ouvir e incredulamente balançar a cabeça no final e se perguntar: o que foi isso que acabei de ouvir?

Audições como essas é que nos dão uma ideia exata do patamar que um avanço consistente lá no topo alavancou.

A macrodinâmica acho que dei uma boa pincelada ao falar do final de Bolero de Ravel, mas exemplos grandiosos não faltam para ilustrar o quanto o Bartók Apex é sublime! Pois a folga inerente ao produto permite audições no volume correto da gravação, sem o receio de endurecer, distorcer, ficar agressivo ou tirar o prazer de ouvir aquele fortíssimo como sempre quisemos e nunca tivemos a coragem de tentar.

É a outra pedra no sapato do digital, que ainda está aí (mas parece cada vez mais uma pedra polida sem pontas e bem desgastada), que no Bartók Apex ficou ainda menor. Ouvi alguns naipes de metais, cordas, contrabaixo, órgão de tubo, bastante convincentes tanto em tamanho como em proporcionalidade com instrumentos de vários tamanhos.

Cada vez mais a materialização física se torna mais 'fácil' de se alcançar. No entanto, para aquela materialização 3D, em que é possível

deixar nosso cérebro satisfeito e querendo mais e mais, poucos têm esse poder.

E o Bartók Apex faz parte dessa pequena lista!

CONCLUSÃO

O Bartók Apex nesse momento é a proposta mais acessível desse seleto grupo de digitais superlativos, que atravessaram mais uma etapa da fronteira digital e anseiam por serem comparados com as melhores fontes analógicas (que para vencer o Bartók Apex, custam mais que ele).

São mais de 40 anos nesse encaixe sem fim de superar o analógico, e tenho que admitir que nunca este objetivo esteve tão próximo de ocorrer! E se você colocar na ponta do lápis que nesse pacote tem ainda um excelente streamer, meu amigo, esse é um produto racionalmente tentador.

Se tiveres renda para esse feito, não titubeie e escute-o urgentemente!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TZEKEYNILTO](https://www.youtube.com/watch?v=TZEKEYNILTO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=S_YBELRC1IU](https://www.youtube.com/watch?v=S_YBELRC1IU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=68A-ZVYGXMM](https://www.youtube.com/watch?v=68A-ZVYGXMM)

**DAC DCS BARTÓK APEX
(COMO STREAMER)**

NOTA: 104,0

**DAC DCS BARTÓK APEX
(COMO DAC)**

NOTA: 107,0

AVMAG #295

Ferrari Technologies

info@ferrartechnologies.com.br

(11) 98369-3001 / 99471-1477

Preço sem Saída para fone

de ouvido - R\$ 179.000



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

QUANDO O ÁUDIO DOMÉSTICO SURTIU, NÓS FOMOS PROTAGONISTAS

 WHARFEDALE

 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

Estamos completando 90 anos. E escrevemos com letras 'maiúsculas' a evolução dos falantes neste quase um século de existência. Graças a Gilbert Briggs e sua paixão pela tecnologia e pela música (já que era um pianista talentoso), seus dois primeiros projetos de alto falantes ganharam o prêmio de inovação tecnológica no Radio Society, o maior prêmio para jovens talentos da Inglaterra na década de 30. Na década de 40 a Wharfedale deu mais um passo significativo ao desenvolver as primeiras caixas de som bidirecional o que chamou a atenção do projetista Peter Walker fundador da Quad e nasceu daí uma grande parceria entre as duas empresas.

E nas décadas seguintes a Wharfedale passou a ser reconhecida no mercado como a indústria que liderava o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas industriais como o uso de plásticos modernos para o aprimoramento da matéria prima utilizada no vinil, e técnicas de análise de laboratório para o aprimoramento de alto falantes como: Sonda Scanner Laser (SCALP) e Frequency Slice PLOT (FRESP).

No início dos anos 80 a Wharfedale lançou sua linha Diamond que ainda hoje em produção, se tornou a caixa bookshelf mais vendida da história do áudio. E por anos seguintes foi escolhida pelas mídias especializadas como as caixas compactas de melhor som até 200 libras! Podemos afirmar que estamos prontos para completar um século de vida, conhecendo como poucos o que o consumidor espera e deseja para apreciar com a maior qualidade possível sua música. Foi assim que criamos nossa reputação: oferecer ao consumidor a melhor relação custo e performance do mercado!

Se é isso que você procura, em seus futuros upgrades de caixas acústicas, ouça qualquer uma de nossas séries e veja a que mais se adequa às suas necessidades.



@WCJRDESIGN

ELYSIAN 4



LINTON HERITAGE



EVO 4.1



DIAMOND 12.2

KW
Hi-Fi

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR



KW HI-FI



@KWHIFI



KW HI-FI



(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/

ÁUDIO

DAC VIVALDI APEX DA DCS

Fernando Andrette



Minha avó, quando eu e meus irmãos éramos pequenos e nos via tensos antes dos exames finais escolares, sempre nos dizia: “se não querem ser surpreendidos, estejam preparados”.

Essa sua frase repetida dezenas de vezes, ecoou em minha mente por longos anos, e foi ela que me veio novamente quando o Heber da Ferrari chegou com a enorme embalagem do conversor Vivaldi APEX.

Como não gosto de deixar os distribuidores que se deslocam de longe para entregar pessoalmente um produto para teste, sem poder ouvir no nosso Sistema de Referência o que trouxeram, costumo deixar todo o sistema já preparado para receber o visitante ilustre. E assim o fiz na noite anterior, ao deslocar parte do meu sistema do rack Pagode da Finite Element para dar espaço ao Vivaldi APEX.

Foi uma audição rápida, tipo visita de médico, em que o Heber se certificou que estava tudo regulado e funcionando, e seguiu viagem de volta a São Paulo. Deixando-me ali com um Vivaldi com apenas 70 horas de amaciamento, para acabar de fazer o burn-in antes de aplicar a Metodologia, e o ritual das 80 faixas que usamos para avaliar todos os produtos.

Minha relação com todos os produtos da dCS são de longa data - o primeiro produto deste fabricante que testei foi em 1998, o Elgar.

De lá para cá, testei literalmente todos os seus produtos colocados em linha. E dessa nova geração, o único produto ainda não avaliado é o conjunto Lina, um poderoso setup para fones de ouvidos Estado da Arte e um poderoso conversor Digital/Analogico. O restante ou tive ou testei absolutamente todos: Puccini, Paganini, Scarlatti e toda a nova safra a partir de 2012: Vivaldi, Rossini e Bartók, tanto as versões originais, como as 2.0 e agora as APEX.

Ou seja, acredito estar apto tanto como revisor crítico de áudio, como usuário por mais de uma década de produtos dCS, a avaliar essa nova versão APEX do Vivaldi.

Como fomos recentemente a primeira publicação em nível mundial a testar o Bartók APEX, me senti no dever naquele momento de explicar minuciosamente o saldo dado da versão 2.0 para essa nova versão. Então peço a gentileza a todos, se quiserem saber todos os detalhes tecnológicos, que façam uma releitura do teste publicado na edição 293. Aqui farei um breve apanhado dos principais tópicos, pois quero dedicar mais tempo à avaliação sonora do produto, pois há muito o que se dizer.

O próprio fabricante assumiu que o tempo de adaptação à pandemia com as pessoas isoladas em casa, foi o pontapé inicial da equipe ►

de engenharia para estudar o que ainda poderia ser aprimorado da versão 2.0.

E como havia ociosidade suficiente, já que a fábrica e a produção estavam parados, os engenheiros responsáveis pelo desafio resolveram, à princípio, discutir entre eles o que cada um faria se tivesse a oportunidade de melhorar a versão 2.0. E desse exercício saíram dezenas de ideias promissoras e que foram sendo executadas.

Externamente a versão APEX é idêntica à 2.0, aliás para o consumidor saber que se trata da nova versão, têm que olhar no painel traseiro abaixo da entrada IEC, para ver a pequena identificação escrita APEX.

Mas abra o capô do conversor, e até aos olhos do leigo saltará a nova placa APEX PCB com as 48 fontes de corrente por canal, e resistores na saída analógica.

Em atualizações de software, os engenheiros perceberam que a versão 2.0 havia feito todo o processo, não deixando margem para nenhuma nova atualização. Foi então que o diretor de desenvolvimento, Chris Hales, decidiu considerar possíveis avanços nos circuitos analógicos do dCS. E foi aí que as ideias em grupo começaram a eclodir e tomar forma.

A atualização resultante foi a reconfiguração e aprimoramento de muitos componentes do Ring DAC principal, o ajuste do layout dos componentes na placa de circuito, e uma totalmente nova placa de saída analógica. O resultado foi uma redução significativa no nível de ruído e de distorção no segundo harmônico, em mais de 12dB!

Como escrevi, aos interessados nos detalhes de cada alteração, eu expliquei mais detalhadamente no teste do Bartók APEX.

O que eu quero enfatizar neste teste, é o quanto essas melhorias impactaram no Vivaldi APEX e o quanto ele consegue ser ainda mais impressionante que o Bartók APEX.

Para o teste, utilizamos apenas nosso Sistema de Referência com o transporte Vivaldi APEX no lugar do nosso conversor de referência, o Nagra TUBE DAC. Os cabos AES/EBU foram o Dynamique Apex e os Transparent Reference (para a ligação Dual AES).

A pergunta mais frequente que ouço dos leitores é se realmente se escuta tantas diferenças assim entre um bom DAC para um excepcional, e minha resposta costuma causar mais dúvidas do que esclarecimentos: depende, digo eu sempre.

Lembro uma vez em que um sujeito escreveu que a caixa de referência que o Andrette usava era “obsoleta”, e que ele a testou em seu sistema e conseguiu observar o quanto ela era limitada. Interessante que o sistema desse sujeito era muito, mas muito abaixo da caixa, então qualquer conclusão que ele possa ter chegado, está absolutamente errada.

Interessante como tanto os objetivistas como muitos ditos formadores de opinião, não acreditam em elo fraco, e acham que um produto de nível inferior não irá prejudicar o produto de nível acima. Então se você não tem um setup excepcional para avaliar um DAC também excepcional, você perderá grande parte das diferenças entre esse DAC e um de bom nível.

E ainda assim, um ouvido com boas referências poderá observar melhorias importantes como: uma sensação de melhor organização do acontecimento musical, uma sensação de maior arejamento, com foco mais bem definido e muitas vezes até melhorias na dinâmica e na precisão de resposta de transientes. Sem, porém, em um sistema inferior, conseguir dimensionar todas as melhorias para mensurar o quanto esses avanços valem ou não o investimento pedido.

Essa é a maior confusão que permeia as discussões de todos os fóruns, sendo ainda mais acaloradas nos que defendem que, a partir de uma faixa de preço, todos os DACs soarão iguais. Esse é o parâmetro que permeia essas discussões, até que de vez em quando um desses formadores de opinião, tem a oportunidade de ouvir um DAC muito acima do preço por ele estipulado como o sensato para se gastar em um conversor, e todas suas crenças caem por terra.

Já vi isso ocorrer algum bom par de vezes, e certamente nosso leitor também.

A questão aqui essencial não é se o valor pedido é válido ou não, e sim se o produto entrega o que diz fazer. E se ele o faz de maneira mais refinada que a concorrência, ou não.

Esse é o meu trabalho como Revisor Crítico de Áudio, conseguir mapear de maneira segura a assinatura sônica dos produtos enviados para teste, e o quanto eles suplantam em termos de performance seus concorrentes.

Basta uma olhada no nosso Top Five para ver o quanto esse nicho é disputado ponto a ponto, e o quanto os melhores estão se distanciando cada vez mais dos DACs também de excelente nível!

Sempre lembramos que qualquer dos DACs testados acima de 100 pontos, já será uma excelente escolha para qualquer audiófilo. No entanto, no patamar dos cinco melhores, percebemos que todos estão acima de 105 pontos, o que permite uma constatação muito interessante: do quanto os fabricantes estão se esmerando para ir cada vez mais longe na performance de seus conversores, e como estão conseguindo excelentes resultados.

Após o término da análise, e publicação do teste do dCS Bartók APEX, ficou claro que os modelos acima teriam ainda mais a oferecer em termos de precisão, detalhamento, correção tonal e refinamento.

ÁUDIO

A questão, para mim, era apenas do quanto mais seriam essas melhorias? Finalmente tenho a resposta, e passo a compartilhá-la com vocês.

Antes quero reiterar que qualquer audiófilo experiente pode perfeitamente viver satisfeito com qualquer um dos DACs na lista do Top Five. Pois cada um deles, à sua maneira, possui um pacote de qualidades inatacáveis!

Eu viveria tranquilamente com qualquer um deles.

No entanto tenho que concordar que, se o audiófilo tem bala e deseja extrair o sumo do sumo de seus discos prateados, ele deve buscar aquele que faz o trabalho da maneira mais correta e mais refinada.

E, nesse momento, o Vivaldi APEX, de todos os conversores por nós testados, encontra-se no mais alto degrau do pódio.

Já escrevi diversas vezes que sai da linha dCS (meu último setup digital era constituído pelo Transporte Scarlatti, DAC e Clock), pois à medida que a concorrência foi evoluindo, percebi em audições e testes críticos, que o meu setup expurgava diversas gravações que me eram muito caras emocionalmente, e que outros DACs eram muito mais condescendentes com essas gravações.

Usei até o termo de que meu setup dCS estava sempre com a 'faca entre os dentes', mesmo quando a música não necessitava dessa postura. E acabei optando por um upgrade que me resgatou de volta toda a minha coleção de CDs (literalmente).

Quem está no topo sempre tem uma visão do todo muito mais ampla, e claro que a dCS se mexeu e foi à luta. Lançou em 2012 o Vivaldi em substituição ao Scarlatti, e simultaneamente foi reformulando a linha abaixo.

Ficou nítido que, ao reformular toda sua linha, muito das características 'nervosas' das séries anteriores foram sendo lapidadas aos poucos.

Mas o grande divisor de águas, na minha opinião, se deu com o Bartók APEX, em que pude observar que aquela tensão existente deu lugar a um maior relaxamento, que já havia notado e tinha me conquistado em diversos produtos concorrentes.

E sem perder as inúmeras qualidades de uma excelente transparência, precisão e requinte.

Para quem está definindo seu futuro com o uso frequente de um streamer, o Bartók APEX é uma escolha exemplar, pois seu pacote é inteiramente coeso e no mesmo nível tudo!

Mas e o Vivaldi APEX?

Aqui as questões são muito mais relevantes, pois diria que existe uma dCS antes do Vivaldi APEX e outra agora.

Ouvi características sonoras no Vivaldi APEX que jamais observei em nenhum outro produto dCS. Começaria exatamente pela questão central do meu incômodo: o da 'faca nos dentes'. Isso é passado, enterrado, e para ser esquecido. O que temos agora é um grau de naturalidade, resolução, organização e precisão que não ouvi em nenhum outro DAC ainda.

O acontecimento musical à nossa frente, seja simples minimalista ou complexo, com inúmeros naipes e instrumentos solo, ocorre de maneira tão 'realista' (no sentido de como sentimos os músicos cada um ocupando seu espaço em uma apresentação ao vivo), que nosso cérebro se pergunta algumas vezes: o que está acontecendo?

O maior exemplo e constatação desse fenômeno psico/auditivo se deu ao escutar a *História de um Soldado*, de Stravinsky, gravação da Reference Recordings em que os músicos estão quase que perfilados no palco e o espaço de cada músico é respeitado também na reprodução no Vivaldi APEX.

É o melhor foco, recorte e arejamento que escutei na vida! A altura está perfeita, o silêncio em volta de cada solista, a ambiência da sala de gravação e a sensação 3D do palco são impressionantes!

O Vivaldi possui um tempo preciso na resolução do sinal ultra linear, isso permite que qualquer passagem uníssona de dois ou mais instrumentos, sejam exercícios simples de acompanhamento. Para os amantes de jazz, essa característica tão peculiar e tão desejada, torna o Vivaldi APEX uma referência absoluta em termos de apresentação do acontecimento musical.

Acredite, meu amigo, outros grandes DACs vão parecer no mínimo 'borrados' ou mais difusos, na construção dessas imagens sonoras.

São esses detalhes somados que vão fazendo seu cérebro relaxar e acreditar que a mágica é real. Ou, para ser mais exato: possível! Afinal não é exatamente isso que todos audiófilos desejam ao final da jornada? Ter seu nirvana musical no momento em que desejar?

O que preciso que você entenda, amigo leitor que começou sua jornada recentemente, é que para se ter esse resultado, todos os quesitos da nossa Metodologia precisam estar perfeitamente alinhados e no mais alto grau possível.

Então, falar da exuberância do seu equilíbrio tonal seria redundante, assim como da beleza das texturas com nuances que outros DACs também superlativos se esforçam para nos apresentar.

Os transientes determinam o quanto a música consegue ou não nos prender, e a precisão que o Vivaldi APEX nos expõe o ritmo, tempo e andamento, nos leva a achar que naquele disco parece que os músicos hoje estão mais 'animados' ou focados.

Foi um deleite ouvir os oito discos das apresentações do octeto do Wynton Marsalis no Village Vanguard. A sensação que tive é que realmente os músicos estavam mais focados e seus solos tinham algo a mais a nos mostrar.

E como é bom ouvir um dCS só mostrar a 'faca nos dentes', quando a música assim exige.

Que energia, que resultado visceral no *Concerto para Dois Pianos & Percussão* de Bela Bartók! Ou no quarto e quinto movimentos da *Sinfonia Fantástica* de Berlioz.

E nas passagens pianíssimas, tudo voltar à calma expressada de maneira tão clara na partitura.

Ouvir interpretações tão fidedignas à partitura, e tão precisamente captadas pelo engenheiro de gravação, é um deleite supremo!

Foram apenas duas semanas de convivência, mas foram de uma intensidade que jamais imaginei que viveria a essa altura da minha vida de editor da revista. Foram dezenas e dezenas de anotações em meu caderno, que à medida que envelheço mais parece um diário de bordo Intermusical, rs!

Detalhes ouvidos em gravações que me acompanham há mais de 30 anos, e que tive o prazer de saborear como se fossem novas versões ainda melhores tocadas.

Esse é o grande diferencial de um produto desse naipe: as gravações que amamos não apresentam alguns detalhes que nunca havíamos escutado, elas literalmente parecem versões atualizadas ainda melhores que o original!

Eu tenho que admitir que a distância do corpo harmônico do analógico para o digital, se resume agora a procurar 'pêlo em ovo'! Não imaginaria jamais que iria escrever ou constatar essa realidade no digital.

O Vivaldi APEX chegou lá, senhores!

Para ter certeza que não estava delirando, ou seduzido pelos atributos sonoros do Vivaldi, escutei dez gravações que tenho as duas mídias - e em apenas uma o CD ainda se mostrou mais pobre (será a masterização, já que é uma gravação dos anos 60 do Duke Ellington?).

Nas outras nove a diferença é um cisco e nada mais!

O que posso dizer em relação a sua musicalidade? Acho que a melhor maneira de referenciar esse pacote de qualidades, é dizer que não senti nas duas semanas que estive na sua convivência, o desejo de ouvir meu analógico!

Não imagino uma definição melhor para dizer o quanto o Vivaldi APEX me conquistou!

CONCLUSÃO

Meu amigo, como eu sempre digo, não posso jamais afirmar que o Vivaldi APEX seja o melhor DAC da atualidade, pois não testei todos que dizem ser os detentores desse podium.

Mas que ele é, no mínimo, um dos candidatos ao trono máximo, não duvide.

Méritos ele tem em abundância! ■

 ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0E1P-URAERU](https://www.youtube.com/watch?v=0E1P-URAERU)

 ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TZEKEYNILTO](https://www.youtube.com/watch?v=TZEKEYNILTO)

AVMAG #301
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001 / 99471.1477
US\$ 79.800

NOTA: 115,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR P1F E POWER A2700 ELIPSON

Fernando Andrette



Foi com um misto de curiosidade e interesse que recebi a proposta de testar o primeiro conjunto de pré e power desenvolvidos pela empresa francesa Elipson.

Nossos leitores assíduos sabem que a Elipson é conhecida pela fabricação de caixas acústicas desde 1938, e que nos anos 50 passou a investir forte em desenvolvimento e projetos que foram considerados 'futuristas' pelo seu designs ousados e pelo uso de materiais diferenciados na construção de seus cones, e nas soluções de amortecimento de gabinetes.

Por décadas, a Elipson esteve voltada apenas para o mercado Francês, já que toda sua produção anual era consumida em seu próprio país. Foi apenas na virada do século que a empresa começou a dar passos tímidos além de suas fronteiras.

E apenas em 2015 começou a diversificar sua linha de produção, com a apresentação de seu primeiro toca-discos e, agora, foi dado mais um passo com o lançamento de seu primeiro pré e power.

Batizados de P1F e A2700, o pré e o power Elipson seguem a tradição desse fabricante de criar uma 'identidade' visual que diferencie todos os seus produtos da intensa concorrência mundial.

Diria que o design de ambos é muito discreto, com um estilo limpo e, o mais importante: muito funcional. Não precisamos sequer ler seus completos manuais para colocar esse conjunto a funcionar.

Por exemplo: para a escolha da entrada que estiver comutada, basta girar o grande botão da esquerda para ver aparecer no painel central todas as entradas disponíveis. Assim que você identifica a entrada desejada, o painel ficará piscando, bastando pressionar levemente esse botão para confirmar sua escolha. Simples e altamente eficiente em termos de comando.

O botão da direita é o de volume, com leitura em decibéis começando em -60 dB e indo até +12 dB. E o volume é aumentado em 0.5 dB a cada toque. E para sua segurança, e das caixas acústicas, não adianta apertar e segurar o volume no controle remoto, que ele não responderá a esse comando. Para evitar sustos, o usuário necessita ir apertando (ainda que rapidamente) e soltando para que o procedimento seja aceito. Eu aprecio muito esse cuidado, pois assim você pode com total segurança achar o ponto ideal de cada gravação. Principalmente para quem possui salas compartilhadas com toda a família, ou querem ouvir música na calada da noite, sem acordar e assustar a família.

Depois que você se familiariza com o controle, se você não tiver paciência, pode usar o comando bem rápido e você irá rapidamente ter alterações de 2 em 2 dB.

O P1F tem a opção de duas entradas RCA e uma entrada XLR, além da opção de adicionar ao pacote um estágio phono MM/MC ou um DAC baseado no chip Sabre ESS9028Q2M, com entradas digitais RCA (coaxial), ótica (TosLink) e USB.

Já o amplificador A2700 é ainda mais limpo em seu design que seu respectivo par. Para ter um gabinete tão compacto como o do pré de linha, o fabricante optou pela topologia classe D, oferecendo uma potência de 400 Watts em 8 ohms por canal, em plena carga com 1% de distorção. E com 100 Watts de potência, apenas 0.005% de distorção.

O power possui entradas RCA e XLR - no entanto, o fabricante aconselha que se o power for usado com o P1F, o ideal será utilizar a opção XLR. O fator de amortecimento, segundo o fabricante, é 1000, e ele suporta picos de curta duração de até 900 Watts.

E para aqueles que desejam ainda mais potência, o fabricante recomenda o uso de um segundo A2700, em mono, com até 1400 Watts por canal.

Para o teste, utilizamos o CD-Player Arcam SA50 (leia teste na Edição de Aniversário 295), e também o CD-Player Line Magnetic LM-515 Mk2 (leia teste na edição 294), ambos ligados ao P1F com os cabos da Sunrise Lab, e os novos top de linha da Virtual Reality (RCA e XLR). As caixas utilizadas foram Audiovector QR 5 (leia Teste 2 nesta edição), Wharfedale Linton 85 Anos (leia teste na edição 295), Harbeth 30.2 XD (leia teste na edição de julho de 2023), e Estelon X Diamond Mk2.

Depois de integralmente amaciados (180 horas ambos) eu, por pura curiosidade, cheguei a separar o par, na mera tentativa de descobrir se algum deles é que 'carregava' o outro, mas rapidamente percebi que não. O projeto foi todo muito bem executado, mostrando que ambos até podem trabalhar separados, mas juntos parecem ser a combinação perfeita.

Então decidi apenas publicar minhas observações do conjunto, e não separados.

Assim como o streamer, sobre o qual mensalmente escrevo que ainda existe espaço para 'lapidações' antes que ele possa realmente substituir a mídia física digital (óbvio que falo de níveis Estado da Arte), os amplificadores classe D também tem alguma lição de casa a ser feita. Mas também está cada vez mais claro e audível, que os fabricantes que dominam bem essa topologia estão caminhando a passos largos para resolver as pendências ainda presentes.

E quais são essas 'pendências'? As mesmas que o digital levou décadas para solucionar. O que mais sinto falta nos amplificadores classe D é um melhor corpo harmônico - essa é ainda a maior pedra no sapato do digital, pois é fácil de perceber como todos os instrumentos e naipes de instrumentos soam menores do que na realidade.

E aí entramos na questão crucial do hi-end: é possível denominar um produto como alta fidelidade se ele ainda não atingiu o ponto de fazer nosso cérebro acreditar que estamos 'vendo' o que estamos ouvindo? Nosso cérebro não se engana. E sabe, como muitos des-

crevem, essa sensação de tudo estar corretamente apresentado e, no entanto, não nos levar ao ponto de imersão? A falta de calor, naturalidade ou musicalidade. É a maneira que encontramos para justificar que aquele sistema não nos seduziu o suficiente.

Os primeiros projetos de amplificadores classe D eram notórios em apresentar a música ali, e o ouvinte do lado de cá. Hoje, em gravações extremamente bem captadas e mixadas, com pequenos grupos, os melhores Classe D, conseguem enganar nosso cérebro. Mas não por todo tempo, pois quando ouvimos gravações tecnicamente bem resolvidas, mas não excepcionalmente, imediatamente nosso cérebro volta a nos lembrar se tratar de reprodução eletrônica.

E a segunda questão acho que tem a ver mais com a obsessão de distorções cada vez menores no Classe D, que melhoram impressionantemente o silêncio de fundo, mas correm o risco de passar do ponto, perdendo o ponto de equilíbrio entre a transparência e a naturalidade.

Não entrarei no mérito do percentual de audiófilos que querem esse grau de naturalidade, pois sei bem que uma grande maioria busca em seus sistemas o máximo de transparência. Para esses, acredito que a amplificação Classe D, assim como o digital (em streamer e mídia física), já atingiu plenamente esses objetivos. E, pelo crescimento exponencial dos projetos Classe D, acredito que o audiófilo com esse perfil seja maioria hoje!

Como os Elipson soam conjuntamente?

Em uma única palavra: Surpreendente!

Não estava preparado para o que ouvi desse conjunto, nessa faixa de preço. Pois ainda que a maior qualidade desse conjunto seja seu alto grau de transparência, permitindo ao ouvinte 'dissecar' as gravações, o ponto de equilíbrio entre transparência e naturalidade não foi rompido. Essa foi a mais grata surpresa: ao me familiarizar com esse conjunto, e entender sua assinatura sônica, foi possível que essa ruptura não ocorreu justamente pelo seu excelente equilíbrio tonal.

Deixe-me recordar algo que, para muitos de vocês leitores novos, certamente ainda não foi totalmente memorizado: quanto melhor o equilíbrio tonal, maior a possibilidade de termos uma boa neutralidade.

E neutralidade, ao contrário do que muitos audiófilos pensam, é uma meta que deveria ser buscada sempre. Pois ela permitirá que tudo que você aprecia musicalmente, não seja alterado pela coloração de um setup. E quando essa neutralidade surge no setup, também temos um equilíbrio maior entre transparência e naturalidade - o que, acredite meu amigo, é ótimo!

E esse conjunto da Elipson atingiu, e bem, esse ponto de equilíbrio tão crucial!

ÁUDIO

Em sua faixa de preço foi surpreendente a qualidade do soundstage, principalmente no foco, recorte, apresentação de ambiência, largura e altura do palco. Faltou aquela maior profundidade, que é sempre bem vinda em música clássica. Mas os planos, graças ao foco e recorte cirúrgicos, estão bem delineados.

O que nos surpreendeu foi como o power Elipson 'domou' as 4 caixas utilizadas no teste, e as direcionou bem ao lhes fornecer um sinal muito correto e coerente em todos os quesitos da nossa Metodologia.

A apresentação de texturas foi outra bela característica desse conjunto. Pois conseguiu, assim como no equilíbrio tonal, domar o grau de apresentação de paleta de cores de cada instrumento com suas intencionalidades. Confesso que não esperava esse grau de textura em um setup de nível intermediário! Ombreando com prés e powers mais caros!

Se existe um quesito em que o classe D nunca teve problema em reproduzir, foram os transientes. Aqui, os Elipson são referência para qualquer pré e power de qualquer nível de preço. O ouvinte se sentirá nas nuvens ao observar a facilidade e agilidade na apresentação de ritmo e tempo. Ouvi alguns discos de percussão e muitos pianos solo, e todas as apresentações soaram impecáveis e precisas!

A dinâmica, tanto a micro como a macro, são corretamente apresentadas, sem nenhum resquício de falta de degraus nos crescendos e nas sustentações, mesmo que por longos períodos. E na micro, graças a seu alto grau de transparência, nada se perde! Desde barulhos triviais que ocorrem no momento da gravação, como aqueles quase sussurrados que muitas vezes em outros sistemas passam despercebidos.

E o corpo harmônico, ainda que seja o item a ser alcançado, é tão bom quanto de qualquer DAC Estado da Arte, atual. O que significa muito, meu amigo, pois esse power classe D não custa o preço de um DAC Estado da Arte! E sim uma fração do preço.

A materialização física do acontecimento musical (organicidade), só não é maior pela limitação, como já disse, do corpo harmônico. Mas que, em gravações excepcionais tecnicamente, nos coloca com os músicos em nossa sala!

CONCLUSÃO

Já fui questionado centenas de vezes por inúmeros leitores, se não somos demasiadamente exigentes na maneira que avaliamos os produtos em teste. Entendo perfeitamente que possamos passar essa impressão a muitos de vocês.

Mas, pelo tamanho territorial do país e a dificuldade em ouvir o que desejamos comprar em condições adequadas, nos levaram a buscar editorialmente essa rigorosidade na maneira de avaliar e compartilhar com vocês nossas impressões.

Então, é preciso lembrar sempre que nossas conclusões se referem ao que ouvimos de cada produto ligado a seus semelhantes (em preço e performance). E apenas para fechamento de nota (se o produto apresenta maior potencial), utilizamos algum dos nossos produtos de Referência, apenas para saber o limite de performance desse produto em teste.

No caso deste conjunto Elipson, a mais importante conclusão que chegamos é que seu grau de compatibilidade com fontes digitais, cabos e caixas foi excelente! E provavelmente essa compatibilidade tem a ver com seu grau de neutralidade, que foi muito além de nossas expectativas. Porém sabemos que neutralidade é ainda hoje um 'atributo' difícil para quem jamais escutou um setup com alto nível de neutralidade. E já dediquei várias páginas falando de seus benefícios, e quão poucos fabricantes estão trilhando essa estrada no momento.

Se você está indo nessa direção, sugiro que ouça esse conjunto da Elipson em seu sistema, para ver se ele é compatível com suas fontes (seja analógica ou streamer), cabos e caixas.

O que alerta é que, com esse pré e power, será possível realizar uma 'tomografia' sonora de seu sistema e ver se é o que você deseja ou não. Ele lhe dará a noção exata do que a neutralidade pode proporcionar a um sistema em que tudo esteja na mesma direção.

E quando essa conjunção ocorre, cuidado, pois é muito difícil voltar atrás! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=H4TMYDYIXGU](https://www.youtube.com/watch?v=H4TMYDYIXGU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q7-2SALPDSC](https://www.youtube.com/watch?v=Q7-2SALPDSC)

AVMAG #296

Impel

contato@impel.com.br

(11) 3582.3994

P1F: R\$ 26.150

A2700: R\$ 29.940

NOTA: 93,5



ESTADO DA ARTE



AUDIOVECTOR

QR 7 OU QR 5? EIS A QUESTAO...

Se essa é sua dúvida, não se aflija, pois ambas são colunas definitivas para qualquer sistema hi end de alto nível e preparadas para reproduzir os mais variados gêneros musicais. Você só precisa saber que a escolha depende apenas do tamanho de sua sala. Até 16m, a QR- 5 será ideal! Acima dessa metragem, a QR- 7 se sentirá confortável para lhe proporcionar audições inesquecíveis. O difícil mesmo e aí só você poderá escolher, são suas três opções de acabamento.



QR 7



QR 5



WHITE SILK - DARK WALNUT - BLACK PIANO



A AUDIOVECTOR É UMA EMPRESA FAMILIAR
COM SEDE EM COPENHAGEN, DINAMARCA

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
TELEFONES: (11) 98369.3001



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR MARK LEVINSON Nº5206

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Sempre tive um enorme interesse por testar prês de linha, sejam valvulados ou transistorizados, pois muito cedo em minha jornada como revisor crítico de áudio, percebi que junto com a fonte e caixas são o componente que mais ‘determinam’ a assinatura sônica do sistema.

Por isso que os chamo de ‘cérebro do sistema’, justamente pela sua responsabilidade em fazer a ponte entre o que entra nele e que é entregue ao power.

Por três décadas escuto que um bom pré passivo ou um DAC com uma saída de pré analógica bem-feita, pode substituir de maneira eficaz um pré de linha. Eu nunca constatei essa possibilidade - pelo contrário, sempre ouvi perfeitamente as limitações de ambas as escolhas.

Então continuo sendo um defensor dos bons prês de linha. Com uma ressalva: é preciso muito critério na escolha deste componente, pois ele é muito pouco condescendente com parceiros que não estejam em seu nível de atuação.

Os excelentes, infelizmente, são caros e por isso mesmo que para a esmagadora maioria dos nossos leitores indico veementemente, quando consultado, amplificadores integrados. Já que esses, nos últimos anos, melhoraram e subiram de patamar exponencialmente.

No entanto, sempre haverá espaço para os pré-amplificadores em sistemas hi-end, e a boa notícia é que as opções são inúmeras e atendem perfeitamente a quem não abre mão de um setup com pré e power separados.

O Mark Levinson Nº5206 é um pré-amplificador duplo mono, que tem o objetivo de se tornar o pré definitivo de todos que chegaram à etapa final de sua busca.

Então, ao receber o produto para teste e o colocar para tocar junto com o seu par de direito, o power Mark Levinson Nº5302 (Edição 297 de julho de 2023), fui também buscar outras opções para sentir seu grau de compatibilidade, pareando-o com os powers Nagra HD, o power Elipson (leia teste na Edição 296), e o PA-10 da Gold Note (leia teste na Edição 293).

Como todo produto desse fabricante, o acabamento é primoroso, desde a embalagem bem projetada para assegurar a segurança do produto, até o seu design que transpira qualidade em todos os detalhes.

E como todo produto Mark Levinson, este pré é feito para oferecer ao usuário um leque de opções, como um excelente DAC, Bluetooth aptX e um surpreendente pré de phono MM e MC. Com duas patentes conquistadas por seu design inovador, o 5206 foi projetado para preservar o máximo possível o sinal, seja ele digital ou analógico. Para se comprometer a esse grau de performance, os engenheiros optaram pelo uso de componentes discretos, cuidadosamente selecionados - com um estágio único de ganho, que utiliza uma rede de resistores para controlar o volume, com uma enorme largura de banda, e um sinal o mais íntegro possível.

O pré de phono para cápsulas MM e MC, utiliza uma topologia batizada de ‘híbrida de ganho’, também com componentes discretos que são os mesmos utilizados na série 500 Pure Phono Stage, de circuito integrado de baixo ruído e alta qualidade para a equalização RIAA. Ele possui entradas separadas para MM e MC, e um filtro subgraves opcional que pode ser ativado em seu menu - assim como o ganho também pode ser pré-ajustado.

Outro enorme diferencial, foi ouvir seu excelente amplificador de fone, desenvolvido exclusivamente para esse modelo, que segundo o fabricante é capaz de conduzir qualquer fone de ouvido do mercado.

Seu DAC de 32-bit utiliza um chip ESS Sabre Pro Series com suspensão de jitter. O conversor D/A utiliza cinco fontes independentes e de baixo ruído, com tensão totalmente balanceada, para um processamento de sinal extremamente preciso e com uma faixa dinâmica estendida. O conversor D/A do 5206 processa sinal Linear PCM com até 32-bit e 384kHz, DSD até 11,2MHz e, também, aceita codificação em MQA. Seu módulo Bluetooth pode receber não apenas em aptX em qualidade de CD, como também em aptX HD em áudio de alta-resolução com até 24-bit e 48kHz.

O N°5206 possui duas saídas, uma RCA e outra XLR, sendo que as saídas podem ser configuradas de acordo com suas necessidades, incluindo o uso de subwoofer como em um sistema 2.1, com filtro passa-alta discreto que pode ser ativado através de programação. Além de possuir uma interface RS232, uma interface Ethernet RJ45 e uma porta USB para atualizações.

Seu arsenal de entradas é realmente impressionante, com quatro entradas de linha sendo duas XLR e duas RCA, além de seis entradas de áudio digitais: AES/EBU, duas coaxiais, duas S/PDIF e uma USB assíncrona com capacidade para alta-resolução.

Seu gabinete possui o padrão de visualização Mark Levinson, com o botão de ligar em destaque, uma frente levemente curva, abertura de ventilação na tampa superior em relevo. Uma tela de vidro ao centro do painel de vidro, rodeado por uma moldura de alumínio sólido de uma polegada de espessura.

Claro que, quando ligado, é vermelho: é a cor predominante da marca!

Quem leu o teste do power publicado na edição de julho, já deve saber que o casamento mais óbvio a ser feito será esse. Afinal foram concebidos para trabalharem em conjunto em profunda simbiose sônica. Mas é nosso dever ir um passo adiante e descobrir como ambos se sucedem atuando separados. Afinal, sabemos que a dinâmica de upgrades no mundo audiófilo não segue uma lógica matemática.

Muitas vezes a busca não é pelo conjunto e sim apenas por uma das unidades. Geralmente os powers são os que possuem maior grau de compatibilidade com prés de outros fabricantes, sendo que só os prés considerados mais 'superlativos' é que navegam por mares mais distantes ampliando sua zona de atuação.

Então, nossa pergunta desde o início foi: como será que ambos se comportariam separados? O power, vimos que se saiu muito bem sem seu 'par de dança' preferido.

Mas e o pré, teria o mesmo jogo de cintura?

Para obter essa resposta, utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes digitais: dCS Bartok Apex, DAC 1 Merason Mk2 (leia teste edição de outubro) e o Nagra TUBE DAC. Fontes analógicas: Pro-Ject X8 (leia teste na Edição 297), MoFi StudioDeck +M (leia teste em outubro) e Origin Live Sovereign Mk4 . Fones de ouvido: Meze 109 Pro e B&W Px8 (leia teste na Audiofone). Powers: PA-10 Gold Note, Elipson a2700, Mark Levinson N°5302 e Nagra HD. Cabos de força: Dynamique Audio Apex e Transparent XL G6. Cabos de interligação: Dynamique Apex. Transporte CD Nagra, e streamer Innuos ZENmini Mk3.

Tive, ao longo desses últimos 30 anos, em nossos sistemas de referência, prés de linha de estado sólido mais que valvulados, então me sinto à vontade em avaliar qualquer pré de linha que venha para teste. E entendo os que são apaixonados por prés valvulados, e suas restrições ao ouvirem prés de estado sólido e acharem que 'falta calor' ou aquela 'musicalidade' a mais. É realmente uma 'equação' difícil de explicar, e nem sei se nesta altura da minha vida pessoal e profissional, tenho vontade de tomar para mim essa responsabilidade.

Como revisor crítico de áudio, o que posso dizer é que para se extrair o melhor de um pré de linha de estado sólido, será muito importante a qualidade das fontes que serão parceiras desse pré. Se houver um simples 'vacilo' em termos de assinatura sônica, fatalmente esse vacilo será denunciado claramente. Agora, com uma fonte que possua os dois itens mais importantes em termos de alta fidelidade - que são equilíbrio tonal e folga - um pré de estado sólido pode mostrar nuances e características que dificilmente um pré valvulado conseguirá.

Então, meu amigo, como sempre preciso lembrar que tudo se trata de escolhas.

Vou dar vários exemplos através desse teste, de como a fonte determina a performance do pré de linha.

O que posso começar por dizer do Mark Levinson é que ele tenta, da forma mais honesta e comovente, manter o sinal que recebe o mais fiel possível ao que a fonte está entregando. E isso pode parecer algo óbvio de se afirmar, porém na prática sabemos que é o oposto - pois a maioria dos pré de linha irão modificar esse sinal recebido antes de entregar ao power. Sendo muito raros os que conseguem fazê-lo sem dar seu 'toque pessoal' nesse processo.

O Mark Levinson conseguiu nos mostrar com detalhes a maneira com que cada uma das fontes utilizadas processou o sinal que estava lendo. E isso é um mérito e tanto para um pré de linha. E aí é que entra a maior diferença em termos de informações sutis entre um excelente pré de linha de estado sólido e um valvulado.

Como comecei por avaliar o seu pré de phono interno, e tínhamos à mãos três toca-discos de preços distintos, com cápsulas distintas, ou- ►

ÁUDIO

vimos seis faixas nos três, e busquei anotar o quanto soaram diferentes com cada um. Depois fiz uso do nosso pré de referência de phono (que custa o preço do pré de linha da Mark Levinson inteiro) e passamos as mesmas faixas agora pela entrada XLR do Mark Levinson, e as diferenças continuaram sendo todas audíveis, demonstrando que os engenheiros conseguiram dar a todas as opções existentes nesse pré, a mesma assinatura sônica.

E isso é um feito e tanto!

Seu equilíbrio tonal é excelente, com enorme extensão nas duas pontas, região média extremamente detalhada e presente, e agudos que possuem um decaimento bastante suave e preciso. Só não espere deste pré concessões com gravações tecnicamente ruins, pois ele não irá suavizar nada!

Os novos leitores sempre me pedem para dar algumas dicas de como sintetizo a sonoridade dos produtos testados, para facilitar sua compreensão de como o produto toca. Hesito em fazer isso, por um único motivo: nossa radiografia de um produto é restrita, ainda que seja precisa com os setups que tínhamos em mãos naquele momento. Então, ainda que possa 'sinalizar' determinadas características, essas dizem respeito àquele momento apenas, OK?

Tentando ajudar esses novos leitores, o que posso afirmar em termos de 'personalidade' desse pré, é que ele tende para o Neutro, sem nenhum viés para os extremos (do Analítico ou do Musical).

Alertando sempre aos possíveis interessados, que produtos com essas características devem ser muito bem-casados, para não acabarem por perder esse tênue equilíbrio. Ou seja, produtos com essa personalidade precisam que o audiófilo tenha rodagem suficiente para 'domar' essas qualidades. Não se trata de um pré de linha para principiantes, pois demandará acima de tudo paciência e múltiplas audições para a escolha de fontes à sua altura.

O bom é que o grau de compatibilidade deste pré é excelente. Pois se saiu muitíssimo bem com todos os powers que pudemos ouvir com ele.

Óbvio que o seu par perfeito foi o, também, Mark Levinson, mas nenhum outro power teve dificuldades em atuar no mesmo sítio.

Seu soundstage é primoroso, tanto em termos de foco, recorte, como de planos e ambiência. Para os amantes de música clássica, eu diria que dificilmente em sua faixa de preço haverá prés de linha nesse quesito superiores a ele.

Nas texturas, assim como no equilíbrio tonal, tudo dependerá da qualidade técnicas das gravações. Em captações excepcionais, a apresentação de texturas será sempre sublime! Com enorme riqueza na reprodução da paleta de cores, nuances e intencionalidades.

Os transientes são impecáveis, e referências até mesmo a prés de linha ligeiramente mais caros. Nada em termos de andamento se perde ou confunde nossa mente. Ele é um convite explícito à saímos dançando ou a marcarmos o tempo com os pés.

Dinamicamente quando ligado ao power Mark Levinson e ao Nagra HD - nas caixas Estelon X Diamond Mk2 - o resultado foi avassalador. As variações dinâmicas, das mais insinuantes às intensas, são de nos pegar pelo pescoço e nos fazer redobrar a atenção, tamanho impacto! E a microdinâmica é 'pêra doce', tanto em termos de inteligibilidade como de conforto auditivo.

O corpo harmônico é reproduzido com tanta fidelidade ao que foi captado, que me lembrou os melhores prés de linha que já testamos, muitos custando até três vezes ou mais seu preço.

Organicamente, a materialização física do acontecimento musical se faz presente à nossa frente com enorme desenvoltura nas gravações excepcionais.

No restante, seu cérebro poderá desconfiar. Mas, se relaxado, embarcar naquela viagem sonora com prazer.

CONCLUSÃO

Todo audiófilo com mais de 50 anos costuma acreditar que sabe como soa determinada marca de cada fabricante.

Pergunte a ele como soa um Krell, um Jeff Rowland, um Audio Research ou um Mark Levinson, e ele encherá o peito para descrever em detalhes o que ele carrega em sua memória auditiva a lembrança de cada uma dessas marcas.

Alguns são mais comedidos em suas descrições, sabendo que nossas memórias nos traem, ou muitas vezes as circunstâncias em que ouvimos determinado setup não eram as melhores.

Já outros não se intimidam e tecem em detalhes suas observações.

Tirando a Jeff Rowland, que tive vários prés e powers - mas que não ouço faz pelo menos uma década - as outras três marcas que citei mudaram muito nessa última década. E todos as três para melhor, acreditem.

Se isso é o suficiente para fazer você rever suas opiniões, eu não sei, mas é fundamental para a nova geração que está chegando ao mercado.

E, na minha opinião, o que difere a Mark Levinson dos outros fabricantes americanos é sua capacidade de buscar monitorar as profundas mudanças tecnológicas que estão ocorrendo no mercado, e se adaptar a essa nova realidade. Eu não vejo seus concorrentes tão preparados nesse sentido.

E o que mais admiro é que estão fazendo a lição de casa sem perder sua identidade original, que é o hi-end! Se eles estão fazendo a coisa certa, só o tempo irá nos dar a resposta, mas que o grau de empenho que estão dedicando na produção desses novos produtos é exemplar, meu amigo!

Se você deseja um pré de linha hi-end Estado da Arte, que faça com maestria seu papel de receber o sinal e mandar adiante alterando-o o mínimo possível, e ainda receber um pacote com um ótimo DAC, pré de phono MM e MC, e um bom amplificador de fone de ouvido, não ouvir esse pré da Mark Levinson será imperdoável!

Pois não estou falando apenas de versatilidade e compatibilidade, estou falando de ótima performance também, e com um grande detalhe adicional: história! Uma marca que por décadas se manteve como um dos alicerces do hi-end.

Quantas empresas podem manter esse leque de atributos nos dias de hoje? ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EHPCVN6B8RK](https://www.youtube.com/watch?v=EHPCVN6B8RK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZOYFDJSCZFG](https://www.youtube.com/watch?v=ZOYFDJSCZFG)

AVMAG #299
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 112.000

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience

www.hifiexperience.com.br

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO LINE MAGNETIC AUDIO LM-805IA

Fernando Andrette



Quando leio em fóruns internacionais os objetivistas proclamarem que válvulas e analógico sequer deveriam ser lembrados como tecnologias de ponta por serem topologias do século passado, me pergunto sempre o que impede essas pessoas de deixarem os números de lado e apenas ouvirem, para saberem se o que as medições indicam bate com o que ouvimos.

Já contei algumas vezes minha primeira experiência com o CD-Player e, como eu, meu pai, e o dono do CD-Player da Sony, e meia dúzia de audiófilos, se sentiram após esse primeiro contato. Eu era o mais novo dos participantes daquela audição, e talvez o menos indignado com o que ouvimos, que de tão decepcionante, levou-nos à conclusão que deveria ter algo errado com o equipamento ou com os dois discos que vieram com ele.

O problema é que essa decepção inicial se estendeu por mais duas décadas, antes de finalmente eu reconhecer que o digital finalmente foi evoluindo e corrigindo suas inúmeras limitações.

Já li e participei de longas discussões a respeito do formato digital, e minha opinião continua sendo que houve uma precipitação no lançamento do formato e, como sempre, o marketing 'dourou a pílula' demasiadamente. O que me pergunto sempre é: se a indústria tivesse

apenas a referência e opinião dos objetivistas, teríamos corrigido os erros tão audíveis do formato?

Claro que não!

Pois por eles os números já eram magníficos, e nada precisaria ser ajustado ou corrigido. Estaríamos apenas vendo, de geração em geração, números cada vez menores de distorção e 'upsamplings' cada vez maiores. Sem jamais se questionar o que significava aquela dureza, som esquelético, timbres artificiais, e enorme fadiga auditiva!

Então, meu amigo leitor, se você dá mais peso para especificações técnicas do que para sua audição, dificilmente você irá se interessar tanto por aparelhos valvulados e por vinil.

E certamente nem a mídia física CD faz parte dos seus planos.

Afinal o streamer é a bola da vez! Felizmente, a vida nos prega inúmeras surpresas, e o imponderável pode perfeitamente estar a segui-lo como uma sombra silenciosa, e pode levá-lo a descobrir que o mundo do áudio é um leque de possibilidades incríveis. Já vi isso ocorrer centenas de vezes, e só posso lhe dizer que quando ocorrer contigo, esteja preparado. Pois esses contatos costumam ser profundos, e nos fazer repensar tudo aquilo que acreditávamos ser irrevogável!

Objetivistas também costumam dizer que os que ainda defendem o uso de válvulas e analógico, na verdade são saudosistas e todos com mais de 50 anos. E que provavelmente estão com sua audição já debilitada, e por isso não percebem o quanto essas opções são obsoletas. Nos fóruns eles têm verdadeiros 'orgasmos' ao compartilhar as medições de um DAC ou um amplificador Classe D moderno, e se enchem de orgulho de serem os Guardiões da Modernidade Tecnológica.

Não pensem vocês mais novos, que essa mesma discussão não se deu quando o transistor começou a ser utilizado nos amplificadores dos anos 60. Cada vez que há uma ruptura com o padrão tecnológico vigente, as discussões serão intensas até haver um vencedor.

Até aí, nada de novo.

O que os defensores da 'modernidade' no áudio hi-end precisam entender de uma vez por todas, é que não estamos falando de produtos que se tornaram integralmente obsoletos, como máquinas de escrever ou fax. E se essas topologias continuam a ter apreço e procura, algo nelas deve ser muito 'atraente', e não podem ser justificadas por mero saudosismo.

Eu jamais avaliei o mercado hi-end por essa perspectiva tão superficial. E também não gosto das explicações que os canais de comunicação tentam dar para descrever o ressurgimento dessas topologias (que na verdade nem poderia ser tratado dessa forma, pois no mercado audiófilo, ambas nunca morreram). Quando leio que as pessoas colecionam LP pelas capas, o manuseio dos discos, o encarte, tenho vontade de implorar para deixarem de usar esses argumentos tão chulos!

Essas características são consequências, jamais o motivo de alguém ainda sentar e apreciar um LP.

O mesmo ocorre com a válvula. As justificativas vão desde a memória de ouvir o rádio valvulado dos avós, até a explicação rasa de ser um som mais quente e 'sensual' (não riam, tenho visto ser usado o termo sensual cada vez mais, pelos revisores mais novos).

O que quero dizer para você que me acompanhou até aqui é: esqueça todas as justificativas e argumentos contra e a favor a respeito da sonoridade de um amplificador valvulado, e apenas ouça! E tire suas próprias conclusões. Pois o mundo não tem uma argumentação racional e eficaz o suficiente nem para explicar a sonoridade do vinil e nem tão pouco do valvulado!

E quando tentam lhe explicar de uma forma didática sobre os harmônicos pares, isso também irá ser muito pouco eficiente, se você não souber que diabos são harmônicos pares e como nosso cérebro os codifica.

E o último toque (prometo), não é pelo fato de ser válvula ou analógico, virá com um certificado de satisfação garantida. Isso não funciona assim no hi-end!

Então, mãos a obras, se você deseja descobrir por si se a topologia serve ou não para suas expectativas sonoras.

E se você deseja se embrenhar por essa estrada, eu sugiro que na sua lista esse Line Magnetic seja uma de suas primeiras audições.

Como escrevi nos testes de outros produtos deste fabricante, essa é uma marca que veio para ficar e ser um referencial consistente tanto em termos de preço como de performance. Pois os irmãos Zheng e Zhuhai, os projetistas e fundadores da Line Magnetic Audio, sabem exatamente o que precisam fazer para conquistar corações e mentes de audiófilos em todos os continentes.

O 805iA é um integrado de 48 Watts usando uma única válvula 805 por canal, que trabalha em classe A. No estágio de entrada utiliza duas 6SL7 e duas válvulas 6SN7 no estágio do driver, e um par de 300B. Os transformadores EI possuem uma banda ultra larga para cargas de alto-falantes de 4,8 e 16 ohms.

O acabamento externo é primoroso, e percebe-se que os componentes usados são de alta qualidade, como potenciômetro ALPS, capacitores MIT e Mundorf N-Cap.

O 805iA pesa 42 Kg, o que requer a ajuda de uma pessoa para desembalar ou um Robério à disposição, como foi o meu caso.

As válvulas usadas são fornecidas pela PSvane e Shugang, e todas saem de fábrica impressas como Line Magnetic. Segundo o fabricante, as válvulas têm uma vida útil mínima de 1000 horas, e as válvulas do estágio de entrada, 5000 horas.

Para proteção de crianças e animais, o LM-805iA vem com uma gaiola removível, e o ajuste para polarização das válvulas e feedback precisa que a gaiola seja removida para ser operado. Nas quatro semanas em que o LM-805iA esteve em teste, depois de ajustada a polarização, não tivemos mais que fazer nenhum ajuste fino.

Gostei bastante do recurso de Feedback Negativo de quatro etapas, utilizado para atenuar a distorção potencial do estágio de saída, e você escolhe qual casa melhor com a caixa que estiver usando. Nas três caixas que usamos no teste, as melhores escolhas foram as opções 1 e 2.

As mudanças foram audíveis, porém se percebe mais como uma alteração estética (nas três caixas utilizadas) alternando o foco e recorte da imagem, e mudando algo em relação a dinâmica de maneira sutil.

Também achei muito interessante o sistema de proteção - ao ligar o amplificador - com seu retardo de 30 segundos antes de estar liberado para uso. Certamente isso ajudará a manter a sobrevida de todas as válvulas.

ÁUDIO



O painel frontal é limpo, com o botão do lado esquerdo de liga/desliga, seguido dos VUs, duas pequenas chaves para iluminação dos VUs e ajuste de bias, botão de entradas e o botão maior de volume.

Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Harbeth 30.2 DX, Audiovector QR 5 e Boenicke W5. O resto do sistema (fonte analógica e digital), foi o sistema de referência da revista. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2, e Sunrise Lab Quintessence Aniversário. Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, e Oyaide OR-800 Advance (leia Teste 3 nesta edição).

Minha primeira dúvida era se o LM-805iA, com seus 48 Watts, teria fôlego e autoridade para empurrar caixas tão distintas em termos de sensibilidade, e essa dúvida se dissipou assim que apertei o Play. Claro que, sempre estaremos falando de casamento, e aqui a caixa que melhor casou foi a Audiovector QR 5 - com sua sensibilidade maior que a da Harbeth e da Boenicke - o 805iA se sentiu à vontade para atuar ao seu lado.

E o casamento não foi apenas de controle, mas também de assinatura sônica. E aqui entramos em um tema que o objetivista jamais irá entender ou apreciar, a 'personalidade' de um sistema e como suas qualidades podem ser realçadas ou empobrecidas no setup correto.

Amplificadores valvulados geralmente possuem uma 'personalidade' forte e incisiva, não deixando muita margem de manobra para o resto do sistema. Eles costumam impor suas vontades (ou melhor de quem o projetou), e o Line Magnetic deixa isso bem claro assim que sua temperatura estabiliza, após os 45 minutos depois de ligado.

Esqueça a sensação de neutralidade ou imparcialidade. Aqui ele dará as fichas e qualquer gravação de qualquer estilo irá sempre tender para uma reprodução mais quente, sedosa e cativante. Isso ocorreu com as três caixas, por mais que tenham características tão distintas.

A QR 5, com sua neutralidade mais evidente, ganhou um grau de calor na apresentação de texturas, que não observamos quando publicamos sua avaliação. Com essa característica, as gravações tecnicamente limitadas se tornaram muito mais 'palatáveis'.

A Harbeth também teve que sair de sua zona de conforto de um monitor hi-end, para ganhar uma sonoridade mais quente e com agudos com uma ligeira menor extensão sem, no entanto, perder seu excelente equilíbrio tonal.

Como o 805iA é mais quente do que neutro, precisa ser muito bem dosado para não passar do ponto e se tornar enfadonho. Então, minha primeira dica é uma caixa que seja o mais neutra possível, aí o resultado será muito cativante!

Os graves não possuem aquele ímpeto de amplificadores de estado sólido, mas são corretos e com ótima energia e corpo para apresentar a fundação musical com critério e propriedade. E os agudos, ainda que não tenham uma grande extensão, compensam com um decaimento muito natural e suave.

Resultado: longas audições sem o menor resquício de fadiga auditiva!

As texturas são deslumbrantes, tanto em riqueza, como em precisão.

Teimo em dizer - e lembrar aos objetivistas - que não existe medição para traduzir com eficácia as diferenças de apresentação de texturas entre amplificadores da mesma topologia. E este quesito, em amplificadores valvulados bem projetados e cuidadosamente ajustados por ouvidos com referência de instrumentos e vozes não amplificados, atingem um grau de beleza difícil de ser superado por amplificadores de estado sólido.

Isso é um fato, não uma suposição!

O soundstage possui excelente foco, recorte e planos bem apresentados, desde que o ajuste do Feedback Variável do aparelho tenha sido bem casado com a caixa.

Os transientes são corretos, com boa marcação de tempo e ritmo, mas não esperem aquela precisão dos amplificadores de estado sólido ultra hi-end.

O leitor, atento à medida que se familiariza com nossa Metodologia, consegue construir um mapeamento dos produtos testados e rapidamente percebe que tudo é uma questão de escolhas do fabricante, que busca dar ao seu produto a assinatura do que ele deseja ou acredita ser o mais importante na reprodução eletrônica.

A dinâmica do LM-805iA, como todo valvulado, terá uma micro melhor que a macro. Então, o que os melhores projetistas dessa topologia buscam é um ponto de equilíbrio entre a micro e a macro, que soe coerente e sem rupturas que comprometam a reprodução do acontecimento musical.

Para fechar a nota dos valvulados, posso até usar os exemplos que utilizo no teste dos amplificadores de estado sólido. Mas sabendo das limitações, prefiro muito mais usar a faixa Bolero de Ravel, estabelecer o volume correto da gravação e ouvir a obra inteira. Se conseguir, no volume correto, escutar em detalhes o início no pianíssimo da obra, até o fortíssimo final, sem ter que ir baixando o volume para não distorcer a gravação, me dou por satisfeito com o quesito dinâmica do valvulado em teste.

O LM-805iA passou com mérito, na caixa Audiovector QR 5, nesse quesito.

O corpo harmônico é excelente, deixando alguns amplificadores muito mais caros em dificuldades.

E a materialização física com gravações impecáveis tecnicamente, trouxe os músicos à nossa frente.

CONCLUSÃO

Acho que os projetistas do LM-805iA têm o maior orgulho desse projeto, e como o resultado soou coeso, coerente e encantador!

Quando testamos amplificadores acima de 20 mil dólares, tenho sempre para mim que o fabricante precisa justificar integralmente esse valor com resultados altíssimos de performance.

O famoso 'não fez mais que a obrigação'!

Agora, quando pegamos amplificadores de 4 a 19 mil dólares que conseguem se sair tão bem, o mérito tem que ser dado ao projetista, pois ele mostrou ter total domínio e concretização de suas ideias e desejos.

O LM-805iA pertence a essa safra, e quando pensamos que para chegar a esse nível de performance ele não usou de maior potência para tornar tudo mais fácil, o mérito se torna ainda maior!

Seus 48 Watts são suficientes para uma enorme quantidade de caixas atuais, e suas inúmeras qualidades eclipsam essa potência menor, essa é a verdade.

Se você consegue ouvir a proposta e beleza de um amplificador valvulado bem projetado, e cuidadosamente ajustado para nos fazer esquecer das desventuras e tensões diárias, e deseja ardentemente poder ter algumas horas de prazer na companhia de sua música, o LM-805iA é um convite sedutor e perspicaz para que esse seu desejo se realize! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=39PZQDGMUZM](https://www.youtube.com/watch?v=39PZQDGMUZM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PJFBAH3C9MS](https://www.youtube.com/watch?v=PJFBAH3C9MS)

AVMAG #298
Elite Sound
contato@elitesound.com.br
(19) 99713-5005
R\$ 45.000

NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR GOLD NOTE PA-10

Fernando Andrette



Uma leitora recentemente nos enviou um e-mail perguntando se ela algum dia iria conseguir reconhecer a 'assinatura sônica' dos equipamentos, como se consegue reconhecer a assinatura sônica dos instrumentos? Senti que sua pergunta tinha um pouco de dúvida, se realmente os equipamentos eletrônicos se comportam como os instrumentos acústicos.

Na minha longa resposta, recorri até ao meu brilhante professor de Percepção Musical da Fundação da Artes de São Caetano, que uma vez falando sobre as várias escolas de violino de Cremona, nos lembrou que as diferenças entre um Guarneri e um Stradivarius, sempre seria mais fácil de reconhecer nas mãos de um Paganini do que um estudante esforçado.

Assim como um piano Yamaha de um Bosendorfer na mão de um Chick Corea.

E disse a ela que, com os equipamentos de áudio, não é muito diferente. Pois com o setup correto em que haja a mais profunda sinergia

e equilíbrio tonal, as diferenças de assinatura sônica se tornarão mais perceptíveis. Então que, antes dela se preocupar em ouvir as assinaturas sônicas dos equipamentos, existe uma etapa a ser cumprida: entender as qualidades e limitações de cada equipamento.

Para posteriormente, entendendo como se avalia essas qualidades e limitações, é que podemos nos debruçar sobre a assinatura sônica que mais desejamos para ouvir nossos discos. Por ser uma mulher, tenho esperança que ela tenha entendido minha respostas e use da qualidade feminina de ser mais paciente que os homens e busque não pular etapas. Digo isso a todos que me procuram com essa questão em pauta, porém os homens parecem ter o ímpeto na alma de quererem tudo ao mesmo tempo e, com isso, pagam caro pela sua falta de disciplina e foco.

A questão central desse drama audiófilo, é acreditarmos que por nascermos ouvindo, estamos aptos para escolhermos com precisão o que nos interessa (a quantidade de setups tortos, independentemente do valor investido, está aí para mostrar exatamente o contrário). ▶

Atento a todas essas questões, e buscando nas consultorias diárias um 'norte' para escrever tanto os testes quanto os artigos de Opinião, é que quando eu me deparo com um fabricante em que a assinatura sônica está muito evidente, procuro deixar explícito como essa assinatura se comporta. Tanto com seus pares ou com marcas concorrentes mais similares nessa assinatura.

Essa é a tal dica, que faz tempo deixou de ser 'entrelinhas' em meus textos, pois quando escrevo me comprometo a tentar falar tanto com o leitor das grandes capitais, como com aqueles das pequenas cidades, isolados, mas ávidos por informações 'preciosas' para o ajuste de seus sistemas ou futuros upgrades.

Toda essa enorme introdução, para descrever mais um produto do fabricante italiano Gold Note, e seu mais compacto power, o PA-10.

Seguindo o design do DAC/Pré DS-10, e do pré de phono PH-10, o pequeno power PA-10 possui o mesmo gabinete nas versões prata, preto e dourado.

Muitos leitores, ao se depararem com essa linha compacta da Gold Note, olham com certa desconfiança de que gabinetes tão compactos possam ter tão alto grau de performance.

Por isso é preciso ouvir, caro leitor, para poder saber se eles são a cereja do bolo que tanto desejamos.

O PA-10 é um amplificador totalmente balanceado com um design que os engenheiros batizaram como BTL (Bridge Tied Load), que permite que a unidade seja ajustada e opere como um amplificador estéreo com 75 Watts em 8 ohms, podendo chegar a surpreendentes 600 Watts em 4 ohms em modo mono.

Tanto que a Gold Note indica que, caso você possua uma caixa de boa sensibilidade e uma sala de até 20 metros quadrados, use-o com estéreo. E quando for realizar upgrades na caixa ou na sala, compre uma segunda unidade e trabalhe com eles em mono.

O PA-10 herdou do modelo top - o power PA-1175 MkII - o fator de amortecimento ajustável que permite que ele seja adaptado a qualquer tipo de falante, bastando ajustar a chave no painel traseiro para padrão DF em caixas difíceis de domar, ou DF baixo para caixas de alta sensibilidade.

Em mono, será preciso acionar o botão BTL. Neste modo, apenas as entradas à esquerda de cada unidade deverão ser ligadas ao pré-amplificador. Quando é acionado o modo BTL, o led no painel frontal se torna azul.

Para o teste utilizamos o PA-10 em estéreo, tocando com as seguintes caixas: Harbeth Compact 7ES-3 XD (leia Teste 1 nesta edição), JBL L100 Classic, Monitor Audio Gold 500. Em mono, ouvimos essas três caixas e também a Estelon X Diamond MkII. Os prés fo-

ram: Gold Note DS-10 e o Nagra Classic, com ambos ligados pelos cabos XLR da Sunrise Lab Quintessence Anniversary, e Dynamique Audio Apex. Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, Oyaide OR-800 Advance, e o Dynamique Audio Apex. Fontes digitais: streamer do DS-10, CD via Transporte Roksan Atessa (leia Teste 3 nesta edição). Fonte Analógica: pré de phono Gold Note PH-1000, toca-discos Origin Live Sovereign Mk4 e cápsula ZYX Ultimate Astro G.

Os dois PA-10 vieram lacrados, e para início do teste abrimos apenas um para funcionar com as três caixas acima descritas em estéreo. Primeira impressão: assim como todos os outros produtos já testados da Gold Note, eles saem tocando muito bem, o que permite que o comprador possa acompanhar seu amaciamento sem arrancar os cabos ou roer as unhas.

O amigo leitor não imagina o quanto aprecio poder ir fechando outros testes e poder ouvir as melhorias diárias de um produto em queima.

Segunda impressão: a assinatura sônica do PA-10 é deveras semelhante à do integrado IS-1000 que testamos e nos impressionamos. Assim como do DS-10, PH-10 e PH-1000.

A Gold Note, mais que uma assinatura sônica muito evidente, tem uma forte identidade do que busca e deseja em todos os seus produtos. E isso, no meu modo de entender audiófilia, é excelente! Pois não é daqueles fabricantes que desejam abraçar o universo de consumidores, desenvolvendo diversas linhas para agradar a gregos e troianos. Pelo contrário, o consumidor ao ouvir um Gold Note, saberá de prima se é isso que ele deseja ou não.

Diria que os produtos Gold Note são feitos sob medida para audiófilos que não tem pressa e muito menos impulsividade no momento de suas escolhas.

Um Gold Note jamais soará impetuoso ou pirotécnico! Se é isso que o leitor busca e aprecia, nem perca seu tempo. Sua assinatura sônica exprime precisão estética, folga, domínio pleno da articulação, silêncio e harmonia.

Agora que consegui pleno domínio das qualidades do pré PH-1000, entendo perfeitamente o que os engenheiros da Gold Note desejam.

Tenho avaliado vários prés de phono nos últimos dois anos, e alguns bem mais caros que nossa referência, e o que percebo é que o que difere o PH-1000 de outros excepcionais phonos, é sua coerência técnica a serviço de uma performance, e recursos que outros fabricantes sequer cogitaram em oferecer.

Ter tantas equalizações disponíveis (três opções mono, para atender a três períodos diferentes) e a facilidade de ajustes por um toque em um único botão à frente do painel, é algo que eu como revisor não tenho como abrir mão.

ÁUDIO



Agora, junte todos esses recursos com sua sonoridade tão precisa e neutra, e aí é possível entender o conceito por trás de tão impressionante produto. E o que mais me agrada é que esse conceito também se reflete na linha de entrada. Tanto na construção, design, versatilidade, performance e assinatura sônica.

Voltando ao PA-10: em modo estéreo, ele dirigiu magistralmente as três caixas usadas no teste, deixando-as fluir com enorme autoridade e firmeza. Mas devo acrescentar que, a caixa que melhor casou com o PA-10 foi de longe a Harbeth (leia Teste 1 nesta edição). Foi um casamento que chamo de raro, pois parecem que nasceram para soarem em conjunto. Pois as assinaturas possuem o mesmo propósito de deixar a música soar de maneira natural e integral.

O realismo na medida certa, a energia sem rompantes de pirotecnia, mas com os tempos e crescendos fidedignos, e aquele realismo que nos coloca como cúmplices auditivos nas salas de gravação.

Seu equilíbrio tonal é corretíssimo, com ambas as pontas com enorme extensão e uma região média onde não predomina o super detalhamento e sim a naturalidade e fidelidade.

O soundstage é uma referência para powers muito mais caros, tanto em largura como profundidade, foco e recorte.

Com as três caixas tivemos apresentação de um palco uniforme, com os planos bem delineados, e instrumentos solo com seu foco preciso, e aquele silêncio essencial à sua volta.

O Gold Note parece que tem a mesma obsessão que nós por texturas precisas, que vão muito além de mostrar a paleta de cores dos instrumentos e nos proporcionar um mergulho consciente no universo das intencionalidades presentes em cada composição, arranjo, execução, etc.

O dia que o amigo leitor tiver a oportunidade de ouvir um setup que o coloque frente a frente com as intencionalidades, te garanto que você jamais abrirá mão de ouvir essa qualidade em seu sistema. Pois ela é que permite nosso cérebro relaxar e parar de analisar se o que ouvimos está ou não correto. A intencionalidade leva você e seu cérebro para o outro lado.

Lembro quando tentava, na minha infância, descrever o gosto do doce de cupuaçu para os primos e coleguinhas da escola. Todo meu esforço era simplesmente inútil, até o dia que pedi para a minha mãe fazer o doce e levar na escola, e deixar os colegas experimentarem.

Aí todos começaram a exclamar: “Olha, é doce e azedo ao mesmo tempo!”, “Verdade, parece com a textura de chupa chupa!”. E fiquei impressionado como eles haviam guardado todas as frases que usei exaustivamente para descrever o Cupuaçu. Só faltava eles mesmos experimentarem para concordar com a minha descrição.

O mesmo agora se repete com a intencionalidade, amigo leitor. Acredito que só vocês ouvindo para entenderem a magnitude de um sistema reproduzindo corretamente a intencionalidade, para entenderem o que separa um sistema Estado da Arte de sistemas hi-end! ▶

Os transientes do PA-10 são excelentes, nos dando uma correta noção de tempo e ritmo, sem atropelo ou congestionamento.

E na dinâmica temos duas situações distintas: uma com o PA-10 em modo estéreo e outra com dois PA-10 em modo mono. O que me leva à seguinte conclusão: dependendo do seu gosto musical, tamanho de sala, se puder no futuro adquirir um segundo PA-10, sua macrodinâmica irá para um outro patamar, amigo leitor. E, em Bridge, você não irá reconhecer a transmutação auditiva que esse pequeno grande power é capaz de realizar!

Novamente, é preciso ouvir para acreditar.

No momento que adicionei o segundo PA-10, estava ouvindo a L100 Classic e um LP do Jaco Pastorius Ao Vivo no Japão, com uma bela big band. Tomei um susto com a diferença de dinâmica do naipe de metais, e da percussão, quando coloquei os dois em bridge.

O PA-10, assim como não tem a menor dificuldade como os planos 3D, também não se intimida em apresentar o corpo harmônico dos instrumentos em gravações com boa captação desse quesito.

Tanto que novamente ele coloca em dificuldades muitos powers mais caros nesse quesito, ao mostrar os contrabaixos da Nona de Beethoven, no Quarto Movimento, que em muitos powers parecem ser um ou dois contrabaixos apenas. Esse é um exemplo muito fácil de se usar para demonstrar esse quesito aos iniciantes que não sabem o que precisam escutar para saber se o corpo harmônico está ou não correto.

O PA-10 cria aquela parede na caixa no canal direito, com os 4 a 6 contrabaixos (dependendo da orquestra), soando em uníssono, tocados com arco. E não uma pizza brotinho, soando timidamente na caixa direita, como centenas de vezes escutei!

Se tivesse testado o PA-10 apenas na Harbeth, a nota de organicidade seria maior que nas outras duas caixas. Por isso, testamos todos os produtos com o maior número possível de componentes. E o fato é que, tanto o PA-10 quanto a Harbeth, primam por uma materialização física impressionante.

Se o leitor deseja esse 'fenômeno' em seu sistema, a boa notícia é que tanto a Harbeth quanto o Gold Note são 'especialistas' nesse truque sonoro!

CONCLUSÃO

Se você possui o pré-amplificador DS-10, minha pergunta é: o que está esperando para ter o PA-10? Eles foram feitos para trabalhar juntos. A não ser que você possua ainda tanto mídia física (LP e CD), pois aí a única entrada analógica do DS-10 complica a vida desse usuário. Mas se você só escuta streamer atualmente, meu amigo, e tem o DS-10, ouça o quanto antes o PA-10. Se a grana estiver curta, comece com um e depois faça o upgrade!

Como escrevi: com caixas acima de 86 dB e salas até 20 metros, um PA-10 dará tranquilamente conta do recado.

E se você possui um outro pré-amplificador que gosta, e está na dúvida se vende para comprar um integrado, ou se faz um upgrade no seu power atual, ouça-o e veja se ele casa com seu pré e suas caixas atuais.

E depois, se for o desejo, parta para o segundo, pois em mono ele é simplesmente matador! Cresce em macrodinâmica e tem reserva de energia para trabalhar com qualquer caixa.

Cada novo produto deste fabricante italiano é uma nova surpresa. Pois seus produtos sempre estão acima do seu valor, sempre! A Gold Note está provando que é possível, sim, oferecer produtos que são verdadeiras obras 'sonoras' sem custar um caminhão de verdinhas.

Se você ambiciona ter um sistema Estado da Arte, sugiro que comece por ouvir os produtos deste fabricante. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NLH8IPRFZJC](https://www.youtube.com/watch?v=NLH8IPRFZJC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HZQV-99DM6K](https://www.youtube.com/watch?v=HZQV-99DM6K)

**AMPLIFICADOR GOLD NOTE PA-10
(EM MODO ESTÉREO)**

NOTA: 95,0

**AMPLIFICADOR GOLD NOTE PA-10
(EM MODO MONO BRIDGE)**

NOTA: 97,0

AVMAG #293

German Audio

comercial@germanaudio.com.br

(+1) 619 2436615

R\$ 19.700



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR DE POTÊNCIA MARK LEVINSON Nº5302

Fernando Andrette



Faz tempo que estávamos na fila para testar a nova série 5000 da Mark Levinson, lançada em 2020 no meio da pandemia, constituída do novo amplificador Nº5302, do pré-amplificador Nº5206, do streaming Nº5101 e do toca-discos Nº5101.

Nesse primeiro momento, recebemos o amplificador e o pré - e pelo alto nível de performance de ambos, resolvemos separar os testes. Nossa avaliação do pré será publicada na edição de setembro de 2023.

Segundo Jim Garrett, diretor sênior de estratégia e planejamento de produtos da Harman Luxury Audio, o novo 5302 é um amplificador fenomenal que possui o DNA da Mark Levinson levado ao extremo, com a capacidade de acionar praticamente qualquer falante, seja no modo estéreo ou mono.

Segundo o fabricante, para se atingir esse nível de versatilidade e desempenho, os canais de classe AB são totalmente discretos, e utilizam um transformador toroidal de 1100 VA superdimensionado, com enrolamentos secundários individuais para os canais esquerdo e direito.

Seu estágio de ganho de tensão emprega topologia similar do amplificador top de linha, o modelo Nº534 que, como este, possui um estágio de saída composto por dois transistores de driver de alta

velocidade, operando em classe A, e seis transistores de saída de 260V, 15 Ampéres. Dois dispositivos Thermal Trak em uma configuração exclusiva, garantem uma saída estável, independentemente da carga ou temperatura.

Utiliza quatro capacitores de 10.000 microfarades por canal, localizados diretamente na placa de circuito de estágio de saída, fornecendo corrente suficiente para 135 Watts por canal em 8 ohms, 270 Watts em 4 ohms e 550 Watts em mono ou ponte.

Utiliza conectores de entrada XLR ou RCA, e para integração com outros produtos Mark Levinson: entrada IR, e entrada e saída de gatilho 12V.

O acabamento segue o padrão Mark Levinson em todos os detalhes, como: uma frente maciça de 1 centímetro de espessura, jateada com esferas de vidro no painel central anodizado em preto, com as alças de alumínio anodizado em cinza. Nas laterais do gabinete temos as aletas de resfriamento que se fundem perfeitamente com as linhas de todo o design.

Aceso, o painel segue o padrão de cor vermelha com um aro ao centro do painel, que fica levemente piscando quando em standby. São 31 kg, e não aconselho ninguém a desembalá-lo sem ajuda. ►

Agora, se você for daqueles audiófilos que são extremamente ansiosos e loucos para ver e escutar seu novo 'brinquedo', tire-o da caixa pelas alças, para não correr nenhum risco.

Para o processo de amaciamento, ligamos o power e o pré, já que ambos vieram lacrados. E à medida que fomos escutando sua evolução, percebemos que poderíamos perfeitamente misturá-los com outros equipamentos, para poder sentir seu nível máximo de performance.

Mas a nota final será a média dos dois prés que melhor casaram com o N°5302, OK? Usamos os seguintes prés: Mark Levinson N°5206 (leia teste na edição de setembro), pré-amplificador P1F E power A2700 Elipson (leia teste na edição de junho), e o Classic Preamp da Nagra. Sempre com cabo de interligação XLR QED Reference (já que nenhum leitor se interessou em comprar esse excelente cabo que coloquei a venda por um valor irrisório pela sua performance, voltei a utilizá-lo nos nossos testes), e o Dynamique Audio Apex. Fontes analógicas: toca-discos Pro-Ject X8 (leia Teste 2 nesta edição), Bergmann Modi e Origin Live Sovereign Mk4. Pré de phono Gold Note PH-1000. Fonte digital e streamer: Innuos ZENmini Mk3, Transporte Nagra, DAC dCS Bartok Apex, e Nagra TUBE DAC. Caixas acústicas: Harbeth 30.2 XD (leia Teste 3 nesta edição), Audiovector QR 5, Boenicke W5 e Estelon X Diamond Mk2.

A primeira dica é para todo ansioso: se quiser desfrutar da performance desse power, vai ter que aprender a controlar sua ansiedade. Pois ele necessita de pelo menos 180 horas de amaciamento. Ou seja, de 20 a 30 dias para saber o nível de performance desse belo amplificador.

Belo na aparência, belo na construção, belo no silêncio de fundo e belo quando ligado a um sistema no mesmo nível. Claro que o power junto com seu pré, é a escolha mais óbvia a se fazer.

Porém, a realidade sempre pode ser bem distinta do ideal, e o audiófilo estar apenas buscando naquele momento um upgrade em seu power. Aí entra o nosso trabalho em descobrir o grau de compatibilidade dele com outros prés.

E com 200 horas de amaciamento, separamos os Mark Levinsons e os colocamos para trabalhar com o pré da Elipson e da Nagra, e no caso do pré da Mark Levinson: com o power da Elipson, com o power da Gold Note P-10 e com os monoblocos Nagra HD.

O power Mark Levinson possui excelente compatibilidade, o que só lhe acrescenta pontos adicionais quanto a esse quesito. E o que mais nos surpreendeu foi o quanto ele se sentiu confortável com prés tão distintos como o Elipson e o Nagra.

O mesmo nos surpreendeu quanto às quatro caixas utilizadas no teste, no qual o Mark Levinson as conduziu com enorme autoridade e precisão.

OK que nenhuma das caixas eram obstáculos intensos, mas a Estelon é bastante exigente com seus pares, e o Mark Levinson não teve a menor dificuldade em a dirigir.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, com graves perfeitamente bem definidos, articulados, velozes e com enorme energia. Ouvir solos de contrabaixo no 5302 é um deleite, assim como bumbos, tímpanos e órgão de tubo. Não há restrições ao seu grau de deslocamento de ar, se a caixa o acompanhar. Para os amantes de música com instrumentos eletrônicos, será muito prazeroso entregar essas gravações para ele.

A região média, a princípio (antes das 200 horas), parecia que tenderia a soar mais para o 'ultra realista' do que o normal, porém se tratou apenas de falta de queima, e o médio-grave encaixar corretamente e abrir, e ampliar a resposta de corpo harmônico.

Quando tudo foi para o lugar, os médios mantiveram uma incrível precisão na apresentação de microdinâmica, mas não se tornando o protagonista do evento musical.

"Exemplos, Andrette, compartilhe exemplos!!!!!!!"

OK! Quer saber se a microdinâmica está ocupando mais espaço do que deveria? Ouça instrumentos que estejam soando na região de 800 a 5000 Hz, como várias percussões, sopros de madeira, em que no meio do acontecimento musical aparece uma ou duas notas, ou coral de apoio. E se quando esses elementos entram, eles tomam o lugar do tema e tiram sua atenção do todo, a região média está 'hiper realista' e alterando o equilíbrio tonal nesta região.

É comum isso ocorrer? Em sistemas em que a eletrônica quer ser mais 'real' que a realidade, sim. E isso muitas vezes é feito de forma consciente pelo projetista, pois ele quer que sua eletrônica tenha esse diferencial. Um dos truques utilizados é baixar o máximo possível o ruído de fundo para que essa microdinâmica se torne mais audível.

O problema é que se paga um preço por essa escolha.

Qual?

Fadiga auditiva! Pois cada vez que você desconcentrar do todo para ouvir um detalhe que te chamou a atenção, sua desconcentração vai sendo acumulada.

Escolhas, meu amigo, sempre escolhas!

Confesso que até as duzentas horas, temi que o power da Mark Levinson tivesse essa característica, mas foi apenas falta de amaciamento.

Isso me lembra duas coisas: os que não acreditam em queima de equipamentos e os que enchem o peito para dizer que todos os amplificadores de estado sólido bem construídos soam iguais!

ÁUDIO



Fico me questionando se essas pessoas realmente acham que têm capacidade auditiva para avaliar produtos? Pois quando cito esse exemplo da mudança que foi a região média depois de 200 horas de queima, se torna impossível defender que eletrônica não precisa de burn-in.

Pois as diferenças são todas audíveis!

E à legião que defende que bons powers bem construídos soam todos iguais, minha única resposta é: passem 27 anos testando uma centena de powers e integrados, e descobrirão que isso é uma falácia!

Os agudos antes das 200 horas soam duros e engessados. O que certamente coloca aquela dúvida na mente do audiófilo inseguro: “será que esse agudo irá melhorar”? Irá sim, meu amigo, e muito! Ganhará uma enorme extensão, decaimento correto, corpo, velocidade e perderá todo o brilho excessivo das primeiras 200 horas!

O soundstage desse Mark Levinson é excelente, com planos extremamente bem focados, recortados e 3D.

Casado com o Nagra Classic Preamp, que é um pré à válvula, o palco ficou absolutamente divino e com um 3D muito próximo ao que ouço nos powers Nagra HD! O que é um mérito e tanto, devido à diferença de preço entre ambos.

O foco, assim como a recriação de ambiência e o arejamento em volta dos instrumentos solo e vozes, é nível referencial dos melhores entre os top!

As texturas são fáceis de acompanhar, observar a qualidade dos instrumentos, a técnica do músico e suas intencionalidades, com esforço zero.

Seu cérebro se rende e segue apenas o rastro da música à sua frente.

Os transientes foram um dos quesitos que mais me chamaram a atenção, mas quando o power está ligado ao seu par de natureza (o pré também da Mark Levinson), a faixa 3 do disco I Ching do grupo UAKTI ficou simplesmente magistral em termos de tempo e precisão nesse conjunto da Mark Levinson. Diria que, aos apaixonados por rock e blues, o ideal é não separar essa dupla. Eles conseguem nos convidar a dançar, e aos mais tímidos a baterem os pés sem perceber.

O fabricante não mentiu quando disse que o power está pronto para todo desafio. Sua reprodução de macrodinâmica é exemplar, e pode colocar um ponto final na questão de que 135 Watts em 8 ohms seja muito pouco para determinados gêneros musicais. A questão, como sempre lembramos, não é a quantidade mas sim a Qualidade desses Watts! ▶

Nem à Abertura 1812 de Tchaikovsky, nos famosos tiros de canhão, o Mark Levinson se curvou. É assustador, meu amigo, ouvir e ver o que o woofer precisa fazer para reproduzir esses tiros e com que auto-ridade o Mark Levinson imprime as caixas nesse desafio!

A micro, como já escrevi, depois de todo o processo de amaciamento, voltou para o seu devido lugar em um sistema realmente hi-end, e tudo que foi captado e não sofreu perda no processo final, estará lá.

O corpo harmônico é de uma fidelidade só presente nos melhores powers da atualidade, e a materialização do acontecimento musical à nossa frente, idem!

Muitos leitores me perguntam qual a diferença no quesito organicidade, de trazer o acontecimento musical para o nosso quarto, e de ser transportado para o local do acontecimento musical? Essa resposta darei em breve no Opinião, quando tratar especificamente da organicidade.

Mas o leitor que possui uma sala acusticamente tratada, com dimensões acima de 30 metros quadrados e um setup bem ajustado Estado da Arte, certamente já experienciou as duas possibilidades.

O que estou querendo dizer com isso?

É que a segunda hipótese, de você ser transportado para o local do acontecimento musical, só ocorre se todas as etapas da busca pelo melhor ajuste foram realizadas. Do contrário, o máximo que conseguimos é: nas excelentes gravações, em um sistema de bom nível e bem ajustado, materializar o acontecimento musical em nossa frente.

A questão então é: qual das opções é mais impressionante?

Essa resposta darei em detalhes, quando falar a respeito de Organicidade, no Opinião.

O que importa é que esse power da Mark Levinson faz bem a lição de casa, e colocou o tenor José Cura, do disco *Anhele*, materializado a dois metros à minha frente, em pé com a orquestra toda em arco à sua volta! O que, para sua faixa de preço, é digno de aplausos!

CONCLUSÃO

Lá fora, este power custa 9000 dólares e concorre com uma legião de powers de marcas famosas e estabelecidas também há décadas no mercado.

Eu diria que seu grande diferencial é que ele custa, em média, apenas 2 a 3 mil dólares mais caro que powers da Bryston, Parasound, Legacy, etc, e 5 mil dólares a menos que powers também famosos lá fora. E esse é seu grande diferencial. Pois está muito acima em termos de performance que os powers até 6 mil dólares, e muito próximos dos melhores powers até 16 mil dólares!

Ou seja: é um senhor 'best buy' em todos os aspectos que se avalie, sejam eles explicitamente racionais ou de algum componente emocional como paixão pela história da marca, design, etc.

Diria que, com essas qualidades todas, ele está nadando de braçada em um mar calmo em que ele dita as regras.

Se você busca para o seu sistema um power com um histórico como empresa desse nível, e uma performance tão alta que o 'desloca' da concorrência abaixo e acima, você precisa ouvi-lo com total interesse.

Foi uma das grandes surpresas do ano até esse momento! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FPDVXDSQOFO](https://www.youtube.com/watch?v=FPDVXDSQOFO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZOYFDJSCZFG](https://www.youtube.com/watch?v=ZOYFDJSCZFG)

AVMAG #297
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 126.000

NOTA: 100,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS WHARFEDALE LINTON 85 ANOS

Fernando Andrette



Ainda que o ditado popular nos lembre que: “Santo de casa não faz milagre”, continuarei a lembrar a todos os nossos leitores que, em matéria de caixas acústicas, nunca tivemos tão bem servidos de opções para todos os bolsos e gostos.

Hoje é possível, por exemplo, com 4 mil reais comprar um par de books da Elac, by Andrew Jones, série Debut, e viver feliz com ela ligado a um bom integrado usado, como os Creek, Arcam, Rega, Cambridge dos anos 90 e virada do século, e ouvir sua música com enorme satisfação e prazer.

Integrados dessas marcas em bom estado que você irá encontrar na faixa de 3 a 7 mil reais!

E para os que dispõem de uma verba maior para realizar o tão sonhado upgrade nas caixas, definitivo, as opções entre 8 e 15 mil reais são cada vez mais promissoras! E o melhor: de uma consistência desconcertante!

Não vá dizer que não lhe avisei, amigo leitor, quando você começar com aquela velha lamúria que o hi-end está cada vez mais caro e inacessível. Pois isso não é verdade!

É possível sim, com calma e foco, realizar excelentes negócios! Faça isso para os amigos faz meio século! E o meu prazer em ajudar a todos que me procuram, continua o mesmo! Pois ver alguém que ama música poder realizar o sonho de ter um sistema bem ajustado e sinérgico, é muito gratificante!

E nesta Edição de Aniversário, mais uma bela caixa vai se juntar ao grupo de produtos cuja performance é muito maior que o seu custo.

Estou falando da Wharfedale Linton 85 Anos. Uma caixa lançada originalmente em 1965, que foi o carro chefe de vendas da Wharfedale por 5 anos consecutivos. Seu sucesso estava em conseguir soar alto e ainda assim não distorcer. Tocando aberto e com grande autoridade.

A última versão dos anos 70 foi o modelo 3XP, com três vias, e que marcou época pelo seu tamanho e ousadia!

Com a moda de caixas tipo vintage, o diretor de design acústico da Wharfedale, Peter Comeau, resolveu aceitar o desafio e criar uma nova Linton, comemorativa de 85 anos da empresa, mantendo o conceito original de uma sonoridade natural, mas com um apelo moderno no acabamento e na performance.

As surpresas serão sucessivas desde o primeiro instante, começando pelo seu tamanho para uma ‘bookshelf’, o seu acabamento impecável sem bordas, seu peso, o pedestal dedicado (que precisa ser comprado junto com as caixas), pés protetores de borracha para não riscar o gabinete acabado em madeira real (mogno ou nogueira), e não acabamento de vinil tão utilizado em sua faixa de preço.

Além de um manual incrivelmente impresso como um pergaminho personalizado.

O pedestal acompanha os mesmos detalhes de design e acabamento, e ainda permite que se use o vão entre suas quatro colunas para a colocação de LPs!

No painel traseiro, os dois dutos ficam na parte inferior do gabinete: terminais da caixa que são banhados a ouro, e uma placa de bronze com o emblema de 85 Anos cobre grande parte do painel traseiro.

Suas grades frontais não devem ser retiradas, segundo o fabricante, e são muito bem acabadas, emoldurando todo o enorme gabinete e remetendo ao design das caixas dos anos 60 e 70.

O pedestal da caixa, como disse, segue o mesmo padrão de acabamento das caixas e comportam até 50 LPs cada. Sendo uma mão na roda para salas pequenas em que não há muito espaço no chão para deixar os discos que serão ouvidos em cada audição. Eu mesmo fiz uso dessa ideia brilhante, para facilitar a escolha dos discos usados no teste da Linton.

O falante de graves de 200 mm utiliza cone de Kevlar com chassi fundido, o falante de médio de 135 mm também com cone de Kevlar possui seu próprio gabinete interno, e o tweeter de 25 mm com cúpula de tecido macio utiliza um ímã de ferrite de alto fluxo.

O crossover da Linton foi totalmente redesenhado para ter as passagens de um driver para o outro de forma mais natural e suave possível, ►

e no gabinete foi feito um rigoroso estudo para amortecimento interno, sendo que a escolha final foi para um sanduíche de três camadas de MDF - Aglomerado-MDF, para anular as ressonâncias de gabinete.

O crossover corta em 640Hz e 2400kHz, com uma resposta plana de 40Hz a 20kHz (+ - 3 dB), possui uma sensibilidade de 90dB e impedância nominal de 6 ohms (mínimo de 3.4 ohms). Sua altura é de 565 mm, largura de 300 mm e profundidade de 360 mm, e pesa 18.4 kg.

Com o seu pedestal personalizado, o tweeter fica um pouco acima do ponto de escuta ideal, com o ouvinte sentado.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: streamer Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa, CD-Player CDS50 (leia Teste 2 nesta edição), CD-Player Line Magnetic LM-515 Mk2 (leia Teste 2 na edição de março), Transporte Nagra, TUBE DAC Nagra. Fonte Analógica: toca-discos Bergman MODI com braço Thor e cápsula ZYX Ultimate G. Pré-amplificador Nagra Classic, powers Nagra HD, e integrados Arcam SA30 e Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário. Cabos de caixa: Dynamique Apex e Virtual Reality Trançado.

A caixa veio totalmente zerada, e ficou evidente que seria preciso pelo menos 150 horas para ela abrir as altas, estabilizar as médias que soam frontalizadas ao tirar da embalagem, e pescar os graves

que parecem totalmente submersos. Então, meu amigo, se essa for sua futura caixa definitiva, nada de sair chamando os amigos audiófilos, pois não vão rolar favoráveis impressões de imediato. Segure sua ansiedade, respire fundo e deixe as caixas uma virada de frente para a outra, inverta a polaridade de uma das caixas, cubra com um edredom e as deixe em repeat ou com streamer por 5 dias pelo menos. Aí sim, você pode chamar os amigos, a sogra, o cunhado invejoso e o vizinho mala e mostrar orgulhosamente sua nova caixa.

Não se esqueça que, se o amigo for adepto ainda do vinil, colocar em cada pedestal os melhores discos que você tem e ir mostrando disco por disco desses armazenados sob as caixas. Aí, meu amigo, você irá arrasar com o ritual 'anos setenta' e com a performance digna do século 21!

Pois a Linton 85 tem virtudes de sobra, para impactar até o audiófilo mais cético que você conheça.

Seu equilíbrio tonal é exemplar para a sua faixa de preço. Pois além de correto tonalmente, não buscou (como muitas caixas mais de entrada) acentuar determinadas características tonais. Se você ama caixas vintage pelo alto índice de coloração nos graves, médios aveludados e agudos apagados, esqueça, pois essa é a Linton versão século 21. ►



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

Prestamos serviço de lavagem de LPs seguindo as melhores técnicas, utilizando máquinas e insumos da mais alta qualidade. Confira!

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

ÁUDIO

Essa versão comemorativa conseguiu o mérito de ter a transparência que as fontes atuais proporcionam, mas ao mesmo tempo ser convidativa, para que a música não se perca na frieza analítica.

Outro mérito que estamos acostumados a ouvir apenas em caixas muito mais caras: seus graves têm peso, articulação, deslocamento de ar e precisão. Seu médio-grave tem corpo e presença na medida correta. Médios e médios-altos são naturais, e os agudos com excelente extensão, velocidade, corpo e decaimento suave.

Os apaixonados por soundstage irão se surpreender com a largura de imagem, com inúmeros acontecimentos musicais soando para mais de 1 metro na lateral da caixa, altura exemplar e muito boa profundidade.

Seu foco, recorte e planos, ainda que não tenham a precisão cirúrgica de caixas muito mais caras, estarão na medida exata para nos manter concentrados em todo o acontecimento musical.

Suas texturas seguem os passos do equilíbrio tonal, com uma excelente paleta de cores e um grau de intencionalidade que nos faz ser otimista do quanto as caixas ditas de entrada evoluíram neste quesito.

Impressionante as intencionalidades apresentadas em exemplos difíceis, como as obras para quartetos de cordas de Villa-Lobos e Shostakovich, que exigem do ouvinte uma total atenção, e as nuances são ouvidas sem nenhum grande esforço.

Se o ouvinte ama música com complexas variações de tempo e ritmo, ele veio no local certo. Pois as Linton 85 são uma bela surpresa na reprodução de transientes. Nossos exemplos de fechamento de nota neste quesito, foram reproduzidos com total autoridade e precisão. E, meu amigo, são exemplos cascosos, como a faixa 5 do SACD do André Geraissati - *Canto da Águas*. Se os transientes não forem corretos, não dá para ouvir essa faixa!

A microdinâmica é 'mamão com açúcar', e a macro é de deixar muita coluna muito mais cara envergonhada. É impressionante como a Linton suporta variação dinâmica sem ruborizar ou dobrar os joelhos. Ouvimos todos os nossos exemplos mais cavernosos deste quesito, exceto os tiros de canhão da Abertura 1812 de Tchaikovsky.

Tudo passou com muito mérito!

O corpo não é de book, então pode colocar o exemplo que você desejar que ela irá reproduzir com o tamanho que está na gravação.

A materialização do acontecimento musical também não será nenhum problema para a Linton, desde que a gravação tenha captado e preservado essa magia de materializar o acontecimento musical à nossa frente!

CONCLUSÃO

A caixa (também book mas ainda maior e custando o dobro da Linton) que mais se aproximou nesses últimos dois anos de atender todos audiófilos e melômanos que sonham em uma caixa de alto nível, que caiba em seu orçamento, foi a L100 Classic da JBL. Testada por nós e que teve uma excelente avaliação e pontuação pelos seus inúmeros méritos. Mas vários leitores nos disseram ainda serem caras para suas realidades.

E continuamos nossa peregrinação buscando uma book que possa trabalhar em salas a partir de 16 metros até salas de 40 metros, e que fosse ainda mais barata que a JBL.

E essa caixa existe e custa menos da metade da L100 Classic! Se sua sala tem mais de 16 metros quadrados, possui um integrado de pelo menos 60 Watts correto, e uma fonte equilibrada, a Wharfedale Linton 85 precisa ser ouvida.

E se você possui um integrado moderno que esteja na faixa de 90 a 95 pontos, e agora sua busca é pela caixa definitiva, essa Linton 85 precisa ser ouvida.

Ela só precisa de um pequeno respiro entre as paredes de pelo menos 1 metro às suas costas, e 60 cm das paredes laterais, para dar o melhor de si.

Ligado a uma eletrônica correta, sinérgica, com cabos como o Trancado da Virtual Reality, sua música soará como você sempre sonhou!

Essa jóia raríssima custa, com o seu pedestal personalizado, menos de 15 mil reais! Se você estava juntando de 8 a 10 mil reais para realizar um upgrade nas caixas, faça um esforço e junte mais um pouco, para ter essa beleza em seu sistema.

Santo de Casa não faz Milagre - então ouça por você mesmo e depois me diga o que achou! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CAXKNYORF3I](https://www.youtube.com/watch?v=CAXKNYORF3I)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QBWUR0Z9ZF0](https://www.youtube.com/watch?v=QBWUR0Z9ZF0)

AVMAG #295
KW Hi-Fi
 fernando@kwhifi.com.br
 (48) 98418.2801
 R\$ 14.600 (com pedestal)

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE

CAIXAS ACÚSTICAS HARBETH COMPACT 7ES-3 XD

Fernando Andrette



A vantagem de se avaliar, na sequência, um novo modelo do mesmo fabricante, é que podemos rapidamente compreender as diferenças e semelhanças existentes entre os produtos.

E a desvantagem é que, se o primeiro produto testado for muito melhor, temos que ser muito criteriosos para não cometermos injustiça com o modelo inferior.

Agora, quando temos a 'sorte' grande de avaliar produtos de um fabricante que possui uma longa história de bons serviços prestados ao mercado de áudio, certamente que as incertezas serão rapidamente dissipadas.

Na edição de dezembro, tive a oportunidade de avaliar a SHL5plus XD, e acho que não deixei dúvidas do quanto apreciei esse monitor hi-end. E poder ouvir na sequência a 7ES-3 XD (o modelo logo abaixo da SHL5plus XD), foi um misto de curiosidade e muitas dúvidas.

Não em relação a assinatura sônica, conceito e filosofia, mas sim no sentido de saber o quanto a 7ES-3XD poderia ser uma excelente aquisição para os que possuem um orçamento menor, salas mais modestas, e não querem abrir mão das qualidades inerentes a todo projeto Harbeth.

E a curiosidade só aumentou quando li que a Compact 7ES-3 XD é a 'menina dos olhos' do projetista Alan Shaw, já que se trata de um projeto que saiu de sua imaginação e desejo de construir um novo mo-

ditor compacto, e que fugisse um pouco do padrão de monitoramento BBC, que sempre norteou todos os produtos da Harbeth. Aguçou minha curiosidade o quanto Alan abriria mão de projetos seguramente vitoriosos, para realizar algo que tivesse um toque mais pessoal.

Posso adiantar que, ainda que a 7ES-3 XD tenha audivelmente uma assinatura sônica 'peculiar', o conceito filosófico e de design estão presentes o suficiente para nos dizer, em segundos, ser uma genuína Harbeth como todos os outros modelos.

A todos que mostrei as duas Harbeths que vieram para teste, se espantaram como o tamanho do gabinete não condiz com o peso das caixas. E isso tem a ver com o conceito da Harbeth de controlar as ressonâncias do gabinete com dispositivos de amortecimento internos em vez de aumentar a massa dos painéis. Para o leitor ter ideia, a maioria dos fabricantes de caixas hi-end usa aglomerado de MDF de 19mm, e a Harbeth, ao contrário, utiliza um painel frontal de 18mm e os laterais e traseiros de apenas 12 mm.

Segundo o fabricante, a placa usada nos gabinetes é de fibra de alta densidade folheada de ambos os lados, essa técnica de revestimento interno e externo do gabinete permite melhor controle climático e garante estabilidade das ressonâncias internas.

Além do material ressonante em pontos críticos dentro dos gabinetes, a Harbeth utiliza fixações com 12 parafusos, que prendem o painel traseiro aos dois painéis laterais e aos painéis superior e inferior.

As grades de todas as Harbeths são feitas de tecido com uma armação de aço macio, que se encaixa perfeitamente no painel frontal de maneira firme e profunda. De maneira tão precisa, que é um claro sinal do fabricante que você não precisa remover a tela para ter a melhor imagem de suas caixas.

Tanto que eu não aconselho você a fazê-lo se não tiver paciência e uma espátula de plástico, para não danificar o gabinete.

Eu ouvi ambas caixas com e sem tela, e garanto a você que se elas forem corretamente posicionadas, estar com a grade não irá alterar nem seu equilíbrio tonal e muito menos o foco e recorte. Agora, se você gosta de ficar olhando para o seu falante de médio-grave enquanto escuta, aí faça a retirada da tela com a maior paciência e cuidado!

A primeira pergunta que todo fã da Harbeth fez a Alan Shaw foi: quais as diferenças entre a linha de aniversário de 40 anos para a nova linha XD?

A resposta de Shaw foi que, ao adquirir recentemente alguns novos equipamentos de teste, ele conseguiu detectar algumas limitações que

ÁUDIO

o incomodavam tanto em termos de ressonância de gabinete, como na construção dos falantes e no crossover. E com essas medições mais minuciosas e precisas, ele pode atacar os problemas de forma eficaz. Por isso a denominação XD (eXtended Definition).

No crossover agora são utilizados capacitores poliácidos, um novo cabo de puro cobre OFC, novos terminais de caixa que se conectam diretamente à placa de circuito interno, onde está o crossover, encurtando drasticamente o sinal.

O falante de médio-grave de 200 mm (8 polegadas) é agora moldado por injeção, e usa a segunda geração de um cone de polipropileno desenvolvido em parceria com a Universidade de Sussex. O tweeter é resfriado por ferrofluido com uma cúpula de 25 mm (1 polegada) protegida por uma malha de metal preto.

Segundo o fabricante a, C7ES-3 XD responde de 45Hz a 20kHz, com impedância de 6 ohms e sensibilidade de 86 dB.

Para o teste utilizamos os integrados: Sunrise Lab V8 Anniversary e Krell S300i. Powers: Gold Note PA-10 (leia Teste 2 nesta edição) e Nagra HD. Pré de linha: Gold Note DS-10 (como pré ligado ao PA-10, e como DAC quando ligado ao Transporte Roksan Atessa). Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, Oyaide OR-800 Advance, e Dynamique Audio Apex. Fonte analógica: toca-disco Bergman Modi com braço Thor, com cápsula ZYX Ultimate Astro G. Pré de phono: Gold Note P-1000. Fonte digital: Transporte Roksan Atessa (leia Teste 3 nesta edição), DAC Gold Note PS-10 e Nagra Tube DAC.

A caixa veio com 50 horas de queima. Pela experiência com a caixa anterior, muito abaixo do ideal de 200 horas. Então fiz apenas uma rápida audição para as anotações iniciais, e a deixamos em amaciamento por mais 150 horas.

A Harbeth C7-ES-3 XD irá precisar dessas horas a mais, ainda que com esse tempo de amaciamento já seja possível ouvir as caixas enquanto amaciam, sem ranger de dentes ou com dúvidas pairando pela mente. Com 220 horas a caixa estabilizou completamente, e pudemos finalmente iniciar o teste.

Antes que você me pergunte se ela se parece ao menos com a SHL5plus XD? Sim, e muito. Diria que as diferenças maiores estão no maior arejamento e refinamento das altas da SHL5plus, e com um pouco mais de peso na sustentação dos graves.

Mas em termos de timbre e maneira de apresentar a música, com aquele realismo inerente aos melhores monitores hi-end, esse está todo presente. E por um preço mais convidativo e perfeito para salas de até 20 metros quadrados.

O posicionamento precisa, como em toda Harbeth, ser milimetricamente pensado, com respiro em relação às paredes laterais, mais do que à parede às costas da caixa. O tweeter não pode estar à altura da

orelha do ouvinte em sua posição de escuta, ficando muito mais plano e arejado se tiver alguns centímetros acima da orelha.

Quanto ao ângulo de audição, dependerá muito da distância entre as caixas e o ponto de escuta, e o gosto do ouvinte quanto a uma apresentação mais perto ou mais para trás das caixas.

Eu sempre desejo que a imagem toda esteja formada para trás das caixas, então eu busquei manter as caixas com pouco toe-in (apenas 15 graus para o ponto de escuta, com uma distância entre as caixas de 2,80 m). Nessa posição, com qualquer setup consegui uma imagem tridimensional consistente e com todos os planos muito bem definidos, assim como o foco e recorte.

Como escrevi no teste da Harbeth SHL5plus XD em dezembro, o que mais impressiona nas caixas desse fabricante é a capacidade de recriar a sala de gravação com detalhes e um grau de refinamento genuinamente hi-end!

É uma apresentação realista, detalhada, orgânica e sedutora. Parece fácil descrever esses atributos, porém difícil é conseguir esse resultado na prática de maneira tão coesa e harmoniosa. Harbeth não é para todo tipo de audiófilo, pois certamente muitos desejam apresentações com maior peso, maior deslocamento de ar e aquela sensação de coice no peito nas notas graves. Para esses audiófilos com um pé no hi-end e outro no pró-áudio, nenhum monitor book irá atender suas expectativas.

Então para quem esse belo monitor hi-end irá ser perfeito? Para todos aqueles que querem sentir a sensação de ter estado lá, de maneira quase que cúmplice do acontecimento musical. E poder sentir aquela magia de ouvir os mais sutis detalhes de interpretação e execução. É o estar lá da perspectiva do engenheiro de som, sentado na mesa e moldando sua primeira mixagem, para ver como os instrumentos vão se costurando até fazer aquela colcha sonora. Ou então participar da mixagem finalizada, fazendo a primeira passagem da master, avaliando se as alturas de cada instrumento estão corretas, se as entradas e saídas estão como o planejado, se o panpot - posição de cada instrumento no palco imaginário - corresponde ao planejado. A avaliação que toda boa master necessita, e que só um excelente monitor de duas vias pode proporcionar.

Existem monitores que nasceram para essa função, e que por isso mesmo não se adequam às expectativas da esmagadora maioria dos audiófilos.

Mas e se for um monitor hi-end?

Esse é o caso justamente dessa Harbeth, feita sem ter no seu DNA inicial o peso de ter sido construída para as necessidades da BBC, mas que carrega em seu projeto todas as benesses que um excelente

monitor de estúdio possui, aliado às necessidades de um setup puramente hi-end. Isso a diferencia de todos os outros produtos deste fabricante e, por isso, ele carrega o 'emblema' de 'menina dos olhos do CEO da Harbeth. Bastante compreensível que assim seja, e mais justificável ainda quando ouvimos e a comparamos com outros modelos da própria Harbeth.

Ela tem uma graciosidade, uma agilidade em construir as sonoridades que reproduz, que passados poucos segundos, ninguém mais estará avaliando absolutamente nada. Pois a música se fará muito mais presente que qualquer tentativa de avaliação.

Já escrevi que, quando me deparo com produtos com essas características, não gasto meu tempo e energia tentando remar contra a correnteza que emerge à minha frente. Busco fazer minha avaliação de maneira reversa, procurando entender o que aquele produto não consegue entregar, mesmo que essa entrega seja essencial para fazermos nossas escolhas racionalmente.

Não espere desse monitor hi-end graves com deslocamento de ar e peso, não espere o último detalhe em termos de tamanho da sala de gravação. Mas quanto ao resto desse quesito tão primordial, espere: naturalidade, refinamento e acima de tudo timbres realistas, seja de instrumentos acústicos, eletrônicos ou vozes!

Quanto às texturas, o grau de intencionalidade, assim como da paleta de cores, serão sempre evidentes e precisos.

O seu soundstage só não será cirúrgico se a sala (com seu tamanho e deficiência acústica), não permitir.

Na nossa sala, os planos, assim como foco, recorte, altura e profundidade foram exemplares. Tirando o quesito ambiência, que não foi tão perfeito assim, mas em nenhum momento diminuiu o prazer de ouvi-lo em todos os exemplos que utilizamos para fechar as notas.

Os transientes são uma das maiores virtudes desses monitores hi-end. Preciso tanto em tempo, como em ritmo!

A dinâmica, obviamente, será melhor a micro que a macro, no entanto a Harbeth não se curva aos crescendos no fortíssimo, desde que em volumes adequados ao seu tamanho. Na nossa sala de home-theater de apenas 12 metros quadrados, ouvimos com satisfação obras como: *Quadros em Exposição* de Mussorgsky, *Sagração da Primavera* de Stravinsky, *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, e *Os Planetas* de Holst.

Tenho escrito faz um bom tempo que as melhores books da atualidade surpreendem cada dia mais pela sua capacidade de recriar o corpo harmônico dos instrumentos, e a Harbeth merece um pedestal para o seu feito nesse quesito. Pois conseguiu reproduzir alguns pianos solo, contrabaixos e cellos como poucas books conseguiriam até esse momento.

E em relação a materialização física do acontecimento musical, a organicidade, junto com a reprodução de texturas ambas são realmente o 'clímax' dessa caixa! Você não precisará fazer nenhum esforço para 'ver' o que você está ouvindo à sua frente. Mostrando o que um monitor hi end é capaz de nos proporcionar, sem esforço ou o pagamento de um caminhão de dólares!

CONCLUSÃO

Durante três meses escutei por semanas essa caixa, e a cada nova audição, com dezenas de gravações diferentes e de qualidade técnica distinta, foi possível perceber o quanto um monitor hi-end pode nos emocionar e nos questionar se realmente precisamos de algo a mais para sermos realmente felizes ao ouvir nossa música.

Se você é um audiófilo que sempre objetivou estar no meio do acontecimento musical, participando de todas as etapas do processo de gravação, eu sugiro que você escute essa caixa com muita atenção! Pois ela pode o levar a descobrir que, em algum momento, teremos que fazer uma última escolha: se queremos seguir a procura do sistema mais realista que a própria realidade (já que esse sistema sempre terá a perspectiva dos microfones e não do ouvinte na plateia) ou se queremos o oposto, que é estar sempre na plateia apreciando nossas gravações como se estivéssemos lá!

Não existe uma terceira via, amigo leitor. No final desse apaixonante hobby, teremos que escolher uma dessas duas estradas finais.

Se a sua escolha já foi definida, e o que você deseja é estar presente em cada gravação que você ama, uma ponte segura para essa estrada passa inevitavelmente por essa caixa! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WVAMTCEHOYQ](https://www.youtube.com/watch?v=WVAMTCEHOYQ)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SCO-PE44FXI](https://www.youtube.com/watch?v=SCO-PE44FXI)

AVMAG #293

KW Wi Fi

fernando@kwwifi.com.br

(11) 95442.0855 / (48) 3236.3385

R\$ 34.770

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS HARBETH M30.2 XD

Fernando Andrette



Esse será o terceiro modelo da Harbeth testado por nós. Começamos pela impressionante SHL5Plus XD (leia teste na Edição 291), depois a Compact 7ES-3 XD, e agora a M30.2 XD.

Acredito que já possa afirmar ter uma ideia consistente da assinatura sônica das caixas Harbeth, e da razão de ter tantos admiradores espalhados pelo mundo. E já aviso que ganharam mais um admirador, pois dos três modelos avaliados, a impressão que todas me deixaram foi a melhor possível.

E também adianto que a M30.2 XD está entre as minhas books preferidas de todos os tempos, mais adiante explico em detalhes as razões.

Eu não gosto nem de clichês nem de estigmas. Acho que tentar explicar o motivo de determinado produto ter 'tais e tais características' se dever à sua origem (como por exemplo dizer que caixas inglesas têm 'som britânico') é simplificar demasiadamente suas qualidades e limitações - que todas as caixas, independente do projeto ou preço, têm.

E esses 'clichês' não ajudam muito os mais jovens a compreenderem o que se está querendo definir com 'som britânico'. Diria até que inúmeras caixas que testei recentemente, da Wharfedale, Neat, Q Acoustics e Harbeth, fogem bastante dessa definição, se tornando caixas com uma assinatura sônica muito mais contemporânea e universal.

Claro que, o início de todas essas marcas inglesas certamente tinha algum resquício (ou muito) do 'padrão BBC' de monitores, e que, como marketing, foi uma ferramenta e tanto para diferenciá-las dos produtos americanos e asiáticos.

Mas os tempos são outros e os audiófilos, ao escolherem sua caixa acústica, utilizam inúmeros critérios de escolhas e não apenas se aquela marca um dia foi um monitor de estúdio da BBC.

Óbvio que o início da Harbeth está intrinsicamente costurado ao desenvolvimento do famoso monitor BBC LS3/5a, já que seu fundador Dudley Harwood era o engenheiro responsável pelo departamento de pesquisa da BBC, e ganhou enorme respeito ao desenvolver e popularizar o uso de cones de falantes de polipropileno. E que Alan Shaw, o atual proprietário da empresa, ao comprá-la de Harwood em 1986, propôs abrir o leque de produtos, mantendo alguns modelos e conceitos originais dos monitores BBC, e alguns novos modelos como, a 7ES-3XD.

Porém não pense você leitor que os modelos derivados dos monitores se pareçam sonicamente com os modelos originais, pois foram amplamente atualizados e melhorados em todos os aspectos.

Acredito que este seja um verdadeiro 'dilema' para muitos fabricantes ingleses, que parece estar sendo solucionado com a volta do modismo 'vintage', que possibilita relançar 'ícones' dos anos 70, totalmente repaginados tecnicamente.

Com alguns se saindo muito bem nessa remodelação - e outros nem tanto.

No caso da Harbeth, esse movimento não foi necessário, pois ela continua fiel ao design original de todos os seus modelos, só avançando no que pode ser atualizado, e diria que esse é o seu maior trunfo em relação à concorrência. Pois que fabricante não deseja poder estar atualizado sem ter que revirar toda sua história?

Já descrevi nos outros dois testes as características essenciais do conceito e filosofia da Harbeth, mas não custa reforçar os aspectos centrais. Os gabinetes continuam, desde sempre, sendo finos, leves, com amortecimento muito pontual em pontos estratégicos, em vez de buscar um gabinete sólido, pesado e inerte.

Funciona? Sim, meu amigo, e muitíssimo bem. Levantando a questão de se existe apenas um caminho correto e todos os outros equivocados.

Mas, ouça e poderá tirar suas próprias conclusões. ►

Shaw é um projetista metódico e firmemente convicto de seus pontos de vista. Para ele, antes de uma caixa soar bem com música, precisa se mostrar correta na reprodução de vozes falando. E para ele, uma caixa que possa reproduzir corretamente a voz falada, estará apta a se sair bem tocando música. E parece que essa sua convicção, na 'prática', se mostrou absolutamente correta!

A M30.2 é uma caixa derivada do monitor muito famoso da BBC, o modelo LS5/9, que era usado como monitor de gravação tanto de programas musicais de pequenos grupos como nos estúdios de radiodifusão. A nova M30.2 XD utiliza o famoso falante de médio-grave de 8 polegadas batizado de Radial2, e o tweeter é um soft dome resfriado por ferrofluido de 1 polegada, fabricado pela SEAS sob especificações da Harbeth.

Resposta de frequência é de 50 Hz a 20 kHz, impedância de 6 ohms, sensibilidade de 85 dB, e a sugestão do fabricante é para usá-la com amplificadores a partir de 25 Watts, sendo sua potência máxima de 150 Watts. E seu peso é de apenas 12 kg!

Ainda que suas dimensões não sejam tão pequenas, você fica com a pulga atrás da orelha dela ser tão leve para o seu tamanho. Não se preocupe, pois essa dúvida irá acabar assim que você a amaciar e sentar para ouvir suas virtudes.

Segundo o fabricante, a nova versão XD é uma atualização da linha 40 Anos, com vários ajustes, incluindo um novo crossover com uma total revisão dos componentes internos da caixa. E a maior mudança é o uso do mesmo falante de 8 polegadas da caixa de referência, a 40.3.

O modelo enviado foi com acabamento Tamo Ash, que eu acho de extremo bom gosto, por ser clean e combinar com o design retrô da caixa.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: pré e power Elipson (leia teste na edição de junho 2023), integrado IS-1000 da Gold Note, e nosso Sistema de Referência Nagra. Os cabos de caixa foram: Oyaide OR-800 Advance, Virtual Reality Trançado e o Dynamic Audio Apex. As fontes analógicas: toca-discos Project XL- 8 (leia Teste 2 nesta edição) e a nossa referência Origin Live Sovereign Mk3. Prés de phono: Cambridge Audio Alva Duo e Gold Note PH-1000. Fontes digitais: streamer Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa e transporte Nagra com TUBE DAC.

Muitos leitores, depois dos testes das duas caixas Harbeth, me questionaram se gostei mais de ouvi-las com ou sem tela? E, pela primeira vez na vida, gostei de escutar com as telas. Achei que principalmente no modelo 5L, que tem dois tweeters com a tela ficou muito confortável em gravações tecnicamente brilhantes, e com gravações equilibradas a tela não atrapalha. Com o modelo 7, eu tirei e coloquei várias vezes e, como não ouvi diferença, depois de ajustada a posição na sala, eu decidi fazer o teste todo com as telas.

Já no teste da 30.2 XD, eu nem me dei ao trabalho de tirar as telas, sequer na queima de 200 horas.

Como toda caixa Harbeth, o usuário terá que ser muito cuidadoso com seu posicionamento e altura da caixa em relação ao ouvido. São caixas que, apesar de seus tamanhos, necessitam respirar. E de uma distância mínima entre as paredes, para poder extrair o seu melhor.

Vejo reviews de caixas Harbeth em que o revisor reclama de pouca profundidade, e as caixas estão a menos de 50 cm da parede nas costas, ou enfiadas nos cantos. Minha vontade é gritar para esses revisores: "Harbeth não é caixa Audio Note, meu amigo!". Elas precisam ter o mínimo de espaço entre elas e das paredes.

E o que é esse mínimo, Andrette? Pelo menos 2.40 m entre elas, e ao menos 50 cm das paredes laterais, e 90 cm da parede às costas das caixas. Não precisa girar a caixa muito para o ponto de audição, mas também não podem ficar totalmente paralelas às paredes laterais (nem tanto à terra, nem tanto ao mar).

O mais essencial: altura dos pedestais. Nada do tweeter muito acima das orelhas, nem abaixo. O ideal é que os tweeters estejam, no máximo, a 5 cm acima da orelha do ouvinte sentado.

Tomadas todas essas precauções, pode iniciar o amaciamento escutando as caixas. Não haverá nenhuma agressividade nos agudos, e nem tampouco ausência de graves.

Você só precisa se lembrar que a caixa é uma book, e que responde a partir de 50 Hz.

Mas não se trata de um 50 Hz tímido ou anorético, pelo contrário. Pois têm corpo, peso, energia e velocidade suficiente para reproduzir qualquer gênero musical que não seja turbinado nos graves.

As pessoas com um pé no objetivismo, e a mente respaldada por números, sempre me perguntam se 50 Hz é o suficiente para ouvir música. É mais do que suficiente, diria até que para salas entre 9 e 16 metros quadrados é o que basta!

Mas essas pessoas não acreditam... Nesse caso, ouça! Tire suas próprias conclusões.

As books que mais gosto e tenho como referências absolutas, nenhuma responde abaixo de 50 Hz, e todas elas tocam em nossa sala de 50 metros quadrados, sem nenhuma restrição de gênero musical. Claro que não sou nenhum 'grave dependente', e sei que as books bem 'resolvidas' em termos de equilíbrio tonal e corpo harmônico, irão contornar essa limitação com enorme graciosidade e maestria!

As duas books que mais admiro, e estão na minha lista de desejos futuros, são a Boenicke W5SE (leia meu Espaço Aberto nesta edição) e agora essa Harbeth 30.2 XD. E posso garantir, meu amigo, que ►

ÁUDIO



nenhuma delas precisa da condescendência de nenhum audiófilo, ficando 'com dedos' no volume com medo de deixá-las constrangidas. Elas aceitam desafios e os resolvem com uma agilidade e graciosidade impressionantes!

Como elas conseguem, é uma verdadeira incógnita, mas suas performances garantem a elas um lugar de destaque absoluto no pódio!

Das três Harbeth que testei, a 30.2 XD soou a mais neutra das três, tornando-se um monitor hi-end interessantíssimo. Pois foi possível observar sem esforço a facilidade com que ela apresenta a assinatura sônica das gravações, da eletrônica e dos cabos.

Seu equilíbrio tonal permite que ela tenha uma folga imensa com gravações tecnicamente limitadas, sem nos fazer aposentar aquela gravação. Seu grave, como já escrevi, tem todos os atributos para não sentirmos falta da fundação dessa frequência, e a região média é puro deleite, sem soar aveludada, nos transmitindo com precisão o que foi captado, mixado e masterizado. E os agudos são corretos, abertos, com grande extensão, e decaimento suave o suficiente para ouvirmos as salas de gravação.

Ela, com os pares certos, é um convite a horas intermináveis de audição sem fadiga auditiva!

O soundstage dependerá exclusivamente do usuário fazer a lição de casa, mantendo os arejamentos necessários em relação às paredes, e a altura correta das caixas em relação ao ouvido. Tomadas todas as precauções, a Harbeth é um requinte na apresentação de foco, recorte e planos. Tanto na profundidade, quanto na largura e altura.

As texturas, como diria meu pai: "são quase que palpáveis", e não há nenhum esforço adicional para se acompanhar todas as linhas melódicas e ouvir as intencionalidades em toda sua beleza!

Meu amigo, vou te contar um segredo (fica só entre nós, ok?), nenhum monitor de estúdio de pro-áudio tem essa capacidade de apresentar as texturas de maneira tão implacável!

Os transientes são 'pêra doce', e absolutamente precisos e corretos em tudo: velocidade, time e ritmo.

Quanto à dinâmica, ainda que a macro tenha que ser avaliada com determinada cautela - não há restrições se os volumes forem os

corretos - a 30.2 XD equilibra sua limitação na macro, esforçando-se por fazer de maneira correta o que está em seu campo de atuação.

“Exemplos, Andrette, por favor!!!!!!”

Na *Sagração da Primavera*, de Stravinsky, não haverá nos fortísimos aquele baita deslocamento de ar nos tímpanos, no entanto ela não comprime esse fortíssimo a ponto de parecer estar cuspidando e não soando.

Outra qualidade: você não deixa de escutar toda a orquestra nessas passagens (o que é muito comum em todas as books: terem que fazer escolhas antes de entrarem em colapso).

Concerto para Dois Pianos & Percussão, do Bartok: aqui a grande sacada é manter o primeiro plano intacto, ou seja, os dois pianos soarem sem compactar, como se estivéssemos a misturar os dois pianos e colocá-los em uma bola de papel alumínio. Com isso, ainda que as percussões pareçam estar em segundo plano (o que não foi a intenção do compositor nos fortísimos), o discurso musical como um todo, continua inteligível.

Se é isso que as grandes books podem, no atual estágio, fazer para contornar sua limitação física, a 30.2 XD o faz com propriedade.

Já a microdinâmica, para essa Harbeth, é ‘mamão com açúcar’. Tudo que foi captado e preservado até o estágio final do processo de gravação, estará lá.

Para uma book além da macrodinâmica, o corpo harmônico é outro enorme obstáculo. Aqui, graças ao uso do mesmo falante de 8 polegadas do modelo de referência 40.3, essa questão do tamanho dos instrumentos foi bem resolvido. O exemplo que mais me chamou a atenção, foi na reprodução de todos os pianos solo, em que fechando os olhos os pianos estavam com um tamanho capaz de deixar meu cérebro em dúvida se eram eles na minha frente ou não.

Todo monitor hi-end tem como maior objetivo te colocar dentro da sala de gravação, com os músicos, e não ao contrário - como as melhores caixas hi-end. Nesse quesito, a Harbeth 30.2 é a referência mor das books! Ela faz essa ‘mágica’ com extrema precisão e graciosidade.

CONCLUSÃO

Se me perguntarem se, então, com todos esses atributos a Harbeth pode ser a book final de todos audiófilos? A resposta será, depende do que esse audiófilo espera ou deseja em termos de performance. Se ele tiver o interesse de viver com uma book monitor hi-end, não existe opção melhor, em minha opinião. Agora, se ele deseja mesclar esse grau de ‘aproximação’ tão estreita com o acontecimento musical, com audições em que ele se encontra na plateia, como quando estamos na Sala São Paulo, ela não será sua book definitiva.

Entendeu onde se encontram as virtudes e as limitações de todas as caixas?

Nenhuma jamais irá atender a todas as possibilidades feitas pelos engenheiros de gravação.

“Exemplos, Andrette, exemplos!”

Calma, apressado, darei um único exemplo bem conhecido pela maioria dos audiófilos com mais de 40 anos. A gravação de *Belafonte at the Carnegie Hall* - ouvindo essa gravação tanto na Harbeth e depois na Boenicke W5, a Boenicke apresentou de forma muito mais fidedigna o ambiente e atmosfera da gravação que a 30.2 XD. Já no exemplo do Joe Satriani, o CD de capa laranja, a Harbeth foi muito mais feliz em sua recriação da sala de gravação, e me colocou em posição privilegiada bem perto dos músicos.

Me fiz compreender?

Se seu gosto musical é muito mais para gravações de estúdio, pequenos grupos e música quase que estritamente com instrumentos eletrônicos, a Harbeth 30.2 é o monitor hi-end que você precisa, para em cada audição ser transportado para aquela sala específica junto com os músicos.

E se você tiver ‘bala na agulha’, provavelmente a Harbeth 40.3 atenda aos que desejam mais adrenalina na reprodução da macrodinâmica. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XVELFYWKAHM](https://www.youtube.com/watch?v=XVELFYWKAHM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LILIRTHOXKM](https://www.youtube.com/watch?v=LILIRTHOXKM)

AVMAG #297
KW Hi-Fi
fernando@kwhifi.com.br
(48) 98418.2801
R\$ 42.000

NOTA: 92,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS AUDIOVECTOR QR 5

Fernando Andrette



O audiófilo segue determinadas linhas de raciocínio que certamente o diferem do aficionado por outros hobbies tecnológicos, pois ele não age em termos de escalas ascendentes ao pensar em upgrades, ele leva em consideração muitos fatores tão pouco racionais que, aos olhos de quem está apenas acompanhando um audiófilo em sua jornada rumo ao nirvana sonoro, devem parecer estranhos e, às vezes, completamente sem sentido.

Demorei décadas para entender esse comportamento oscilante, que às vezes é direcionado por ideias fixas que, em algum momento, ele acreditou serem o caminho mais seguro. Outras vezes, procura seguir sua 'razão' a qual, na verdade, tem uma memória totalmente emotiva para lhe dar um norte de onde ir.

E por muitas vezes, até estritamente por impulso, levando-o nesse caso a profundos arrependimentos e até rompimentos com o hobby, dependendo do estrago que esse 'impulso' possa ter causado nas suas expectativas e no seu bolso.

Meu pai sempre descreveu o audiófilo como um ser que precisa ser lembrado constantemente que o único sentido para se embrenhar nessa jornada, é o desejo inato de conseguir dar sentido pleno à música que ama. E que, se esse desejo não for tão verdadeiro assim, ele rapidamente se tornará uma 'aparelhófilo', que utiliza algumas poucas músicas para definir seu próximo setup!

Com meio século de estrada, já consigo identificar instantaneamente o Audiófilo do Aparelhófilo. E as diferenças são muito explícitas. Todo audiófilo é na verdade um melômano, apaixonado verdadeiramente por música. Basta conversar meia hora com ele, ou ter a possibilidade de conhecer sua coleção de discos, e você verá que sua paixão tem coerência e consistência nos gêneros musicais que ele aprecia. Você não verá na discoteca de um melômano, apenas gravações de Best Off, ou discos de promoção de R\$9,90. Ou de orquestras e regentes inexpressivos, ou de coleções de artistas de jazz de começo de carreira mal gravados, e muitas vezes até gravações piratas.

Converse com um melômano amante de rock progressivo, e ele te dará uma aula completa e te apresentará bandas que você jamais ouviu falar. Esse melômano sonha em poder ter um sistema que amplie sua percepção dos gêneros que ele tanto ama, e quando (se puder), ter um sistema hi-end, será feliz por muitos e muitos anos. E seu sistema, depois de ajustado, ficará por anos sem ser alterado.

O Aparelhófilo não. Desde o começo, está apenas interessado em realizar upgrades, para ouvir algumas faixas (agora com as plataformas de streaming essa questão ficou ainda mais evidente), e as usa apenas para garantir que cada peça colocada em seu setup trouxe algum detalhe novo às suas faixas de referência. E como ele usa a música apenas para abalizar seus upgrades, quando um amigo o visita e pede para ouvir alguns discos, e esses não soam adequadamente no sistema, o drama existencial infinito do aparelhófilo volta à tona como um tsunami. E o rescaldo é: começar novamente do zero.

Quem nunca viu essa descrição acima, levante a mão!

Você pode ser o que desejar, amigo leitor, mas os que estão começando essa jornada, precisam saber das escolhas possíveis, antes de decidir que estrada tomar.

O que posso afirmar categoricamente é que a busca do aparelhófilo não tem fim - é como um saco sem fundo. A do melômano/audiófilo, acaba assim que o sistema que amplia sua percepção dos discos que ama, foi encontrado.

Essa longa introdução foi para lembrar a todos vocês que, a indústria de áudio há muito percebeu essas duas tendências cada vez mais

bem definidas, e produz equipamentos para ambas. E as caixas da série QR da Audiovector tem como objetivo atender justamente os que amam a música acima de seus equipamentos.

Isso para mim ficou evidente no teste da QR 7 (leia o teste na edição 294), e essa percepção só se reforçou ao testar o modelo logo abaixo, a QR 5.

Para facilitar os leitores que gostam que se vá direto ao ponto, o que difere ambas é apenas em relação ao tamanho da sala em que cada uma se sente adequada, e pode mostrar todos os seus atributos sonoros! Pois em termos de assinatura sônica, são exatamente da mesma linhagem sem nenhum desvio de características e performance.

Depois de dois meses com a QR 5, arrisco dizer que essa é 'a caixa' dessa série! Pois ela tem uma capacidade de se adaptar a diversos tamanhos de sala que a QR 7 não consegue ter. Ambas precisam de um mínimo de arejamento à sua volta em relação às paredes. No entanto, pelo tamanho, a QR 7 precisa obviamente de mais espaço.

A QR 7 será subutilizada em salas menores de 20 metros. A QR 5, com salas de no mínimo 12 metros (como nossa sala de home), conseguem se adaptar. A QR 5 pode perfeitamente trabalhar em salas de 12 a 30 metros quadrados. Já a QR 7, de 20 a 50 metros quadrados.

Então, se você pensa em investir em uma das duas, saber exatamente o tamanho da sua sala irá definir qual será a melhor escolha.

O modelo enviado para teste foi, agora, a versão laca de piano, com excelente acabamento, e a mesma impressão de bom gosto e detalhes que, no primeiro momento, encham os olhos. E que, ao escutá-las, nos deixa confiante pela sua performance.

Perto da QR 7, ela parece menor do que na verdade é. Pois se trata de uma coluna de 110 cm de altura. São esguias e fáceis de posicionar em salas menores, mas que pelo seu tamanho e acabamento serão certamente a atração da sala.

Quando Mads Klifoth, filho do fundador da empresa, lançou a linha QR, ele tinha como estratégia mostrar ao mercado a book QR 1 e a coluna menor de duas vias e meia, a QR 3, e ver como o mercado reagiria, já que era a primeira empreitada nessa direção da Audiovector (buscar o público mais 'de entrada' do hi-end). Com o sucesso desde o lançamento em 2016, Mads voltou à bancada por mais dois anos até definir o próximo passo, com os modelos QR 5 e 7. No lançamento, em 2019, em uma coletiva de imprensa, explicou as mudanças sofridas nos novos modelos, e explicou que ambas possuem novos falantes, novo crossover e um novo tweeter, para um desenho em três vias.

O novo falante de médio trabalha na faixa de 300 a 3500 Hz, e os dois woofers de 6 polegadas respondem de 30 a 300 Hz, justamente

para atender ao mercado de entrada que desejava maior extensão nos graves que os das QR 3, e maior refinamento nos agudos.

Mads também deixou claro que a QR 5 são mais tolerantes com amplificadores de baixa potência valvulados (sensibilidade de 90 dB). Todos os falantes são produzidos pela Audiovector, o que facilitou o ajuste fino, e no desenvolvimento do crossover e até mesmo na escolha do material de amortecimento do gabinete.

Não vou repetir os detalhes que escrevi no teste da QR 7, já que volto a afirmar que as diferenças entre ela e a QR 5, são apenas de peso, extensão e deslocamento nos graves. O resto são tão similares, que ousou arriscar que em uma sala de 25 metros, dependendo do gosto musical do ouvinte, e pela diferença de 20 mil reais entre ambas, esse ouvinte provavelmente irá escolher a QR 5!

O único detalhe que acho importante lembrar é que a versão produzida pela Audiovector do seu tweeter AMT, difere dos seus concorrentes como a Elac, Adam Audio, Emotiva, Martin Logan, Monitor Audio e Precide (empresa Suíça), por utilizar um filtro acústico que neutraliza (segundo o fabricante) a nitidez das sibilantes. Esse filtro lembra aquela 'meia' usada em frente aos microfones para tirar ruídos e estalos de boca dos cantores. O princípio é o mesmo: com uma malha ultra fina colocada na frente da membrana, e que por ser dourada foi batizada pelo fabricante de 'Folha de Ouro'.

Para o teste utilizamos o pré e power da Elipson (leia Teste 1 nesta edição), o power Gold Note PA-10 (estéreo), o pré Elipson ligado com o Gold Note, e o integrado SA20 da Arcam. Para a definição de nota, o pré Classic Nagra e os powers Nagra HD. Cabos de caixa: Trançado Virtual Reality, e Apex da Dynamique Audio. Fontes: Innuos ZENmini Mk3, dCS Bartok Apex e Transporte Nagra com TUBE DAC Nagra.

Como a QR 7, a boa notícia é que dá para ir ouvindo enquanto amacia. Se o leitor soubesse o quanto isso 'soa como música' para o ouvido do revisor crítico de áudio! Pois tirar e colocar na Sala de Testes caixas tipo coluna, é um trabalho complicado.

Claro que o som nas primeiras 100 horas é engessado, como se o tweeter estivesse constipado e os graves embotados, mas ao menos não soa brilhante, estridente ou com médios frontalizados. Poder ouvir enquanto se amacia, tem uma função didática maravilhosa, pois muitas vezes podemos estar escutando com uma música que gostamos, exatamente no momento em que o grave começa a encaixar ou os agudos ganham extensão. Eu já presenciei essas alterações dezenas de vezes, e quando leio testes em que o revisor descreve determinada característica sônica de uma caixa, sei exatamente afirmar se o revisor teve ou não paciência para amaciar completamente a caixa, ou se já foi avaliando o produto assim que saiu da embalagem (acreditem, muitos fazem isso, infelizmente!).

ÁUDIO

O tempo de queima da QR 5 foi 20 horas menor que a QR 7. Então ganhei praticamente um dia em relação ao modelo maior, e usei esse tempo para ouvir alguns LPs que comprei recentemente em sebo.

Por ser ainda mais slim, a QR 5 pode tranquilamente ficar e um mínimo de até 2.50 m distante entre elas - mas o ideal foi 3.20 m em nossa Sala de Testes. Assim como a QR 7, não necessita de acentuar o toe-in, podendo ficar quase que paralelas às paredes laterais.

Seu palco com maior arejamento é magnífico, tanto em largura, como altura e profundidade. Seu foco e recorte é exemplar, e depois de totalmente amaciada é possível perceber com requinte de caixas muito mais caras, o tamanho exato de salas de espetáculo em gravações de música clássica. Esse mérito é todo do impressionante tweeter AMT, com absoluta certeza.

Seu equilíbrio tonal é excelente, e desde que ela esteja em ambientes para o seu tamanho, não vejo como alguém achar falta de graves. Eles são corretos, rápidos, precisos, e com excelente deslocamento de ar e peso.

Não senti falta de nada com nenhum gênero musical.

A região média é sedutora e equilibrada como a da QR 7, e na nossa sala de home de 12 metros, a distância de audição de apenas 2.70 m, permitiu ouvir detalhes na região média que passaram despercebidos na sala de 50 metros (mesmo colocando nosso ponto de audição a 3.70 m das caixas). E o agudo, não há a menor diferença em relação à QR 7. Para ter absoluta certeza, ouvimos os mesmos discos.

Para salas entre 12 e 20 metros, em que o ouvinte irá ficar no máximo a 3.80m das caixas, ter um tweeter tão correto e com uma timbragem tão rica, extensa e natural, é um verdadeiro bálsamo a quem deseja fidelidade e preservar sua audição!

As texturas são ricas, paletas uniformes naturais, refinadas e com um grau de intencionalidade - como escrevi no teste da QR 7 - de caixas custando até o triplo de seu preço. É um assombro a apresentação de texturas nas caixas QR 5 e 7!

Os transientes são também exemplares, assim como as texturas!

E a dinâmica é, talvez, a maior diferença entre as duas QR. A escala de degraus na QR 7 é mais detalhada e com maior impacto e deslocamento de energia e ar. Mas isso na sala de 50 metros. Pois com os mesmos discos tocados na sala de 12 m, a QR 5 resolveu melhor esses degraus de crescendos, pois nem a sala e muito menos o ouvinte ficariam confortáveis em uma sala menor, com essas passagens de fortíssimos com longo decaimento.

Na microdinâmica, nenhuma diferença!

O corpo harmônico é evidente que na QR 7 é mais fidedigno à captação da gravação, mas novamente é preciso lembrar que a QR 7 irá

ser para distâncias entre as caixas e o ponto de audição, maiores. Para salas menores, o corpo harmônico da QR 5 é bastante convincente, acredite!

Materializar o acontecimento à nossa frente é 'pêra doce' para ambas. Não vi a menor diferença em nenhum ambiente, para esse quesito, entre ambas. O ouvinte nem precisa fechar os olhos para sentir e ouvir os músicos à sua frente.

CONCLUSÃO

Se você leu atentamente minha introdução a este teste, e se identificou como melômano/audiófilo, e seu desejo verdadeiro é possuir uma caixa final para reproduzir seus discos com enorme fidelidade e prazer emocional, ouça a Audiovector QR 5.

Se sua sala está nas dimensões especificadas para ela, e seu sistema está condizente com suas exigências, não vejo como se frustrar com um projeto tão bem elaborado e executado por um dos mais reconhecidos fabricantes de caixas hi-end da atualidade (basta ver o número de revisores no mundo que utilizam um modelo Audiovector, e seus prêmios conquistados nessa última década).

A linha QR da Audiovector irá causar inúmeros estragos na concorrência. Disso não tenha dúvida! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4GNB_XZELXA](https://www.youtube.com/watch?v=4GNB_XZELXA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VH-QFEXYLIA](https://www.youtube.com/watch?v=VH-QFEXYLIA)

AVMAG #296
Ferrari Technologies
 info@ferraritechnologies.com.br
 (11) 98369-3001 / 99471-1477
 R\$ 49.900

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE



PRODUTO DO ANO
EDITOR

StudioDeck

Se você deseja reproduzir fielmente seus Lps, nós temos a opção perfeita para suas expectativas. Feitos por amantes do vinil como você!



UltraTracker MM



MasterTracker MM



UltraGold MC



StudioDeck Foundation

A verdadeira *experiência* da música.

MoFi

NOSSO DNA É
ANALÓGICO

german

curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS MOFI SOURCEPOINT 10

Fernando Andrette



Fico impressionado quando questiono os participantes do nível básico de nosso Curso de Percepção Auditiva, quantos respondem não saber por onde começar a montagem de um sistema hi-end.

E mais surpreso ainda ao perceber a cara de espanto, quando respondo que todo sistema hi-end deveria começar a ser escolhido pela caixa, antes de tudo!

E explico a razão, confirmando que será a caixa que dará a assinatura sônica final do sistema. E se não soubermos o que desejamos de uma caixa acústica, tampouco saberemos decifrar as peças que irão se encaixar melhor na montagem desse quebra-cabeça.

A caixa acústica para o audiófilo e o melômano, é como o instrumento musical para o músico!

E assim como um músico iniciante pode cometer erros na escolha de seu primeiro instrumento de estudo, o audiófilo/melômano também certamente o cometerá, se não souber exatamente o que precisa buscar em termos de sonoridade em uma caixa hi-end.

Sem querer assustar os nossos leitores que irão começar sua trajetória, o fato de ter tantas opções no mercado mais atrapalha do que ajuda o iniciante. Por isso que insisto com eles que é preciso ouvir todas as opções possíveis, com seus discos e sem nenhuma pressa. Seja em lojas, casas de amigos, eventos.

E se possível na sua própria sala com seu sistema. Pois são inúmeras variáveis que precisam ser levadas em conta, como: acústica da sala, compatibilidade com o sistema, gosto musical e se a assinatura sônica da caixa lhe agrada ou não.

Meu pai tinha uma frase ótima - para todos que pediam sua opinião sobre caixas acústicas, ele respondia: "esposa e caixas acústicas, de nada serve a opinião dos amigos".

E se na época eu achava graça de como ele saía pela 'tangente', para não ter essa responsabilidade sobre os ombros, hoje eu acho que ele realmente tinha razão.

Pois percebo em minhas consultorias o quanto os leitores têm dificuldade em descrever o que eles esperam de uma caixa acústica. Podem falar em detalhes o que desejam da eletrônica, dos recursos que o sistema oferece, design da eletrônica e mobilidade. Porém, descrever o que esperam em termos de sonoridade das caixas é um problema. Podem descrever em detalhes o que agrada ou não em termos estéticos, mas traduzir em palavras suas expectativas sônicas se limita a afirmar se gosta de mais ou menos grave, de um palco sonoro grandioso, e os volumes em que apreciam suas músicas.

Raramente escuto de um leitor que o seu desejo é ter uma caixa com excelente equilíbrio tonal, com um caráter neutro, boa dinâmica, ►

uma enorme ausência de fadiga auditiva e que esteja em harmonia com sua sala de audição.

Pedir a um iniciante que tenha todos esses cuidados é pedir demais, eu sei. Mas para audiófilos rodados que já passaram por inúmeros upgrades em sua trajetória, deveria ser mais comum. E, no entanto, não é.

O que insisto todos os meses nessas páginas é que caixas, com todos os atributos descritos acima, irão durar por vários upgrades na eletrônica, cabos e ajustes acústicos, antes de se tornarem obsoletas.

Então redobrar a atenção na escolha de uma caixa acústica, não só trará benefícios sonoros, como também às nossas finanças, e nos permitirá ir fazendo os ajustes finos necessários em torno do componente que dá o 'caráter' sonoro final de nosso sistema.

O que é mais empolgante nesse processo, é o fato das caixas terem evoluído tanto nos anos recentes, que agora temos opções excelentes em várias faixas de preço. Basta uma consulta às três últimas edições Melhores do Ano, para constatar esse fato.

E isso é animador, meu amigo, pois permite que todos dentro de seus orçamentos busquem a melhor solução para o seu sistema.

Mas, e quando temos quebra de paradigmas tanto em termos de tecnologia como de performance, como devemos divulgar esses avanços? Como faremos agora no teste da MoFi SourcePoint 10. Então sente, coloque uma boa música e relaxe, pois temos novidades bastante interessantes para compartilhar!

Antes de falar do produto, preciso falar do homem por de trás do produto, pois ainda que seja um projetista bastante conhecido e respeitado, não falar de sua importância no mercado de caixas hi-end, seria uma enorme injustiça. Estamos falando de Andrew Jones, o veterano projetista inglês que, por onde trabalhou deixou sua marca com caixas que se tornaram referências, e deram uma enorme dor de cabeça para a concorrência. Na KEF, Infinity, TAD, Pioneer, Elac e, agora, na Mobile Fidelity.

Nós testamos os dois modelos que Andrew projetou para a Pioneer, e cinco modelos lançados pela Elac, e lembro muito bem da 'desconfiança' que causou a chamada de capa da coluna da Pioneer na edição 231, em que escrevi: 'Sim: Uma caixa hi-end com preço de mid-fi'. O que importa é que dezenas de leitores e amigos compraram, e estão felizes ainda hoje com o produto!

A linha Debut da Elac, ainda que tenha causado uma desconfiança menor, também foi motivo de muita discussão em inúmeros fóruns pelo mundo.

O que eu admiro no Andrew Jones, é sua capacidade de aceitar desafios de qualquer ordem e encontrar soluções dentro do orçamento

proposto, que resultam em produtos altamente corretos dentro de sua faixa de preço!

As Pioneer (book e coluna) custando menos de 200 dólares, são as caixas corretas mais baratas que testamos nos 27 anos da revista. E ainda que tenham limitações, conseguem um grau de performance impressionante, que levou a concorrência a ter que correr atrás, para não ficar comendo poeira!

Com um orçamento mais flexível, ele produziu na Elac três séries excepcionais, e a de entrada a Debut, foi um novo salto na faixa acima de 200 dólares, com books tão bem ajustadas que são usadas como monitores de mixagem em muitos estúdios de gravação. Além de estar em centenas de salas de audiófilos e melômanos pelo mundo!

E as colunas Debut, com sua bela resposta nos graves, podem ser a caixa definitiva de muitos audiófilos que buscaram por anos um par estéreo nessa faixa para seus sistemas.

Casos de usuários satisfeitos com essas caixas do Andrew Jones, no planeta, não faltam, amigo leitor.

Desde que Andrew Jones saiu da TAD, em que ele pode desenvolver caixas acima de 20 mil dólares, sua trajetória foi na direção oposta, de caixas de entrada. Então a pergunta que sempre ficou no ar, foi: quando ele novamente irá trabalhar com o nicho de maior fatia no segmento hi-end, o de 3 a 6 mil dólares?

Que cartas na manga ele terá para apresentar ao mercado?

E a resposta finalmente está sendo dada com dois modelos: a SourcePoint 10 e, agora, a 8, lançada em maio na feira de Munique. E pelos prêmios (a 8 acabou de receber o prêmio EISA) e os excelentes reviews de todas as mais renomadas publicações, temos a resposta da carta da manga de Andrew.

Quando um projetista bem sucedido nesse mercado acha uma fórmula bem 'azeitada', é de se imaginar que independente do próximo lançamento, ele mantenha essa fórmula. E as 'sacadas' que ele lançou nas séries desenvolvidas para a Elac, se mostraram tão promissoras, que era de se supor que ele manteria também nos primeiros lançamentos pela MoFi.

No entanto, Andrew mais uma vez inovou e nos trouxe uma caixa com um alto falante coaxial de 10 polegadas em que o falante de grave/médio tem um tweeter de 1,25 polegadas de domo macio no centro.

O gabinete segue o padrão vintage tão em moda, e que pelas suas proporções é difícil admitir que possa ser denominado de book, mas isso falaremos mais adiante.

Continuando a observar os detalhes, chama a atenção que o falante de 10 polegadas de cone de papel não utiliza borracha à sua volta, ►

ÁUDIO

tendo um contorno ondulado que remete aos falantes dos anos cinquenta. Ser assim foi absolutamente pensado, pois Andrew precisava que um cone com esse diâmetro não tivesse muito movimento ao reproduzir baixas frequências.

Em inúmeras entrevistas após o lançamento, perguntaram a Andrew os motivos para essa escolha e design, e suas respostas sempre foram que todos os seus designs de projetos concêntricos eram caixas de três vias (com o tweeter no centro do falante de médio), e com esse seu primeiro projeto concêntrico de duas vias apenas, o falante de 10 polegadas não pode se mover muito. Pois com muito movimento a frente de onda do tweeter (reflexão) atrasada do cone causa interferência na resposta de frequência.

Por isso a necessidade de um driver de 10 polegadas, e não de 4.5 ou 5 polegadas que ele usou em seus projetos anteriores - pois com uma área muito maior é possível reduzir o movimento do cone pela metade.

O outro obstáculo a ser superado por essa escolha, era do falante de 10 polegadas começar a responder em 40 Hz e ir até 1600 Hz. Como combinar a dispersão mais ampla do tweeter?

E a sacada foi projetar o tweeter de baixa frequência de ressonância, para reduzir sua atuação até 1.6kHz, e ter uma passagem limpa e sem sobreposição de frequências nessa faixa tão crítica.

E como o cone do falante de 10 polegadas funciona como um guia de ondas, é preciso projetar esse cone em 3D para ver quais seriam as características de diretividade e estudar os diversos materiais para ele.

O papel, depois de diversos estudos com inúmeros materiais, se mostrou o mais eficaz e correto. Pois para Andrew, o cone de papel não sofreu deformação com baixas frequências, respondendo linearmente até 3kHz.

Resolvido a questão do falante de grave/médios, Andrew e sua equipe se debruçaram no projeto do tweeter. Tentaram diversos tweeters de mercado, e nenhum se encaixou como deveria. A única coisa que ele queria era que o diâmetro fosse maior que 1 polegada, para uma dispersão mais homogênea e uma capacidade de resposta extra abaixo de 1.8kHz (que é a faixa que muitos tweeters estão ainda começando a operar).

Sua obstinação por um tweeter maior que 1 polegada se mostrou correta. Aí partiu-se para o passo mais complicado: desenvolver o campo concêntrico e estabilizar esse campo de modo que o sinal em todo o espectro audível da caixa tivesse o limite mais ampliado possível, para a quantidade de energia magnética que você precisa para uma resposta linear do tweeter até acima de 20kHz.

A solução foi criar uma estrutura onde os ímãs do woofer e do tweeter somassem o campo magnético um do outro, resultando em uma

densidade de fluxo maior do que qualquer falante alcança individualmente.

À princípio, Andrew batizou essa sua ideia inovadora de 'estrutura magnética composta', mas a direção da MoFi sugeriu por Twin Drive.

Os leitores veteranos devem estar se perguntando, que diabos tem de novidade se inúmeros outros fabricantes também fazem a décadas falantes concêntricos?

O resultado meu amigo. O pulo do gato certamente está em dois pontos: os falantes e suas características e a solução dos ímãs para um único campo magnético, pois isso na prática resultou em uma melhora substancial na diminuição da distorção dos falantes, o que em termos sonoros resultou em uma apresentação de microdinâmica assustadora!

Suas dimensões estão mais para uma JBL L100 Classic do que para uma Harbeth LS7 DX.

E para se extrair toda sua beleza em termos de soundstage é essencial, ou melhor: obrigatório o uso de seu pedestal.

Pesando mais de 20 Kg, sugiro ajuda ou muito cuidado ao colocá-la no seu pedestal. E sugiro que se teste tanto ela em pé, como deitada, para ver qual imagem em termos de planos mais se adequa a acústica da sala. As mudanças podem parecer sutis, mas em termos de altura são bastante relevantes.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores integrados: V8 Aniversário, Gold Note IS-1000 e Line Magnetic LM-8051A (ler teste na edição de agosto de 2023). Powers: Elipson A2700, Gold Note PA-10, Mark Levinson N°5302 e Nagra HD. Prés de linha: Mark Levinson N°5206 (leia Teste 1 nesta edição), Nagra Classic, e Elipson P1. Fontes analógicas: toca-discos MoFi Studio-Deck +M (leia teste edição de outubro), Pro-ject X8, e Origin Live Sovereign. Fontes digitais: streamer Innuos ZENmini Mk3, DAC Merason DAC 1 Mk2, e Nagra TUBE DAC. Transporte CD: Nagra. Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, Dynamique Apex.

Se você não possui uma sala maior que 20 metros, minha sugestão é que ouça a versão 8, pois a versão 10 é para salas acima de 20 metros quadrados. Na nossa sala, com 50m, ela tocou sem nenhuma necessidade de um subwoofer.

Mas é uma 'book' que precisa de respiro em relação às paredes, principalmente às suas costas. Pouco toe-in, diria que o mínimo apenas (a não ser que esteja a menos de 20 cm das paredes laterais. Distância mínima da parede atrás das caixas de 1 metro, e entre as caixas de pelo menos 2.50m.

Aqui ela trabalhou melhor em pé, pois deitada parecia que todos os músicos e cantores estavam sempre sentados. ►

Seu foco, recorte e planos são impressionantes desde o primeiro minuto, mas ela precisa de rotação para soltar os graves e melhorar a extensão nos agudos. De resto, você pode sentar e ouvir desde o início, pois ela já irá colocar todos seus atributos na mesa.

Prepare-se, pois você irá descobrir detalhes nas gravações que você jamais escutou em caixa alguma! Não estou blefando! Todos que já a adquiriram aqui no Brasil, já relataram esse feito! Isso é certamente consequência da diminuição de distorção dos falantes.

Não consigo imaginar um engenheiro de gravação, depois de trabalhar uma tarde com esses monitores, abrir mão dessa ferramenta. Assim como melômanos e audiófilos, que desejam 'destrinchar' suas gravações, voltarem a seus sonofletos anteriores após uma audição em condições corretas com a SourcePoint 10.

Todos que ouviram excelentes caixas concêntricas sempre falam do prazer de perceber a posição exata de cada instrumento no imaginário palco sonoro. Porém muitos reclamam que muitos projetos concêntricos têm dificuldade de manter o foco e recorte quando a música tem muitos instrumentos soando na mesma frequência.

Na MoFi isso não ocorre: passamos gravações encardidas, complexas, com enorme variação dinâmica e de tempo, e sua conduta foi simplesmente exemplar!

Outra queixa de muitos que entendem o quesito sonoro, é que falantes concêntricos tendem a deixar os instrumentos agudos como flautim, trompete, violino, com um tamanho reduzido ao de um triângulo. Novamente, a SourcePoint 10 não comete esse deslize.

Depois de 200 horas de amaciamento, seu equilíbrio tonal é magnífico, e não há como ter fadiga auditiva mesmo em gravações que não sejam um primor técnico. Claro que erros grosseiros serão apresentados, mas não de forma que você não consiga escutar o disco.

Também no rosário de queixas em relação a falantes concêntricos está que são muito criteriosos com os volumes em variações dinâmicas muito intensas. A MoFi adora ser 'cutucada' - não haverá alteração de comportamento se a dinâmica exigir o melhor dela (desde que os volumes da gravação sejam respeitados, óbvio).

Os graves, depois de 200 horas, são exemplares - e só me lembro de ter uma resposta tão semelhante com a JBL L100 Classic. Nenhuma outra book desce com tanta autoridade e precisão. Deixando inúmeras colunas ruborizadas e encostadas na parede, literalmente.

A região média é tão 'realista', que vozes (que são as referências mais fáceis que todos temos de memória) levam alguns segundos para entendermos o que estamos ouvindo de 'diferente'. É tão real,

que podemos sem esforço detectar a técnica vocal de cada cantor ou cantora. É possível, por exemplo, observar quando o cantor mantém a nota no peito ou como ele modula para cantar em falsete a mesma nota. Ou entender como a voz, com os anos, vai sendo remodelada, como no caso da Ella Fitzgerald.

Ou no caso de instrumentos, ver a evolução técnica e de qualidade de instrumentação de virtuosos como Yo-yo Ma ou Wynton Marsalis, nos seus primeiros anos de carreira e na atualidade.

Pode, para muitos de vocês, parecer algo irrelevante, no entanto é importante lembrar que essas 'qualidades', até alguns anos atrás, eram descritas como recursos só existentes em caixas acima de 100 mil reais - e estamos falando de uma caixa que, com o pedestal, custa menos de 40 mil reais!

Os agudos da MoFi, ainda que não sejam os mais estendidos em comparação com essas referências de 100 mil reais, têm a capacidade de serem muito corretos, e nos proporcionarem sermos transportados para as salas de gravação sem nenhum esforço.

Suas texturas são inebriantes, e capazes de mostrar em detalhes intencionalidades que inúmeras outras caixas, passam ao largo. Tudo será exposto de maneira tão clara, que ficamos nos perguntando a razão da MoFi fazer essas 'revelações' de forma tão simples e natural. Para uma apresentação de intencionalidades nesse nível em book, a única outra caixa que ouvi foi na W5SE da Boenicke - que custa o dobro da SourcePoint 10.

Velocidade, precisão, tempo e ritmo, é a coisa mais simples para ela - faz com tanta desenvoltura que você irá querer ouvir muito mais melodias que tenham uma marcação de tempo e ritmo bem vincado. Pois ela nos faz querer acompanhar com o corpo o que estamos escutando.

E aí chegamos na pedra do sapato de qualquer book: macrodinâmica. Ouço um burburinho no fundo da sala, de alguns incomodados em classificar essa caixa com esse tamanho de book. Em minha defesa, só posso dizer que ela não é a primeira e nem será a última a causar essa dúvida. Mas se ela precisa de um pedestal para estar apta a dar seu melhor, não tenho como dar outra designação a ela.

Sua apresentação de macrodinâmica é tão surpreendente quanto a JBL L100 Classic!

Não precisa que o ouvinte se desespere em ter que baixar o volume nos últimos 5 minutos de Bolero de Ravel, ou nos fortíssimos do Pássaro de Fogo de Stravinsky. Se o volume for o correto desde o início, os sobressaltos virão no 'gran finale' com o impacto e deslocamento de ar da obra, e não de sustos com o volume clipando!

ÁUDIO

E a microdinâmica, essa é realmente a 'cereja do bolo' dessa book. Impressionante a recuperação de detalhes extraídos de gravações que, em quase todas as caixas, independente do preço, não reproduzem.

Quem possui a gravação Bach de The Goldberg Variations, do Glenn Gould (a de 1981), irá ficar paralisado com a quantidade de sussurros e grunhidos típicos desse virtuose, que simplesmente não se escuta em outras excelentes caixas. É tão impressionante que você consegue mentalmente 'ver' os sussurros mais distantes do teclado e dos mais próximos, e como sua modulação, ao cantar junto as notas, se altera progressivamente.

Em todas as gravações ao vivo de qualquer disco que ouvi nas SourcePoint 10, teve surpresas. E nos discos de estúdio, as 'revelações' são ainda mais impactantes, principalmente em passagens longas de temas em pianíssimo de naipes de cordas ou metais.

O corpo harmônico era minha maior dúvida, pois em toda caixa concêntrica que ouvi ou testei, a diminuição dos instrumentos na região aguda é realmente um problema. Andrew resolveu isso com maestria, pois ainda que os instrumentos possam soar menores que no real, em gravações analógicas (LP), que ainda são os melhores exemplos para esse quesito, o trompete, violino, flautim e sax soprano, soaram muito convincentes!

Com todos esses recursos e qualidades, materializar o acontecimento musical é a coisa mais 'natural' para a 10. Os músicos estarão à sua frente, e em muitas gravações de música clássica bem feita você será transportado para a sala de concerto!

CONCLUSÃO

É enriquecedor testar produtos tão relevantes, que mudam de patamar o atual estágio em que as books se encontram. O mesmo ocorre cada vez que testamos um novo integrado e vemos o quanto eles podem ser o substituto de um pré e power Estado da Arte.

É preciso entender que o mercado precisa evoluir, e encontrar soluções que atendam aos atuais e futuros audiófilos.

E o caminho é esse: dar a oportunidade de mais e mais consumidores, com uma book desse nível de performance com um integrado semelhante, ter um sistema definitivo mais minimalista, objetivo e impressionante!

Andrew Jones foi tão assertivo em sua nova proposta, que até os amantes de valvados de baixa potência poderão ter uma caixa de boa sensibilidade para fazer par com seus amplificadores.

Altíssima compatibilidade com todos os amplificadores testados e, o mais importante: uma sonoridade cativante e integralmente convincente!

Que o mercado de caixas se inspire nas ideias de Andrew Jones, e tenhamos mais opções tão relevantes e com preços cada vez mais condizentes com a nova realidade mundial.

A caixa da MoFi é um nítido divisor de águas em termos de bookshelves: 'Antes da SourcePoint 10' e 'Depois da SourcePoint 10'!

Se você é daqueles leitores que não aceitam sequer a ideia de ouvir uma book, pois acham que elas jamais poderão superar uma coluna bem feita, crie coragem e escute a MoFi SourcePoint 10.

Conheço audiófilo que fez e reviu esse preconceito integralmente!

E hoje está a espalhar aos quatro cantos a magia que essa caixa possui! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3ZDKDGXLNAI](https://www.youtube.com/watch?v=3ZDKDGXLNAI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CU67RJ33EZW](https://www.youtube.com/watch?v=CU67RJ33EZW)

AVMAG #299
German Audio
 comercial@germanaudio.com.br
 (+1) 619 2436615
 preço com pedestal: R\$ 36.600

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE



RX-A6A

O CINEMA EM CASA, PERFEITO

É PURA POTÊNCIA E PRECISÃO. O RX-A6A FOI CUIDADOSAMENTE PROJETADO A FIM DE QUE CADA ELEMENTO DO SEU ENTRETENIMENTO SEJA O MELHOR POSSÍVEL. DESDE LEVES SUSSURROS DE SOM A MOVIMENTOS RÁPIDOS NA TELA, COM O A6A VOCÊ NÃO PERDERÁ NADA.



 **YAMAHA**
Make Waves

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS AUDIOVECTOR QR 7

Fernando Andrette



Nossos leitores mais antigos certamente se lembrarão deste fabricante de caixas dinamarquês, já que na virada do século ela foi distribuída no Brasil pela Audioland.

Lá se vão duas décadas, e eis que finalmente a Audiovector volta ao país nas mãos da Ferrari Technologies.

Eu sempre nutri um profundo respeito pela marca por dois motivos: é o mais antigo fabricante de caixas hi-end a oferecer ao consumidor upgrades de suas séries em que se pode subir de patamar trocando o crossover e os falantes, mas mantendo o gabinete.

E por ainda ser uma empresa genuinamente dinamarquesa, com grande parte de sua produção verticalizada, construindo muitos de seus falantes de forma quase artesanal. Algo raríssimo nos dias de hoje, em que a grande maioria dos fabricantes buscam diminuir custos, levando toda sua produção para a Ásia e mantendo apenas no país de origem sua equipe de desenvolvimento técnico.

A Audiovector continua sendo uma empresa familiar, agora sob o comando da segunda geração, e que nos últimos anos se tornou uma das referências no segmento Estado da Arte com sua linha R, tor-

nando-se a caixa de referência de inúmeros revisores e publicações especializadas em todos os continentes.

Os dinamarqueses são reconhecidos pelo seu extremo perfeccionismo em marcenaria, e excepcionais luthiers que emprestam seu talento à construção de gabinetes primorosos! Não tem como não se impressionar com o acabamento das caixas R 6 e R 8 Arreté, e quando a performance tem o mesmo nível de beleza que os gabinetes, é o que chamo de unir o útil ao agradável em todos os sentidos.

Para mim, ao ler sobre a nova linha de entrada, a série QR, ficou claro que o objetivo é atender ao audiófilo que está iniciando sua jornada, com preços muito competitivos para conseguir maior participação de mercado e fidelizar esse cliente para conhecer as séries acima.

O problema (se pode achar que seja um problema) é que a Audiovector está em um patamar tão alto em termos de qualidade, que mesmo sua série de entrada não fez concessões que outros fabricantes habituados a trabalhar no mercado mais 'pé no chão', acabam fazendo para diminuir o preço final do seu produto.

Nem a embalagem da série QR é despojada, impressionando pelo seu volume: uma embalagem de papelão rígida dupla na busca de segurança para todo tipo de transporte: marítimo, aéreo e rodoviário. E quando você abre a embalagem, o acabamento da caixa, da tela, dos spikes, também impressionam, ainda que a linha QR não siga o mesmo padrão de gabinetes com a frente maior que o fundo, presente em todas as outras séries.

Aqui temos um gabinete ultra convencional, mas extremamente bem acabado. A QR 7 é uma coluna imponente, ideal para salas acima de 20m quadrados (para salas de 12 a 18m, o ideal será a QR 5), que realmente precisa de espaço entre ela e as paredes, e uma distância de pelo menos 2.80m entre as caixas, para se extrair um impressionante soundstage 3D!

Elas têm 1140 mm de altura, 250 mm de largura e 400 mm de profundidade. Os acabamentos são Dark Walnut (o exemplar enviado para teste), Piano Black e White Silk. É uma caixa de três vias com dois woofers de 8 polegadas, um falante de médio de seis polegadas e um tweeter AMT (Air Motion Transformer) folheado a ouro.

A linha QR vem com um único par de terminais - ao contrário de todas as outras séries, que aceitam biamplificação ou bicablagem.

Depois de ouvir a QR 7 e, agora, estar amaciando a QR 5 (leia teste na edição de junho), para mim ficou claro que o objetivo da linha QR é facilitar a vida do usuário, mas já o deixar totalmente satisfeito, para manter acesa a 'curiosidade' de ouvir as linhas acima. ▶

E, para se conseguir tamanho feito, a empresa colocou toda sua equipe de desenvolvimento trabalhando por dois anos para criar uma série que mantivesse todas as principais qualidades reconhecidas pelos consumidores de Audiovector, e fosse extremamente competitiva com as principais marcas que atuam no segmento de 1500 a 7 mil dólares!

Voltando ao gabinete, todas as superfícies são acabadas em folheado de madeira, com o gabinete assentado em uma base retangular separada por alguns centímetros da base, para que o duto apontado para baixo possa atuar.

Todos os cones dos woofers e do falante de médio são feitos de duas camadas de alumínio com um material de amortecimento patenteado pela Audiovector. Os falantes utilizam a tecnologia também deles do Pure Piston Technology, que segundo o fabricante permite que eles operem em toda sua resposta com um índice baixíssimo de distorção.

Os woofers respondem de 28Hz a 425Hz, entregando daí em diante para o médio que, por sua vez, entrega o sinal ao tweeter Air Motion em 3kHz. O tweeter, também construído pela Audiovector, possui uma malha de dispersão banhada a ouro rosa, para o controle de todo tipo de sibilância. O fabricante batizou essa malha de 'filtro S-Stop'.

Os filtros do crossover são de 6dB por oitava, tudo de primeira ordem, permitindo uma resposta linear de todos os falantes muito além do corte do crossover.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: integrado Audiolab 6000 A (leia teste edição de junho), Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário, e powers Nagra HD. O pré de linha foi o Nagra Classic. Fontes digitais: CD-Players Line Magnetic (leia Teste 2 nesta edição), Arcam SA50 (leia teste na edição de maio), Transporte Nagra, e o DACs TUBE DAC Nagra, e dCS Bartok APEX (leia teste na edição de maio). Os cabos de caixa foram: Dynamique Apex e Oyaide OR 800 Advanced (leia teste edição de junho). Fonte analógica: Bergmann Modi (leia teste na última edição Melhores do Ano), cápsula ZYX Ultimate Gold, e pré de phono Gold Note PH-1000.

Como toda caixa que nos chega zerada, nosso trabalho é fazer uma breve audição, anotar o básico (que nível se encontra o equilíbrio tonal de saída, se a apresentação é 3D, ou bidimensional, como se comporta o corpo harmônico e escala dinâmica), e vai para o grupo de queima na 'sala de tortura', e ficará lá sem intervalos pelas 50 horas iniciais (isso para caixas), e volta para uma nova rodada de repetição, como os mesmos exemplos musicais, mesmo setup, mesmo volume e mesma posição inicial!

Não está satisfatório, volta para a tortura por mais 50 horas. Se, na segunda volta para a sala de testes, já tiver alterações consistentes,

ampliamos o tempo de audição, inserindo novas gravações específicas do quesito em que escutamos melhorias.

Todas as mudanças são registradas em meus famosos cadernos de anotações (já estão na edição 41), que como já citei muitas vezes serão incinerados com meu corpo no crematório. Pois não quero que nenhuma anotação jamais seja lida ou divulgada posteriormente.

Feita as anotações, volta para mais 50 horas, até que notemos, depois de uma audição de pelo menos 4 horas passando toda a Metodologia, que o produto está estabilizado.

Então, meu amigo, se você não acredita em 'burn-in' de equipamentos, certamente me achará um doido de pedra em realizar todo esse ritual há 30 anos (contando meu tempo de revisor na Audio News).

Mas se não me achar um doido varrido, acredite, burn-in é essencial para ser justo com todos os produtos que nos são enviados semanalmente para teste. E ainda que alguns, como cápsulas, precisem muitas vezes menos de um dia de amaciamento, outros como caixas às vezes precisam de mais de 500 horas! E o revisor que não respeitar o tempo exigido de burn-in, irá cometer erros 'grotescos' em suas conclusões. Eu já vivi tempo suficiente para constatar esses erros!

Ainda falando nesse tema, de burn-in, outro dia li de um 'formador de opinião' de fones dizer que não temos memória de longo prazo! Não cai da cadeira por estar confortavelmente deitado em minha cama, repassando a correspondência do dia.

Alguém negar a memória auditiva de longo prazo, está no mesmo patamar do Terraplanista!

Voltando ao teste, ainda que a QR 7 esteja literalmente engessada nas suas primeiras 50 horas, suas qualidades já são tão 'audíveis/evidentes' que será possível acompanhar todo seu burn-in sem escorrer uma lágrima de dúvida, ou roer unhas de ansiedade, sobre se fez a escolha certa.

As virtudes da QR 7, como disse um amigo que a ouviu com apenas 31 horas de queima, 'transbordam' à nossa frente.

Com tantos anos de estrada, parece que desenvolvemos um 'feeling' de quando algo está acima da média, ainda que tenhamos plena certeza que irá melhorar ainda mais com o fim do burn-in.

Adoro ter a oportunidade de testemunhar esse momento, em que você presente o potencial do produto, mas não sabe se ele irá chegar aonde você previu ou se irá se sobressair um pouco mais. Esse é o lado prazeroso do meu trabalho, descobrir 'pérolas' em um mar de mesmice e muita propaganda oca.

A QR 7 faz parte das genuínas 'pérolas' que, quando totalmente encerrado o burn-in, ultrapassam com facilidade o que previmos. Eu digo sempre aos leitores mais atentos, nas minhas 'entrelinhas', que

ÁUDIO

os equipamentos que irão se sobressair na multidão, não são aqueles que despontam em um ou dois quesitos da Metodologia, e sim aquele que consegue manter-se coeso e coerente em todos os oito quesitos.

Pois esse é o objetivo maior. Pois o que adianta o produto ser uma referência em um quesito e em outro ser mediano? Eu sempre levanto essa 'lebre' nos Cursos de Percepção Auditiva, e lembro a todos que por muitas décadas se vendeu que o maior diferencial de um setup hi-end sobre um mid-fi era o soundstage. Quantos participantes, depois de anos e anos de estrada, não descrevem o soundstage do seu sistema com o peito estufado? E, no entanto, convivem com erros óbvios no equilíbrio tonal, na resposta de transientes, corpo harmônico, etc.

Não, meu amigo, os melhores e mais corretos produtos, são os que conseguem manter o equilíbrio em todos os quesitos, não escolhendo alguns para sobressair, em detrimento de outros.

E a QR 7 tem essa bela virtude.

E produtos assim irão claramente se sobressair. E sabe como você descobre essas características, mesmo sem ouvir o produto? Quando você observa em distintos testes, que o DNA sonoro do produto foi observado por todos os críticos, ainda que os sistemas que ouviram sejam completamente diferentes, em setup, acústica e gosto musical.

E se você ler esse meu teste, e tiver o interesse também de conhecer outras críticas, irá observar que algumas conclusões foram muito semelhantes.

O equilíbrio tonal da QR7 nas duas pontas é de um refinamento que estamos apenas acostumados em caixas bem mais caras. Uma coluna com essa dimensão responder a partir de 28Hz é algo pouco provável nessa faixa de preço, e o fazer com tanta segurança e auto-ridade, mais raro ainda!

E, no outro extremo, ter uma resposta tão estendida e com tamanha precisão, meu amigo, coloca muito concorrente com tweeters muito mais caros, em apuros! E falo de fabricantes com enorme participação e renome no mercado.

E quando falamos da região média da QR 7, aí o caldo entorna por completo para muitas caixas custando até o dobro de seu preço!

Descrito dessa maneira, o leitor pode ficar com a sensação de que a caixa é ultra transparente, e capaz de detalhar o mais sutil dos ruídos que toda gravação tem. E não é assim que a QR 7 se comporta, pois ela não abre mão de ser extremamente coesa tanto na forma de apresentar o acontecimento musical, como de organizar a música.

Então não pense que o ouvinte irá ficar pulando de detalhe em detalhe, perdendo o todo. Essa não é sua proposta central. Ao contrário, ela quer que você acompanhe o discurso musical, sem jamais perder o todo.

E para fazer isso, meu amigo, a caixa e todo sistema tem que conseguir dar o mesmo peso e medida a todos os quesitos da Metodologia. Um quesito não pode ter mais luz, deixando o outro na sombra.

E não pense que alcançar esse objetivo seja algo que todos os fabricantes de caixa conseguiram. Para se estabelecer esse patamar de performance, o fabricante tem que saber exatamente o que ele deseja e como produzir esse resultado.

Sem esquecer o compromisso de custo/performance, e o que ele abrirá mão na linha de entrada, que ele tem de sobra na sua linha top.

Pois sabemos que tudo no áudio parte de escolhas - e que estas precisam ser realistas e viáveis.

A série QR, pelo que ouvi no modelo 7 e começo a entender no modelo 5, é que a assinatura sônica nessa linha de entrada é absurdamente coerente e que em relação à série Arreté. E ainda que o grau de lapidação seja uma fração do que irá se ouvir na série mais nobre, o conceito e filosofia, estão muito bem representados de baixo até a linha no topo.

E conseguir esse ponto de equilíbrio, meu amigo, é a tarefa mais árdua que todos fabricantes de caixa terão em toda sua jornada.

Levante a mão quantas vezes você não escutou dois ou três modelos de um mesmo fabricante, e não havia a 'coerência' sônica que você esperava em todas as séries.

Alguns fabricantes tentando se desvencilhar desse obstáculo, o que fazem? Criam marcas distintas na tentativa de não haver comparação entre os modelos que foram assertivos e aqueles que ainda não chegaram lá.

No caso específico deste fabricante, eu lhe digo que se um dia você vier a ter um modelo da série QR e quiser subir de degrau, você irá se surpreender o quanto as linhas acima mantêm de virtudes da série de entrada.

Mas não confunda essa coerência de 'cima abaixo' com o 'ouviu um ouviu todos'!

Dê à QR 7 uma sala em que as caixas possam respirar, ficando a pelo menos 0.60cm das paredes laterais, 1m da parede às costas, e pelo menos 2.80m entre elas, e o ouvinte será arrebatado pela apresentação 3D dessa caixa!

Serão planos e mais planos à sua frente em uma apresentação de uma orquestra sinfônica ou de uma big band!

E nas gravações de pequenos grupos como quartetos, quintetos e sextetos, o foco recorte e ambiência irão deixar o ouvinte maravilhado com a precisão cirúrgica em termos de altura, largura e profundidade.

As texturas, em consequência do ótimo equilíbrio tonal, são reproduzidas com uma intensidade impressionante de cores e detalhes. E as intencionalidades estão no mesmo nível de caixas muito mais caras.

Uma das questões que sempre levanto nos nossos Cursos de Percepção Auditiva é a importância do tweeter, além de extensão e decaimento suave, ter a velocidade correta e corpo, para reproduzir, por exemplo, pratos de bateria.

Pois não é suficiente, para ser uma caixa hi-end, o tweeter apenas reproduzir bem a extensão e não conseguir reproduzir o tempo com precisão, já que em determinados gêneros musicais a marcação de tempo se faz justamente nos pratos de condução, e quando a caixa consegue ter um agudo em todos esses quesitos correto, o prazer em ouvir a marcação de tempo se torna inebriante.

O tweeter da Audiovector mais simples, que é o da série QR, já soa lindamente (fico imaginando como será o agudo da R8 Arreté).

Ouvindo os sete discos do trompetista Wynton Marsalis, gravados no Village Vanguard, fica evidente a qualidade do andamento no prato de condução, muitas vezes em variações de tempo complexas, e esse tweeter da QR 7 jamais se perdeu, atravessou ou ficou turvo!

Lá atrás eu escrevi que a QR 7 não escolhe gênero musical, certo?

E descobri isso da maneira mais prazerosa possível: ouvindo várias obras clássicas, como as impactantes quinta e oitava sinfonias de Shostakovich, de ficar com o coração na boca, ao escutar a variação dinâmica que essas duas sinfonias apresentam.

E ainda mais encantado de, ao ouvir obras como *Quadros em Exposição* de Mussorgsky ou os *Planetas* de Holst, nas passagens repletas de microdinâmica, não ter que fazer o menor esforço ou perder o todo para ouvir aquele triângulo soando sutilmente, e chegando até você no meio de todo naipe de metais soando simultaneamente.

Quando o equilíbrio tonal de uma caixa é excelente, a microdinâmica é muito favorecida e isso ocorre sem a caixa ter que sacrificar nada para apresentar esses sutis detalhes.

Em breve estarei escrevendo, nessa nova série Opinião, sobre essa 'simbiose' entre Equilíbrio Tonal e Microdinâmica - aguardem.

Certamente que as colunas sempre reproduzirão melhor o corpo harmônico do que caixas bookshelf. No entanto, colunas de porte médio como a QR 7 reproduzirem o corpo harmônico tão próximo de colunas com o dobro ou o triplo de seu tamanho, é que as coloca em uma posição privilegiada em relação aos seus principais concorrentes.

E ela o faz com autoridade e destreza, levando nosso cérebro a acreditar que aquele contrabaixo tocado com arco realmente soa com seu corpo real!

E materializar o acontecimento em nossa sala, dependerá muito mais da eletrônica e da gravação do que da QR 7. Pois com toda sua 'coerência' em todos os quesitos, essa questão está muito bem resolvida.

Quando nosso leitor entende finalmente que musicalidade não pode ser um atributo isolado, e sem nenhuma correlação com os outros quesitos, ele deduz que em um produto que consiga a mais correta harmonia entre todos os quesitos, a musicalidade fatalmente será excelente. E a QR 7 tem uma musicalidade encantadora! Fazendo que o todo em termos de resultado musical, seja muito maior que as partes!

Esse é outro trunfo que poucos produtos considerados intermediários alcançam.

CONCLUSÃO

Não tenho dúvida que a Audiovector irá colher enorme sucesso com a linha QR. Pois seus atributos estão acima de atender a nichos específicos audiófilos, podendo agradar uma ampla parcela de consumidores, que buscam dar a seus sistemas uma assinatura correta, e nada mais que isso.

E quando falo correta, não cabe nenhum subjetivismo, gosto pessoal ou modismos. Correta no sentido literal do termo. Sem concessões para deixar o som mais aveludado, ou com médios mais proeminentes, ou que irão encantar mais a determinadas topologias.

Não! A QR 7 é uma caixa feita para atender a audiófilos e melômanos que desejam apenas melhorar seus sistemas parando de privilegiar quesitos específicos, e olhar a reprodução eletrônica e suas múltiplas facetas como um 'todo'.

Se você chegou à conclusão que esse é o melhor caminho a seguir, a QR 7 é uma das mais belas expressões dessa possibilidade! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MTKJHPHFURM](https://www.youtube.com/watch?v=MTKJHPHFURM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4GNB_XZELXA](https://www.youtube.com/watch?v=4GNB_XZELXA)

AVMAG #294
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369-3001 / 99471-1477
R\$ 67.500

NOTA: 96,0

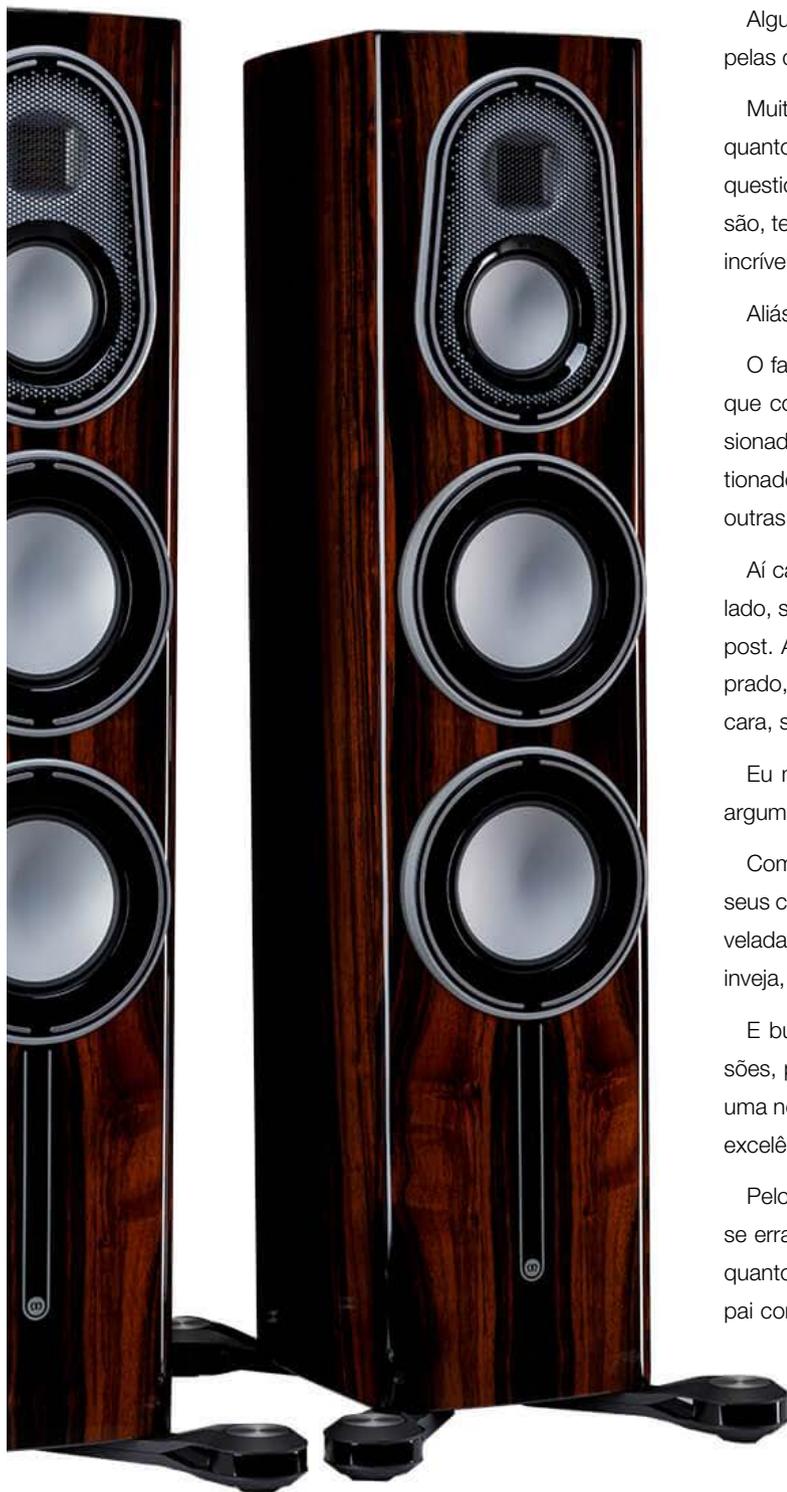


ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS MONITOR AUDIO PLATINUM 200 3G

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR



Alguns produtos me chamam a atenção em um primeiro momento pelas discussões 'calorosas' que ocorrem nos fóruns internacionais.

Muitos com argumentos tão bizarros, que me levam a questionar o quanto de tempo o ser humano gasta com banalidades. Fico até me questionando se essas pessoas tão assíduas em grupos de discussão, tem tempo de ouvir seus sistemas, ou descobrir novas gravações incríveis.

Aliás pouquíssimas dicas de discos existem nesses fóruns.

O fato bizarro que citei foi de um membro em um fórum objetivista, que compartilhou ter escutado as Platinum 200 3G e ter se impressionado com sua performance e acabamento primoroso. E ser questionado de sua escolha, já que são caixas caras e que existem muitas outras opções melhores e mais baratas, já testadas por esse fórum.

Aí cada membro dá sua opinião, e a discussão caminha para outro lado, sem que ninguém mais toque no assunto central que gerou esse post. A bizarrice é pelo fato de alguém ter gostado e pelo visto comprado, uma caixa que ainda não foi testada no fórum. E para piorar, é cara, segundo o conceito de custo/performance do fórum objetivista.

Eu me pergunto o quanto nessas discussões existe realmente de argumentação consistente, e o quanto de inveja ou ciúme?

Com apenas 12 anos, nas visitas em que acompanhava meu pai em seus clientes, já conseguia perfeitamente discernir das críticas (sempre veladas, enquanto o anfitrião se ausentava da sala) o que era pura inveja, de alguma observação realmente válida!

E buscava sempre nessas situações tirar minhas próprias conclusões, para não ser influenciado pelas opiniões alheias. O que me deu uma noção, desde muito cedo, de que ser caro nunca foi sinônimo de excelência sonora.

Pelo contrário, muito rapidamente consegui entender que o risco de se errar com os equipamentos mais onerosos, era realmente tão alto quanto o investimento feito. Nessas situações, eu bombardeava meu pai com perguntas, ávido por respostas que me fizessem montar em minha mente aquele quebra-cabeça.

Meu pai nunca me deu respostas prontas que respondessem às minhas perguntas mais importantes. Ele sempre começava esses questionamentos com uma 'contra-pergunta' - o que, dependendo do meu grau de dúvidas, me irritava profundamente.

Sua técnica era brilhante, pois o que ele queria que eu realmente aprendesse, era que ao vivenciarmos uma situação nova e pertinente, ►

devemos, antes de compreender ou ter respostas, assimilar o quanto aquilo pode ou não ser relevante para a nossa formação pessoal e profissional.

Então, antes dele me dar as respostas desejadas, me perguntava se eu achava que as críticas levantadas eram feitas com embasamento lógico ou apenas de cunho pessoal.

Aprendi muito nesses embates com ele, e descobri o mais importante: confie apenas em quem realmente tem como mostrar resultados satisfatórios! E poucos audiófilos podem, por inúmeras razões!

E os membros desse fórum objetivista, que desdenharam da escolha de um dos seus participantes pela Monitor Audio Platinum 200 3G, erraram feio. E poderiam muito bem realizar um 'mea culpa', e ouvir essa bela caixa da série mais refinada da Monitor Audio.

Nós testamos diversas caixas deste fabricante inglês, e tivemos o prazer até de receber o fundador da Monitor Audio, Mo Iqbal, em 1997 para duas palestras em São Paulo, compartilhando suas ideias sobre materiais para cones e sua paixão pela música.

A nova série Platinum 3G da Monitor Audio é constituída de quatro modelos (um canal central, 250, uma book modelo 100) e duas colunas: a 200 e a top de linha 300.

A Platinum 200 3G é uma esbelta coluna de três vias, de tamanho moderado e que se encaixa perfeitamente em salas a partir de 16m até salas de 50m. Possui um tweeter MPD série III, um falante de 4 polegadas para os médios e dois falantes de graves de 6 polegadas. Todos também da atual série.

Segundo o fabricante, os novos falantes dessa série refinaram ainda mais a sonoridade e o equilíbrio tonal em relação a linha Platinum anterior, elevando o grau de performance para um novo patamar.

O gabinete de toda série Platinum é um dos pontos altos dessa linha, pois apresenta um grau de acabamento e detalhes impressionantes. Pesando quase 35 kg, além de ultra-rígido possui linhas suaves que ornem perfeitamente com qualquer tipo de decoração, da mais tradicional à mais moderna. São várias camadas de laminados MDF para a criação de um gabinete curvo e reforçado de 21 mm na parte traseira, e um defletor de 36 mm na parte dianteira.

A Platinum 3G recebe 16 camadas de laca para um resultado luxuoso em opções de branco acetinado, preto piano e nogueira.

Em medições em câmara anecóica, os novos falantes MPD III, tiveram sua distorção reduzida significativamente e a resposta de frequência ainda mais plana. Resultado: uma resolução muito mais detalhada em qualquer volume e com uma apresentação sempre rica e natural. ▶

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

ÁUDIO

Os novos cones Rigid Diaphragm Technology III (RDT), tem três novas otimizações em relação a série de falantes anteriores. Começando por uma nova camada traseira com duas camadas uniformes de fibra de carbono, para reduzir oscilações no cone, e uma nova borracha otimizada com novo desenho em sua borda. O resultado, segundo o fabricante, são falantes de médio e grave com uma distorção ultra baixa e mais plana que qualquer falante produzido anteriormente pela Monitor Audio.

Os falantes são fixados em estruturas de alumínio fundidas individualmente, criando duas camadas de isolamento entre o chassi do driver e o gabinete.

Cuidados com a vibração de baixas frequências também foram reavaliados, levando os engenheiros a criar uma nova base estabilizadora do gabinete, com um conjunto de pés para a formação de uma plataforma sólida e estável, tanto para pisos duros quanto em carpetes.

A 200 3G permite biamplificação ou bicablagem, e seus dutos traseiros lembram os possíveis donos dessa joia que elas precisam uma distância mínima da parede às suas costas, de pelo menos 1m.

O fabricante indica duas respostas de frequência da caixa: uma em campo livre - 32 Hz a 60 kHz, e em sala - 23 Hz a 60 kHz. Sensibilidade de 88 dB, impedância nominal de 4 ohms e impedância mínima de 2.5 ohms. Os cortes são feitos em 825 Hz e 3 kHz.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Integrados Arcam SA30 e Gold Note IS-1000. Powers: Gold Note PA-10 e Nagra HD. Pré de linha: Nagra Classic. Digital: Transporte e DAC dCS Vivaldi Apex, Transporte Nagra, e TUBE DAC. Streamer: dCS Lina com clock externo (leia Teste 2 nesta edição) e Innuos ZENmini Mk3. Cabos de caixa: Dynamique Audio Apex.

As caixas chegaram zeradas, em uma embalagem muito segura e inteligente, que permite que o produto seja retirado sem risco de danificação. Sugiro então, aos mais afoitos, que vejam passo a passo como proceder para não danificar a embalagem desnecessariamente.

Como escrevi, o acabamento é deslumbrante. Posicioná-las antes de totalmente amaciadas, será um desperdício de tempo e esforço físico. Sugiro que apenas as deixe queimar por pelo menos 100 horas antes de iniciar as primeiras audições críticas, pois elas mudarão muito nessa fase. Os graves precisam realmente soltar, para que o ouvinte tenha uma ideia de como essas caixas realmente descem. Os agudos precisam de menos tempo que os graves, mas também é preciso ter paciência para que ganhem maior arejamento e decaimento mais natural.

Em nenhum momento fizemos uso de bicablagem ou de biamplificação. A queima e o teste foram inteiramente realizados com o uso apenas dos bornes de baixo das caixas - e só no final tiramos os jum-

pers originais e utilizamos nosso jumper de Referência da Sunrise Lab. E chegamos à conclusão que será um preciosismo substituir o jumper original por outros mais sofisticados.

O mais importante é realmente ter paciência e amaciar as caixas, pois elas irão abrir muito até 250 horas! Daí em diante, estabilizaram totalmente e pudemos iniciar os testes.

Seu equilíbrio tonal foi o mais correto e consistente de todas as Monitor Audio já testadas por nós. Da primeira série Platinum para essa terceira geração, o salto foi impressionante. Os graves, depois de amaciados, possuem energia, velocidade e peso, permitindo ouvir obras sinfônicas com autoridade e prazer. Esqueça 'coices' no peito, pois as 200 3G não se adequam a essas pirotecnias.

Mas o grave que ela entrega é preciso, e nos permite ouvir camadas de graves de contrabaixos e cellos em uma orquestra, mesmo quando soando em uníssono, como no início do Segundo Movimento da 7a de Beethoven. Todos que apreciam essa sinfonia, concordam o quanto esse início do movimento determinará a dramaticidade na introdução e no desenrolar do tema, com o crescendo dos violinos e das violas, até a entrada dos metais e dos tímpanos. Lembro aos participantes do Curso de Percepção Auditiva, o quanto pode ser frustrante ouvir esse movimento em caixas que não tenham uma fundação sólida para os contrabaixos, que faz que a música soe sem peso e sem precisão.

As Platinum 200 3G não sofrem desse problema. Sendo um prazer escutar inúmeras obras sinfônicas que necessitem de um grave sólido e bem articulado.

Sua região média é extremamente detalhada e correta. Alguns talvez queiram uma região média mais 'monitores BBC', dos anos 60. Se for esse seu caso, essa não será sua caixa, acredite! Estamos falando de médios com incrível grau de transparência, mas que não pulam no barco do analítico e frio. Ao contrário, conseguem um tênue equilíbrio entre esses dois polos.

E os agudos, são típicos de tweeter de fita, com enorme amplitude de resposta, velocidade, corpo e belo decaimento. Permite-nos determinar com precisão os locais das gravações com requinte de preciosismo!

Em resumo, são caixas para longas audições sem o menor vestígio de fadiga auditiva.

Vi que, em relação a apresentação do palco sonoro, as opiniões se dividem. Uns consideraram muito boa e outros acharam que a largura é excelente, mas falta profundidade. Eu sempre pergunto aos meus botões: será que esses revisores nunca se questionam se o problema não pode ser suas salas? Vamos ao que observamos. ►

Primeira lição que tiramos no posicionamento da 200 3G: ela precisa para se sentir 'confortável', estar distante no mínimo 1m da parede às costas dela, e no mínimo 0.50m das paredes laterais.

Segundo: quanto maior a abertura entre elas, menos toe-in elas necessitam. Se você teimar em deixar elas mais que 3m entre um tweeter e outro, e deixar elas muito voltadas para o ponto de audição, estará comprometendo a profundidade da imagem. Volte um pouco e perceberá como o palco cresce em profundidade, sem perder nada em largura.

Terceira conclusão: se quer ter um grave consistente, nada de aberturas acima de 4m. Esqueça essa possibilidade. Em nossa sala elas ficaram a 3.60m entre elas (de tweeter à tweeter), 1.60m da parede às costas e 1.20m das paredes laterais. E com apenas 15 graus voltadas ao ponto ideal de audição.

Meu amigo, nessas condições o soundstage foi 3D, tanto em termos de largura, altura e profundidade, como de foco, recorte, planos e ambiência. A cadeira ficou a 3.85m das caixas (25 cm a mais que a abertura entre elas).

Essas caixas precisam realmente de arejamento à sua volta para se expressarem. As texturas são encantadoras. Zero esforço para acompanhar várias linhas, tanto melódicas como de base. Intencionalidades e paleta de cores perfeitas, com destaques para naipes de cordas e madeiras em obras clássicas.

Tempo, ritmo e andamento, se mostraram - em qualquer gênero musical - 'pêra doce' para essas Platinum. Ouvi inúmeras gravações de piano solo, e ao final os Concertos para Piano e Orquestra de Bartók, obras caras para inúmeras caixas neste quesito, de transientes.

A micro-dinâmica é excepcional e a macro muito convincente. Os crescendos são retratados como um devido crescendo, sem pular degraus, engasgar ou se sentir acuado. Não será uma macro de cofre de uma tonelada caindo entre suas pernas, mas será impactante o suficiente para o que você estiver ouvindo não parecer decepcionante.

Para o corpo harmônico, utilizei tanto o setup dCS Vivaldi Apex, como nosso setup de Referência analógico. E me impressionou como a 200 3G consegue reproduzir o corpo de um sax barítono, um trombone, um baixo acústico.

Materializar o acontecimento musical não será nenhum trabalho árduo para a Platinum 200 3G. Entregue-lhe a eletrônica correta, e a materialização será feita!

CONCLUSÃO

Depois de seis semanas com a 200 3G, fico imaginando o que a 300 3G será capaz de entregar!

Eu só não vou afirmar ser a Platinum 200 3G a melhor caixa da Monitor Audio que ouvi na vida, pelo fato de não ter escutado ainda a 300 3G. E muito menos ouvi a nova caixa revolucionária deles, a Hyphn, que custa 70 mil dólares!!!

Então serei comedido, e só afirmarei ser a Platinum 200 3G a melhor caixa 'até o momento' por nós testada deste fabricante inglês.

E constatei que a Monitor Audio conseguiu, nessa nova terceira geração de sua série Platinum, dar um gigantesco salto à frente!

Se você deseja uma caixa definitiva, com um acabamento exuberante e uma performance digna de caixas Estado da Arte, ouça a Platinum 200 3G. Mas, lembre-se: ela necessita de uma sala em que possa se sentir 'livre' de paredes lhe apertando os calcanhares, e uma eletrônica a sua altura.

Garanto que, nessas condições, será muito difícil você resistir a seus encantos visuais e sonoros! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OES7O4N_PUG](https://www.youtube.com/watch?v=OES7O4N_PUG)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CJW_BQXWKEI](https://www.youtube.com/watch?v=CJW_BQXWKEI)

AVMAG #302
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 98.950

NOTA: 98,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV TCL QLED MINI LED 65C845

Jean Rothman



A TV TCL C845 é a evolução da C835 que testamos no ano passado. Ela está disponível nos tamanhos 75 e 65 polegadas, sendo a 65 polegadas o modelo testado. Ela utiliza painel LCD de pontos quânticos (Quantum Dot) e iluminação através de Mini Leds, oferecendo melhor qualidade de contraste e níveis de preto, quando comparada a TVs comuns de LCD/LED. Segundo a TCL, a C845 é capaz de atingir 2.000 nits de brilho, o que a coloca entre as TVs com maior luminosidade do mercado. A 65C845 possui tecnologia de imagem Dolby Vision HDR e o Dolby Vision IQ, que se ajusta dinamicamente às mudanças de luz da sala e aos tipos de conteúdo que estão sendo reproduzidos. Possuindo áudio e subwoofer integrados em parceria com a tradicional marca Onkyo, oferece áudio superior aos diminutos falantes das TVs convencionais.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

Fisicamente, a C845 não se distancia de outros modelos Mini LED presentes no mercado.

Seu gabinete dá destaque à tela e possui construção sólida, com a parte traseira em plástico e acabamento metálico em toda a minúscula borda. A parte traseira da TV permanece mais espessa na parte central, abrigando um woofer para reprodução dos graves. A base retangular central possui um recurso muito interessante, que possibilita montar a TV em duas alturas diferentes para acomodar uma soundbar sob a tela.

As conexões disponíveis em sua parte traseira são: 4 entradas HDMI 2.1, das quais duas suportando 4K/120Hz e duas 4K/60Hz, sendo ▶

uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena, 1 entrada para áudio e vídeo composto e uma saída para fone de ouvido. A conexão com Internet pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz, 5 GHz e suportando protocolo wi-fi 6. Também possui conexão Bluetooth para fones de ouvido, teclados etc...

O controle remoto é fino, comprido, bem leve e bastante funcional. Possui um cursor em forma de anel na parte superior. Acima do cursor estão as teclas de power, Google Assistente e configurações. Abaixo do cursor estão as teclas Home (menu inicial), volume, mute e seleção de entradas. E na parte inferior existem 6 teclas para acesso direto a Netflix, Prime Vídeo, Globoplay, Disney+, Youtube e canais TCL.

RECURSOS

A TCL 65C845 possui um painel LCD com tecnologia de iluminação por Mini LEDs. O modelo deste ano apresenta 576 zonas de iluminação com local dimming, o dobro do modelo C835 do ano passado. Ainda conta com uma camada de Quantum Dot, ampliando o espectro de cores. Possui resolução 4k e suporta HDR10+ e Dolby Vision IQ. A tecnologia HDR10+ oferece um padrão superior de contraste e brilho, exibindo muito mais detalhes cena a cena, gerando cores mais vivas e criando uma aparência mais realista. O Dolby Vision IQ altera automaticamente as configurações de exibição em sua TV, com base no conteúdo e nas condições de iluminação da sala. A taxa de atualização é de 144Hz, garantindo maior suavidade nas imagens em movimento. Seu processador é o novo AIPQ 3.0 com inteligência artificial.

O sistema operacional continua sendo o Google TV que apresenta diversos recursos. A interface seleciona sugestões de filmes e programas de TV com base em seus hábitos de visualização. O foco do Google TV é garantir que os usuários possam acessar o conteúdo mais visto e recomendado diretamente da tela inicial. Como outras plataformas de dispositivos de streaming, o Google TV oferece Netflix, Apple TV, Prime Video, Disney+ e muito mais.

Você pode transmitir (espelhar) o conteúdo de notebooks e celulares diretamente à TV sem uso de cabos, além de contar com Airplay 2 para usuários de iPhone.

A 65C845 conta com Google Assistente integrado diretamente através de um microfone no controle remoto. Há uma opção nas configurações que permite acionar o assistente de voz sem apertar nenhum botão, apenas dizendo 'Hey Google'.

Para os gamers, o Modo Jogo da C845 permite uma experiência de forma otimizada, com funcionalidades como 144Hz-VRR, HDMI 2.1, ALLM, FreeSync Premium Pro, eARC, WiFi6 e low-input lag.

ÁUDIO

O modelo também vem equipado com um sistema de som 2.1 Onkyo com 70W e suporte a Dolby Atmos, trazendo um sistema de áudio imersivo. Dolby Atmos transporta os usuários para as cenas com um som maior e mais abrangente, que enche a sala e flui ao redor dos espectadores, além de graves envolventes através de um subwoofer dedicado instalado na parte de trás da TV. A potência está dividida em 25 Watts para cada falante e 20W para o subwoofer traseiro.

Há suporte a eARC, permitindo que o som da TV seja transmitido através do cabo HDMI para um receiver ou uma soundbar externa - opções sempre recomendadas para uma melhor experiência sonora.

O nível de inteligibilidade foi muito bom em relação a outras TVs, realçando detalhes até mesmo nas mixagens mais complexas, e espalhando o palco sonoro pela tela e pela sala. O diálogo é claro e focado, enquanto o woofer traseiro oferece uma boa base de graves.

Há também um recurso de som inteligente, com opção de volume adaptável e um equalizador de sete bandas, caso você deseje ajustes manuais. No geral, é um desempenho sonoro elogiável para uma TV nesta faixa de preço.

QUALIDADE DE IMAGEM

A TCL 65C845 apresenta algumas inovações em relação ao modelo C835 anterior. A principal é a luminosidade de 2.000 nits, tornando-se uma excelente opção para ambientes muito iluminados. O brilho pode atingir até 2.600 nits com uma janela de 25%. O processador AiPQ 3.0, com Inteligência Artificial, auxilia a otimizar as configurações de conteúdo, preservando as cores e detalhamento das imagens.

O processamento em HDR apresenta boa faixa dinâmica e mapeamento dinâmico de tom, de modo que se o conteúdo HDR for definido até 4000 nits, os brancos mais brilhantes serão mapeados para os limites do painel. Essa configuração também ajusta significativamente os detalhes de sombra. Quando recebe um sinal Dolby Vision, a TV usa como padrão a opção Dolby IQ, que ajusta o mapeamento de tons com base nas medições da luz ambiente. É uma abordagem mais sofisticada em comparação com o controle de brilho adaptativo oferecido com conteúdo SDR, mas nós preferimos usar o modo de imagem Dolby Vision Dark, mantendo assim as intenções artísticas originais.

O tratamento antirreflexo é excelente, o que permite assistir a TV em ambientes bem iluminados sem grandes incômodos. Após ajustes e calibração, a 65C845 apresentou excelentes níveis de preto. A taxa de contraste é levemente inferior ao modelo C835, mas nada que comprometa a boa experiência e imersão ao assistir filmes. A tecnologia Mini LED continua a evoluir, com excelentes níveis de preto e baixo blooming, com suas 576 zonas de dimerização. A camada de Quantum Dots também ajuda a obter cores vibrantes e realistas. ▶

VÍDEO



A TV TCL 65C845 continua entre as melhores TVs LCD do mercado e apresenta ótimo custo-benefício.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Dolby Vision Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR
- Netflix, Amazon Prime, HBO e Disney+ 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

- UHD Blu-Ray Player Samsung
- Blu-Ray Player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G9SFHDXVFVE](https://www.youtube.com/watch?v=G9SFHDXVFVE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WY6ZQW6OUBA](https://www.youtube.com/watch?v=WY6ZQW6OUBA)

AVMAG #301
TCL
www.tcl.com/br
 Preço sugerido:
 65C845 - R\$ 6.988

NOTA: 108,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

Para um Natal inteiramente

ANALÓGICO

REALIZE SEU SONHO DE TER O TOCA-DISCOS QUE VOCÊ SEMPRE DESEJOU.
SUPER DESCONTO EM QUATRO TOCA-DISCOS SEMINOVOS, EM ATÉ 3 VEZES SEM JUROS.
E ACEITAMOS TROCAS EM ATÉ 30% DO VALOR DO TOCA-DISCOS.



+



KUZMA M. STABI REFERENCE C/ SME 309

R\$ 65.000



AVM M. R5.3

R\$ 48.500



BASIS M. DEBUT C/ SME V

R\$ 98.000



+



TECHNICS SP-10 MK3 C/ JELCO 12"

R\$ 59.000



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

VÍDEO

TV SAMSUNG OLED 55S90C

Jean Rothman



A Samsung lança este ano no Brasil sua mais nova tecnologia em TVs. Trata-se de uma evolução do OLED, porém utilizando pontos quânticos (Quantum Dots) para formar as cores - ao invés de filtros coloridos e subpixel branco - o que acrescenta mais brilho e cores mais puras que as TVs OLED convencionais.

A versão que testamos possui 55 polegadas, mas também está disponível nas versões com 65 e 77 polegadas. Seu processador é o Neural Quantum 4K, que oferece tecnologia de IA utilizando redes neurais.

A Samsung 55S90C vem com imagem adaptável EyeComfort, capaz de reduzir a luz azul para manter nossos olhos confortáveis, e também pode adaptar o brilho da tela de acordo com a condição de iluminação do ambiente. Sua taxa de atualização é de 144Hz e também possui o Gaming Hub, que permite jogar seus games preferidos direto na sua TV através da nuvem, sem precisar de console.

ENTENDENDO AS TECNOLOGIAS DAS TVS – LCD X OLED X QD-OLED

A tecnologia LCD usa uma camada de cristal líquido para controlar quais partes da tela recebem luz e em que quantidade. No

entanto, a tela deve ter uma fonte de luz (chamada luz de fundo) para ver a imagem com clareza. Os LCDs inicialmente utilizavam lâmpadas fluorescentes compactas, como fonte de luz de fundo, enquanto as tecnologias mais recentes utilizam LEDs, de onde vem a sigla LCD-LED das TVs atuais. O QLED adiciona uma camada de pontos quânticos para melhorar a saída de cores, enquanto os Mini-LEDs usam fontes de luz menores para um controle mais preciso. Esta tecnologia sofre com o vazamento de luz em pixels que estão apagados, o famoso *blooming*, dificultando a obtenção de pretos profundos. Além disso, o ângulo de visão das TVs LCD-LED é bastante limitado.

O que é OLED? OLED significa Diodo Emissor de Luz Orgânico, com a parte 'orgânica' referindo-se ao filme de carbono que fica dentro do painel, antes da tela de vidro. Os painéis OLED emitem sua própria luz quando uma corrente elétrica passa. Isto é diferente dos painéis LCD-LED, que requerem uma fonte de luz externa, como uma luz de fundo gigante, para obter brilho.

Em uma tela de TV OLED, são os próprios pixels que se auto iluminam, produzindo a luz. Assim, quando precisam ser pretos, eles podem desligar completamente, em vez de depender de uma luz de ▶

fundo. Esta capacidade de desligar completamente os pixels, permite que as TVs OLED forneçam pretos perfeitos.

A maioria das TVs OLED oferece qualidade de imagem excepcional. Ao assistir a uma TV OLED e compará-la com outro tipo de painel de TV, você notará que os pretos são na verdade pretos, em comparação com os tons de cinza escuros da maioria das TVs LCD-LEDs. A combinação desses tons pretos com os brancos brilhantes que os painéis OLED também produzem, geram imagens vibrantes e com imenso contraste.

As TVs OLED apresentam tempos de resposta mais rápidos e consumo de energia reduzido, beneficiando os gamers.

Como cada pixel é um diodo emissor de luz orgânico independente, eles eliminam a necessidade de luz de fundo, permitindo design de TV ultrafinos.

Ao contrário dos LCDs, os displays OLED oferecem ângulos de visão mais amplos. Isto significa que as cores e o contraste permanecem consistentes mesmo quando se vê a TV de um ângulo bem aberto. Uma desvantagem das TVs OLED é o risco de burn-in. Burn-in acontece quando uma imagem estática é exibida por muito tempo e fica 'queimada' na tela de forma permanente. No entanto, a maioria dos fabricantes implementou recursos para mitigar esse problema. Outra característica das TVs OLED é que elas não conseguem ser tão brilhantes quanto as TVs LCD-LED, podendo ser uma desvantagem em ambientes excessivamente iluminados.

QD-OLED (Quantum Dot OLED) é a nova tecnologia de TV apresentada pela Samsung na TV deste teste, que aproveita as já impressionantes qualidades da TV OLED e melhora seu brilho e cor por meio do uso de pontos quânticos. O resultado é uma TV que exhibe os impressionantes níveis de contraste e pretos perfeitos do OLED, ao mesmo tempo que oferece níveis de brilho que excedem tudo o que vimos no OLED até agora. Esta combinação torna as TVs OLED mais brilhantes, o que, por sua vez, significa mais cor nas áreas mais brilhantes das imagens (volume de cor), portanto mais profundidade. Um display QD-OLED tem três componentes principais: uma camada TFT que inclui um circuito eletrônico para passar corrente através do material OLED, uma camada de material OLED azul, que gera luz azul, e uma camada de material quântico. Quando a luz azul de cada pixel passa pela camada de pontos quânticos, são criados subpixels verdes e vermelhos que, combinados com o subpixel azul, compõem o modelo de cores RGB. Ao usar pontos quânticos, em vez de um filtro de cores para transformação de cores, praticamente nenhuma energia luminosa é perdida. Isto resulta num painel mais brilhante em comparação com os painéis de TV OLED tradicionais.

Graças aos pretos profundos e ao alto brilho, os painéis QD-OLED podem fornecer um desempenho HDR significativamente melhor do que os OLEDs tradicionais. A Samsung afirma que as TVs QD-OLED podem atingir uma alta taxa de contraste de 1.000.000:1, oferecer ampla gama de cores e excelentes ângulos de visão.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A 55S90C adota o Laser Slim Design, conforme denominação do fabricante. Vista de frente, a 55S90C se parece com outras TV modernas de alto padrão. Uma faixa fina percorre a borda superior e as laterais, enquanto uma faixa metálica um pouco mais grossa cruza a borda inferior. Uma pequena protuberância retangular com um pequeno logotipo da Samsung fica na borda inferior direita da tela. É uma aparência elegante, que mantém seu foco travado na tela.

Olhe para a TV de lado e você verá por que chamam de Slim Design. O painel em si tem poucos milímetros de espessura, com uma parte traseira de alumínio escovado escuro, para estruturar. Como os painéis OLED emitem sua própria luz, eles não precisam de sistemas de retro iluminação, como as TVs LCD-LED e podem, portanto, ser mais finos.

O pedestal é do tipo central, e possui duas hastes que se fixam à TV através de encaixe, sem necessidade de parafusos, e deixa espaço livre suficiente para acomodar um soundbar sob a TV.

Os componentes eletrônicos que controlam a tela estão contidos em um corpo de plástico que se projeta na metade inferior da TV. Você também encontrará aqui as portas para conexão, e orifícios para montagem em parede no padrão VESA. O cabo de alimentação é conectado ao lado esquerdo do gabinete, com todas as outras portas à direita.

O controle remoto Eco Remote é fácil de usar, tem o tamanho certo e não utiliza pilhas, pois carrega por energia solar e luz interna, ou USB-C. Também possui teclas específicas para acesso direto a Netflix, Amazon Prime, Globoplay, e canais Samsung TV Plus. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz pelo Bixby, assistente de voz da Samsung, além de ser compatível com Alexa (Amazon).

A 55S90C possui as seguintes conexões: 4 entradas HDMI 2.1, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, e 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão Bluetooth para fones de ouvido, teclados etc..

RECURSOS

A Samsung 55S90C utiliza a plataforma Tizen em sua versão aprimorada para 2023, com excelente interface, rápido acesso às fontes ▶

VÍDEO



conectadas nas entradas HDMI, e também aos aplicativos instalados. A interface é dividida em hubs para Pesquisa, Ambiente, Jogo e Mídia, bem como linhas para 'Dispositivos Conectados' e 'Configurações'.

Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Video, Disney Plus, Apple TV, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone, ou espelhar o conteúdo da tela diretamente para a TV.

Também oferece o aplicativo Samsung TV Plus, que disponibiliza mais de 60 canais com conteúdos diversos gratuitamente. Ótima opção para quem não assina TVs a cabo.

A 55S90C oferece suporte a conteúdo HDR10+, com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem. Infelizmente a Samsung ainda não oferece suporte ao formato Dolby Vision de HDR. O processador de imagens é o Neural Quantum Processor 4K com recursos de Inteligência Artificial e 20 redes neurais que fazem o upscaling de qualquer conteúdo para próximo à resolução 4K, segundo o fabricante.

A proteção antirreflexo é muito boa, assim como o excelente ângulo de visão característico das TVs OLED, muito melhor do que as TVs convencionais LCD/LED.

A TV possui o modo ambiente 4.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente, fazendo a TV combinar com o seu espaço através de imagens e texturas pré-definidas, ou tirando uma foto da parede de sua sala e a TV irá se adequar à sua decoração.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Também oferece o recurso de Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung, e permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

Para gamers, a 55S90C possui taxa de atualização de 144Hz nativo, e simula uma tela Ultra-Wide, permitindo a exibição nos formatos 21:9 e 32:9, para melhor visualização das partidas sem cortes na imagem. Também possui um menu de jogo para consultar input lag, FPS, HDR e fazer ajustes. Além dos recursos Motion Xcelerator Turbo Pro, e FreeSync Premium, que melhora o tempo de resposta e minimiza o aspecto de imagens quebradas.

Outra novidade bem interessante é a Multi Tela, que passa a dividir a tela em até 4 partes, podendo exibir diferentes conteúdos simultaneamente.

Outro recurso exclusivo é o Gaming Hub. Permite jogar Xbox diretamente na TV sem necessidade de console, através de uma parceria da Samsung com a Microsoft. Basta parear um controle Xbox com a TV, e assinar o Xbox Game Pass ou Geforce Now.

O Gaming Hub suporta diversos controles de diferentes marcas, entre eles: Microsoft Xbox Series X/S, Xbox One S, Xbox 360, Xbox Elite Wireless Controller Series 2. Sony Playstation Dualsense, DualShock 4. Joytron CYVOX DX, Logitech F710, F510. Os jogadores podem usar seus acessórios favoritos, como fones de ouvido e controles com Bluetooth. O Samsung Gaming Hub também integra de modo contínuo serviços de música e *streaming*, para fornecer acesso a mais opções de entretenimento durante o jogo, com fácil conexão ao Twitch, YouTube e Spotify, diretamente do menu de experiência Gaming Hub. Os jogadores também podem acessar as últimas notícias de jogos, assistir a tutoriais, tocar suas músicas e podcasts favoritos e ver trailers dos jogos mais esperados.

ÁUDIO

A Samsung 55S90C apresenta a tecnologia de Som em Movimento, utilizando alto-falantes espalhados pela tela que acompanham o movimento das cenas. Além disto, utilizando-se a Soundbar Samsung, ao invés dos falantes internos ficarem desligados, eles passam a fazer parte do conjunto com a função Sincronia Sonora. O som da Soundbar é somado aos alto-falantes da TV, e todos trabalham em conjunto para uma melhor experiência sonora. A TV suporta Dolby Atmos e possui 40W de potência e 2.1 canais de áudio.

QUALIDADE DE IMAGEM

A Samsung 55S90C é uma TV fantástica para todos os usos. Possui um bom brilho em SDR, por isso é ótima para assistir programas de TV ou esportes em uma sala iluminada, especialmente com sua excelente película anti-reflexos. Ela se sobressai para filmes e jogos HDR, especialmente em uma sala escura onde o painel OLED, com seus pretos profundos, realmente tem o melhor desempenho. O baixo lag a torna fantástica para os gamers, pois seus comandos são traduzidos quase instantaneamente para a tela. O excelente tempo de resposta resulta em excelente escolha para fãs de conteúdos de movimento rápido, sejam esportes ou jogos, uma vez que a ação permanece clara e nítida durante todo o tempo. Ela apresenta brilho excelente em HDR, com picos de 1.025 Nits em uma área de 10% da tela. As cores vivas impressionam e agradam bastante. O upscaling é ótimo e exibe os detalhes com muita precisão.

Os gamers vão adorar o desempenho dos jogos e o novo Gaming Hub. O Menu de Jogo permite que você veja os detalhes do status do jogo e ajuste a relação de aspecto e a posição na tela. O ângulo de visão é bom, bem como o revestimento anti-reflexo. Com suas cores

vivas e equilibradas e seu excelente brilho em HDR, a Samsung OLED destaca-se da concorrência.

Após a calibração, a 55S90C apresentou uma imagem incrível, graças ao contraste fenomenal da tela. Por um lado, ela oferece instantaneamente pretos imaculados e ultra profundos, há muito associados ao melhor do mundo OLED - enquanto, por outro lado, oferece níveis de brilho tanto em pequenos realces quanto, ainda mais visivelmente, em toda a tela que nunca vimos antes em nenhuma TV OLED normal. As cores são extremamente vivas, porém sem excesso de saturação, bem como os tons de pele, muito equilibrados.

A TV 55S90C conseguiu a maior pontuação de nossos testes, e sobe ao topo como atual referência entre todas as TVs já testadas pela revista. Vale uma visita à loja mais próxima para conferir esta novidade. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4K HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray Player Samsung
- Blu-Ray Player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YB9TENSREMg](https://www.youtube.com/watch?v=YB9TENSREMg)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DEE-KUV-E2O](https://www.youtube.com/watch?v=DEE-KUV-E2O)

AVMAG #299

Samsung

www.samsung.com.br

Preços sugeridos:

OLED 55S90C - R\$ 6.999

OLED 65S90C - R\$ 11.999

OLED 77S90C - R\$ 23.999

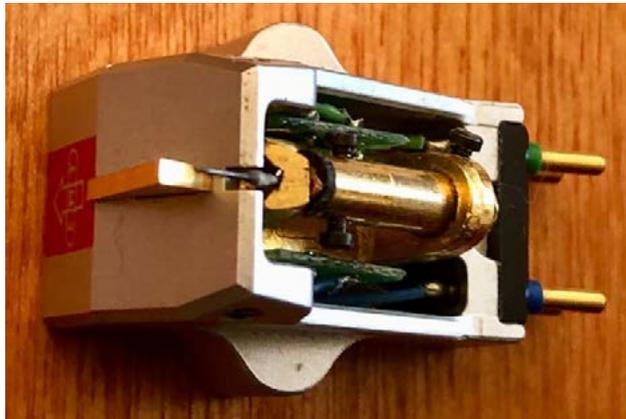
NOTA: 112,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



VENDAS E TROCAS



VENDO / TROCO

- Cápsula EMT JST6* - US\$3600

Vendo cápsula EMT Jubilee Stereo Diamond JST6. Cápsula de bobina móvel (MC). Utiliza em um cantilêver de boro uma diminuta agulha Super Fine Line. Seus ímãs são em AlNiCo, lacrados em camada de ouro. Possui uma saída de aproximadamente 0,9mV efetivos, garantindo total compatibilidade com a grande maioria dos prés. Cápsula revisada e com pouquíssimo uso. Suspensão perfeita, com todos os documentos e caixa completa. Não tenho dúvidas em afirmar que essa é uma das mais lendárias cápsulas atualmente em produção. Uma unanimidade entre os colecionadores entusiastas de LP.

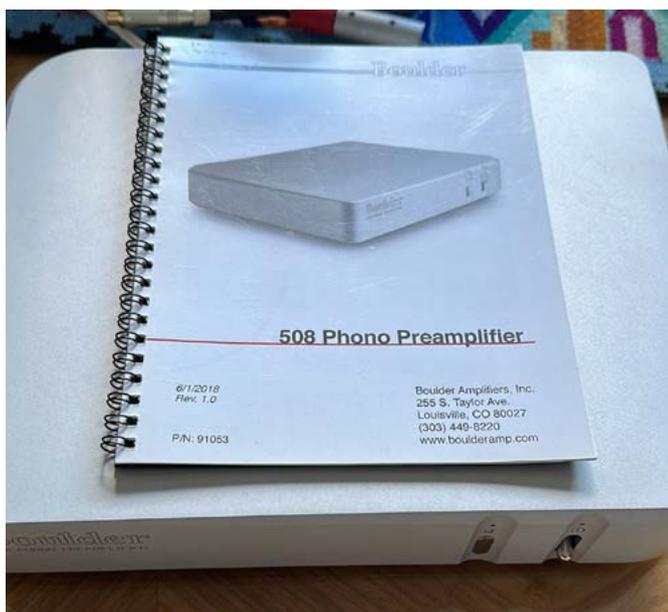
Posso aceitar troca, conforme material. Caso solicitado, poderei prestar todo o serviço de instalação e ajustes de setup, previamente acertado com o cliente.

- Laserdisc e DVD Pioneer DVL-909 - R\$2200. Equipamento em excelente estado de conservação. Acabou de passar por revisão completa pelas mãos no Edson Kadoya, o maior especialista nesse tipo de equipamento no Brasil. Era o modelo topo de linha da sua época. Todos os recursos existentes na época para esse tipo de aparelho estão presentes nesse modelo. Funciona inclusive como um magnífico transporte pois possui saídas coaxial e ótica. Ótimo estado de conservação. Acompanha o cabo de força e o controle remoto original. Conforme o material, posso aceitar alguma troca.

Dúvidas em PVT.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

- Pré de phono Boulder 508 - importação oficial - Foi pré de referência da AVMag - 102 pts na revista. R\$ 19.000.
- Cabo RCA Dynamique Áudio - (1,5m) - pouco uso. Retail U\$ 2.600. R\$ 14.500. Posso parcelar no cheque, mediante consulta.

Fernando Borges

19 99111-6080

fernandopborges@uol.com.br

VENDAS E TROCAS



VENDO

- Caixa Dynaudio Evidence Temptation. R\$ 169.000.
- NAKAMICHI 1000 ZXL (serviço técnico completo recente). R\$ 39.000.
- dCS Puccini player. R\$ 54.500.
- Audio Research Reference 750/par. R\$ 295.000.
- Toca-discos TECHNICS SP-10Mk3, com braço Jelco 12". U\$ 10.900.
- Cabos SHUNYATA Anaconda (força/caixas). R\$ 9.000.

Martin Ferrari

martinbferrari@gmail.com



VENDO

- Esoteric Rubidium. R\$ 35.000.
<https://www.theabsolutesound.com/articles/tas-180-esoteric-g-orb-rubidium-master-clock-generator-1>
- Cabos Transparent Power Link MM. R\$ 2.800 (sem foto).
- Bandeja Rega 9 com braço RB1000 sem cápsula. R\$ 20.000. (sem foto).
- Caixas Dynaudio C4. R\$ 45.000. (sem foto).
- Caixas Dynaudio 25 anos. R\$ 19.000. (sem foto).

Victor Mirol

(11) 99982.1047

v.mirol@uol.com.br

VENDO

Amplificador integrado Hegel H160. 110 v.

Power output: 150Wpc into 8 ohms, 250Wpc into 4 ohms.

Frequency response: 5Hz-100kHz

Signal-to-noise ratio: More than 100dB

Crosstalk: Less than - 100dB

Distortion: 0.005% @ 50W, 8 ohms, 1kHz

Damping factor: More than 1000 (main power output stage)

Analog inputs: One balanced (XLR), one unbalanced (RCA), one home theatre

Analog outputs: One fixed line level (RCA), one variable line level (RCA)

Digital inputs: One coaxial, three optical, one USB, one Ethernet (RJ45)

Headphones output: 6.3mm jack (front)

Dimension: 16.93" x 4.7" x 16.15"

R\$ 10.000. Frete por conta do comprador.

Marcelo Canejo Sá

mcanejo@me.com



@wcjrdesign



VENDAS

E TROCAS

DE AUDIÓFILO PARA AUDIÓFILO
sem intermediários

SE VOCÊ QUER VENDER, CERTAMENTE UM LEITOR QUER COMPRAR.
ANUNCIE NA SEÇÃO VENDAS E TROCAS E AMPLIE A VISIBILIDADE
DO QUE VOCÊ ESTÁ VENDENDO.

Anuncie já, pelo e-mail:
revista@clubedoaudio.com.br

EDITORA
MAG

VENDAS E TROCAS



VENDO / TROCO

- CD Player ZANDEN 2500 - R\$ 36.000.

Equipamento em estado de novo.

Utiliza o aclamado conversor Philips TDA1541A Single Crown em configuração minimalista (sem oversampling, sem upsampling). Seu transporte é baseado no lendário e extremamente robusto leitor Philips CDM-2Pro. Possui filtro analógico desenvolvido pela própria empresa e utiliza uma válvula Sylvania JAN 7308 (versão militar da 6922) na saída. Possui saídas balanceadas e RCA, além de saída digital SPDIF. Acompanha controle remoto.

É uma verdadeira obra de arte e as minhas fotos não fazem jus a essa máquina. Possui caixa completa. 120V. Importação oficial. O valor pedido é pouco mais da METADE que era cobrado, na tabela oficial. Conforme produto, posso aceitar troca.

Não tenho dúvidas que esse é um dos mais musicais reprodutores de CD que escutei. Conforme o interesse, posso agendar uma audição.

- Toca Discos Pro-Ject 1xpression Carbon Classic R\$7.900,00. Em excelente estado de conservação. Com upgrade de tapete para o Herbie Way Excellent II. 120V. Não acompanha a cápsula da foto.

Caso o cliente esteja em São Paulo, o serviço de instalação que eu realizo está incluído. Para demais localidades apenas incluir o valor completo de deslocamento.

Conforme material, posso aceitar troca. Dúvidas em PVT.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

Vários componentes, todos meus, há usados e novos.

Fotos indicativas, se houver interesse mando mais detalhes, discutimos preços, detalhes, o que está incluído ou não em cada caso.

- Toca Discos (5): Thorens 125 Mk.I, 125 Mk.II e 126 Mk.III, sem braços. Kenwood KD-750 com braço original, B&O 4002 completo.

- Braços (5): SME 3009 S2, S2 Improved e 3009 S3, Sorane Abis SA 1.2 novo na caixa e SAEC WE-308 quase novo.

- Cápsulas Shure V15-IV, Pickering, Goldring E3, Grado, turntable mats, record weights, step-ups transformers.

- Cápsula Óptica com Preamplificador DS Audio DS-002 (120V). Praticamente nova, menos de 50 horas de uso, cápsula protegida na caixa original em alumínio. Tanto a cápsula quanto o pre-amp/equalizador dedicado em perfeito estado e funcionamento impecável.

Gostei muito do som, silêncio de fundo, bom palco, timbres naturais, graves espetaculares e dinâmica idem. Vendendo por upgrade para DS003. Reviews favoráveis na imprensa; preços novos EUA USD 5,5 mil e USD 8,5 mil Brasil. US\$ 3.600 (mais frete/seguro).

Roberto Diniz

r_diniz@hotmail.com

(11) 98371.7000



VENDAS E TROCAS



VENDO

Cabo de caixa da Sax Soul, Ágata 2, com 2,10 cm.

R\$ 6.000 + frete.

Julio César

(65) 99971.9593



VENDO

AC Organizer LC 111 Filtro Sintonizado High-End, usado, em perfeitas condições. R\$ 2.500.

Reginaldo Leite de Azevedo

reginaldoazevedo75@gmail.com

(21) 96481-6414



Se o seu sonho é ter um sistema hi-end personalizado e único, fale conosco.



@WCJRDESIGN



Somos a única empresa de audio hi-end totalmente verticalizada. E agora também, com oficina técnica para produtos hi-end.



Atendemos a todo o território nacional.



Alstech Valvulados e Transformadores
CANAL DO YOUTUBE

Eng. André Luiz de Lima Parreira Rodrigues
Rua Rio Branco 273, Sala 93 Centro Lins SP
16400-085
andrelimarodrigues@gmail.com
(14) 99134-0330
<https://alstechvalvulados.blogspot.com/>



VENDAS E TROCAS



VENDO

- Cabo Interconnect Purist Audio VENUSTAS RCA-RCA 1 mts (par);
Número de Série: 10007966.

R\$ 2.950

- Cabo de Força Power MAGIC REFERENCE 1,0 mts (high-end) poderoso com dinâmica que descreve o som produzido por este Power Cabo.
R\$ 2.450

- Cabo de Força HARMONIC TECHNOLOGY FANTASY AC10.
1,5 mts - R\$ 1.650 / 1,0 mt - R\$ 1.300

Luiz Casarini

vieiraneto@icloud.com

(17) 98106.0350





VENDO / TROCO

- Par de caixas acústicas Magico Q5 em excelente estado de conservação. Cor Black Anodized. Possuem crate (caixa de madeira). Custavam aproximadamente o dobro, quando compradas novas. Aproximadamente 170kg/cada. Configuração de 1 Tweeter MBe-1 (em berílio) e quatro drivers em NanoTec, um médio de 6", um midbass de 9" e duas unidades de graves de também 9".

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas. Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira).

R\$ 9.800.

Havendo real interesse posso marcar audição com o interessado. Conforme o material, posso aceitar troca. Dúvidas em PVT.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

Caixa Dynaudio Edição Especial Twenty Five. R\$ 25.000.

André Mehmarí

estudiomonteverdi@gmail.com

VENDAS E TROCAS



VENDO

- Par de caixa Dynaudio Special Twenty-Five - S/N 1415 e 1416 (edição original e limitada) - R\$ 20.000.
- Par de caixa monitor Dynaudio MC-15 (amplificadas) - R\$ 5.000.
- Par de caixa B&W CDM2 - R\$ 4.000.
- Conjunto de caixas JBL para home theater 5.1 - R\$ 5.000.

Tsai Ho Hsin

htsai@issl.com.br

(11) 98178.8080





O MAIOR ACERVO DE MÚSICA
A SUA DISPOSIÇÃO

DISCOS de
SELOS AUDIÓFILOS

IMPERDÍVEIS!

**FAÇA PARTE DO
NOSSO GRUPO
DE WHATSAPP!**

Receba diariamente
ofertas de CDs e Vinis
(audiófilos e standards),
com condição de
remessa via sedex.

📞 11 99341.5851



NOVIDADE!

Espaço de excelência com wine bar, espaço de
apresentação de áudio ao vivo e estante com
som vintage, tocando gravações especiais em
vinil digital e gravador de rolo.

Área externa para degustação de Charutos.

Área de exposição e venda de equipamentos,
caixas de som vintage. Displays com vinis e CDs
de mpb, classicos, jazz e rock.



CLIQUE NA IMAGEM E ASSISTA AO PROJETO.

Calçada Antares, 241 - Alphaville/SP - Centro de Apoio 2
Em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 99341.5851 📞

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
LOJA.AUDIOCLASSIC@GMAIL.COM

A proteção do seu sistema

Condicionador



Condicionador Estabilizado



Módulo Isolador



vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100

UPSAI
sistemas de energia